1953

DEZEMBRO

N.439

EU SEI TUDO



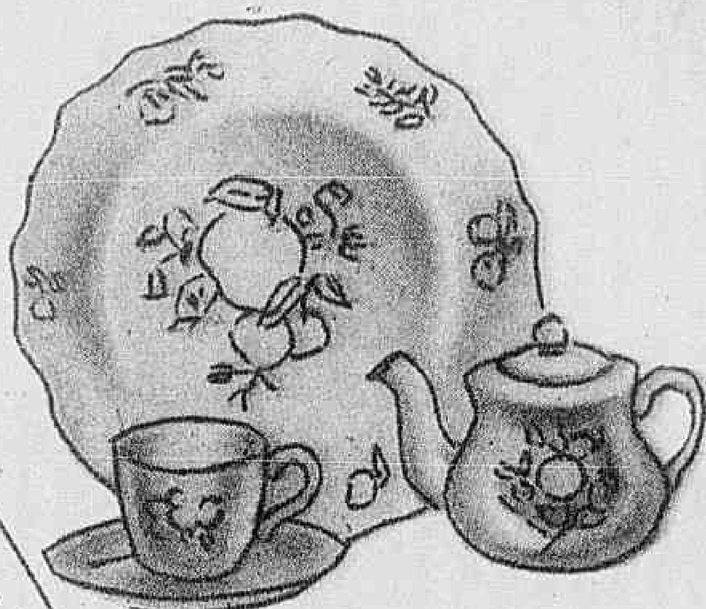


POR QUE FICAMOS ZANGADOS? ★ O MINÚSCULO ÁTOMO ★ O HOMEM DAS CAVERNAS ERA MAIS SADIO? ★ O AMOR ENTRE AS BORBOLETAS

LOJA-2 LOJAS DA PERFUMARIA MEYER LOJA-1

LOUÇAS — CRISTAIS — PORCELANAS
PRATARIAS — ARTIGOS PARA PRESENTES

SALÃO DE CABELEIREIROS
PERFUMES — BIJUTERIAS









LOJA-3

CALÇADOS PARA
SENHORAS E
CRIANÇAS



"Gloria in excelsis Deo"



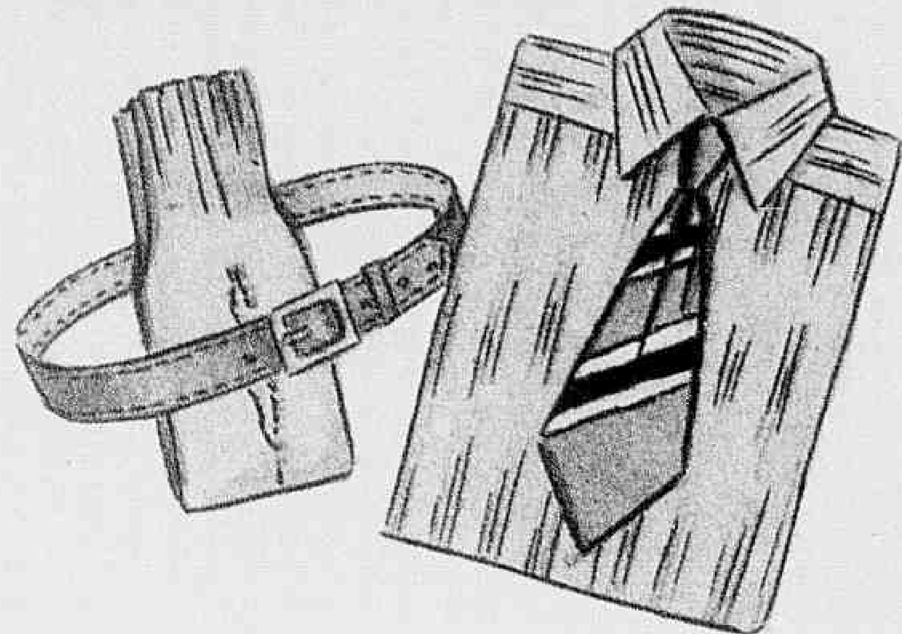
LOJA-4

CALÇADOS E CHAPÉUS
PARA HOMENS
ARTIGOS PARA ESPORTES



LOJA-5

CAMISAS — PIJAMAS — LENÇOS
CINTOS — GRAVATAS — ETC.



VIEIRAS DE CASTRO & CIA LTDA. — RIO

RUA ARQUIAS CORDEIRO, 275 a 279 e 285 a 293
MEYER — Tels. 29-0968 — 29-1850 — 29-1479 e 29-1786

FÁBRICA de Bibelots MITAC - Perfumes MIMO - Tintas TIC-TAC
RUA DOIS DE MAIO, 534-A — Telefone: 29-0756





Um Sapato que dispensa ADJETIVOS Agora

CR$ 149,00

AT. SEMOG/.

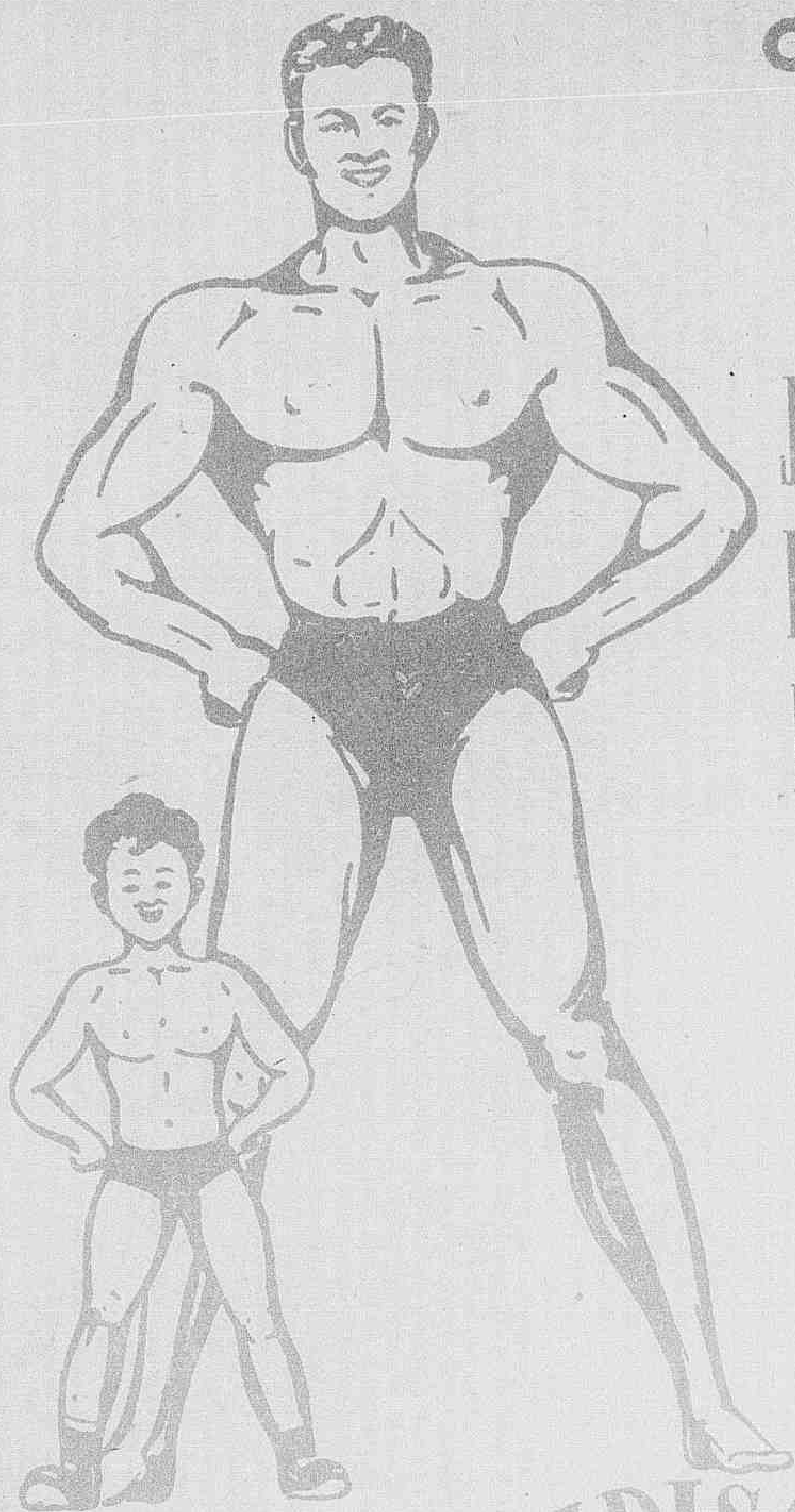
insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria a sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

CARIOCA, 46 E 48
SETE SETEMBRO, 199-201

- SOLA DE COURO C/SALTO DE BORRACHA, OU TODO SOLADO DE BORRACHA.
- ÓTIMA VAQUETA.
- CÔRES: LARANJA, MARRON OU PRETO.
- NUMERAÇÃO DE 34 á 44.
- REMETEMOS PARA TODO O BRASIL PORTE POR PAR CR$ 5,00.
- NÃO FAZEMOS REEMBOLSO.

ARROZINA



O alimento ideal dos bebês



JÁ ALIMENTOU
DUAS GERAÇÕES
DE CAMPEÕES



Encontra-se ARROZINA em tôdas as farmácias e drogarias do Brasil



Instituto Dietético Infantil S.L.

FÁBRICA: AV. ODILA, 1549 - Cx. Postal, 4334 - ESCRITÓRIO: R. MARIA PAULA, 136 - Fone 33-4263 - S. PAULO ★ FILIAIS NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO
Rua Juan Pablo Duarte, 42 — D. Federal

PERNAMBUCO — PARAIBA
Rua da Saudade, 323 — Recife

BAHIA — SERGIPE
Rua Carlos Gomes, 3-A — Salvador

RIO GRANDE DO SUL
Rua Riachuelo, 959 — Pôrto Alegre

CEARA — PIAUI — MARANHAO
Rua Pedro Pereira, 755 — Fortaleza

DEPÓSITOS E REPRESENTANTES NOS DEMAIS ESTADOS

Quando São Paulo festeja
seu 4.º centenario

O Decano dos jornais paulistas

CORREIO PAULISTANO

comemora
100 anos
de atividade
ininterrupta

1 Século
de tradição
a serviço
do Brasil



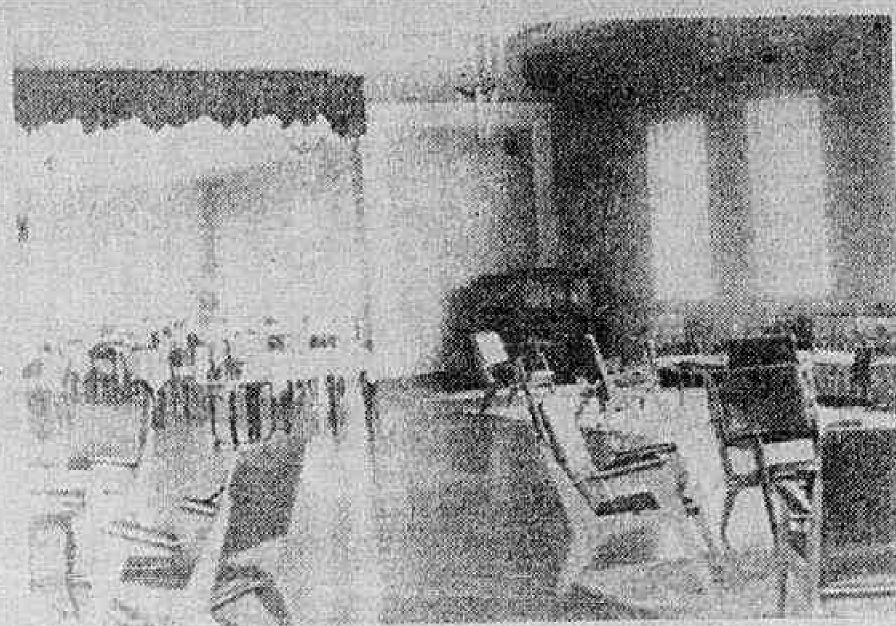
Garantindo um apreciável volume de negócios, porque circula num meio de alto poder aquisitivo

Águas da Prata

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»

★ Entre as riquíssimas fontes hidrominerais, de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de pedoroso auxílio no tratamento da gôta. Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DA PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilela»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. À natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — Poderosa água radioativa, com 89 «matches» de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.

GRANDE HOTEL PRATA

★ O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos, confortàvelmente mobilados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes, dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker, Barbearia e Manicure.



Um aspecto da majestosa varanda do Hotel, recanto ideal para repouso.

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMES DIETÉTICOS

RESERVA DE APOSENTOS

★ Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo, por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20. Até 30 de dezembro, 20% de desconto nos preços da tabela.

ÁGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Empresa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para S. Paulo.



A grande e alegre sala de jantar belamente arejada e iluminada.



Vista geral do Grande Hotel Prata.

Como interpretar os sonhos — Nº 72 — 10,00

Aprenda a dançar sem mestre — Nº 170 — 15,00

Morro dos Ventos Uivantes — 10,00

Manon Lescaut — 10,00

Dicionário de Sinônimos — Nº 242 — 15,00

A Mão do Finado — 10,00

A Carne — Nº 140 — 25,00

RIO
Av. Rio Branco, 2...
e Rua do Ouvidor ...
SÃO PAULO
BELO HORIZONTE:
SALVADOR: Praça da Sé ... 20 22
RECIFE: Rua da Palma - Loja 6 ...
E nas "Lojas Brasileiras" de todo o Brasil

219 — 500 Testes de Português ... 15,00
230 — Como se Fizeram as Grandes Fortunas ... 15,00
233 — Fotografia para Principiantes ... 15,00
234 — Manual do Fotógrafo Amador ... 15,00
235 — Fotografia em Perguntas e Respostas 15,00
237 — Guia de Redação Oficial ... 15,00
244 — Técnica de Injeções e Curativos ... 15,00
246 — Aprenda a Fotografar ... 15,00
253 — As Leis Trabalhistas Simplificadas ... 15,00
260 — Guia do Crack ... 15,00
263 — Manual do Escoteiro 15,00
65 — O Banho (E. Zola), O Beijo, (Tchekov) e outros contos ... 15,00
178 — Grandes Cortesãs — Henry de Kock — I volume ... 15,00
217 — Grandes Cortesãs — Henry de Kock — II volume ... 15,00
223 — O Conde de Monte Cristo — Alexandre Dumas ... 10,00
228 — O Moço Loiro — J. Manuel de Macedo 10,00
240 — A Escrava Isaura — Bernardo Guimarães 10,00
243 — Amôres de um Médico — J. Manuel de Macedo ... 10,00
245 — O Jogador — Dostoiewski ... 10,00
248 — Romance de Um Moço Pobre — Octavio Feuillet ... 10,00
249 — O Grande industrial — George Ohnet ... 10,00
252 — A Ilha do Tesouro — Robert Louis Stevenson ... 10,00
254 — Paulo e Virgínia — B. de Saint-Pierre ... 10,00
255 — Jane Eyre — Charlotte Brontë ... 10,00
265 — Orgulho e Preconceito — Jane Austen 10,00
269 — Tereza Raquim — Emile Zola ... 10,00
274 — A Namoradeira — Joaquim Manuel de Macedo ... 10,00
13 — Como Ler os Pensamentos ... 15,00
85 — A Arte de Fazer Doces ... 15,00

93 — A Arte e Técnica do Beijo ... 15,00
123 — Regras e Táticas de Xadrez ... 15,00
129 — Jiu-Jitsu sem Mestre 15,00
135 — Natação sem Mestre 15,00
143 — Modelos de Cartas Comerciais ... 15,00
146 — Rádio para Principiantes ... 15,00
147 — Métodos para Hipnotizar ... 15,00
149 — Regras de Etiquêta Social ... 15,00
152 — Os Sonhos, o Riso e as Mulheres ... 10,00
154 — Trovas e Modinhas Populares ... 15,00
158 — Aprenda a Fazer Mágicas ... 15,00
159 — Aprenda a Viver ... 15,00
162 — Formulário de Correspondência Social 15,00
163 — Modelos de Cartas Sentimentais ... 15,00
165 — Declarações de Amor 15,00
167 — Filosofia da Vida e do Prazer ... 15,00
171 — Aprenda a Fazer Versos ... 15,00
172 — Teoria e Prática do Existencialismo ... 15,00
173 — Regras e Táticas do Futebol de Mesa ... 15,00
182 — Regras para Vencer na Vida ... 15,00
185 — Contos do Vigário, Pulo dos Nove, etc. 15,00
186 — Você sabe Conversar? ... 15,00
187 — Guia de Massagens 15,00
206 — As Amantes do Imperador ... 10,00
207 — Crime e Castigo — Dostoiewski ... 10,00
208 — A Taberna — Emile Zola ... 10,00
210 — O Homem que Ri — Victor Hugo ... 10,00
213 — O Casamento e suas Formalidades ... 15,00
215 — A Bêsta Humana — Emile Zola ... 10,00
216 — Mademoiselle de Maupin — Theophile Gautier ... 10,00

218 — Ana Karenina — Leon Tolstoi ... 10,00
222 — Iracema — José de Alencar ... 10,00
224 — Ubirajara — José de Alencar ... 10,00
225 — Diva — José de Alencar ... 10,00
226 — A Viuvinha e Cinco Minutos — José de Alencar ... 10,00
227 — A Moreninha — Joaquim Manuel de Macedo ... 10,00
145 — Vença a Timidez Sexual ... 20,00
148 — Os Encantos da Mulher Nua (Poesias) . 15,00
150 — Curiosidades e Extravagâncias ... 15,00
151 — Fatos Curiosos e Inacreditáveis ... 15,00
153 — Fórmulas para Ganhar Dinheiro ... 15,00
155 — Os Três Mosqueteiros (Em Quadrinhos) — A. Dumas 15,00
156 — Assim se Emagrece Comendo ... 15,00
160 — Enfermidades Sexuais ... 20,00
161 — Conquiste Amizades 15,00
164 — Testes de Masculinidade e Feminilidade 15,00
166 — A Educação Sexual dos Filhos ... 20,00
168 — A Ortografia Correta 15,00
169 — Anedotas ... 15,00
174 — Manual da Vida Sexual ... 20,00
175 — As Primaveras — Casimiro de Abreu 10,00
176 — Canções do Exílio — Casimiro de Abreu 10,00
177 — Sucessos Musicais (Sambas e Valsas) 15,00
179 — Quo Vadis — Sienkiewincz ... 15,00
180 — Naná — Emile Zola 10,00
181 — O Retrato de Dorian Gray — Oscar Wilde 15,00
192 — 1001 Informações Úteis — 1º vol. ... 15,00
195 — Madame Bovary — Gustave Flaubert .. 10,00
80 — Dicionário de Citações de Frases Célebres — 1º vol. .. 15,00
144 — Dicionário de Citações de Frases Célebres — 2º vol. .. 15,00
189 — Dicionário de Citações de Frases Célebres — 3º vol. .. 15,00
196 — Dicionário de Citações de Frases Célebres — 4º vol. .. 15,00
193 — Dicionário de Names Próprios ... 15,00
197 — Horóscopos para todos ... 15,00
198 — As Chaves de Salomão ... 15,00
188 — Guia do Mecânico de Automóvel ... 15,00
190 — Regras Oficiais do Futebol ... 15,00
191 — A Cura da Impotência Sexual ... 20,00
194 — O Verdadeiro Livro de São Cipriano ... 15,00
199 — Homeopatia para todos ... 15,00
200 — Galeria de Brasileiros Ilustres ... 15,00
209 — É Fácil Ganhar Dinheiro ... 15,00
211 — Regras e Comentários do Basquetebol 15,00
212 — Levantamento de Pêso ... 15,00
214 — Tenha Sangue Frio 15,00



PELO MESMO PREÇO: (10,00)

157 - Cock-tail de PALAVRAS CRUZADAS Nº 1
279 - Cock-tail de PALAVRAS CRUZADAS Nº 3
258 - RACHA-COCOS OU QUEBRA-CABEÇAS
250 - TRUQUES e Quebra-Cabeças c/ Números









LIVRO GRATIS!

NOS PEDIDOS ACIMA DE 10 LIVROS, VS. PODE PEDIR MAIS UM GRATIS ATÉ CR$ 15,00

















Editôra
GERTUM CARNEIRO

AV. RIO BRANCO, 25 — DEP. 9-A — RIO

Não temos catalogo;

Peço enviar pelo REEMBÔLSO POSTAL

os livros cujos numeros indico abaixo:

....

....

....

....

....

....

....

BASTA INDICAR O NUMERO

Não mande dinheiro ou selos, nada adiantado;

Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00 há aumento de ...

NOME

RUA

LOCALIDADE

ESTADO

ATENÇÃO! AGUARDEM!



Um manancial de informações, contendo entre outros mil assuntos: Informações sôbre o ANO CRISTÃO, CATÓLICO, EVANGÉLICO, ISRAELITA, AERONAUTICO, CIENTIFICO, ARTÍSTICO EX-LIBRÍSTICO, AGRICOLA, HOROSCÓPICO, CALENDÁRIOS CATÓLICO, ISRAELITA E EVANGÉLICO.

★

Informações de interêsse geral, para os amantes de: CIÊNCIA, HISTÓRIA, TEATRO AMADOR, NOVELAS POLICIAIS, HISTÓRICAS E DE AMOR, FÁBULAS E CONTOS INFANTIS, AGRICULTURA, QUEBRA-CABEÇAS, EX-LIBRIS, ECONOMIA DOMÉSTICA, TESTES E DECIFRAÇÕES, AVENTURAS, ESTATISTICAS, GEOGRAFIA, MEDICINA, ARQUITETURA, VIAGENS, ASSUNTOS RECREATIVOS, AUTOMOBILISMO, MECANICA, AVIAÇÃO, INVENÇÕES, etc. UM ROMANCE COMPLETO. UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR E OUTROS ASSUNTOS.

★

As origens do mundo e da vida. A verdadeira história da Legião Estrangeira. Como foram decifrados os hieróglifos do antigo Egito. Os restos da Atlântida. Que é moeda?

Almanaque

EU SEI TUDO

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — LAPA.



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO e LITERÁRIO, FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito; redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e venda em S. Paulo: Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, tel.: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

O MISTÉRIO DO "PAPAI NOEL"

«ÀS VÊZES, É DIFÍCIL PARA UM POLICIAL SER DURO, ESPECIALMENTE NO NATAL.»

Conto de WILLIAM BRANDON

CADE era o nome de uma cidadezinha mineira, perdida nas montanhas rochosas do Colorado. Estava ela suportando pesada carga de neve, num dos mais rigorosos invernos de todos os tempos, quando ali chegou Sam Ireland. Imensos sulcos estavam abertos entre a neve endurecida, marcando a estrada de rodagem. Os picos das montanhas, cercando quase inteiramente a cidade, estavam coroados pelo azul quase branco dos gelos e brilhavam como diamantes, sob um sol festivo. Não podia a natureza ser mais bela, naquela região, em tal época, e essa melhoria, no dizer dos residentes, era uma homenagem ao Natal. Ireland desceu do ônibus transcontinental, diante da «Grande Loja», sacudiu, cuidadosamente, a neve que logo começou a cair sôbre o seu peito e, pisando com cautela sôbre o chão de gêlo, caminhou, subindo ligeira rampa, que se acumulava à beira da estrada. O dia tinha sido assim, desde as primeiras horas, enfeitado com um sol brilhante, mas terrìvelmente frio; o ar, como se fôsse de ouro, parecia formado de agulhas esvoaçantes. Dentro da sala principal da «Grande Loja», um pequeno grupo de fregueses enregelados se reunia em redor de um fogão, aguardando a correspondência que deveria chegar com o mesmo ônibus em que Ireland havia feito a viagem. As janelas da loja estavam salpicadas



O dia estava terrìvelmente frio, quando Sam desceu do ônibus.

por irregulares ovais de neve, que impediam a entrada do sol, e o seu interior estava bastante escuro. Ireland caminhou para o círculo formado pelos friorentos e, imediatamente, aproximou as mãos do fogão.

Um homem de idade bastante avançada, tendo à cabeça um chapelão, como os que usam os **cowboys**, e nas orelhas dois grossos protetores de lã, tratou logo de iniciar conversa com o recém-chegado:

— Está gelando lá fora, eh?

— Um pouquinho — respondeu Ireland, provocando o riso geral, pois todos, ali, tinham orgulho do «seu clima».

O empregado da loja era um rapazola magríssimo, que protegia o corpo com uma pesada capa de pele, sob um colête de couro cru. Ireland não tardou a se aproximar do balcão e do rapazola, ao qual mostrou um recorte de jornal, que trouxera de New York. Tratava-se de um telegrama oriundo dali mesmo, de Cade, e tinha a data de 26 de dezembro, um dia, portanto, após o Natal.

A polícia, como se verificava, não havia perdido tempo, enviando Ireland para investigar.

A seguir, leu:

«Papai Noel não apareceu nesta cidadezinha da montanha, ontem, fato êsse que é assinalado pela primeira vez em mais de trinta anos.

«Papai Noel era um tipo original, espécie de eremita, também conhecido por Nick. Sem dúvida, era êle o possuidor de uma secreta mina de ouro, situada em algum local das montanhas, e só era visto nesta cidade no dia do Natal, quando aparecia com a mão cheia de pepitas, que distribuía como presente de Natal, ao povo de Cade.

Nick não apareceu para representar o seu papel de «Papai Noel» e a população ficou surpreendida e acabrunhada quando um grupo de expedicionários ousou abrir caminho, através da neve, até à cabana isolada, que servia de residência ao excêntrico, encontrando o mesmo morto.

«O segrêdo da identidade de Nick e da procedência do ouro que êle distribuiu em dia certo, para uma geração, morreram com êle. Um velho farrapo de papel, encontrado entre os seus raros haveres, indicava que o seu verdadeiro nome podia ter sido Oliver. Nada mais havia, capaz de estabelecer a sua identidade. Da mesma forma, nada foi encontrado que indicasse o montante de sua suposta riqueza. Segundo opinaram os médicos, a morte foi causada pela fome.»

O rapazola ouviu tudo em silêncio, depois perguntou:

— O senhor era parente do «Papai Noel»?

Ireland moveu a cabeça, negativamente, antes de dizer:

— Sou da Polícia. Meu nome é Sam Ireland.

O rapazola respondeu, amàvelmente:

— Meu nome é Jim Cade. — Depois, como lesse uma pergunta nos olhos de Ireland, acres-



«Isto não é um grão — — disse Cade para Ireland. É uma pepita de puro ouro!»

centou: — Meus antepassados fundaram esta cidade. Cade era o nome do meu avô.

TROCARAM um apêrto de mão. Logo o jovem Cade perguntou: — Detective? E fêz tôda essa viagem, de New York até cá?

Ireland explicou:

— Nossos colegas de Denver cismaram com êsse caso, devido ao nome... **Oliver**. Puderam conseguir uma das pepitas distribuídas por Nick e trataram de analisá-la. Parei algumas horas em Denver para receber um relatório do que êles tinham encontrado.

— Eu tenho uma, aqui mesmo! — declarou Jim Cade. Exibiu um pequenino grão de ouro, que mais parecia a obturação de um dente. Trazia-a pendurada na corrente do relógio.

«— Naturalmente, êle tinha qualquer espécie de fundição e refinaria particular, embora nada fôsse encontrado, na sua cabana, que pudesse parecer com essas coisas. Porém, não se trata de uma pepita! É um grão de ouro, quase puro!

— Êle pagava com isso as compras nesta loja?

O rapazola sorriu:

— Êle jamais pagou nada com isso! Jamais gastou um **penny** sequer nesta cidade. Apanhava suprimentos, aqui, por ocasião do Natal, mas nunca lhe foi cobrado um níquel. Ninguém cobrava dêle fôsse o que fôsse. E, se quer saber, aqui, nesta cidade, nasci e cresci acreditando que êle fôsse, realmente, «Papai Noel» — e assim pensavam, também, os garotos em todo êste vale. Os meninos de hoje ainda acreditam.

«Mas se quer saber se o seu ouro era bom, pode ter a certeza de que era mesmo. Muita gente, aqui, trocou êsses presentes do «Papai Noel» por dinheiro, e por muito dinheiro mesmo! Segundo calculo, Nick andou distribuindo, assim,



cêrca de mil dólares, cada ano. Em geral, dava boa quantidade para o nosso «Clube Infantil» e para os mais necessitados...»

IRELAND refletiu algum tempo, antes de indagar: — Se êle costumava apanhar mantimentos sem pagar, como se explica que estivesse assim tão mal provido e que acabasse morrendo por falta de alimento?

Jim Cade ergueu os ombros, como se desistisse de compreender, depois arriscou um palpite:

— Simplesmente, não desceu, mais uma vez, para conseguir mantimentos... deve ter sido isso! Geralmente, aparecia umas duas semanas antes do Natal e ficava perambulando pela cidade, apanhando aqui e ali o que necessitasse. Depois, quando chegava o Natal, distribuía o seu ouro e voltava para a sua cabana, na montanha, antes de que o dia findasse, carregando suas coisas num pequeno saco. Êste ano, quando os mantimentos acabaram, êle não desceu, permanecendo na cabana.

«Bem que tentou apanhar algum coelho e mesmo pássaros, segundo pudemos notar, quando lá subimos. O médico declarou que, aparentemente, nada acontecera com êle que o tornasse doente e incapaz de vir até cá!»

— E por que acha você que êle não veio, desta vez? — insistiu Ireland.

O rapazola coçou a cabeça por algum tempo, antes de falar:

— No minha opinião, tudo foi por causa do ouro. Por uma razão qualquer, o que tinha acabou e, assim, nada tendo para distribuir, por ocasião do Natal, ficou com vergonha de descer e apanhar mantimentos, sem nada ter para dar em troca. Coitado! Deus sabe que todos nós, aqui, daríamos de bom grado tudo quanto êle necessitasse sem nada querer em troca!

— Talvez êle fôsse uma vítima da sua própria ilusão... da ilusão de ser «Papai Noel». — murmurou Ireland.

— Cá por mim, quase tenho a certeza de que os garotos desta cidade ficariam muito tristes caso êle aparecesse sem nada para distribuir. Talvez fôsse por isso, também, o que êle temia!

FICARAM ambos em silêncio, por algum tempo. O rapazola era bastante polido, segundo os costumes do Oeste, para fazer qualquer pergunta direta, por isso Ireland resolveu falar:

— A análise que fizeram dêsse ouro revelou que se tratava de ouro usado nos depósitos bancários, ouro em barra, embora misturado com algumas impurezas, talvez propositadamente, numa segunda fundição...

— Ouro em barra?

— Um mensageiro bancário, chamado Oliver, fugiu com trinta mil dólares em barras de ouro, em 1919, de Jersey City — disse Ireland. — Parece que tudo foi devido a um desastre conjugal. Tinha uma linda espôsa, que o deixou, fugindo com outro, e todos pensaram que Oliver, que sempre tinha sido a honestidade em pessoa, simplesmente resolvera desaparecer. Você sabe como essas coisas acontecem... Êle deve ter sentido nôjo de tudo e desejou ardentemente fugir do mundo, dos homens, das coisas... e, se levou o dinheiro, foi obedecendo a um impulso estranho, de revolta, talvez. Foi aberto inquérito, realizamos muitas buscas, mas Oliver nunca pôde ser encontrado. Êsse é, aliás, o mais velho caso — sem solução — no meu caderno.

O jovem Cade olhou para êle curiosamente, com os olhos repentinamente brilhantes, muito brilhantes; mas nada disse.

— Ouro em barra é coisa muito difícil de gastar pelos meios ordinários — prosseguiu Ireland — Por isso, quase tenho a certeza de que êsse Nick era o mesmo Oliver, que eu procurava...

Jim Cade brincou um instante com o grão de ouro da corrente, distraindo-se, vendo-o brilhar na luz. Depois falou, devagar:

— Não penso, realmente, que fôsse Nick.

— Por que não? — indagou Ireland.

— Por uma razão. Porque os garotos desta cidade estão juntando seus tostões para pagar os serviços de um talhador de pedra. Pretendem mandar fazer uma estátua de Nick e colocá-la na praça, aqui defronte. Será a árvore de Natal da cidade!

O empregado da loja falara com dificuldade, como se tivesse um nó doloroso na garganta. Ireland sentia-se cansado e com frio e pensava como aquela viagem fôra longa e dispendiosa; porém, nesse momento, o rapazola levantou o olhar do grão de ouro e o brilho dos seus olhos era significativo.

O detective viu êsse brilho e respirou fortemente:

«— Você tem que acreditar em alguma coisa — pensou, repentinamente amolecido. — Cada menino, cada cidadezinha, todo indivíduo, isoladamente, tem que acreditar em alguma coisa. Portanto, que é real? O que acreditamos ou... qualquer outra coisa?»

Tornou a olhar para Cade.

— Um policial não pode ter ilusões — disse, com voz enrouquecida.

Hesitou um instante, depois amarrotou o recorte de jornal e atirou-o para um canto, atrás do balcão.

«— Mas, às vêzes, isso também acontece!» — concluiu.

A seguir, rodou nos calcanhares, abotoou o sobretudo e saiu.

★

O ALVO EM CASA — Recentemente, voltando para casa, após uma ausência de três dias, George Sneider, de Pittsburgo, verificou que um grupo de vândalos havia estado em seu lar. Nada haviam roubado, porém lembraram-se de usar um seu velho rifle de caça, disparando vários tiros contra os seus móveis, vidraças, etc., sem esquecer o seu aparelho de televisão.

ACIMA DE TUDO O DECÔRO

(EPISÓDIO REAL)



SEM dúvida, constitui uma verdade o que se afirma a respeito dos norte-americanos: — de que são êles extremamente modestos na questão de exposição do corpo. É, igualmente, verdade que o sr. Joseph Fallon, de Chicago, Illinois, eleva essa modéstia até um ponto verdadeiramente estratosférico.

A temperatura, na cidade de Chicago, durante o mês de de agôsto, é tão alta quanto a tôrre do «Tribune». A segunda cidade, em tamanho, daquele país, é envolvida por um terrível calor que deixa moles as pessoas, transformando os dias e as noites em períodos de em horas letárgicas descanso que, ao contrário do que muitos pensam, acarretam ainda mais cansaço.

Durante êsse período, é comum — da parte do sr. Joseph Fallon — abolir o uso de pijamas e deitar sob as cobertas no mesmo estado de nudez em que veio à luz.

Às duas horas da madrugada de 4 de agôsto do ano de 1951, encontrava-se adormecido em seu leito, inteiramente despido, enquanto sua espôsa, Mary, trajava, apenas, uma camisola. Nenhum dêles tinha conhecimento de que, naquele exato momento, uma figura delgada e insinuante se aproximava da porta da cozinha, trazendo um pé-de-cabra numa das mãos e uma lanterna de foco discreto na outra.

O assaltante noturno atacou a janela da cozinha com o instrumento que portava. E, pelo visto, parecia um iniciante na profissão, pois demorou algum tempo para forçar sua entrada na casa.

No andar superior, Mary Fallon abriu os olhos, sùbitamente. Um estranho ruído, provindo dos fundos da casa, fizera com que acordasse. Ficou em silêncio por um momento, ouvidos atentos, à espera de algum outro som. E, então, julgou ouvir um ruído abafado, como se alguém houvesse pulado, batendo com os pés no chão.

A sra. Fallon não era mulher tímida. Em vez de acordar o marido, desceu da cama, vestiu um «robe» e encaminhou-se para a cozinha.

Parando no umbral da porta, viu uma figura imprecisa, que se movia no aposento às escuras, mas que deixava o assaltante claramente silhuetado pela luz do lampião da rua.

Imediatamente, Mary Fallon perguntou:

— Quem é você? E que deseja?

O intruso girou nos calcanhares, viu a figura da dona da casa, e, com uma exclamação de susto, esticou o braço na direção de uma prateleira próxima ao fogão, dali extraindo uma pesada barra de ferro.

Foi, então, que Mary Fallon se convenceu de que precisava de auxílio. E gritou, a plenos pulmões:

— Joe! Venha cá embaixo. Depressa, Joe! Joe!

Em um instante, Joseph Fallon despertou. Piscou os olhos, pulou da cama e saiu a correr para a cozinha, local de onde provinha a voz de sua espôsa, segundo pôde distinguir. Ali, à luz tênue do lampião da rua, viu o ladrão golpear a sua espôsa na cabeça, com uma barra de ferro.

Mary Fallon, com um ligeiro gemido, caiu ao chão. Joe avançou, atracando-se com o gatuno. Apertou, com violência, o pulso do seu oponente e o instrumento, manchado de sangue, caiu ao chão, com um baque metálico.

Em seguida, o dono da casa enlaçou o pescoço do intruso, procurando derrubá-lo. Para seu espanto, notou que o pescoço do ladrão era macio, semelhante ao de uma mulher. E, então, ouviu um soluço, como se o seu oponente estivesse prestes a prorromper numa crise de chôro.

Bastante desconfiado, Fallon arrastou o adversário até ao interruptor de luz e, quando o apertou, verificou que segurava uma jovem, de traços assaz belos, contando cêrca de 19 anos.

Ela olhou para Fallon, com lágrimas a rolarem por suas faces. Êle também a encarou e, sùbitamente, corou e o seu rosto ficou escarlate; num gesto repentino, largou a jovem, horrorizado, pois lembrara-se de que estava inteiramente nu diante de uma mulher desconhecida.

Embaraçado, falou:

— Queira desculpar. Espere aqui, por um momento.

Isto dito, Fallon correu para o seu quarto, onde vestiu a camisa e as calças.

Quando voltou à cozinha, apenas sua espôsa ali ainda se encontrava, gemendo, caída ao chão.

A atraente ladra fugira, levando consigo a carteira de Joseph Fallon, que continha trinta e nove dólares, e o dinheiro semanal para as despesas da casa, que estava guardado na gaveta da mesa.

Assim, êsse cidadão ficou «limpo» de pouco mais de cinqüenta dólares. Mas sua honra permaneceu intata. Pois que um cavalheiro não se apresenta sem as calças, diante de uma dama — nem mesmo que esta seja uma ladra.

POR QUE FICAMOS ZANGADOS?

EIS UM TESTE PARA MEDIR A RESISTÊNCIA DOS NERVOS... E QUE PODERÁ DAR AO LEITOR A CHAVE DO "ÊXITO" NO ESCRITÓRIO E EM CASA.

COMO agem os nossos nervos? Como "esquenta" o nosso sangue? E como nos irritamos... e até que limites chega o nosso enfurecimento?

Respostas bem observadas e francas para essas perguntas podem formar um *mapa parcial* da própria personalidade, da mesma forma que servirá de índice para a espécie de trabalho que o indivíduo realiza melhor.

Isto, é claro, não somos nós quem dizemos, mas modernos e renomados psicologistas. Porque é a verdade: se, atualmente, procuramos um dêsses conselheiros e *guias-vocacionais,* para que nos ajude a escolher um trabalho profissional, um dos testes que nos dará, com tôda a certeza, é uma espécie de lista das coisas e fatos que mais correntemente nos irritam ou aborrecem no correr de um dia, cabendo-nos, simplesmente, apontar aquelas que nos aborrecem ligeiramente, exaltam, ou nos conduzem a violentos acessos de cólera.

Similarmente, um psiquiatra que nos examine, no correr de algumas de suas longas conversações conosco, sem dúvida, fará perguntas sôbre as nossas alterações de ânimo. Isto porque, tais alterações, serão para êle uma fonte de informações preciosas.





E' humano, bem humano, aliás, ficar zangado

Um dos mais entusiasmados defensores dêsse moderno processo de exame é o dr. Dwight Palmer, que, com seus assistentes, mantém um escritório de consultas, em Los Angeles, tendo sido, durante muitos anos, dos dos examinadores da "National Resources Planning Board" e do "Institute of Technology", da Califórnia. Um de seus assistentes, o dr. Robert Snowden (autor do *gráfico para teste,* que reproduzimos neste artigo) serviu como tenente-coronel na última guerra e teve ocasião de usar êsse sistema para o exame de um quarto de milhão de homens, recrutados para os campos de batalha.

Aconselhamos mesmo ao leitor interromper, aqui mesmo, esta leitura e submeter-se ao *teste* referido, marcando os pontos nas respectivas colunas e somando-os corretamente.



quando alguém nos faz uma censura. E esta é, sem dúvida nenhuma, a origem de muitas brigas.

Feito? Isto significa, então, que o leitor já tem o seu "quociente de irritabilidade". Em geral, quanto mais baixo é o total, mais probabilidade tem o indivíduo de viver em paz com seus semelhantes.

Entretanto, um total muito baixo é tão anormal que bem pode significar sinal de perigo. Todo indivíduo normal se enfurece, algumas vêzes. Quem revelar completa insensibilidade e ausência de irritabilidade, poderá ser o que os psicologistas chamam de "neutro", para indicar uma possível enfermidade mental. Na realidade, isso poderá significar que êsse indivíduo está tão "voltado para si mesmo e para o seu interior" que nem consegue perceber o que acontece em seu redor.

DEZESSETE A VINTE É A CONTAGEM COMUM. SE O TOTAL MARCAR ENTRE QUATRO E DEZ O INDIVÍDUO É UM FELIZARDO, DE GÊNIO BEM TEMPERADO — De fato, a segunda indicação significará que o indivíduo nasceu para diplomata, sendo capaz de "escorregar" muito bem de uma difícil situação sem perder o bom-humor. Provàvelmente, será um sucesso nas relações públicas e outros trabalhos que envolvem constantes atropelos e exijam habilidade e sangue frio. Um total entre 11 e 16, indica que o indivíduo deverá preferir a profissão de vendedor. Provàvelmente, terá bastante sagacidade para dar ao assunto a direção indispensável e a seu favor, embora alie a essa pertinácia um necessário contrôle para não criar mal entendidos que possam irritar o interlocutor e a si próprio. Muitos diretores de emprêsas também se enquadram nesse total.

OS DIFÍCEIS — Por outro lado, se o total vai de 21 a 23, o indivíduo é, pro-

vàvelmente, conhecido como "indesejável" ou grosseirão incorrigível. Poderá, sim, obter variados empregos, mas, provàvelmente, passará a vida "pulando" de um para outro, não deixando "saudades" em nenhum lugar.

O tipo de trabalho mais adequado para êsse indivíduo é o de capataz em alguma fábrica, encarregado de zelar pelo trabalho constante dos operários; ou o de fiscal do govêrno, cuja missão seja a de vigiar pela afixação dos preços corretos das mercadorias sob contrôle, ou o de despachante de emprêsa de ônibus, zelando pela observância dos horários e o perfeito cumprimento de todos os serviços.

Como se verifica, há inúmeros empregos que nem todos os tipos de indivíduos podem ocupar mais do que alguns dias ou algumas horas. Encontramos, constantemente, muitos empregados e funcionários que nos atendem, quando dêles nos aproximamos, com mais vontade de nos cortar o pescoço do que realmente de nos servir.

Se o total do leitor atingir 25 ou mais, pode estar seguro de que tem um temperamento terrível, devendo, quantos antes, procurar corrigir-se. Êsses indivíduos, em geral, se casados, têm vida conjugal tempestuosa, não podem viver em paz com os colegas de escritório ou de fábrica e, geralmente, conquistam desnecessárias inimizades, sofrendo — em consequência — inumeráveis dissabores.

As causas de um mau gênio crônico são diversas e quase infinitas, sendo necessário, muitas vêzes, um especialista bastante treinado para descobri-las. Não há muito, um grande Banco solicitou os serviços do dr. Palmer, afim de "testar" uma jovem empregada, que sempre estava "às turras" com seus colegas. E o dr. Palmer descobriu que a causa maior do seu eterno rancor eram as coisas que ouvia os colegas dizer, em suas palestras diárias.

— "Ela será feliz e tranquila em algum serviço calmo, onde não tenha companhia, nem mesmo tenha que ver outras pessoas" — afirmou, finalmente, aos diretores do Banco.

A própria empregada concordou com êsse "diagnóstico", passou a frequentar um curso noturno e, logo que se viu mais forte em estatística, pediu transferência para um departamento em que passou a trabalhar isolada. Desde então, seu temperamento melhorou e, à hora do almôço, sorria para os colegas, amàvelmente.

UM EX-SOLDADO SE TRANSFORMA EM "DISCUTIDOR" E "PROVOCADOR DE BRIGAS", DESDE QUE DEU BAIXA DO EXÉRCITO — Com o tempo, sentindo que a vida se tornava insuportável para si e para os que com êle lidavam, foi procurar o dr. Palmer. Êste descobriu que o ex-soldado sempre vivera muito bem com todos, antes de ir lutar no "front" filipino. Tinha sido, mesmo, um grande vendedor comercial. Porém, agora, não conseguia abrir caminho e, além de estar sempre metido em brigas, começava a gostar exageradamente do álcool.

Descobriu, também, que, durante a guerra, o ex-soldado havia passado muitos meses numa ilhazinha quase deserta, onde apelara para a música, a fim de encher os seus dias. Revelara, mesmo, grande talento musical. Depois, terminada a guerra, ao tentar de novo a profissão de vendedor, mostrava-se ríspido e discutidor... porque havia perdido a sua música. Aconselhado pelo especialista, o ex-soldado tratou de procurar um emprêgo que o aproximasse novamente da música. Conseguiu o lugar de vendedor numa grande loja de instrumentos musicais, onde é, atualmente, o campeão das vendas.

Dois chefes de departamentos, em uma fábrica, constantemente discutiam, zangados, com o vice-presidente da emprêsa, que era, portanto, o patrão de ambos. Êste encarregou Palmer de "dar um jeito" nessa situação. Todos os três eram indivíduos agradáveis, cordatos e gentis, vivendo, ordinàriamente, em boa paz com as demais pessoas. Porém, um dos chefes de departamento era de gênio fàcilmente *esquentável*. O vice-presidente gastava horas e horas, pacientemente, expondo projetos a seu subordinado, sem conseguir que os aceitasse e executasse como era devido. O outro chefe de departamento era inteligente e bastante ativo, mas tornava-se, misteriosamente, bronco e moroso, quando o patrão sentava ao seu lado, a fim de estudar os planos do negócio.

Palmer não tardou a descobrir que o primeiro não podia mesmo entender as coisas, quando eram explicadas por palavras excessivas, com minúcias de detalhes e longas explanações; ao contrário, comprendia, fôsse o que fôsse, bem e depressa, quando o assunto era exposto por meio de diagramas.

Quanto ao outro chefe de departamento, era, justamente, ao contrário. Não tinha boa memória visual e, para piorar a situação, os grandes mapas em papel azul tinham efeito irritante sôbre os seus nervos. Palmer, simplesmente, sugeriu ao vice-presidente que invertesse sua tática: tudo explicasse ao primeiro de seus subordinados por meio de diagramas, descrevendo os planos oralmente ao segundo.

Isto porque alguns indivíduos "explodem" fàcilmente sob a influência de uma determinada irritação, enquanto, para outros, as causas variam. Por isso mesmo, é muito importante para o indivíduo sub-

meter-se ao teste apresentado nestas páginas. Por exemplo, se verificar pertencer ao grupo dos "acentuadamente irritáveis" (Itens 1 e 6 — ou, simplesmente, um dêles) deverá observar, atentamente, o próprio temperamento, quando estiver dirigindo um automóvel, pois é bem possível que venha a ser um dos "trapalhões do tráfego", causadores de um sem número de incidentes e de acidentes.

No caso de não possuir automóvel, nem dirigir o de outrem, por certo que os itens 1 e 6 não podem ser aplicados a êsse indivíduo, mas deverá tentar substituir as perguntas do teste, baseando-se nas ocorrências mais comuns aos pedestres. Por exemplo: como reage, quando um "chauffeur" pára o carro sôbre o espaço próprio para a passagem dos pedestres, obrigando-o a dar volta ao mesmo? Ou quando um veículo passa, em dia de chuva, lançando lama sôbre as suas calças?

Se o leitor está particularmente classificado no Item 7, é quase certo que fará mal todo trabalho que exija emprêgo de utensílios e ferramentas pequenas e de manejo delicado. Não terá, em suma, grande paciência. Pertencerá, talvez, ao número das pessoas que quebram chaves no interior das fechaduras, esforçando-se por mover o trinco ou que atiram ao chão a máquina fotográfica, quando o filme emperra em seu interior.

Êsses tipos de indivíduos precisam recordar, a todos os instantes, que os objetos trabalham melhor, quando manejados com

CONHEÇA O SEU GÊNIO

PROCURE descobrir qual a sua posição relativamente às seguintes e comuns contrariedades Conte três pontos para cada resposta da primeira coluna, dois para a segunda, um para a terceira e zero para a última da direita. Escreva o total na base de cada coluna e some por fim todos os totais.



Fico Louco de raiva	Fico Irritado	Aborreço-me um pouco	Nem Ligo!

1 — O motorista que calca a buzina, atrás do nosso automóvel, tão logo surge o sinal verde.

2 — Ficar acordado o resto da noite, quando alguém faz um chamado telefônico errado.

3 — Receber um copo que ainda tem a marca do «baton» para lábios de quem o usou antes.

4 — A repetição de uma canção comercial no rádio.

5 — Ouvir a campainha da porta ou do telefone, quando está sob o chuveiro.

6 — Motoristas que guiam vagarosamente, na hora do «rush».

7 — Uma fechadura que não funciona, quando se usa a chave indicada.

8 — Ser obrigado a ficar de pé, num ônibus repleto de passageiros, junto de alguém que cheira a suor ou a álcool.

9 — Ouvir alguém lembrar que os seus sapatos precisam de graxa.

10 — Pessoas que empurram ou forçam a passagem, na fila do ônibus.

Total:

Some os totais para ter o seu «score»:

vagar e cuidado. E economizarão bom dinheiro estudando a situação calmamente, mesmo que comecem sendo torturados por algum parafuso qualquer.

Os itens 9 e 10 representam o tipo comum; referem-se às zangas mais ligeiras e bem humanas. Todos somos zelosos, quando se trata de salvaguardar a nossa dignidade e os nossos direitos. É, de fato, humano ficarmos zangados, quando alguém critica os nossos atos ou infringe algum dos nossos menores privilégios. É assim mesmo que têm início quase tôdas as brigas. E, sem dúvida, muitas delas são desnecessárias. No entanto, acabam em escândalo — sem contar com o ôlho arroxeado.

CALMA ! — Dêem tempo aos nervos, para que voltem ao normal. A melhor política é a de cruzar os braços e pensar em outra coisa, sempre que ficamos aborrecidos. Se fôr possível "dormir sôbre o fato" ou ganhar tempo, acendendo um cigarro e deixá-lo apagar, antes de fazer qualquer coisa com relação à fonte de nosso aborrecimento, certamente que o fato será encarado com ânimo mais calmo e, portanto, com mais facilidade. E quase sempre acabamos descobrindo que *não era tão feio assim!*

No minuto mesmo em que sentimos o sangue esquentar, devemos procurar uma boa cadeira para sentar. E perguntar, a seguir, num raciocínio lento, que ganharíamos, enfim, caso nos entregássemos à violência.

Dessa atitude depende o nosso êxito no trabalho e na vida social. Se formos mal vistos, se respondemos agressivamente, nada ganharemos.

Não sigamos o exemplo do Pato Donald!

★ ★

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA



GRACIELA ELIZALDE

AS receitas que hoje transmitirei às minhas leitoras são de pratos orientais, mas muito apreciados no Ocidente, por qualquer pessoa que tenha oportunidade de prová-los. Trata-se do famoso «kobab».

★

«KOBAB» DE CARNEIRO

2 colheres de manteiga ou margarina
2 dentes de alho
750 gramas de carne de carneiro cortada em pedacinhos
6 tomates de tamanho médio, cortados pela metade
4 pimentões verdes, pequenos, cortados em pedaços pequenos.

Derrete-se a manteiga numa caçarola grande, em fogo vivo e tira-se do fogo. Mói-se o alho e mistura-se com a manteiga derretida, deixando-se esfriar durante cinco minutos.

Em seis pequenos espetos, de uns vinte centímetros de comprimento, enfiam-se os pedaços de carne, tomates e pimentões, alternadamente, começando-se e terminando-se com os pedacinhos de carne de carneiro. Põem-se os pequenos espetos na grelha untados com manteiga e alho.

Assa-se a carne durante oito minutos, de um lado, depois oito minutos do outro lado.

★

«KOBAB» DE PRESUNTO ASSADO

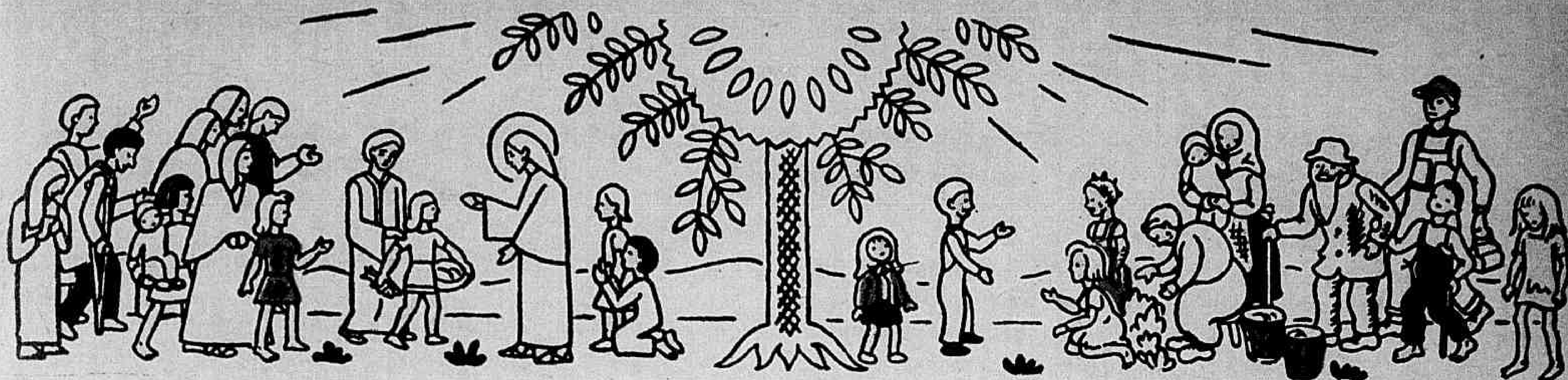
18 cubos de presunto de uma polegada
24 pedaços de ananás
12 azeitonas maduras
1/2 xícara de açúcar mascavo.
12 fatias de inhame, de uma polegada cada uma
1/4 de xíacara de manteiga derretida ou margarina.

Em seis pequenos espetos, de uns vinte centímetros de comprimento, enfiam-se os pedaços de presunto, ananás, azeitonas, alternadamente, terminando com um pedacinho de presunto.

Colocam-se os espetos na grelha, com as talhadas de inhame de cada lado.

Assa-se durante oito minutos de um lado e oito de outro.

Espalha-se o açúcar sôbre os inhames e assa-se durante mais cinco minutos.



A ESTAÇÃO DAS VISÕES

R. KEITH LEAVITT

EM geral, chamamos êsse período de «Dias de Festas» — com referência à última, curta e encantadora estação do ano. São os nove dias que começam com a noite do Natal e terminam com o Ano-Novo.

Também são chamados de **Dias Gloriosos** ou **Santificados**, em recordação do Maior Evento do mundo e, ainda, porque, no sentido moderno, êsse é o período das realizações e dos exames de consciência, das reais alegrias, dos risos espontâneos da verdadeira generosidade e da boa-vontade entre os homens.

Porém, êsses **Dias de Festas** ou de **Glórias**, tem uma outra e especial qualidade.

É, também, a **Estação das Visões**! E começa com o milagre de olharmos para trás — para o passado — terminando com o corajoso olhar para a frente para o futuro. Até então, vivemos o nosso ano no presente, raramente voltando o olhar e o pensamento para o **ontem**, próximo ou distante, e poucas vêzes para o **amanhã**. Entretanto, sempre que se aproxima o Natal, encontramo-nos interessados pelo passado.

Tudo vem insensìvelmente e de repente.

De um momento para outro, como uma bênção especial, podemos ver êsses outros dias numa claridade cristalina: há tanto que recordar!

Tornamos a ver — e com que nitidez! — os rostos que se foram, e ouvir, uma vez mais, o som de vozes adoradas e que há muito silenciaram.

É, então, como se os velhos dias voltassem, e com êles as velhas cenas, as velhas esperanças e presenças, que formaram o mundo que aprendemos a conhecer e que muito amamos.

Depois, com o correr dêsses dias encantados, o milagre das visões se transforma, avançando do passado para o futuro.

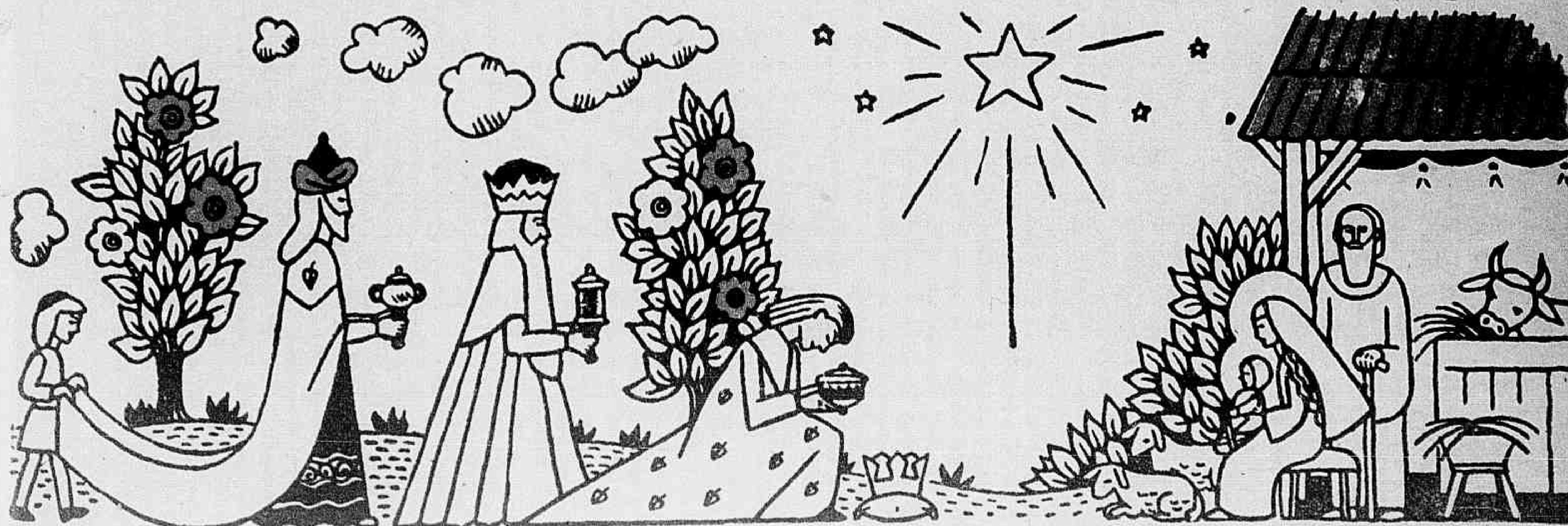
Como numa guirlanda, luminosa e mágica, a memória percorre todo o ano que passou, revendo os dias decorridos, com o rosário de esforços e de desânimos, de satisfações, decepções ou triunfos, que marcaram a nossa vida... Nem tudo, realmente, se apagou — ou não queremos apagar em nossa memória.

Encontramo-nos, depois, voltados para o futuro e pensando que não há, absolutamente, nenhuma razão para não esperar dias melhores.

Tudo o que então surge, brilhante e nìtidamente, é como um desafio.

Nenhum de nós, certamente, deixará de encarar o porvir com renovada esperança, planejando, idealizando, rompendo obstáculos, estudando ações, sempre movidos por um sentimento de solidariedade, em que nos unimos a todos, distribuindo mãos cheias de dádivas, desde o apêrto de mão e o sorriso espontâneo, que já muito valem, até ao amparo de um braço forte e amigo, a palavra de consôlo e de coragem, e vendo — e desejando ver em todos os momentos — outros sorrisos de felicidade em nosso redor.

Agradeçamos a graça dêsse milagre, que nos concede essas **visões** e nos permite examinar o passado para melhor agir no futuro; que nos concede o amor e a brandura; que nos irmana, realmente, com os nossos semelhantes, **êles**, também, sob o mágico poder dessa **Estação de Visões**.



OCORREM, SIM, AS GESTAÇÕES

NÃO há muito tempo, os médicos consideravam «histórias tôlas», quando ouviam uma senhora, um tanto alarmada, dizer que o «bebê» estava demorando a nascer.

Não acreditavam em gestações prolongadas e sorriam com ar superior, acreditando que se tratava, pura e simplesmente, de um êrro de cálculo, pois um parto não podia ocorrer além dos nove meses estabelecidos pela praxe.

Assim, tôdas as vêzes em que uma gestante dava à luz, depois dêsse período, concluíam que a jovem mamãe se enganara quanto à data da concepção do filho. Apenas isto!

Por sua vez, a Lei (em matéria de divórcio, por exemplo) estabeleceu como «regular» um prazo de gestação igual a 300 dias. Essa, entretanto, deve ser considerada uma cifra arbitrária, estabelecida, ùnicamente, com o fim de facilitar e dar às decisões dos juízes uma uniformidade respeitável. Os médicos, entretanto, jamais ligaram qualquer importância ao assunto.

Mais uma vez, porém, acabaram verificando que não devemos fechar ouvidos ao que dizem os leigos em assunto de ciência, dado que o espírito de observação, principalmente em assuntos de medicina caseira, nem sempre deve ser desprezado.

Na verdade, recentes pesquisas de laboratório e a pluralidade de novos testes permitiram estabelecer, mais exatamente, a data da fecundação, o que veio colocar a questão do prazo de gestação sob uma luz mais forte e acabou dando inteira razão às «histórias tôlas» das jovens mamães, justamente alarmadas.

Já agora os médicos reconhecem: ocorrem, realmente, as gestações prolongadas! É coisa incontestável, como, igualmente, é certo que algumas mulheres trazem ao mundo crianças vivas, várias semanas após a data prevista para o parto.

Mas é preciso reconhecer: se a gestação prolongada pode ocorrer, nem por isso devemos deixar de considerar o fato como uma anormalidade. Nessas condições, trata-se de uma ocorrência patológica — conforme dizem os médicos — e, como tal, pode acarretar sérios perigos, mais para a criança que para a gestante.

As crianças «post-maturas» (tal é o nome que se dá aos nascidos **depois** do têrmo, por oposição a «prematuros», que nascem **antes** do tempo) são, em geral, mais frágeis e doentias, com fortes sintomas de raquitismo e, por conseguinte, com menos probabilidade de viver que as outras. Aproximadamente uma, entre cinco crianças post-maturas, morre antes ou depois do parto ou, ainda, durante a primeira semana que sucede ao seu nascimento.

O médico, atualmente, é mais atento com a gestante, quando esta declara que «o bebê está demorando a nascer». E êsse cuidado se justifica plenamente, dado que, no caso da criança vir a morrer ainda no ventre materno, o risco que ameaça esta última pode ser muito grave, caso não haja uma pronta intervenção. No caso de vir a nascer com vida, após vários dias da data prevista, a gestante também merece cuidados especiais, como higiene mais constante e meticulosa.

A PLACENTA, A GRANDE RESPONSÁVEL

Pergunta-se, entretanto, qual poderá ser a causa dessas gestações prolongadas. A princípio, procuraram os médicos incriminar a sífilis, que, como se sabe, é responsável por várias perturbações da gravidez. Depois, atribuíram a anormalidade ao fator «Rhesus», elemento sanguíneo que, desde que não sejo o mesmo, na mãe como no bebê, pode provocar acidentes graves. Mas já se sabe, hoje em dia, que não são essas, realmente, as causas.

Torna-se, portanto, necessário procurar outra explicação.

A partir do terceiro mês, o processo da gestação e o seu têrmo estão sob a dependência de hormônios secretados pela placenta. Esta, durante a maternidade, desempenha, naturalmente, o papel de uma glândula endócrina. No curso das últimas semanas, começa a retroceder, pouco a pouco, e o equilíbrio hormonial se vai modificando até ao momento em que, havendo a ruptura dêsse equilíbrio de hormônios, ocorre o parto.

A placenta e os hormônios, que ela secreta, são, por conseguinte, os principais responsáveis pela prolongação da gravidez. Tem-se, de resto, conseguido retardar o parto nas fêmeas dos animais, injetando-lhes doses repetidas de hormônios placentários.

A prolongação da gravidez será, portanto, devida a uma modificação da atividade placentária, modificação verificada, com efeito, tôdas as vêzes em que o parto não ocorre no tempo normal.

UM FETO QUE ASFIXIA

Dissemos, acima, que essas gestações prolongadas são perigosas para o feto. Resta saber por quê. Os antigos não pensavam assim e Rabelais nos afirma que Gargantua devia sua extraordinária vitalidade ao fato de ter permanecido cêrca de dez meses no seio materno!

Rabelais era médico, o que não o impedia de errar redondamente. Com efeito, um feto que prolonga sua permanência no seio materno corre riscos tanto maiores, quanto maior fôr o seu estágio uterino. **E é muito mais perigoso para o nascituro vir ao mundo com três semanas de retardo, do que com três semanas de antecipação...**

EM QUE CONSISTE ÊSSE PERIGO?

Às vêzes, na data correspondente ao décimo mês, após o desaparecimento das regras, sobrevêm contrações uterinas, uma espécie de «falso trabalho», que põe o feto em perigo.

Outras vêzes, no curso do parto, é notada uma modificação dos ruídos do coração da criança: se a delivrance é difícil, a morte sobrevém por

PROLONGADAS!

hemorragia meningita. Quando a criança nasce viva é, geralmente, doentia e raquítica e cêrca de dez por cento morre nos primeiros dias: muitas são acometidas de hemorragias cerebrais ou das meninges. Sabe-se, agora, que todos êsses acidentes são devidos **à diminuição em oxigênio** do sangue arterial do cordão destinado a nutrir o feto. Uma criança que nasce após o tempo normal, é uma criança **que tem falta de oxigênio**. Mais ainda: — mesmo que se administre oxigênio à parturiente (o que se pratica em muitos casos difíceis), êsse oxigênio não chega mais ao feto,



Isto porque **a placenta, como já dissemos, está modificada**: tornou-se impermeável ao oxigênio, que, até então, a atravessava fàcilmente. Enquanto o sangue de um feto nascido no tempo normal está saturado de oxigênio, na proporção de sessenta por cento, o do outro, retardado de três semanas após êsse tempo, não dispõe senão de 19 ou mesmo 18 por cento! Todos êsses acidentes constatados, não têm, portanto, outra causa.

★

QUE FAZER?

Contra êsses riscos, a medicina tem, naturalmente, procurado um meio de intervir. Em geral, procede-se antes do décimo aniversário das regras. Isso, para evitar o «falso trabalho», que pode matar o feto.

Desde que as condições de parto são satisfatórias, provoca-se o mesmo por meios medicamentosos (quinino, extrato de hipófise). O parto será, então, atentamente observado, e o médico praticará uma cesariana à menor dificuldade.

Em geral, recorre-se à cesariana. **Êste** processo apresenta, com efeito, a vantagem **de evitar** aos frágeis nascituros o choque **do nascimento** normal. E obtém-se, assim, as melhores **probabilidades** de ver a criança sobreviver sem incidentes e sem provocar graves incovenientes para a mãe, de tal modo a operação cesariana se tornou fácil em nossos dias.

O PROBLEMA DA GESTAÇÃO PROLONGADA EXISTE, PORTANTO, E VERIFICAMOS QUE, SE NÃO ESTÁ INTEIRAMENTE RESOLVIDO **QUANTO À SUA ORIGEM**, ESTÁ, PELO MENOS, DO PONTO-DE-VISTA DO SEU TRTATAMENTO.

ESPECIALMENTE A ATÔMICA

FÁBULAS PARA TÔDAS AS IDADES



NUNCA "CHALEIRAR" DE MAIS

Por ROBERT M. YODER

LINDÓRIO observara que os empregadores não são universalmente inacessíveis a um pouquinho do antigo modo de tratar. Assim, a frase já muito batida: *"Patrão, o senhor é maravilhoso"* consegue, ainda, ótimos resultados para quem as profere. Em geral, somos polidos com *chefe*, e o tratamos com o respeito que merece, esperando sempre uma oportunidade para uma lisonjazinha. Mas, comparados com Lindório, todos os demais "chaleiras" parecem indivíduos grosseiros até, diante das suas magníficas tiradas.

O patrão de Lindório era o sr. Francisco. Se êste sorria, aquêle gargalhava; e aplaudia todos os seus atos, apenas para estar no lado seguro; quando o sr. Francisco pigarreava, Lindório dava a impressão de ter dormido numa das velhas camisas do seu patrão.

Quando êste comprou uma granja, Lindório passou a mastigar palha. Quando aquêle adquirisse uma residência colonial, podia-se apostar que Lindório passaria a usar polainas e escrever memorandos com as penas utilizadas alguns séculos atrás.

Todos sabiam que o senhor Francisco dava largas ao seu mau gênio, quando viam Lindório se coçando. Em suma, poucos homens e não muitos chefes de escravos seriam capazes de receber um tratamento tão bom quanto o que Lindório dedicava ao sr. Francisco.

Os outros zombavam, mas o sr. Francisco parecia gostar daquele estado de coisas. Lindório era, realmente, um favorito, dentro do escritório. Então, um dia, o patrão apareceu num magnífico automóvel, de côr azul celeste, com linhas maravilhosas, e que dava a impressão de ter uma buzina suave e musical. E a impressão causada ainda foi maior, pois o homem envergava um impecável terno branco. Lindório ao ter conhecimento da novidade, não pestanejou, e tratou de comprar um veículo exatamente igual.

Porém, em vez de afagá-lo com boas palavras, o sr. Francisco passou a tratá-lo de modo rude e grosseiro, que denunciava a tempestade que lhe ia n'alma.

Depois disso, todo o "cartaz" de Lindório junto do patrão desapareceu, na poeira dos meses.

E o motivo de tão desconcertante mutação foi devido ao fato de o sr. Francisco ter pedido o automóvel emprestado ao cunhado, a quem considerava um palerma de primeira classe.

Êsse automóvel dispendioso serviu para fortalecer ainda mais êsse conceito.

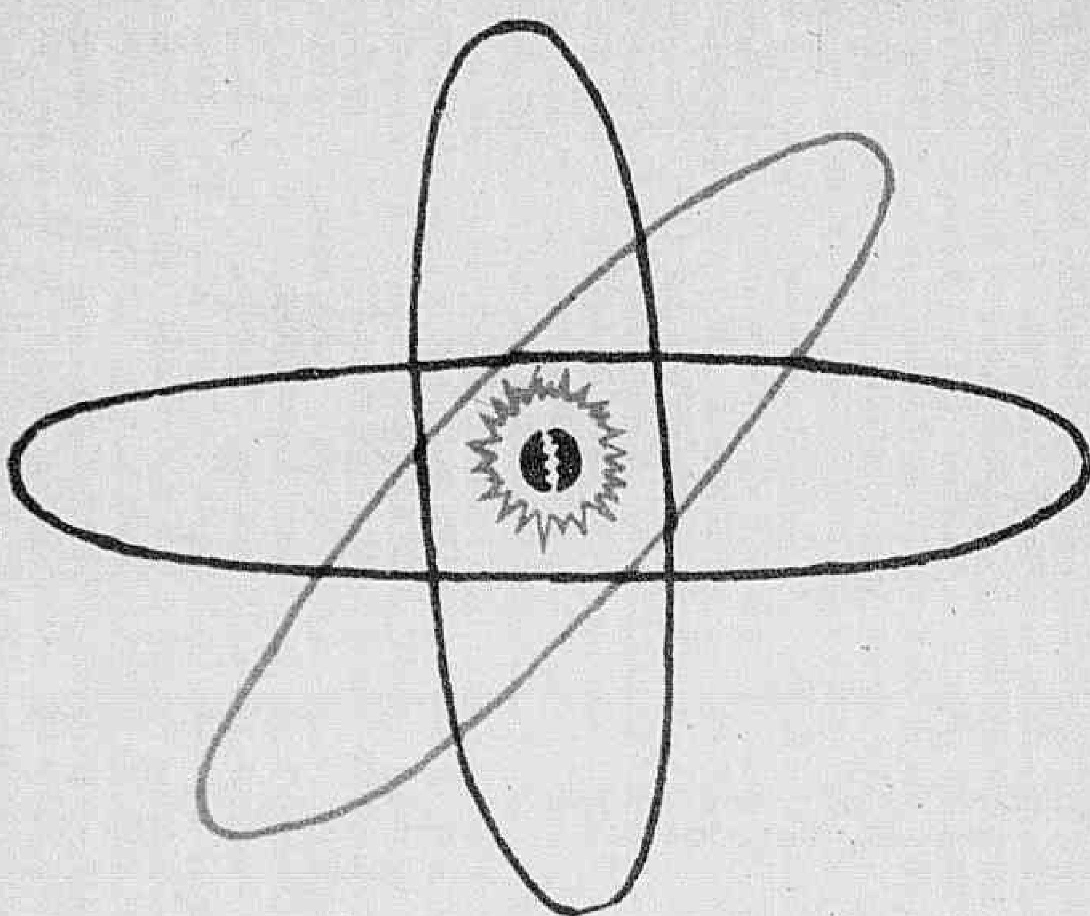


MORAL — Antes de elogiar o patrão, pelo belo peixe que pescou, é preciso ter cuidado. Talvez, ao invés do peixe, êle tivesse tentado pegar uma sereia.



O MINÚSCULO ÁTOMO

LUÍS SILVA IÁU



O átomo, diziam alguns, é a menor partícula de um corpo simples. Ora, a professôra primária não encontra resistência, da parte de seus jovens pupilos, quando afirma que a laranja é uma unidade. Mas, depois que o aluno passa para a série seguinte, aprende que aquela unidade é muito relativa. Pode ser dividida em diversas partes e estas, por sua vez, em outras.

Mais tarde, o jovem estudante vai para a universidade e verifica que não sòmente a laranja, mas outras unidades, ainda menores, admitem o desdobramento. Dentre estas poderia figurar o famoso grão de amendoim.

Durante muito tempo, todo o mundo pensava que amendoim fôsse amendoim mesmo. Um dia, o dr. G. W. Carver demonstrou que aquêle grãozinho podia ser desdobrado em mais de 600 subprodutos.

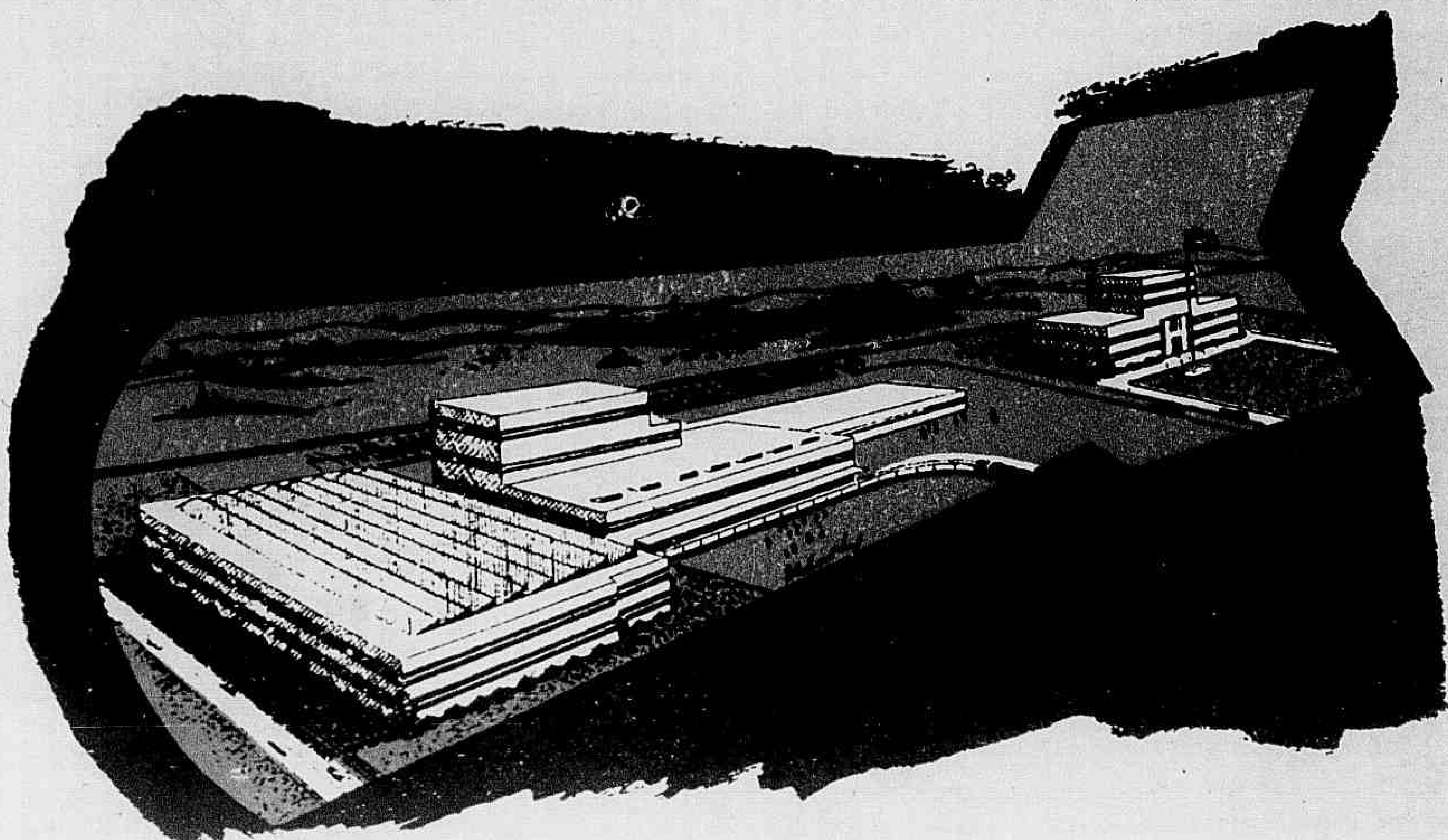
A humanidade é como o aluno da escola primária que está prestando exames para o segundo ano. O átomo é como o amendoim. Todos o julgavam indivisível (como o seu próprio nome indica), mas, com o tempo, os cientistas descobriram que êle se desdobra em muitas partículas, às quais os físiocs chamaram: PARTÍCULAS ELEMENTARES.

Até à presente data já foram identificadas 15 dessas partículas. São as seguintes: Protons, Neutrons, Electrons, Positrons, Mesons Pi positivos, Mesons Pi negativos, Mesons Mu positivos, Mesons Mu negativos, Fotons, Neutrinos, Mesons Pi neutros, Mesons Tau positivos, Mesons Tau negativos, Antiprotons e Antineutrons. Algumas delas deram mostras evidentes, embora indiretas, de sua existência; outras deixam ainda em dúvida os maravilhados pesquisadores dos fenômenos nucleares, devido às esquisitices e alternativas dos sintomas de sua existência; outras, ainda, parecem significar importantes verdades há séculos procuradas pela espécie humana.

Todos os assombrosos e admiráveis fenômenos estudados pela física nuclear ocorrem provocados por estas quinze PARTÍCULAS ELEMENTARES. Elas constituem a base do mundo material em que vivemos. Formam um reino de maravilhas, no qual o físico imerge extasiado.

Os cientistas aprenderam a isolar algumas delas e a utilizá-las. Conseguiram, por exemplo, lançá-las, à guisa de projétil do interior de complexos aparelhos, sôbre alvos, onde certos fenômenos deveriam ocorrer. Tentaram, também, com operações idênticas, atingir os núcleos dos átomos — tentativa, aliás, bem sucedida. O bombardeio do núcleo do átomo, com a sua conseqüente desintegração, constitui, aliás, uma das mais altas conquistas da humanidade.

O govêrno dos Estados Unidos, em certa época e para conhecimento público, liberou os fatos



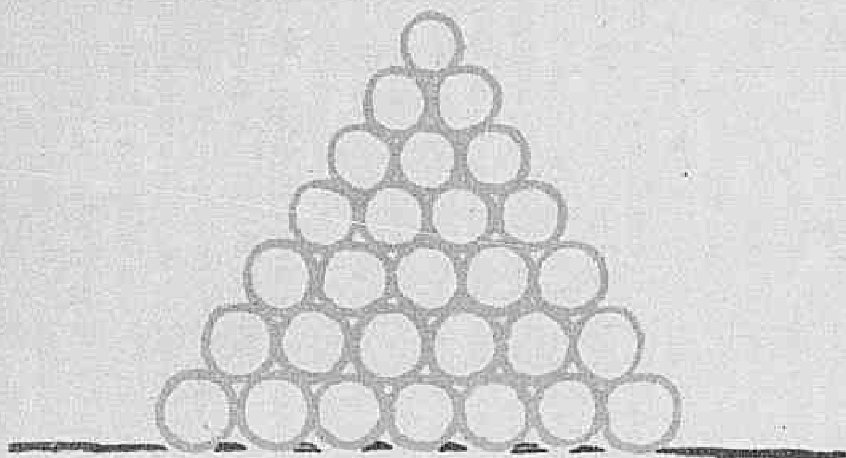
A fábrica de bombas atômicas... o lugar mais inofensivo do mundo!

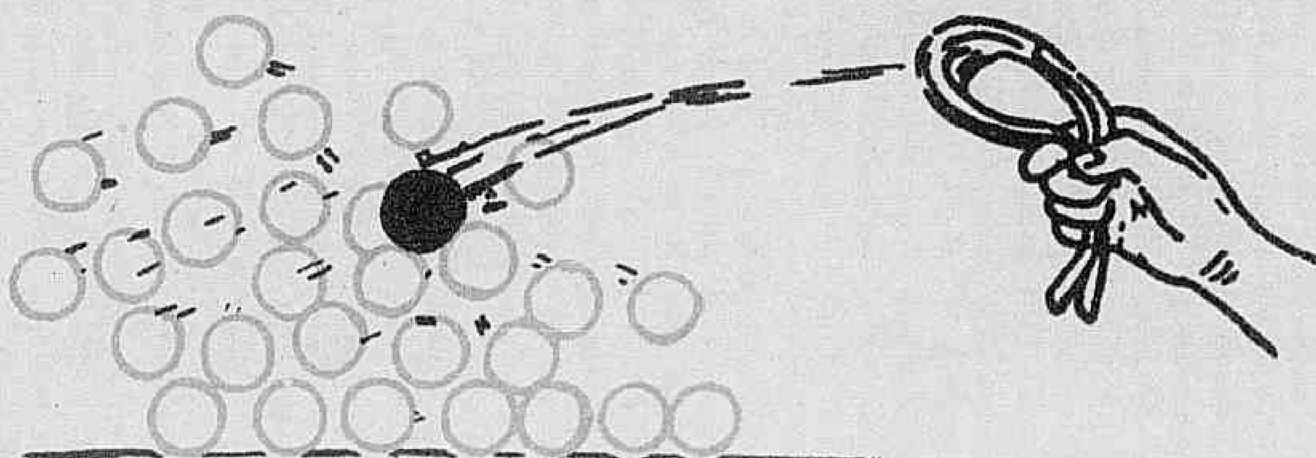
básicos sôbre o andamento das pesquisas atômicas bem como sôbre as bombas de **urânio 235** e de plutônio. Parece que reservou em custódia, apenas, os detalhes técnicos e militares. É provável que aquela atitude pudesse ser expressa, mois ou menos, assim: «Eis aqui os segredos. Quem quiser faça uma bomba atômica baseado nestas informações.»

Cumpre dizer, entretanto, que o ponto mais importante das pesquisas atômicas não é a bomba, mas as perspectivas que se abrem nos diversos ramos do saber humano. A medicina, especialmente, muito poderá evoluir com as descobertas e avanços da física.

O leitor atual é muito mais culto, em média, que seus antepassados de alguns séculos atrás. A divulgação literária e científica, efetuada pela Imprensa, muito concorre para a melhoria do padrão intelectual do povo. Cremos que a difusão das descobertas feitas no campo da física nuclear poderão inspirar a muitos moços para que se lancem nos domínios da medicina, da engenharia e de outras atividades, desbravando regiões do conhecimento ainda encobertas ao gênero humano e, sem dúvida, ricas de benefícios para esta humanidade sofredora.

O átomo é uma das complexas peças da engrenagem universal. De um modo absoluto, ninguém sabe como êle é. Admitimos, contudo, que apresenta certas reações em face de determinados fenômenos. Os cientistas imaginaram fatos que interpretaram perfeitamente a realidade, embora não saibam muito sôbre a exatidão de certos detalhes. É como se alguém, antes de ir a New York, tivesse uma descrição teórica de todos os aspetos daquela cidade. Certamente que tal pessoa ficaria conhecendo muitas verdades sôbre aquela metrópole, sem que jamais a tivesse visto. Assim é a teoria atômica. Ninguém viu o átomo, mas pode imaginar como êle é.

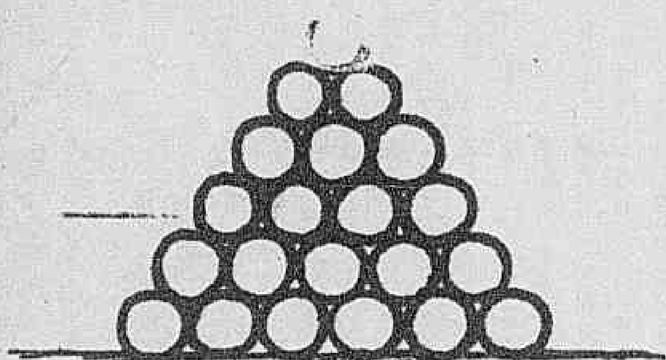


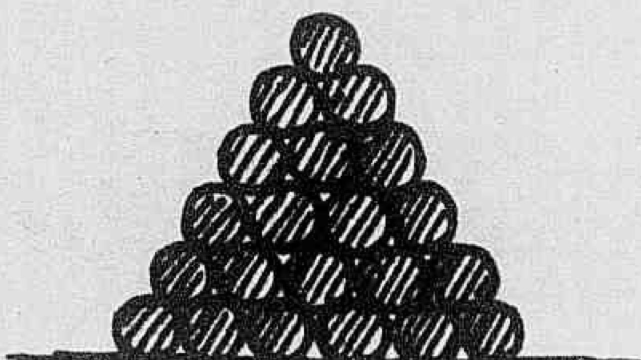


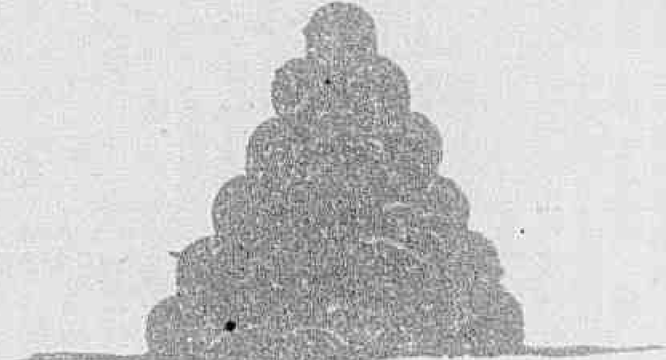
Podemos compreender alguns dos fenômenos atômicos, recorrendo a algumas imagens. Vamos figurar uma pirâmide de bolas de bilhar. Admitamos que ela represente um átomo. Vamos, agora, girar um fio, com uma pedra na ponta, a grande velocidade. Em dado instante, quando a pedra estiver animada de um intenso movimento rotativo, soltá-la-emos em direção à pirâmide de bolas.

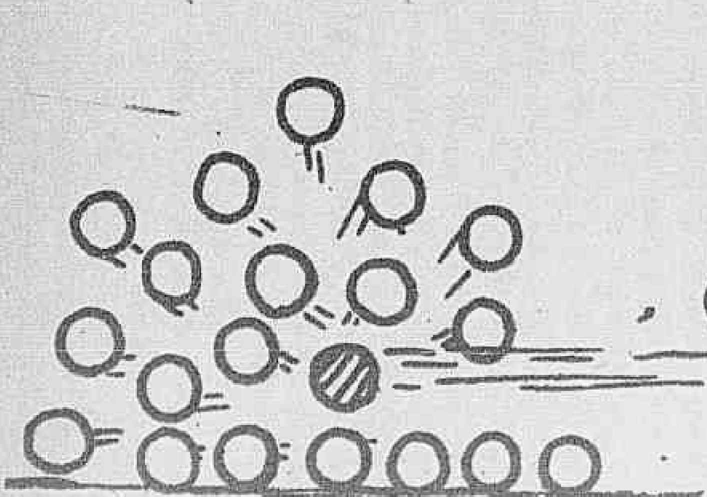
Que acontecerá? A pirâmide se desfará. A imagem acima ilustra o seguinte: a pirâmide é o átomo; a pedra é a partícula-projétil que o desintegra; a funda é o ciclotrom. Note-se que a imagem é tôsca. Na prática o ciclotrom não opera nas mesmas condições tão simplesmente descritas. É, no entanto, nada mais do que um aparelho destinado a imprimir movimento rotativo, uniformemente acelerado, à uma partícula subatômica, que, em dado momento, é lançada sôbre um alvo, igualmente atômico. Assim arremessada, a partícula se torna portadora de grande energia e velocidade.

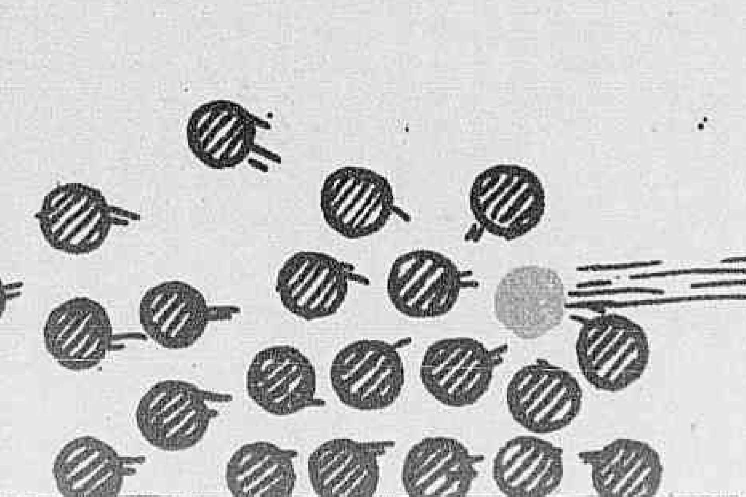
Suponhamos, agora, várias dessas pirâmides, dispostas sôbre um tablado. Admitamos que se atirarmos uma bola isolada sôbre uma delas, a mesma, imediatamente, ruirá e as bolas que se espalharem pelo tablado irão determinar o des-

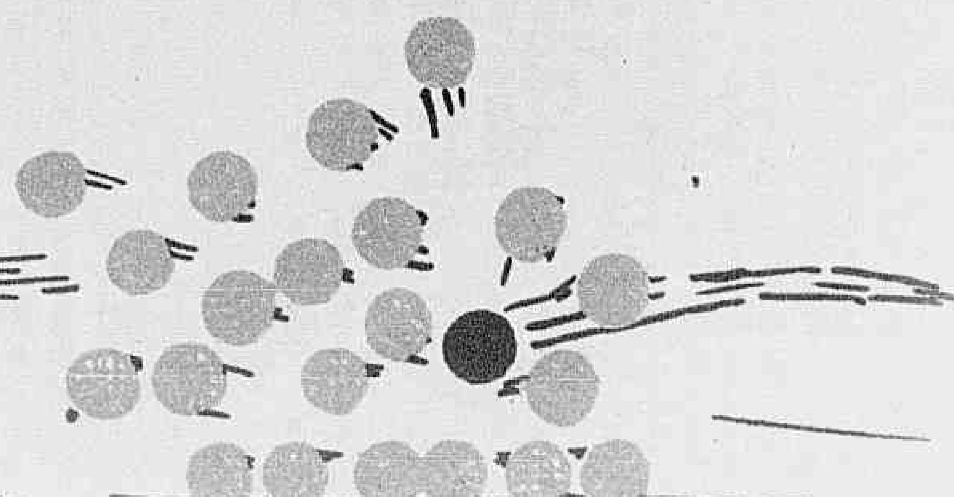




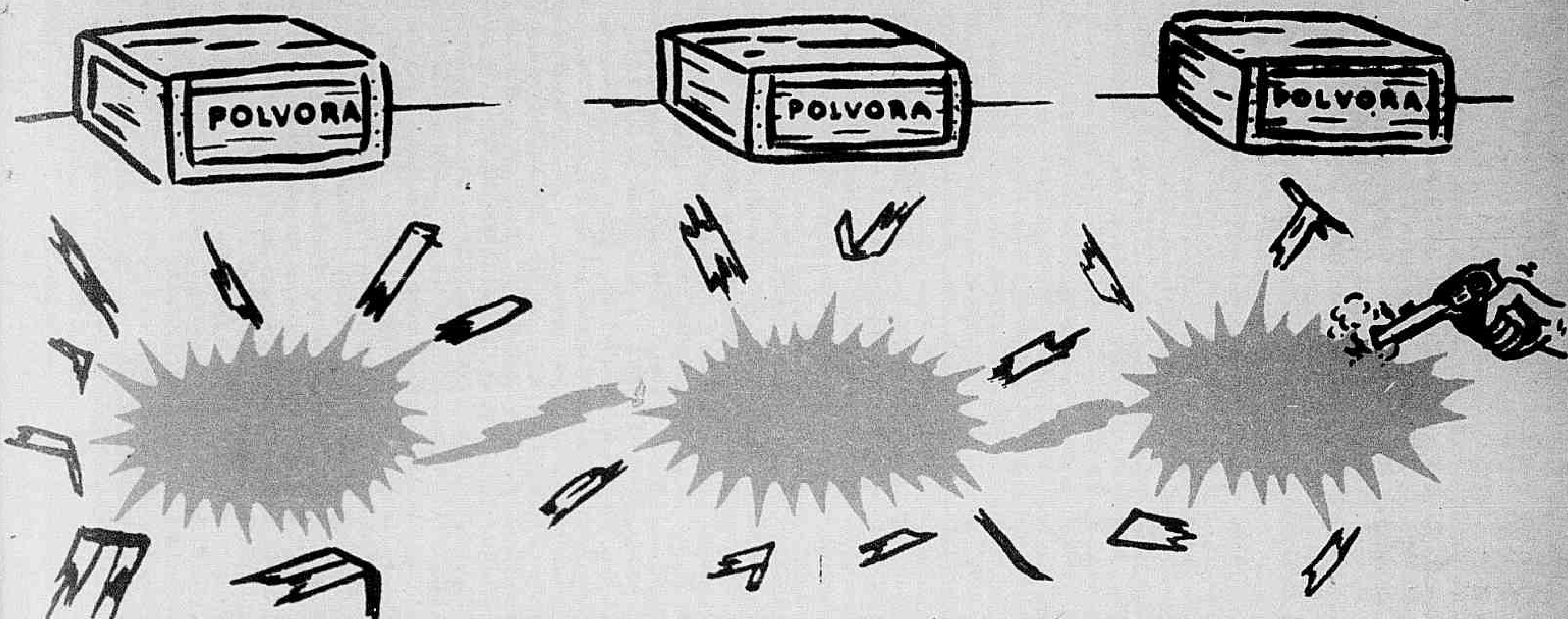








mantelamento das pirâmides circundantes. Pois bem, idênticamente um átomo pode ser imaginado como um conjunto que se desfaz ao ser atingido por uma parte estranha a êsse conjunto. Ao se desfazer, espalha muitas outras partículas constitutivas que, lançadas em várias direções, vão alcançar os átomos circunvizinhos. Com êstes



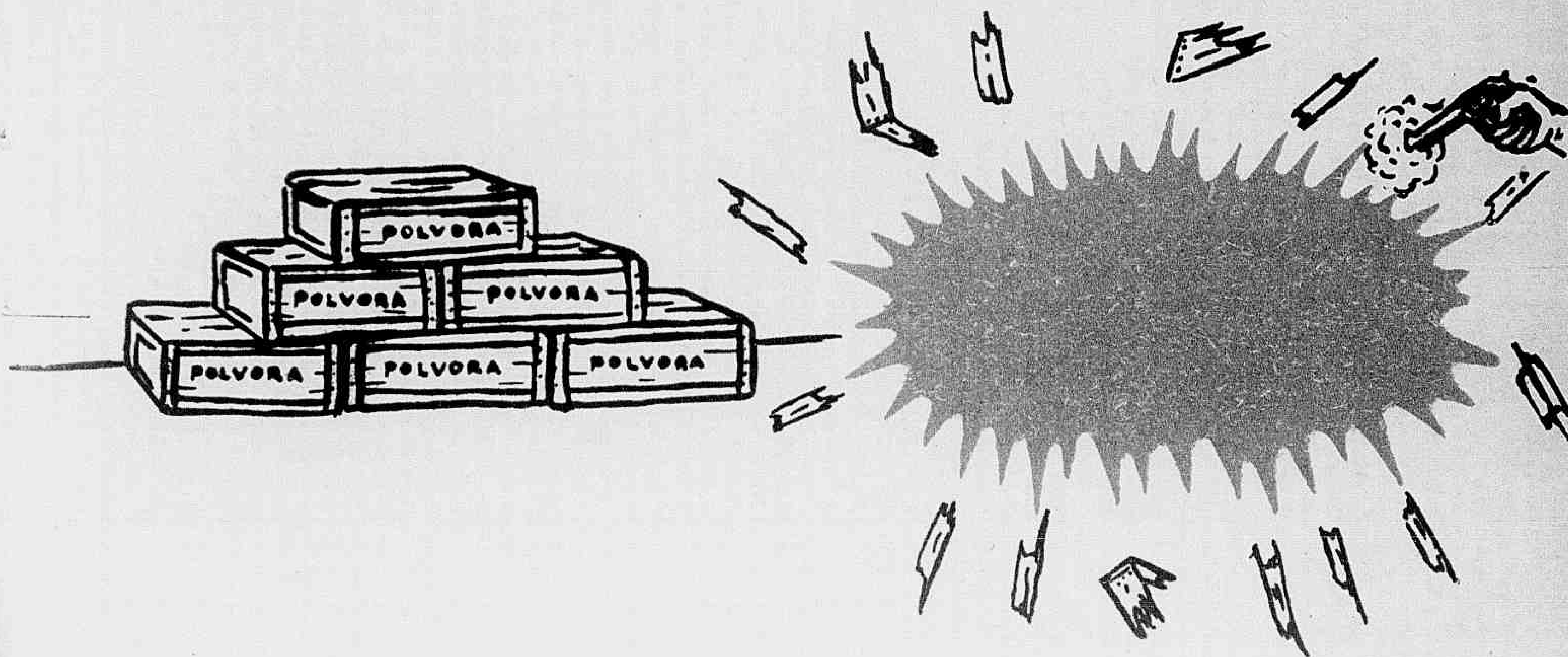
ocorre o mesmo e assim sucessivamente. Isto é o que se chama de **reação em cadeia**.

Façamos uma outra comparação. Imaginemos que um átomo seja comparável a uma caixa de pólvora. Se dermos um tiro na caixa ela, certamente, explodirá; e isto ocorrerá à proporção que o fogo se fôr transmitindo a caixa por caixa. Neste caso, a bala foi a partícula subatômica que atingiu o primeiro átomo (representado pela caixa de pólvora); e as explosões sucessivas, que se foram transmitindo de caixa em caixa, representam a reação em cadeia.

Vamos, agora, imaginar, ainda, uma outra figura: suponhamos que as caixas acima mencionadas estejam tão próximas umas das outras, que as explosões, transmitidas de caixa em caixa dêem a impressão, pela rapidez, de se tratar de uma **única** explosão. Semelhante seria o fenômeno que determina a explosão atômica. Vários átomos se desintegram **em cadeia**, em um espaço de tempo tão curto, que o efeito é o de **um fenômeno momentâneo** e **único**. Então, diríamos que a explosão atômica nada mais é do que uma reação em cadeia, **que ocorre em frações de segundos**. Um átomo é cindido e emite partículas que vão cindir outros átomos. Tal é a reação em cadeia, que, sendo rápida, é chamada: — explosão atômica.

Quando fazemos um castelo de cartas, verificamos que, quanto maior o castelo, mais fácil se torna o seu desmoronamento. Os cientistas verificaram que os átomos muito complexos, como os de urânio, são mais fáceis de desmoronar do que outros, menos complexos. Se pudéssemos ver um átomo de hidrogênio, verificaríamos que êle constitui um castelinho muito simples e estável, ao passo que um átomo de plutônio é uma enorme construção, cujo equilíbrio pode ser perturbado de um modo relativamente fácil.

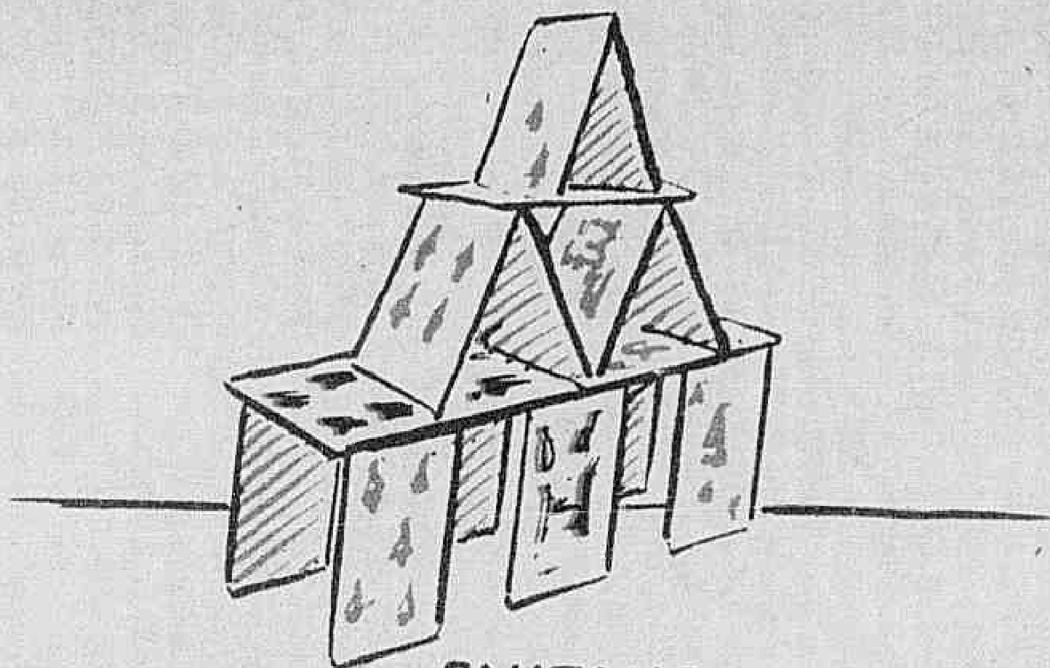
Ao fazermos um castelo de cartas ou ao montarmos uma pirâmide de bolas de bilhar, notamos que as cartas ou bolas que servem de base são as mais importantes na construção. Os cientistas notaram que no **edifício atômico** também existe **uma base** a que chamaram **núcleo**. Ora, quando

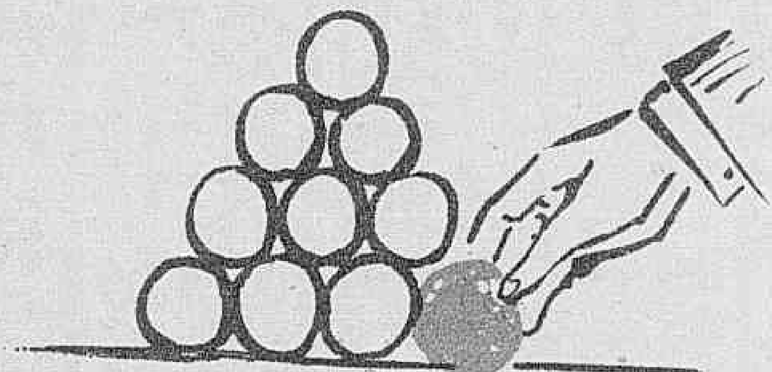


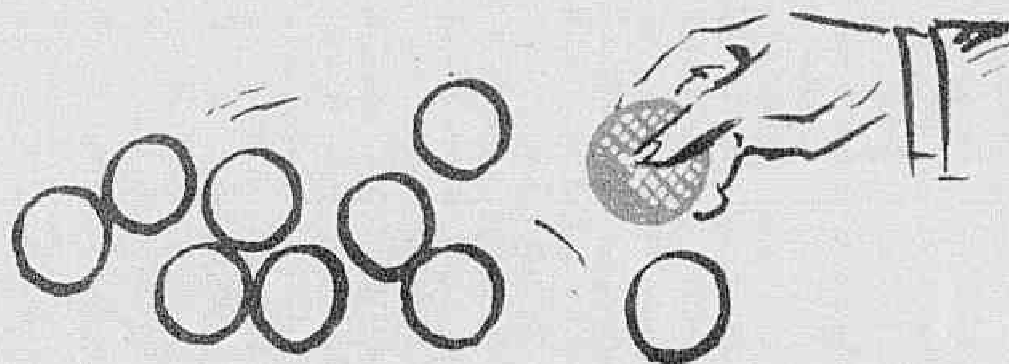
queremos destruir um castelo de cartas, puxamos uma daquelas que servem de base. O mesmo faríamos numa pilha de bolas de bilhar. No átomo sucede a mesma coisa. Para desagregar um átomo convém abalar a sua **base**, isto é, o seu **núcleo**. A isto os cientistas chamam **fissão nuclear**. Ocorrendo a fissão de um átomo, isto é, ocorrendo a desagregação do seu núcleo, todo o resto de seu conjunto sofre as conseqüências dêsse fato. Os fenômenos de reação em cadeia giram em tôrno do exposto.

Diríamos, resumindo, o seguinte: para fazer explodir um átomo, os cientistas bombardeiam o seu núcleo com um pequeno projétil denominado neutron. Êste, uma das partículas subatômicas ou **elementares**, ao atingir o núcleo do átomo bombardeado poderá não causar efeito algum; mas, se o átomo-alvo fôr muito complexo, como no caso do urânio 235, a partícula-projétil determina a ruptura do átomo atingido. Êste, ao romper-se, emite outros tantos neutrons que, por sua vez, vão bombardear os núcleos dos átomos de urânio adjacentes — e assim por diante.


HIDROGENEO


PLUTONEO





Desde que os cientistas tinham os meios de bombardear os núcleos e desde que sabiam que um átomo de urânio, uma vez bombardeado, emite partículas capazes de cindir outros núcleos, o que desejavam, agora, era uma continuação do fenômeno, **controladamente**. E, assim, surgiu a **pilha atômica**. Esta é nada mais do que um grande e complexo conjunto destinado a produzir uma **reação em cadeia-controlada**.

Um ciclotrom emite partículas-projéteis capazes de bombardear o núcleo de um átomo. Uma pilha atômica é capaz de dar início e **conservar sob contrôle** uma reação em cadeia. Os homens conseguiram, com a pilha atômica, o velho sonho dos alquimistas, da transmutação da matéria, pois naquela se opera a transformação do urânio em plutônio.

A idéia de construir uma bomba atômica surgiu, provàvelmente, da noção de **reação em cadeia**, sob forma violenta. Em várias partes do mundo, grupos de cientistas trabalharam, febrilmente, no sentido de alcançar a primazia, na corrida pela fissão do átomo. Coube aos Estados Unidos o primeiro lugar.

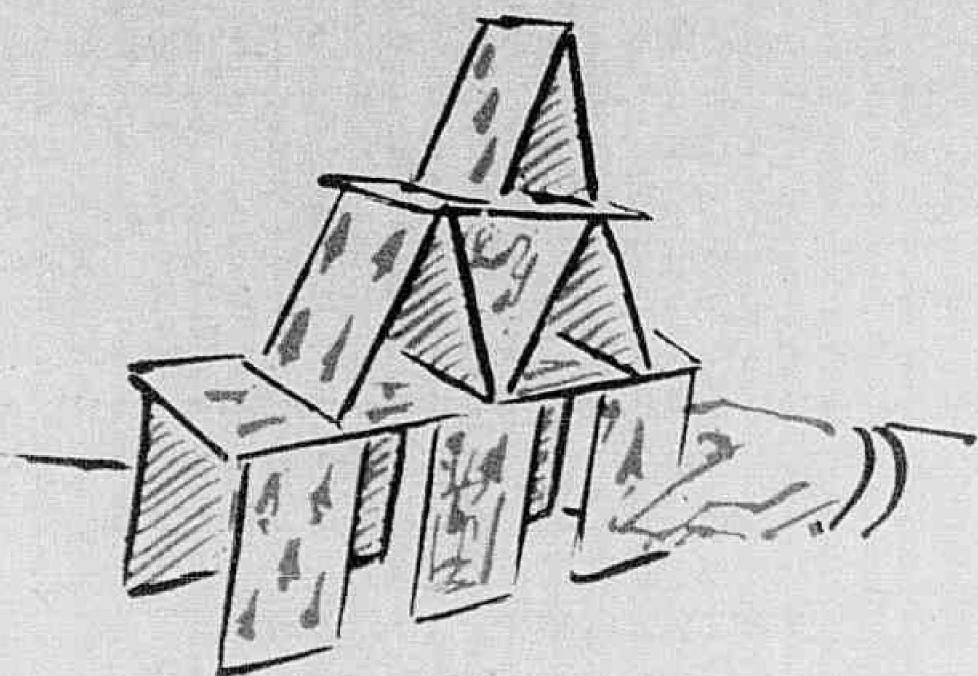
Em um bastão de urânio 235 ou de plutônio ocorre sempre o fenômeno da reação em cadeia, mas sem características suficientemente rápidas para que resulte uma explosão. Quando, entretanto, a quantidade daqueles metais e a sua concentração, por unidade de espaço, forem muito grandes, a reação se acelera de tal modo que ocorre a explosão atômica.

Que é a bomba atômica? É (segundo os informes dados à público por parte das autoridades competentes) **um complexo conjunto, cuidadosamente planejado, cujo objetivo final é a aproximação rápida de duas massas de urânio 235 ou de plutônio**. Existe uma quantidade dêsses metais denominada **massa crítica**. Quando o intrincado mecanismo de uma bomba atômica aproxima duas quantidades daqueles metais, formando a **massa crítica**, ocorre a **explosão atômica**.

Uma pergunta estará, possìvelmente, bailando no espírito do leitor: **«Por que 50 libras de urânio 235 ou de plutônio é que explodem e não uma quantidade menor?»** — Responderemos com uma ilustração. Suponhamos que o leitor pretenda assistir a um estouro de boiada. A primeira condição para tanto seria obter um certo número de bois reunidos. Cinco, seis, sete ou até mesmo quinze bois não seriam suficientes. Êles poderiam, depois de assustados, sair correndo, cada um numa direção; mas isto estaria muito longe de preencher os requisitos daquilo a que chamamos: **Estouro da boiada**. Digamos, agora, que 40, 70 ou 100 bois estão reunidos; uma vez assustados, causariam pânico, destruição e perigo catastróficos. Isto já poderia ser chamado de **estouro**. Com os átomos ocorre o mesmo. São necessários uns tantos átomos, dentro de certas e determinadas

condições, para que possa ocorrer aquilo a que chamamos de **explosão atômica**. A essa quantidade de átomos, chamamos: **Massa crítica**.

Nos eventos atômicos, não considerando o ponto-de-vista bélico, a pilha atômica assume



maior importância do que a bomba. Esta determina uma explosão com efeitos destruidores. Aquela é um aparelho capaz de **iniciar e conservar**, sob **contrôle**, uma reação em cadeia!

Na pilha atômica são colocados bastões de urânio 238, os quais encerram uma baixa porcentagem de urânio 235 em sua massa. Normalmente, êstes bastões emitem partículas subatômicas, provenientes da lenta, mas constante reação que se processa no seu interior. Tais partículas se perdem no espaço ou têm a sua energia muito dissipada. No interior da pilha, entretanto, essas partículas ficam circulando até encontrar o núcleo de um átomo de urânio, transformando-o em plutônio. Ou, ainda, podem atingir átomos daquele corpo, cindindo-os, com a conseqüente emissão de outras partículas circulantes.

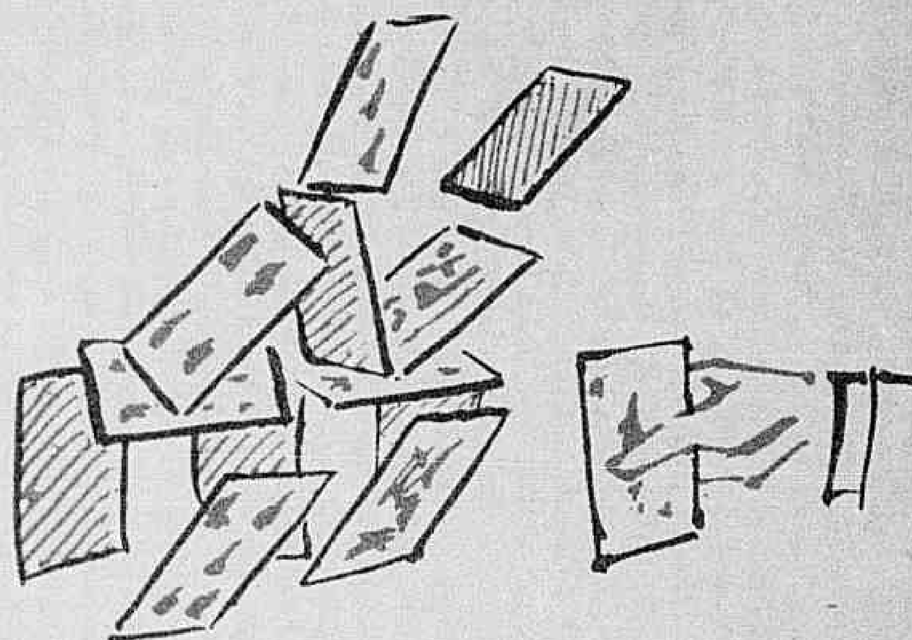
A reação que se processa numa pilha atômica seria crescente e assumiria proporções em extremo violentas **se não houvesse um sistema de contrôle**. Êsse contrôle, entretanto, pode ser feito através do uso de bastões de cadmio, os quais, uma vez



mergulhados no interior da pilha, arrefecem a intensidade da reação que ali se processa. Quanto maior fôr o número de bastões de cadmio utilizados, tanto mais a pilha reduzirá a marcha do seu funcionamento.

Os bastões de urânio, uma vez tratados na pilha atômica, saem ricos em plutônio, em virtude da transmutação então efetuada. Êsse plutônio pode ser utilizado em bombas atômicas ou outros fins. O urânio 235 existente nas massas de urânio 238 também pode ser aplicado nas bombas atômicas, mas a sua separação é extremamente difícil e dispendiosa.

É curioso lembrar que a pilha atômica constitui uma tremenda fonte de energia calorífica isenta, entretanto, dos fenômenos de combustão. Volumosas quantidades de água são necessárias para controlar a temperatura de uma pilha atômica em



funcionamento. Êste fato despertou a idéia de alguns quanto ao seu emprêgo como fonte produtora de vapor para movimentar uma turbina. Foi quando surgiu o submarino atômico. Êste é, tanto quanto se saiba, um submarino, cujas turbinas propulsoras têm sua fonte calorífica em uma pequena pilha atômica. Apesar de se conhecer muito pouco quanto aos detalhes dessa realização, cabe esperar que, proporcionalmente à energia calorífica produzida, a pilha atômica para isto utilizada ocupe pouco espaço.

Admite-se que maiores horizontes se abram, num futuro próximo, em conseqüência de novas descobertas no ramo nuclear. Não esperamos benefícios, sòmente, no aumento de confôrto de nossa vida diária, mas contamos com a solução de muitos dos males humanos — inclusive o câncer — com base na evolução do estudo do átomo.

Do ponto-de-vista filosófico e científico muitos são os frutos da teoria atômica moderna. Um dêles é extremamente curioso: **Um átomo de hidrogênio é a mais simples constituição atômica de que se tem conhecimento**. Vários cientistas admitiram, então, a hipótese de que aquêle gás seja o **elemento fundamental, do qual tôda a matéria se origina.**

Outra conclusão curiosa é a seguinte: os homens estão voltando, pela primeira vez na História, os seus olhares para o mundo constituído pelo **inconcebìvelmente pequeno**. É fácil volver, à noite, os olhos para o céu, e contemplar as maravilhas do **infinitamente grande**. Entretanto, só com o advento atômico é que a idéia do **infinitamente pequeno** começa a ocupar a mente de alguns.

Quais serão os próximos passos nesta maravilhosa senda do conhecimento humano?

O RISO EM REDOR

AUSTRÁLIA — O seguinte anúncio apareceu numa revista de cultura física: — "Eis um bom teste para os músculos do abdome. Ponha as mãos sôbre a cabeça e junte os pés, no chão. Em seguida, force os quadris para a direita e curve-se para o lado esquerdo, apoiado no pé correspondente, como se fôsse sentar. Finalmente, mediante contrôle muscular, erga o corpo, incline-se para a esquerda, sentando-se no chão, à direita de seus pés. Pratique o exercício uma semana e informe-nos do resultado."



A primeira carta que chegou à redação da revista dizia, simplesmente: "Hérnia".



INGLATERRA — Um jovem estudante se encontrava numa aldeia desconhecida de Sussex e olhava em redor com o ar desanimado de quem se encontra perdido. Aproximou-se de um fazendeiro, que lhe pareceu ter um olhar genial e falou:

— Poderia fazer o obséquio de informar qual o caminho para a agência dos Correios?

— *Sim* — respondeu o fazendeiro; e, sem dizer mais nada, afastou-se.

Mas, não havia caminhado cinquenta metros, quando começou a sentir a consciência doer. Talvez o rapaz estivesse esperando uma carta da família, de um emprêgo ou, mesmo, aguardasse notícias de alguém que estivesse doente...

— Isto não posso fazer! — pensou o fazendeiro. — Creio que devo voltar e mostrar o caminho ao rapaz.

E, assim, o fazendeiro de olhar genial fêz meia-volta e acercou-se do rapaz, que continuava com aquela expressão de desamparo.

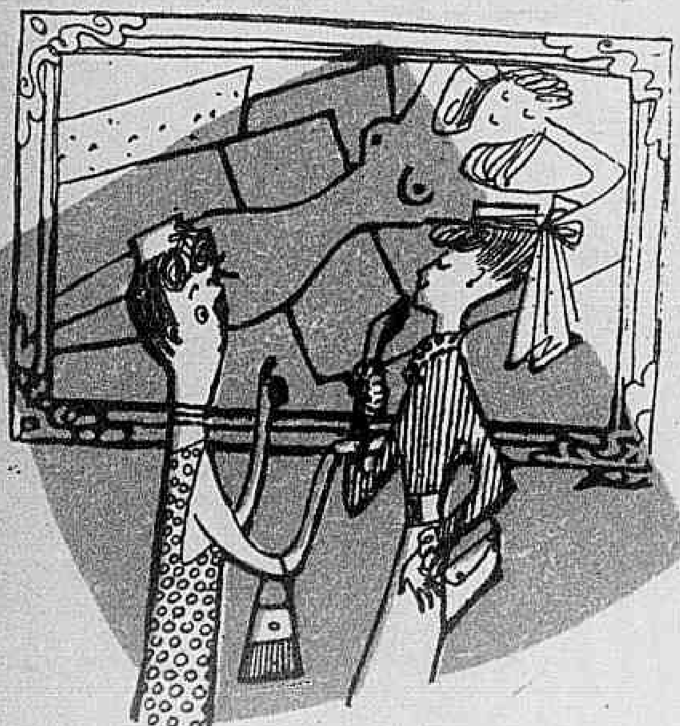
— Meu caro senhor... — disse êle, procurando desculpar-se. — Fui bastante rude, há pouco, e peço-lhe que me perdoe. O senhor queria saber qual o caminho para a agência dos Correios, não é?

— *Não* — respondeu o estudante. E afastou-se, sem dizer mais nada.



ESTADOS UNIDOS — Que pode fazer uma espôsa para tornar-se obediente e meiga? — Amá-lo! — trovejou a Suprema Côrte de Washington. — Amando-o, ela esquecerá seu mau gênio, perdoará suas faltas e terá, sempre, o coração sem rancor e feliz. Também acabará reformando o marido para melhor.





ITÁLIA — Um habitante de pequena aldeia, próxima a Nápoles, faleceu e a viúva chorou a sua morte no tradicional estilo italiano, com lamentações sinceras e vibrantes. Quando um "medium" de Florença chegou à aldeia, para uma breve estada, a viúva foi consultá-lo. Sem perda de tempo o "medium" fê-la entrar em comunicação com o falecido.

— Giovanni, você está feliz, agora? — perguntou a mulher.

— Sou muito feliz, sim! — replicou o espírito de Giovanni.

— E' mais feliz do que quando vivia ao meu lado, aqui na terra?

—Sim; bem mais feliz do que ao seu lado, aí na terra.

— Diga-me, Giovanni. Como é a vida aí no céu? — tornou a indagar a viúva.

— Céu?! — exclamou o espírito. — Não estou no céu!

R DO MUNDO

NOVA GUINÉ — Um capitão de *fuzileiros*, de Norfolk, Estado de Virgínia, Estados Unidos, contava que, certo dia, enquanto ainda se encontrava embrenhado na selva, foi dar com uma tribo de canibais, que estavam a ponto de efetuar o seu r e p a s t o favorito.

"Êles gostavam do prato ensopado em môlho" — informa o capitão em seu relatório.

Ao que parece, o chefe da tribo acabou por dizer ao oficial americano que, até pouco tempo antes, estudara em colégio norte-americano.

— Quer dizer que, apesar de haver cursado um bom colégio, ainda continua comendo carne humana? — indagou o espantado fuzileiro.

— Oh, sim! — replicou o chefe. — Mas, naturalmente, agora, utilizo garfo e faca.



★

FILIPINAS — Esta foi contada por um advogado que gostava de repetir a história, constantemente, em grupos onde a profissão legal estivesse bem representada:

"Uma mulher filipina, espôsa de famoso ladrão, estava sendo interrogada por um promotor público.

— E sabia que êsse homem era um ladrão, quando casou com êle? — perguntou o representante da Justiça.

— Oh, sim! — respondeu a mulher, calmamente.

— E, então, por que o desposou? — insistiu o promotor.

— Senhor — redarguiu a mulher, sem se perturbar — já era tempo que eu contraísse matrimônio, e a única outra proposta que tinha era de um advogado.

AUSTRÁLIA — Deve um marido ser condenado porque gritou com a espôsa?

— Não, porque, mesmo a melhor espôsa dêste mundo, às vêzes, provoca o marido, fazendo-o perder o contrôle dos nervos — declarou a Suprema Côrte de Sydney.

★

PORTUGAL — Um pequeno pergunta a outro: — És capaz, ó Paiva, de dizeres, imediatamente a nacionalidade de qualquer pessoa por quem eu te pergunte?

— Pergunta lá, sou capaz de dizer a nacionalidade de tôda a gente.

— Então, lá vai: — Um homem, que nasceu em Lisboa, de pais portuguêses, que foi educado em Coimbra e que morreu no Pôrto, o que é?

— É português, já se vê, cabeça de burro.

— Vê lá como te enganaste, idiota! É um cadáver!...

★

FRANÇA — Duas jovens elegantes entraram numa "galeria" de quadros, em Paris, e ficaram apreciando as telas ali expostas.

Sùbitamente, tiveram a atenção atraída para um nu que apresentava extrema semelhança com uma delas.

— Minha cara Amélia — falou uma delas — não precisamos guardar segredos entre nós. Aquela ali não é uma perfeita reprodução da tua imagem? Realmente, eu não sabia que posavas para os pintores!

— Mas, Beatriz — protestou Amélia — naturalmente que não posei. Êsse quadro foi pintado *de memória*.



A FESTA DA FRATERNIDADE



Por NARD JONES ★ Tradução de SYLVIA JAMBEIRO

Aqui fica êste lembrete para aquêles que parecem ter perdido o espírito amistoso do Natal...

A campainha do ditafone, sôbre a mesa de Sanford Bain, insistiu num chamado imperativo. Bain olhou para o instrumento, com impaciência, e, finalmente, estendeu, preguiçosamente, a mão para atender. Era Nora, sua secretária, que o chamava, perguntando se podia entrar para tratar da lista do Natal. Cartões de Natal! Enfim, tinha mesmo que cuidar disso! A lembrança atrasada do Natal perturbou-o. Êle sabia que não era apenas implicância — era algo mais do que o símbolo do homem neurastênico, que não quer mais saber de andar de loja em loja, fazendo compras.



Deu de ombros, enquanto, mentalmente, preparava uma lista prática do que iria comprar: algo bem dispendioso para Júlia, sua espôsa, seria bom. Parou um pouco, tentando recordar-se de quanto tempo teria passado, desde quando êle deixara de ir às lojas comprar bugiganga, que embrulhava, cuidadosamente, para enfeitar a árvore simbólica; e quanto tempo, desde que Júlia deixara de ir, entusiasmada, fazer também suas compras, entre as quais havia, sempre, um presente para êle, escolhido com carinho e, por vêzes, com certo humor, numa crítica indireta e divertida, a algum dos seus desleixos bem masculinos.

Percebeu, de repente, que há tempos vinha evitando o espírito amistoso e contagiante do Natal. E respirou, fortemente, desanimado; fêz rodar a cadeira em que estava. Chamaria Nora e ordenaria que comprasse as habituais garrafas de uísque e caixas de charutos para os fregueses antigos; depois, passaria os olhos pela lista dos cartões que era obrigado a enviar e escreveria a circular anual de Natal... Mas, por que Nora não o lembrara antes, para enviar a correspondência de Natal? Geralmente, ela o avisava antes do dia 10, para dar tempo bastante...

— O senhor não estava com muita disposição para isso — respondeu Nora, quando êle fêz a pergunta.

E ela sorrira, ao falar; mas sem alegria ao responder. Nora era uma moça alta, esbelta, muito simpática, com sua saia escura e blusa de sêda branca, característica das moças de escritório. Começara a trabalhar para êle quando muito jovem ainda, e, agora — observava êle — era uma mulher de trinta e tantos... Bain julgava conhecer qual o grau de amizade entre êle e a secretária, e o mesmo se dava com Nora Crawford; mas, nem um nem outro tinha, afinal, uma idéia exata a respeito. A convivência os tornara compreensivos, e havia uma combinação, quase perfeita, no sistema de trabalho de ambos. Mas, estavam longe do padrão de amizade fictícia e cinematográfica e, embora Bain e Nora sentissem uma certa atração mútua, as relações entre êles nunca passaram das estritamente necessárias para o bom andamento do escritório.

— Se você não me acha com muita disposição — respondeu Bain, tentando esconder o fato de que o comentário dela o intrigara de certo modo — então, vou incumbi-la de escrever a circular para mim.

Nora moveu a cabeça, dizendo: — Devem ser escritas pessoalmente **pelo senhor**! Trarei alguns cartões também, se quiser. A lista é a mesma do ano passado?



Olhando em redor de si, na sala, procurando sua espôsa, Sanford notou que aquêle era o mais estranho grupo que já vira em sua vida numa recepção.

— Sim... acho que sim... Nora hesitou um pouco e depois disse: — Mr. Bain, há uma festa de Natal, segunda-feira, à tarde, e eu acho que o senhor deve comparecer!

— Ora, você sabe que eu não sou muito dessas coisas... Por que devo ir? Quem vai dar esta festa?

— Não devo revelar isso — respondeu ela. — Mas, confie em mim e compareça, ainda que por pouco tempo. Deve ir! Será no «Cork Room», em Gravely House, às duas horas.

— Mas... — Porém, logo desistiu, pois Nora saíra, fechando, mansamente, a porta. Nora não costumava ser assim misteriosa para

com êle, mas tantas coisas estranhas haviam sucedido êste ano...

Lembrou-se, então, da visita que fizera a um psiquiatra, seis meses atrás. Tudo começara quando êle notou que tinha repentinas crises de nervos e de irritação, sentia um calor estranho no peito e desabafava com palavras ásperas e duras. E, como êste estado progredisse, até que chegou a senti-lo como um mal físico, resolveu



Nora sorria, mas sem alegria. Era ela alta, sedutora...

consultar John Martin, o velho e fiel médico da família.

— Não vejo nada errado em você, Sanford — respondeu Martin. — E entre você e Júlia vai tudo bem?

— Acho que sim; uma discussãozinha, de vez em quando, porém nada de sério; o casamento de Kim e sua chamada para o Exército...

— Claro, claro — disse o dr. Martin, acenando com o estetoscópio que tinha na mão. — São coisas banais, cotidianas e que têm mesmo que acontecer, Sandy! Você e Júlia vão **navegando**, como de costume, pelo **mar do matrimônio**; é assim mesmo! E no escritório? Tudo correndo bem?

— Sim, sim, naturalmente — disse Bain, enquanto apertava o nó da gravata mais do que o necessário e com certo nervosismo que não passou despercebido ao doutor.

— Já pensou, alguma vez, em consultar um psiquiatra?

Bain olhou para o médico e arregalou os olhos, perguntando:

— Acha que estou maluco?

— Não quero dizer isso; mas, às vêzes, não é má idéia consultar um psiquiatra, principalmente quando se começa a olhar para dentro de si mesmo e não ver mais ninguém!

— Que está você dizendo? — perguntou Bain, num desafio.

— Isso mesmo, Sandy — respondeu o médico, com um sorriso. — Você está ficando muito desconfiado, sempre com as pedras nas mãos, como se costuma dizer...

— Ora, John... Você mesmo disse que não encontrou nada funcionando mal em mim; logo... bem, talvez... eu não sei, mas a vida não tem mais graça para mim. Isso me põe doido mesmo!

— É verdade, sim — concordou o médico — no final das contas, todo ser humano normal é um revoltado interior, porque se julga burlado na luta diária; porque se preocupa com o futuro dos filhos e porque vê tanta fôrça e poder empregados para o mal...

E, no final, com certo jeito, Martin convencera-o de que devia ir a um psiquiatra. Depois da segunda visita o especialista disse a Bain que nada podia fazer:

— O senhor não confia em mim — comentou o psiquiatra. — Gostaria de ajudá-lo, mas não posso! Não chego, mesmo, a saber se há alguém no mundo em quem o senhor confie. Desconfiança exagerada, mr. Bain, é um mal progressivo!

E, agora, vendo que se esquecera completamente do Natal, com um certo mal estar, recordou as palavras do especialista. Mas, as consultas e o tratamento haviam sido infrutíferos!

Tal como esperava, na segunda-feira, pela manhã, Nora lembrou-lhe a festa de «Gravely House». Continuava intrigado com o ar misterioso que ela dava ao assunto. Não queria admitir que fôsse ela cúmplice de uma brincadeira estúpida. A tal festa devia, portanto, ser imoprtante.

Assim sendo, pouco depois das duas, êle chegava a «Gravely House» e ali encontrou José, o encarregado, junto dos elevadores.

Êste o saudou com um «Feliz Natal, senhor», mas sem muito entusiasmo — apenas formal. De repente, o homenzinho o reconheceu e sua fisionomia se iluminou:

— Oh! Mas é mr. Bain mesmo! Desculpe, desculpe, o **hall** não está bem iluminado e não o reconheci logo. O senhor vai para sua festa não é? É logo à direita, no «Cork Room».

«Êle nem me reconheceu, a princípio — — pensou Bain, meio aborrecido e imaginando se o seu mal estar interior teria, também, modificado a sua fisionomia. José era até bom fisionomista e a iluminação no **hall** estava muito boa.

Arranjou um sorriso meio forçado e entrou no «Cork Room», logo ficando atordoado com a algazarra de risos e vozes alegres.

Fios prateados enfeitavam a sala, partindo do lustre e descendo até aos cantos da sala. As mesas festivamente enfeitadas com flores e fôlhas, além de poncheiras, copos e pratos apetitosos. E um Papai Noel, barbado e gorducho, passeava entre o pessoal.

De repente, a fisionomia de Bain se anuviou. Acabara de ver Sam Hennaford! «Êste» êle tinha que evitar! Claro! Depois de tudo que lhe dissera, durante o caso Bixby.

Mas os olhos de Bain faiscaram quando reconheceu o homem que conversava com Sam. Sim, era êle mesmo, o tal de... como era mesmo o nome? Ah! Magge... K. L. Magge — da companhia de seguros e a quem Bain havia dito, também, uns bons desaforos, por causa de uma apólice... É verdade que o título não incluía aquela espécie de acidente, mas Bain se achara com direitos a recorrer à polícia, em virtude da atitude do agente. Soube, mais tarde, que Magge saíra da companhia e fôra para outra. Então... isto não era, apenas, uma festa de fraternidade dos companheiros de serviço... Era uma reunião de ex-fregueses.

Sanford estava a ponto de dar **meia-volta** e retirar-se, quando viu Nora Crawford encostada a uma janela, do outro lado da sala. E sua irritação e espanto cresceram quando notou que ela estava interessada em animada palestra com o professor Nils. Sim, o professor Nils, aquêle idiota, que quase estragara o curso de Kim, reprovando-o no último ano! Sim, mas Bain havia tomado conta do caso direitinho... Ora se havia! Trabalhara de um jeito que levara o professor a pedir desculpas, pùblicamente, numa reunião geral da escola.



E êste o arrogante professor que expulsou o próprio filho.

Neste momento, Nora olhou para a porta e, vendo-o, sorriu amàvelmente, cumprimentando-o com um aceno de mão, que êle não retribuiu.

Êle queria, agora, era descobrir que idéia era aquela, daquela festa com aquêles convidados tão disparatados.

Quando atravessava a sala, esbarrou numa figura baixa e vestida com farda azul e que o cumprimentou animado: — Como vai, patrão? Posso presenteá-lo com um bom brilho nos sapatos?

Bain fitou o rosto do prêto, engraxate do edifício. Ficou admirado de vê-lo sorrir, pois lembrava-se bem de ter tido violenta discussão com o mesmo sôbre política mundial, e terminara expulsando o engraxate e dizendo que não queria mais vê-lo ali por perto; que **sumisse**!



Êste era o homem que questionara por um seguro.

— O senhor foi muito amável em me convidar — falou o homem — e, agora, eu posso voltar, depois do Natal, para dar um brilho extra, de após-festa, nos seus sapatos — presente de Natal!

Bain estranhou **«fui amável em convidá-lo!? Mas como?** Depois, lembrou que José havia dito **«a sua festa»**.

— Pois bem — respondeu então, embora sem muito entusiasmo. — Feliz Natal para você, Tom.

E, quando julgava estar **desviando** hàbilmente de Hennaford e Magge, deu de frente com os dois, que sorriam satisfeitos:

— Feliz Natal, Bain; e, se falou Hennaford. — Feliz Natal, Bain; e, se você não leva a mal, eu gostaria de ir ao seu escritório qualquer dia dêstes e discutir aquêle caso Bixby, novamente e com calma.

— Foi mesmo muito amável de sua parte — replicou Magge. — Eu estava dizendo a mr. Hennaford que pensei que meu endereço tivesse sido riscado do seu livro. Fiquei radiante quando abri o convite, nem pude acreditar...

Bain apertou as mãos que lhe estendiam e formulou votos de Boas-Festas, depois encaminhou-se para onde estava Nora. O professor Nils estava sorrindo amàvelmente; mas, quando viu a expressão no rosto de Bain, afastou-se discretamente.

— Nora! Que negócio é êste? Quem está dando esta festa e de onde, pelo amor de Deus, veio a lista de convidados?

Nora fitou o patrão e o sorriso desapareceu, lentamente, de seus lábios; depois, respondeu:

— Sua espôsa está dando esta festa, mr. Bain, **para o senhor**; e a lista dos convidados eu mesma forneci — **pelo amor de Deus!**

As últimas palavras ela sussurrou lentamente e Bain ficou espantado. Então, passou os olhos pela sala e cada olhar que encontrava o seu pertencia, infalìvelmente, a alguém com quem êle havia tido alguma altercação violenta, durante o ano ou com quem havia sido amargamente injusto de algum modo. Sim, Nora sabia quem eram todos êles. Mas... Júlia... como podia ela saber, sequer, da existência destas criaturas?

— Ela pediu uma lista das pessoas que o senhor gostava e com quem lidava, antes de... **transformar-se** — disse Nora, como se lesse os seus pensamentos.

Bain admitiu que era verdade. Olhou para a cabeça calva de Moffett, o vice-presidente do banco, que havia feito uma sugestão sôbre certo empréstimo; o rosto redondo e vermelho de Ledbetter, o agente de propaganda que havia perdido uma concorrência por causa de Bain. Pela porta, que dava para a sala seguinte, identificou as costas de um antigo colega de ginásio e que vira, pela última vez, numa dura discussão em um clube local.

— Nora... — falou êle, voltando-se para a moça. — Eu não entendo...

Ela fêz, com a mão, um gesto de desalento.

— Eu temia que o senhor não entendesse... Eu disse mesmo à sra. Bain que, depois do Natal, eu ia pedir minha demissão porque o senhor mudou muito.

E, para maior espanto dêle, lágrimas e mais lágrimas desceram dos olhos de Nora e êle, então, virou-se para que as pessoas na sala não notassem e recostou a cabeça dela no seu ombro; tentou confortá-la, dizendo:

— Ora... vamos, que é isso?

Dizia meio sem jeito e lembrou-se de quantas vêzes fizera assim com Júlia, quando eram jovens e as coisas, por qualquer motivo, não corriam bem. Depois, perguntou mansamente:

— Será que fiquei tão mau assim, Nora? Sinto muito... eu...

— Não é que o senhor me tenha tratado mal — respondeu Nora. — É que o senhor mudou! Logo o senhor! Transformar-se num rabujento irritado e tão injusto e desconfiado com todo mundo e... e.. — soluçou, enxugou os olhos e continuou: — É isso, mr. Bain!

— Vamos... Esqueçamos isso, Nora...

Uma voz calma e familiar reforçou, com doçura, o pedido:

— Esqueça sim, meu bem; estamos no Natal...

E Júlia estendeu para a moça um lencinho de rendas, do qual veio uma onda perfumada, que Bain identificou como o extrato preferido por êle em sua espôsa.

E Júlia olhou para êle com uma expressão que há muito tempo êle não via. Era um olhar de compreensão certamente e, por que não dizer, de amor! Sim, de amor! Por que não? E êle concluiu que, certamente, aquêle olhar terno estivera todo o tempo assim, pois não é coisa que se possa perder e recuperar — apenas êle esquecera tanto tempo de notar! Parecia-lhe, portanto, que, agora, no Natal, voltara de repente, mas não!

O amor de Júlia não era como a neve que cai ou as flores que desabrocham e depois desaparecem com o ciclo das estações, quase sem que percebamos.

— Desculpe-me por não ter logo cumprimentado você na sua festa, querido; eu estava observando a entrada, mas Archie Morrisson, com aquêle tamanho todo, ficou na minha frente...

— Júlia, eu... — começou êle, talvez até com ciúmes.

Ela não o deixou continuar e, colocando a mão nos lábios do marido, sugeriu:

— Por que você não vem comigo um instante, Sandy, enquanto Nora se encarrega, graciosamente, de servir o **ponche**?

E tomou o braço dêle, com naturalidade, num gesto que trouxe de volta os velhos tempos de namôro, de recém-casados, de felicidade... de tudo, enfim, que parecia perdido — mas não estava.

E, agora, na sala alegre e cheia de risos e flores, aquêles dois simbolizavam o casal feliz, para o qual os convidados se sentem atraídos como que por uma fôrça magnética.

Levaram alguns minutos para conseguir chegar ao **hall** e, em frente ao elevador, Bain viu que os olhos de Júlia brilhavam quando ela disse:

— Êles, todos, gostam tanto de você... Sandy!

Era bem a sua Júlia, dizendo apenas o que bastava e evitando protestos e críticas que estragariam tudo.

Dentro do elevador, os dois estouraram em gargalhadas, enquanto faziam, simultâneamente, a pergunta:

— Mas, para onde estamos indo?

Foi Bain quem respondeu:

— Estamos indo para aquela sala pequena, para tomar um coquetel, sentados naquele sofá. E prosseguiu, enquanto saíam do elevador: — Quero fazer um brinde de Natal só com você, antes de nos reunirmos para festejar com os amigos.

E, numa pequena mesa de canto, Bain quis agradecer a ela pela festa, mas Júlia apena sestendeu as mãos e, segurando as dêle, dizendo com os olhos que dispensava as desculpas, as justificativas, as auto-análises, disse, apenas:

— Façamos de contas que você perdeu a **chave** do Natal por algum tempo, Sandy, e que, agora, achou-a novamente.

— A chave do Natal — repetiu êle. — A chave do Natal a que você se refere é o amor ao próximo, a fraternidade entre os homens...?

— Eu acho que sim, Sandy.

— É terrível perdê-la, Júlia... — confesou Bain.

— É sim — concordou Júlia, ternamente, como se estivesse falando com Kim, há muito tempo, quando êle era pequeno. Mas, agora, nós vamos cuidar dela juntos, porque o Natal é a chave dos dias que viveremos daqui por diante.

E quando os copos tilintaram, êles disseram «Feliz Natal», um para o outro, mas apenas com os olhos, porque aquela saudação era apenas o começo, sim o comêço da lição que êles aprenderam e que todos deviam aprender.

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

— Se não fôssem as minhas paixões e a sua fôrça tirânica — replicou Passepoil muito sério — parece-me que podia ir longe!

E colocaram os embrulhos onde estavam as roupas de lacaios, em cima da mesa. Cocardasse prosseguiu:

— Em segundo lugar, o senhor de Gonzaga disse: "Certifiquem-se se a berlinda e os carregadores aguardam na rua de Chantre".

— Isso já verifiquei — disse Passepoil.

— Pois sim... — concordou Cocardasse, coçando uma orelha — mas em vez de uma berlinda, são duas! Que dizes a isto?

— A abundância nunca fêz mal a ninguém — replicou Passepoil — e nunca andei de berlinda.

— Alto lá!... Eu também não!

— Vamos utilizá-las para regressar ao palácio.

— Combinado!... Terceiro: "Introduzir-se-ão em casa..."

— Já estamos aqui...

— "Na casa há uma linda moça..." — prosseguiu Cocardasse.

— Pois sim, mas não me deixaste certificar...

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês viúvo, se retira com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde do outono de 1699, em uma estalagem próxima ao castelo, se reúnem vários espadachins, contratados por Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Passepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique de Lagardère, o maior espadachim de França. Nesse dia, aparece também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa, indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê chegar dois homens: Gonzaga e Peyrolles. Ouve quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha» mandando-o esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois, chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo antes ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins do seu palácio e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores, surge um corcunda — Èsopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar a Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na Espanha, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua de Chantre. Começada a reunião, Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao endereço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim, atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada do seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali! Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe a revelação que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assusta Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de D. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pagens que a esperavam, embaixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para D. Cruz. Enquanto se veste, chegam dois personagens, Cocardasse e Passepoil, que encontram alguma resistência da parte de Berrichon e sua mãe, que serviam a Lagardère. Mas dominam a situação, embora de algum lugar, na sala, um rosto os fitava, um rosto muito pálido: o do corcunda.

— Nem era preciso — interrompeu o amigo — escuta...

Nesse instante, ouviu-se uma gargalhada alegre, no quarto vizinho. Passepoil colocou a mão sôbre o coração.

— "Levarão a moça — continuou Cocardasse, recitando a lição — ou antes: peçam-lhe, delicadamente, para subir para a berlinda, a qual farão conduzir ao pavilhão..."

— "Mas não empreguem a violência — acrescentou Passepoil — a não ser que não haja outro recurso..."

— Exatamente! E parece-me que cem pistolas é um preço razoável para êste servicinho!

O barulho no compartimento vizinho redobrou, mas Cocardasse e Passepoil estremeceram porque uma voz aguda e estridente pronunciou baixinho, por detrás dêles:

— Vamos! Já é tempo!

Voltaram-se vivamente. O corcunda do palácio de Gonzaga estava junto da mesa, desmanchando os embrulhos.

— Por onde entrou êste macaco! — perguntou Cocardasse.

Passepoil recuara prudentemente.

O corcunda estendeu um embrulho com a roupa a Passepoil e o outro a Cocardasse.

— Depressa! — ordenou, sem elevar a voz.

Êles hesitaram. O gascão, principalmente, não podia habituar-se à idéia de ter de envergar aquêle traje!

— Com ml diabos! — exclamou. — Que tens tu com isto?...

— Shh!... — murmurou o corcunda. — Avia-te!

E, através da porta, ouviu-se a voz de dona Cruz dizendo:

— Pronto! Agora só falta a berlinda.

— Depressa! — repetiu o corcunda imperiosamente, ao mesmo tempo que apagava a luz.

A porta do quarto de Aurora abriu-se, iluminando a sala com um vago clarão. Cocardasse e Passepoil recuaram para o vão da escada, a fim de trocar de roupa ràpidamente.

O corcunda entreabriu uma das janelas que dava para a rua de Chantre. Ouviu-se um assobio... Uma das liteiras avançou. Naquele momento, os dois espadachins atravessaram o quarto, às apalpadelas. O corcunda abriu a porta.

— Estão prontos? — perguntou, baixinho.

— Sim — responderam ambos.

— Então cumpram as ordens recebidas.

Dona Cruz saía nesse momento do quarto de Aurora, dizendo:

— É preciso ir arranjar uma berlinda. O teu diabinho apaixonado não teria pensado nisso?

O corcunda, atrás dela, fechou-lhe a porta. A sala ficou mergulhada na mais completa escuridão. Dona Cruz não tinha mêdo dos homens; o demônio, porém, servia-se da escuridão e ela, que acabava de o evocar, com zombaria, parecia pressenti-lo, nas trevas.

No momento em que se voltou para abrir a porta do quarto de Aurora, encontrou duas mãos fortes que pegaram nas dela. A garganta, convulsivamente apertada pelo espanto, estrangulou a voz e Aurora, que se voltava e tornava a voltar diante do espelho, não a ouviu, tanto mais que, nesse instante, debaixo das janelas, aumentara o murmúrio da multidão, anunciando que a carruagem de Law, vinda do palácio de Angoulême, já estava perto.

— Lá vem êle!... Lá vem êle!... — gritavam de todos os lados.

E a multidão se agitava loucamente.

Cocardasse ia oferecer a mão com uma profunda vênia, mas dona Cruz já estava no outro extremo do aposento, onde encontrou as mãos de Passepoil. Desta vez conseguiu soltar um grito que se perdeu, da mesma forma, entre os da multidão:

— Lá vem êle!... Lá vem êle!

Cocardasse e Passepoil arranjaram as coisas de maneira que dona Cruz não tivesse outra saída senão a porta da rua. Quando ela ali chegou, a porta se abriu de par em par. O clarão dos candieiros da rua iluminou-lhe o rosto. Cocardasse não pôde evitar um movimento de surprêsa. Um homem, que se encontrava no limiar, lançou um manto sôbre a cabeça de dona Cruz, arrastando-a para a liteira, cuja portinhola se fechou imediatamente.

— Para a casa por detrás de Saint-Magloire! — ordenou Cocardasse.

A liteira partiu.

— Com mil diabos! — prosseguiu, como um homem que procura expulsar uma idéia importuna — parece-me que o assunto não podia ter corrido melhor!

— Que mãozinhas de veludo! — disse Passepoil. — Não invejo a fortuna nem os títulos de Gonzaga, mas...

— Deixa-te disso! — interrompeu Cocardasse. — A caminho!

— Esta criaturinha vai tirar-me muitas horas de sono.

Cocardasse pegou-lhe pela gola e puxou-o, mas, logo em seguida, acrescentou:

— A caridade obriga-nos a soltar o menino e a velha!

— Um momento! Não achas que ela ainda está bem conservada?... — perguntou Passepoil.

Cocardasse respondeu-lhe com um sôco nas costas, deu uma volta à chave, mas, antes de abrir a porta, a voz do corcunda, que quase haviam esquecido, fêz-se ouvir do lado da escada:

— Estou contente com o vosso trabalho, mas a tarefa ainda não terminou! Deixem isso!

— O macaco parece alguém! — resmungou Cocardasse.

— Agora que não o vemos — acrescentou Passepoil — a voz dêle faz-me uma impressão estranha... Parece que a conheço...

Um ruído sêco anunciou que o corcunda acendia o fuzil. O candieiro tornou a brilhar.

— Que temos mais, mestre Ésopo? — perguntou o gascão.

— Aguardamos as ordens de Sua Excelência!... — disse o normando, com voz zombeteira.

— E fazem muito bem !— respondeu o corcunda sêcamente.

Os nossos dois heróis trocaram um olhar. Passepoil perdeu o seu ar irônico e murmurou:

— Tenho a certeza de que já ouvi esta voz.

O corcunda foi buscar duas lanternas das que costumavam ir à frente das liteiras, acendeu-as e disse:

— Peguem nisto!

— Então imaginas que ainda podemos apanhar a liteira? — perguntou Cocardasse, de mau-humor.

— Já deve estar distante! — acrescentou Passepoil.

— Peguem nisto! — insistiu Ésopo.

O corcunda era teimoso e os dois valentes pegaram cada um na sua lanterna.

Em seguida, o homem designou-lhes com o dedo o quarto de onde dona Cruz saíra momentos antes e disse:

— Ali se encontra uma jovem...

— Mais outra? — exclamaram Cocardasse e Passepoil ao mesmo tempo.

E o último pensou, em voz alta:

— A outra liteira...

— Essa mocinha — prosseguiu o corcunda — está acabando de se vestir. Há de sair por esta porta, como a outra.

O gascão olhou para o candieiro aceso.

— Mas, assim, por certo, ela nos verá!... — disse êle.

— Não faz mal...

— Que fazemos, então? — perguntou Cocardasse.

— Eu explico: aproximem-se dela com tôda a franqueza, mas com o máximo respeito, dizendo: "Estamos aqui para a conduzir ao baile do Palácio!"

— Nas nossas instruções não havia uma só palavra a êsse respeito! — observou Passepoil.

— E quem nos afiança que ela vai acreditar? — acrescentou Cocardasse.

— Acredita, se lhe disserem quem os enviou.

— O príncipe de Gonzaga?

— Não!... Digam que o vosso amo a espera, ao dar a meia-noite, junto à estátua de Diana, nos jardins do Palácio. Não esqueçam!

— Mas, então, temos agora dois patrões? — exclamou Cocardasse.

— Não... Têm, apenas, um, mas não é o príncipe de Gonzaga.

O corcunda, ao dizer isto, dirigia-se para a escada e punha um pé no primeiro degrau.

— E como se chama o nosso amo? — interrogou Cocardasse, que fazia vãos esforços para conservar o seu sorriso insolente. — Ésopo, não?

O corcunda olhou para ambos e disse, lentamente:

— O vosso amo chama-se Henrique de Lagardère!

— Lagardère! — repetiram em voz surda e estremecendo.

O corcunda subiu a escada. Quando chegou ao últmo degrau, olhou para os dois homens: estavam curvados e aparvalhados! Então, disse-lhes apenas estas palavras:

— Andem direitos!

E desapareceu.

— Parece que vimos o demônio! — murmurou Cocardasse.

— Andemos direitinhos! — observou Passepoil.

— Se soubesses quem eu julguei ver...

— O "Petit Parisien"?

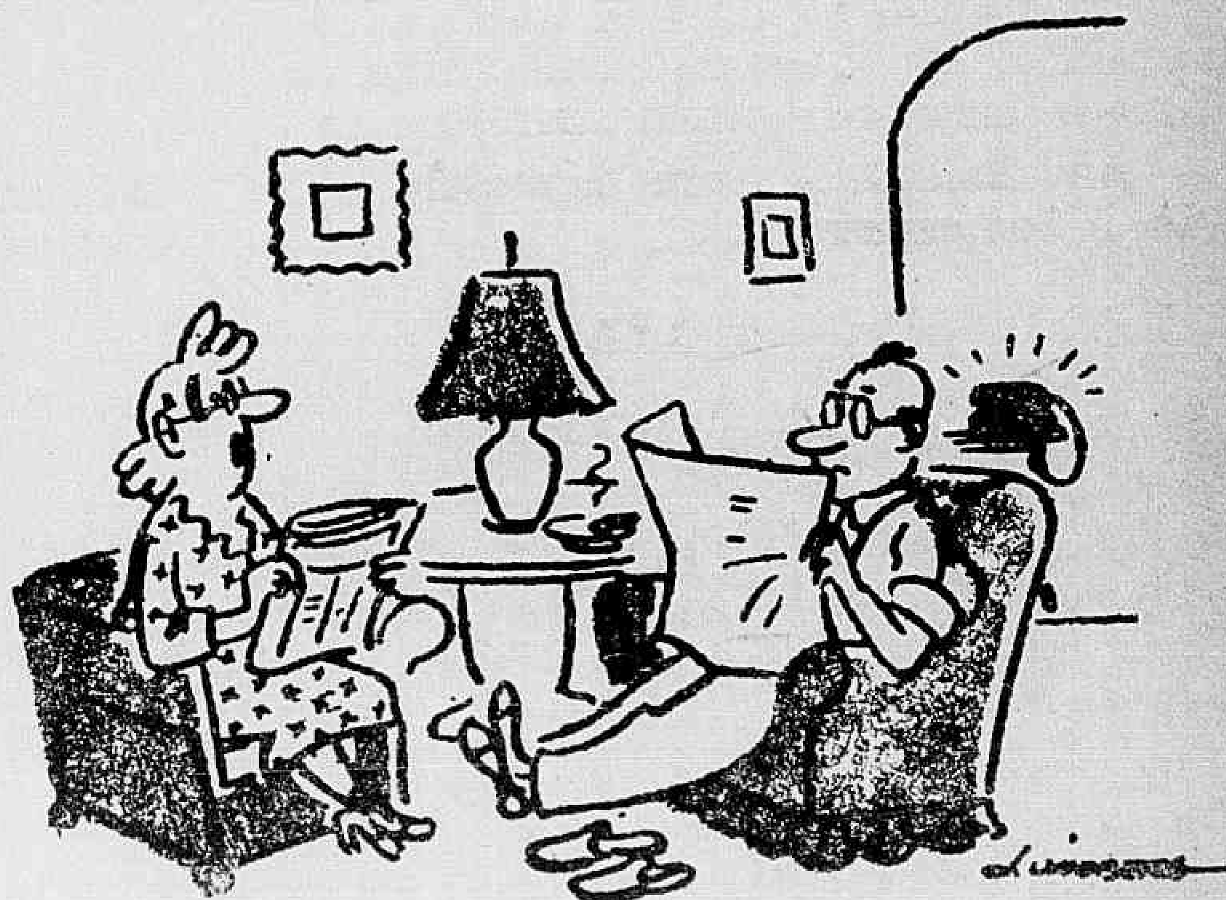
— Não, refiro-me à jovem que metemos na cadeirinha... Pareceu-me a gentil ciganinha que vi na Espanha, pelo braço de Lagardère.

Passepoil soltou um grito; a porta do quarto de Aurora acabava de se abrir.

— Que foi? — perguntou o gascão, estremecendo.

— E esta é a jovem que vi na Flandres, dando o braço a Lagardère... — balbuciou Passepoil.

Aurora já estava no limiar da porta.



— *Pelo som, deve ser com você, querido!*

— Flor! — chamou. — Onde estás?

Cocardasse e Passepoil, com as lanternas na mão, aproximaram-se, inclinando-se respeitosamente. A ordem de "andarem direitos" enraizara-se-lhes no espírito e eram o perfeito modêlo de dois lacaios submissos.

Aurora estava deliciosamente linda, tão linda e encantadora que ambos ficaram a olhar para ela.

— Onde está Flor?... Então aquela louquinha partiu sem mim?

— Sim... — respondeu o gascão.

E o normando repetiu:

— Sim...

Aurora deu o leque a Passepoil e o ramo a Cocardasse. Dir-se-ia que durante tôda a sua vida tivera lacaios.

— Estou pronta! — disse. — Partamos!

E os ecos repetiram:

— Partamos!...

— Partamos!

No momento em que ia subir para a liteira, Aurora perguntou:

— Êle disse onde nos encontraríamos?

— Junto à estátua de Diana... — disse Cocardasse, em voz de tenor.

— À meia-noite... — terminou Passepoil.

Partiram. Por cima da berlinda que acompanhavam, de lanterna na mão, Cocardasse e Passepoil trocaram um último olhar. Êsse olhar queria dizer: "Andemos direitinhos!"

Instantes depois da berlinda se pôr em marcha, pela porta da rua, que conduzia diretamente aos aposentos reservados de mestre Luís, saiu um homenzinho, que deslizou em direção da rua de Chantre.

Atravessou a rua de Saint-Honoré no momento em que a carruagem de Law passava e a multidão riu da sua corcunda. Deu a volta ao Palácio Real e entrou na praça das Fontes.

Na rua de Valois havia uma portinha que dava acesso aos aposentos particulares do Regente. Era aí que Filipe de Orléans instalara o seu gabinete de trabalho. O corcunda bateu de uma maneira especial. Abriram e, no fundo do negro corredor, elevou-se uma voz grossa, dizendo:

— Ah! És tu?... Sobe depressa!... Já estão à tua espera!

Capítulo XXX

A TENDA INDIANA

Até as pedras rolam e desaparecem!... As paredes, em geral, duram mais tempo; vêem desfilar várias gerações e sabem mil histórias!...

Se um dêsses blocos de granito pudesse escrever as suas memórias seria um trabalho interessantíssimo! Quantos dramas, comédias e tragédias nos contaria! Quantas lágrimas viu deslizar, quantas gargalhadas ouviu!...

E foi uma tragédia que deu origem ao Palácio Real...

...Armand du Plessis, cardeal de Richelieu, grande homem de Estado e pobre poeta, comprou a Dufresne o antigo palácio de Rambouillet e ao marquês d'Estrées, o grande palácio de Mercoeur.

No local onde se erguiam estas duas moradias senhoriais, mandou construir pelo famoso arquiteto Lemercier, um edifício *"que fôsse digno da sua enorme fortuna"*. Para a construção dos jardins foi necessário comprar e mandar demolir quatro casas vizinhas, e, finalmente, para dar maior imponência à fachada, onde se viam as armas de Richelieu encimadas pelo chapéu cardinalício, adquiriu também o palácio de Sillery, mandando abrir, ao mesmo tempo, uma rua por onde a carruagem de Sua Eminência passasse à vontade.

A rua conservou o nome de Richelieu, mas, quanto ao palácio, logo que o cardeal baixou ao túmulo, passou a chamar-se Palácio Real.

No entanto, aquêle terrível cardeal amava o teatro como poucos! Podia mesmo dizer-se que mandara construir aquela moradia para ali fazer um teatro, e ordenou a edificação de mais três, embora, na verdade, não fôsse necessário senão um, para nêle se representar a sua querida tragédia *Mirame*, filha idolatrada da sua musa. No entanto, a mão que cortara a cabeça do marechal de Montmorency era demasiadamente pesada para jogar com as rimas...

Mirame foi representada perante três mil pessoas, que tiveram a coragem de aplaudir, e no dia seguinte, cem odes, outras tantas ditirambes e o dôbro dos madrigais, caíram, como chuva insípida, celebrando as glórias do temível poeta... Mas, depois, todo êste ruído cessou... principiou a falar-se baixinho, de um homem ainda moço e que também escrevia tragédias — não era cardeal e chamava-se Corneille!

Um teatro para duzentos espectadores; outro, para quinhentos e ainda outro para três mil: Richelieu não se contentou com menos!

Seguindo a política pitoresca de Tarquin, fazendo tombar sistemàticamente tôdas as cabeças que ousavam erguer-se acima da dêle, era Richelieu quem tratava dos cenários e dos guarda-roupas, como excelente diretor que era.

Conta-se que foi êle o inventor do *mar agitado*, das nuvens de gase e quem imaginou a mola que fazia rolar o rochedo de Sisyphe, filho de Eole, na peça de Desmares, sendo voz corrente que tinha mais amor a estas pequenas coisas — incluindo o prazer da dança — do que

à sua glória política. Enfim, é a regra: Nero, apesar dos seus sucessos como flautista, não foi imortal...

Richelieu morreu.

Ana da Áustria e seu filho, Luís XIV, foram habitar o palácio de Richelieu, à volta de cujas muralhas o povo de Paris várias vêzes se amotinou.

Mazarino, que não escrevia tragédias, em muitas ocasiões ouviu — enquanto chorava e ria ao mesmo tempo — os gritos do povo revoltado debaixo das janelas; mas tinha como retiro os aposentos, que mais tarde serviriam a Felipe de Orleans, Regente de França: a álea oriental, que dava a volta sôbre a galeria das Proues, em direção ao pátio das Fontes.

Os jardins do Palácio Real eram, então, muitíssimo vastos e no momento em que decorre a nossa história a linda avenida de castanheiros da Índia, mandada plantar pelo cardeal, estava no apogeu. Duas outras avenidas de olmos cortavam o jardim em sentido diagonal. Ao centro, havia uma espécie de esplanada com um lago e repuxo. À direita e à esquerda, quem seguisse na direção do Palácio, via as estátuas de Mercúrio e de Diana, rodeadas de maciços. Por detrás do lago havia um renque de tílias.

A álea oriental do palácio, mais interessante e considerável do que aquela onde foi mais tarde construído o Teatro Francês, no local da célebre galeria de Mansard, terminava por um pavilhão com cinco janelas sôbre o jardim, que abriam para o largo de Diana. Era ali que se encontrava o gabinete de trabalho do Regente.

Na noite da festa de Law, aquêle jardim parecia um lugar encantado, um paraíso, um palácio dos contos de fadas !

O Regente, que não tinha grande gôsto naquela representação, saiu dos seus hábitos e fêz as coisas com extraordinária magnificência.

Dizia-se — valha a verdade! — que era Law quem pagava tudo, mas... isso não interessava!... Se era êle, de fato, quem dava o dinheiro, era um homem que sabia compreender o valor da publicidade... Só isto!

Enfim, como o dinheiro não lhe custava ganhar, deu uma festa magnífica. Não falaremos dos salões do palácio, decorados com luxo deslumbrante. A parte principal da festa era nos jardins, apesar da estação já ir adiantada.

O espetáculo era maravilhoso. A decoração geral representava um acampamento de colonos da Luisiana, nas margens do Mississipi, o rio do ouro. Tôdas as estufas de Paris tinham contribuído para formar grupos de arbustos exóticos, vendo-se por tôda a parte flores tropicais e frutos do paraíso terrestre.

As lanternas, que pendiam em profusão, das árvores e das colunas, eram lanternas indianas, segundo se dizia. Só as tendas dos índios selvagens, espalhadas pelo terreno, pareciam demasiadamente bonitas. No entanto, os amigos de Law diziam:

— Não calculam como os nativos dêste país estão avançados!

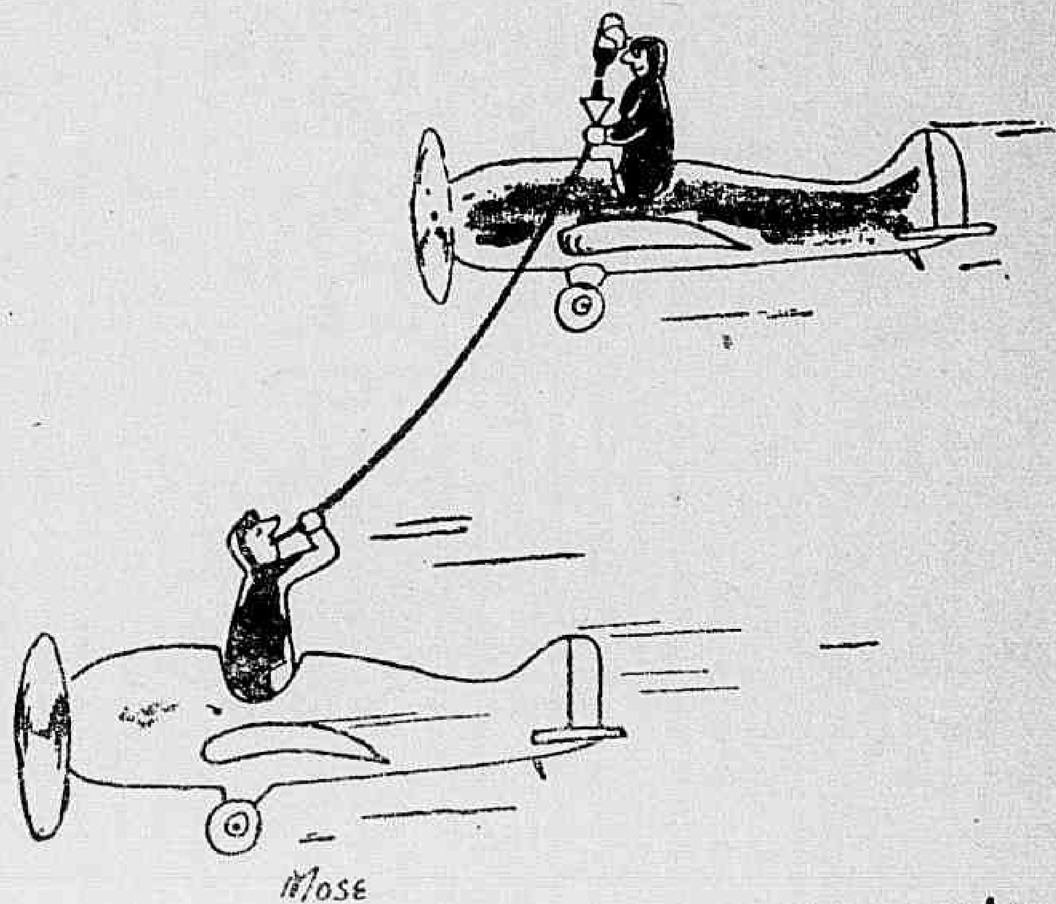
Então, uma vez admitido o estilo um tanto fantástico das tendas, tudo aquilo era magnífico e delicioso.

Havia decorações representando selvas, rochedos de aspeto terrível e cascatas espumantes, como se tivessem deitado espuma de sabão na água. A fonte central era encimada pela estátua alegórica do Mississipi, cujas feições se pareciam um pouco com as de Law. Era em volta desta estátua que se devia fazer a exibição da célebre dança indiana. Os companheiros de prazer do Regente (o marquês de Cossé, o duque de Brissac, Lafare — o poeta; a senhora de Tencin, a de Rayan e a duquesa de Berri) tinham troçado de tudo aquilo, mas não tanto quanto o próprio Regente. É que, em ironia, só um homem lhe era superior: Law!

Os salões já estavam repletos e Brissac abrira o baile com a senhora de Tolouse. Nos jardins comprimia-se uma verdadeira multidão e jogava-se em tôdas as tendas dos "selvagens".

Apesar dos destacamentos de guardas franceses, disfarçados em índios de opereta e colocados à porta das casas vizinhas que davam para os jardins, mais de um intruso conseguiu penetrar na festa. Viam-se, de vez em quando, vários dominós, cuja aparência não era nada agradável.

Enfim, era uma multidão alegre e irrequieta, resolvida a divertir-se de qualquer maneira. No entanto, os reis da festa ainda não tinham chegado. Ninguém vira ainda o Regente, as princesas, nem o excelente Law...



"Reabastecimento" em pleno vôo.

Num *wigwam* (1) de veludo nacarado — onde os *sachems* (2) gostariam, com certeza, de poder fumar o cachimbo da paz — haviam várias mesas. Esta tenda estava situada perto do Largo de Diana, precisamente debaixo das janelas do Regente, e nela se encontrava grande quantidade de convidados.

Em volta de uma mesa de mármore, coberta com uma esteira, jogava-se furiosamente. O ouro corria a jorros; havia exclamações e gargalhadas. Não longe dali, um grupo de velhos fidalgos conversava discretamente.

À mesa de jôgo, ter-se-ia reconhecido Chaverny, Choisy, Navailles, Gironne, Nocé, Taranne, Albret e outros. Também estava persente Peyrolles, ganhando sempre... era um hábito seu, segundo todos conheciam. As mãos dêle, no entanto, eram constantemente vigiadas... De resto — na época da Regência — a batota ao jôgo não era pecado!

Em volta da mesa, todos os rostos estavam descobertos. Nas avenidas do jardim, pelo contrário, viam-se centenas de mascarados e os dominós passeavam, conversando. Muitos criados, com librés de fantasia e a maior parte mascarados para não denunciar o incógnito de seus amos, encontravam-se do outro lado da escadaria do Palácio.

— Estás ganhando, Chaverny? — perguntou um pequeno dominó azul, que metera a cabeça pela abertura da tenda.

O marquês sorriu. Outras máscaras femininas se aproximaram, também, agrupando-se em volta dos jogadores. Em determinada altura, Oriol apareceu à entrada da tenda.

O gordo e baixo arrematante de impostos levava máscara e o seu traje, de uma riqueza grotesca, provocou um formidável côro de gargalhadas:

— É extraordinário!... Tôda a gente me conhece! — exclamou, entrando.

— Não há dois Oriol neste mundo! — observou Navailles.

O recém-chegado se aproximou da mesa e dirigindo-se a Peyrolles, disse:

— Vou jogar cinquenta luíses, mas com uma condição: de levantar bem os punhos!

— Com certeza?... — respondeu o confidente de Gonzaga. — Pois eu digo que não brinco senão com os meus iguais!...

Chaverny olhou para os criados que se encontravam junto da escadaria.

— Diabo! — murmurou. — Aquela gente parece aborrecer-se de morte, ali plantada! Vai chamá-los, Taranne, a fim dêste honesto Peyrolles ter alguém com quem brincar!...

Desta vez, o factotum do príncipe não se deu por achado e contentou-se em ganhar os cinquenta luíses a Oriol.

— Papel!... Só papel!... — disse o velho Barbanchois.

— Que podemos fazer?... É com isto que pagam as nossas pensões, barão!...

— Pois sim, mas a prata desaparece!

— E o ouro também. Quer que lhe diga uma coisa, barão? Parece que caminhamos para uma verdadeira catástrofe!

Entre os clamores, os risos e as gargalhadas, elevou-se de novo a voz de Oriol:

— Já sabem da novidade?...

— Não!... Venha ela!

— Aposto em como não adivinham...

— O senhor Law converteu-se ao catolicismo?...

— Madame de Berri passou a beber água?...

E cada um foi dizendo o que lhe parecia mais disparatado.

— Não!... Tenho a certeza de que ninguém acerta!... A senhora princesa de Gonzaga, a viúva inconsolável de Nevers...

Ao ouvir o nome da princesa, todos os velhos fidalgos apuraram o ouvido.

— ...Pois bem! — prosseguiu Oriol. — A senhora princesa de Gonzaga está no baile!...

Todos riram: era incrível semelhante coisa!

— Vi-a!... — afirmou o obeso Oriol. — Vi-a com os meus olhos, sentada junto da princesa... E, no entanto, ainda vi outra coisa mais extraordinária!

— Que foi? — perguntaram de todos os lados.

Oriol, satisfeito com o interêsse que causava, prosseguiu, com afetação:

— Vi que foi recusada a entrada no gabinete do Regente, ao senhor príncipe de Gonzaga!

A estas palavras, sucedeu-se um profundo silêncio. Aquilo interessava a tôda a gente, visto que as pessoas reunidas em volta da mesa de jôgo contavam com o príncipe.

— Mas que tem isso de extraordinário? — perguntou Peyrolles. — Os assuntos de Estado...

— A esta hora, Sua Alteza não se ocupa de assuntos do Estado...

— No entanto, se estivesse com um embaixador...

— Sua Alteza Real não estava com nenhum embaixador...

— Então, qualquer novo capricho...

— Sua Alteza Real não estava com senhora alguma...

Era Oriol quem dava estas respostas categóricas. A curiosidade geral aumentava.

— Mas, então, quem estava com Sua Alteza? — insistiram.

---

(1) Abrigo portátil dos índios americanos. Tenda indiana.

(2) Chefes das tribos norte-americanas.

— Isso mesmo se perguntava e o próprio príncipe, muito mal disposto, procurou informar-se na ante-câmara do Regente.

— E que lhe responderam? — interrogou Navailles.

— Mistério, meus senhores!... Mistério! O senhor Regente está muito triste desde que recebeu certa carta de Espanha e hoje deu ordem para ser introduzido pela porta da praça das Fontes, um personagem que ninguém conhece, a não ser Blondeau, que julgou entrever um homenzinho vestido de negro dos pés à cabeça... um corcunda.

— Um corcunda! — exclamaram todos.

— De há tempo a esta parte parece que chovem corcundas!...

— Pois Sua Alteza Real estêve em conferência com êle! Lafare, Brissac e a própria duquesa de Phalaris encontraram a porta fechada.

Seguiu-se um silêncio. Pela abertura da tenda, podiam ver-se as janelas iluminadas do gabinete de Sua Alteza. Oriol, por acaso, olhou para êsse lado e exclamou, estendendo a mão:

— Olhem!... A entrevista ainda dura!...

Todos os olhares se voltaram ao mesmo tempo para as janelas do pavilhão.

Através das cortinas brancas, destacava-se a silhueta de Felipe de Orléans, passeando agitado. Uma outra simbra, indecisa, parecia acompanhá-lo. Isso, porém, não durou mais do que um instante. As duas sombras desapareceram e quando tornaram a aparecer haviam mudado: a do Regente era vaga, ao passo que a do seu misterioso companheiro se desenhava com nitidez. Era uma figura disforme: um corpo pequeno com uma enorme corcunda, enquanto os braços se agitavam com vivacidade...

Capítulo XXXI

ENTREVISTA PARTICULAR

A silhueta de Felipe de Orléans e a do corcunda desapareceram.

O Regente sentara-se e o corcunda permanecia de pé, diante dêle, numa atitude respeitosa, mas nobre e enérgica.

Felipe de Orléans tinha, nessa ocasião, quarenta e cinco anos, mas as feições, devido à extrema fadiga que as ensombrava, denotavam mais idade. No entanto, o seu rosto era nobre e possuía um certo encanto; os olhos, de uma doçura muito feminina, refletiam bondade, aquela bondade que, às vêzes, vai até à fraqueza.

Curvava-se ligeiramente, quando estava distraído. Os lábios e principalmente as faces tinham aquela moleza, aquela brandura característica da raça dos Orléans.

A princesa sua mãe legara-lhe uma parte da sua bonomia alemã e do seu espírito prático.

Há certos temperamentos de *élite* sôbre os quais a devassidão não deixa vestígios; são os homens de ferro. Felipe de Orléans não pertencia a êsse número. O rosto e a sua atitude denotavam a fadiga que essa vida lhe causava; já se podia prognosticar que empregava os seus últimos recursos e a morte o espreitava de perto, no fundo de uma taça de champanha.

À porta do gabinete de Sua Alteza, o corcunda encontrou um criado que o introduziu.

O Regente, depois de o ter examinado de alto a baixo, perguntou se fôra êle quem lhe enviara a carta de Espanha.

— Não, Monsenhor — respondeu o corcunda, respeitosamente.

— E de Bruxelas?

— Também não.

— E de Paris ?

— Tampouco...

Felipe de Orléans tornou a examiná-lo.

— Surpreendia-me se me dissesse que era Lagardère... — murmurou.

O corcunda fêz uma curvatura, sorrindo.

— No entanto — acrescentou o Regente, com doçura e gravidade — não quis aludir ao que pensa... Nunca vi êsse Lagardère!

— Monsenhor — retorquiu o aleijado, continuando a sorrir — chamavam-lhe o belo Lagardère quando era oficial do corpo da guarda de vosso real tio... Ora, eu nunca podia ter sido belo, nem oficial...

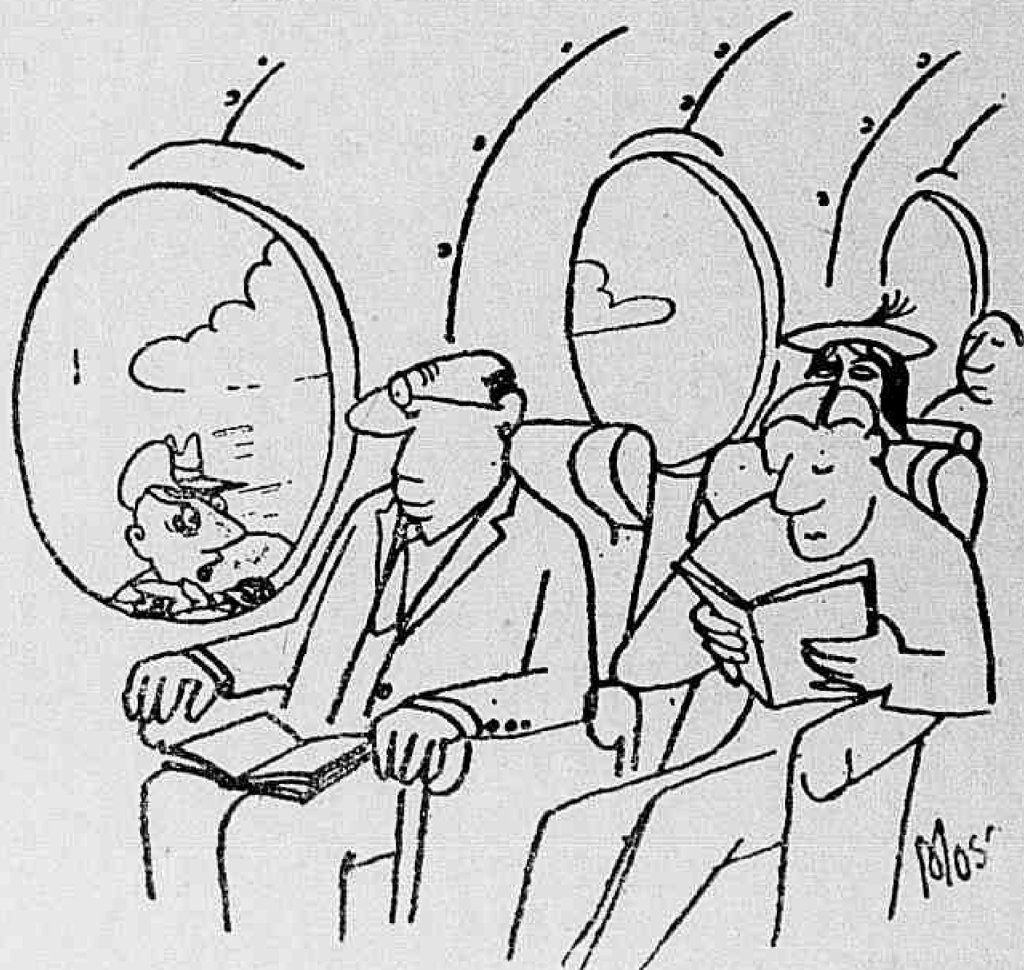
— Como se chama? — perguntou o duque.

— Em casa, Monsenhor, chamam-me mestre Luís, fora dela, tratam-me por Esopo...

— Onde mora?

— Muito longe...

— É uma recusa para não indicar a sua morada?



— Sim, Monsenhor.

Felipe de Orléans olhou para êle, com ar severo, e pronunciou, em voz baixa:

— Tenho uma polícia que passa por ser muito hábil; assim, ser-me-á fácil saber...

— Desde que Vossa Alteza parece ter grande empenho... faço calar os meus escrúpulos... Moro no palácio do príncipe de Gonzaga.

— No palácio do príncipe de Gonzaga!... — repetiu o Regente, admirado.

O corcunda fêz nova reverência.

O duque de Orléans parecia refletir. Por fim, disse:

— Há muito tempo... mesmo muito, que pela primeira vez ouvi falar dêsse Lagardère, que era então um espadachim insolente e atrevido...

— Desde então tem feito o máximo para expiar as suas loucuras...

— É parente dêle?

— Não, Monsenhor.

— Por que não se apresentou êle, pessoalmente?

— Tinha-me junto de si... pediu-me para vir.

— E se eu quisesse vê-lo, onde o poderia encontrar?

— Monsenhor... não posso responder a essa pergunta.

— No entanto...

— Vossa Alteza tem uma boa polícia... É fácil experimentar...

— Isso é um desafio?

— É uma ameaça, Monsenhor. Daqui a uma hora, Henrique de Lagardère pode encontrar-se ao abrigo de tôdas as pesquisas e a ação que êle tentou para tranquilidade da sua consciência nunca mais se repetirá!

— Então faz isso contra a vontade? — perguntou Felipe de Orléans.

— Contra-vontade... É êsse justamente o têrmo... — retorquiu o corcunda.

— Por quê?

— Porque tôda a felicidade da sua existência vai nesta cartada que êle poderia deixar de jogar.

— E quem o obrigou a jogá-la?

— Um juramento...

— Feito a quem?

— A um moribundo... Monsenhor sabe quem era... Chamava-se Felipe de Lorena, duque de Nevers!

O Regente deixou descair a cabeça sôbre o peito.

— Já decorreram vinte anos — murmurou, com voz alterada — e não esqueci um único pormenor!... Estimava bastante o meu pobre Felipe e êle também era muito meu amigo... Desde que o assassinaram, não sei se tornei a apertar a mão de um amigo sincero!

O corcunda devorava-o com o olhar. Nas suas feições lia-se uma forte emoção. Houve até um instante em que abriu a bôca para falar, mas, com um esfôrço violento, conteve-se e o rosto ficou de novo impassível.

Felipe de Orléans se endireitou na poltrona e disse, lentamente:

— Eu era parente bastante próximo do senhor duque de Nevers. Minha irmã casou com um primo dêle, o senhor duque de Lorena. Como príncipe e parente, devo proteção à sua viúva que, de resto, é a mulher de um dos meus mais queridos amigos. Se sua filha vive, prometo que será das mais ricas herdeiras e desposará um príncipe, se quiser!...

"Quanto ao assassinato do meu pobre Felipe, dizem que eu tenho apenas uma virtude: esquecer as injúrias e é verdade! O pensamento da vingança nasce e morre em mim, no mesmo instante... Eu, porém, também fiz um juramento quando me vieram dizer: "Felipe, morreu!" Neste momento, dirijo a nação; castigar o assassino de Nevers não será um ato de vingança, mas sim de justiça!

O corcunda se inclinou, em silêncio. Felipe de Orléans prosseguiu:

— No entanto, há ainda algumas coisas que preciso saber: por que razão êsse Henrique de Lagardère levou tanto tempo a dirigir-se a mim?

— Porque dissera para si mesmo: no dia em que a minha tutela terminar, Aurora de Nevers estará em idade de conhecer os seus amigos e os seus inimigos.

— E êle tem provas do que afirma?

— Tôdas, exceto uma...

— Qual?

— A prova que deve denunciar o assassino!

— E conhece-o?

— Julga conhecê-lo. Tem certa marca que, no momento oportuno, o denunciará!

— E essa marca pode servir de prova?

— Vossa Alteza, dentro em breve, poderá julgar... Quanto ao nascimento e à identidade, tudo está em ordem.

O Regente refletia.

— Que juramento fêz Lagardère?... — perguntou, após um curso silêncio.

— Prometeu ser o pai da menina — retorquiu o corcunda.

— Então estava presente no momento da morte do duque?

— Estava. Nevers, moribundo, confiou-lhe a tutela da filha.

— E êsse Lagardère defendeu de espada em punho a vida de Nevers?

— Fêz o que pôde... Depois da morte do duque, conseguiu salvar a criança, embora, sòzinho, tivesse de lutar contra vinte...

(Cont. no próximo número)



A IMACULADA CONCEIÇÃO (Bartholomeu Estevão Murillo) 1618-1682

Soube Murillo representar, de modo insuperável, a beleza virginal, alcançando o pináculo da arte nesse quadro representando a Imaculada Conceição, onde a Virgem surge no céu, circundada por uma glória de Anjos. Era mesmo natural que o tipo clássico da beleza virginal fôsse criado por um pintor nativo da Andaluzia. Essa região da Espanha, que foi sempre sede do amor e da galanteria, tem fervoroso culto pela mulher. Transportado para a religião, êsse culto se voltou, lògicamente, para a Madona, que, na Andaluzia, a *"terra de Maria Santíssima"*, é objeto de uma adoração popular, na qual o sentimento religioso se associa singularmente ao respeito e à adoração pelo Feminino. Quanto à técnica, prevalece no quadro soberbo uma tonalidade dourada, de forte efeito luminoso, bem diferente de outras Madonas, nas quais o tom predominante é o azul.

No próximo ano, em 8 de dezembro, a Igreja festejara o centenário do dogma da Imaculada Conceição de Maria Santíssima e, desde 8 de dezembro do ano corrente, o Papa Pio XII instituiu o *Pequeno Ano Santo Romano*, que marcará o início dessas festividades comemorativas. Segundo o que ensina a teologia católica, a Imaculada Conceição é o privilégio, em virtude do qual a santa Virgem foi isentada, no próprio instante de sua concepção no seio de Sta. Ana, sua mãe, da mancha do pecado original, comum a tôda a posteridade de Adão. Essa crença existia desde longos anos na Igreja. Combatida pelos dominicanos, defendida por Scot e sua escola, depois pelos jesuítas e pela própria Sorbonne, tornou-se mais e mais cara à piedade dos fiéis. Com o assentimento e a pedido de todo o episcopado, foi erigida em dogma de fé pelo Papa Pio IX, na bula *Ineffabilis*, de 8 de dezembro de 1854. São os seguintes, os têrmos dessa definição: "Declaramos, pronunciamos e definimos que a doutrina que ensina ter sido a bem-aventurada Virgem Maria (no primeiro momento da sua concepção, por uma graça e um privilégio singulares de Deus Todo-Poderoso e em vista dos méritos de Jesus Cristo, salvador do mundo) preservada intata de qualquer mancha do pecado original, é revelada por Deus e, em conseqüência, todos os fiéis devem nela acreditar, firme e constantemente."

Em razão dessa graça especial, a Santa Virgem escapou à conscupiscência e à maldição que pesa sôbre a posteridade de Adão. Segundo Bossuet, a Virgem teve *"uma carne sem fragilidade e sentimentos sem rebelião"*. Entretanto, foi beneficiada pela Redenção, e foi devido aos méritos de Jesus Cristo, que êsse miraculoso privilégio lhe foi concedido.

Duas passagens da Escritura são ordinàriamente citadas como contendo uma alusão implícita à imaculada conceição de Maria: o texto da Gênese (III,15), que nos mostra a mulher esmagando a cabeça da serpente; em seguida, as palavras de saudação do anjo Gabriel, ao anunciar a Maria que ela seria mãe de Deus: *"Eu te saúdo, cheia de graça."* (Lucas, I,28.)



NO DESERTO:

ESTAMPA ÁRABE EM TRÊS CENAS

Por
ROBERTO MOLINA

CENA PRIMEIRA

SALÃO do palácio do Califa. Em um ângulo do mesmo falam, recatadamente, com o príncipe Bixr, três embaixadores kelbitas.

KELBITA 1º — Vingança, Bixr, vingança! Não deves esquecer os nossos irmãos de Mozara! Nem deves esquecer, também, que hoje faz um ano que foram assassinados por êsses cães caisitas, aliados agora do Califa, teu irmão.

KELBITA 2º — Bixr, príncipe de coração valoroso, em ti depositamos nossas esperanças!

KELBITA 3º — Príncipe! És irmão do Califa. Recorda que dia é hoje e dá a êsses cães um castigo tal, que deixe, para sempre, uma lembrança de terror e de espanto.

KELBITA 1º — As areias abrasadas feriram nossos pés para vir à tua presença, ansiosos e com o coração pesado. Dizem que teu irmão, o Califa, perdoou a horrível traição dêsses monstros. Perdoar a êsses cães, assassinos e miseráveis! Perdoar aos que degolaram nossos irmãos e parentes teus, príncipe Bixr! Perdoar aos parentes dêle também! Que eram teus e nossos! É incompreensível o perdão de tais crimes! Se o Califa é fraco como mulher velha e deseja perdoar, que o faça depois desta justa reparação que nos deve! Vingança, vingança! Nosso sangue quer escapar, derramar-se de ódio. Nas noites que passamos no deserto, ouvimos, infalìvelmente, chegar, com o vento, os clamores lamentosos de tantos irmãos... À hora do crepúsculo, o céu toma um colorido extravagantemente vermelho, como se do alto nos pedissem vingança. Eu mesmo, muitas vêzes, tenho sonhado coisas horríveis. Indescritíveis refinamentos de crueldade surgem, luminosos, em minha mente aquecida pelo ódio. É como se o espírito da dor, o agudo e retorcido espírito da dor, me infundisse um ódio cada vez maior. Mais ainda: como se me inspirasse novas formas de torturas. Tu sempre fôste nosso! De ti esperamos a vingança que nos acalme o sangue!

BIXR (após breve silêncio) — Tuas palavras me inflamaram. Como pensam as tribos?

KELBITA 1º — Dispostas a tudo estão elas, inclusive desobedecer ao Califa! Ansiosas, aguardam a ordem de cair sôbre seus vizinhos caisitas, e, desde já, afiam suas espadas, aguardando o regresso do seu príncipe!

BIXR (após novo silêncio) — Grande e grave coisa é mentir... Mas, será preciso! O Califa é fraco. Nem mesmo os tributos está cobrando. Enviarei uma ordem... falsa, com o sêlo do Califa. Os tributos serão cobrados! Os emissários terão forte escolta. Se resistem...

KELBITA 1º — Compreendemos. É bastante! Excelente, príncipe! Que venha essa ordem! Ela será um salvo-conduto para atravessar por entre as tendas do inimigo. Que venha depressa essa ordem! Ninguém suspeitará! E, com êsse pretexto, à menor oportunidade... Oh, Bixr, príncipe valoroso e de coração leal e forte! Mereces ser Califa, tu, sòmente tu! As mãos fracas, como de mulher velha, o coração mole e assustadiço, como de pomba, reage ao menor sôpro, como esponja de lágrimas, e não tem a varonil dureza que o Profeta sempre desejou ver naqueles que governariam o seu povo. Somos teus, príncipe!

BIXR — E eu vosso!

CENA SEGUNDA

No deserto, ao norte da Arábia. Grupos de caisitas nômades.

CAISITA 1º — No caminho de Sangar, outros três irmãos assassinados.

CAISITA 2º — E ontem, quatro de nossa família, retalhados à sombra da palmeira de Jals!

CAISITA 3º — Inimigos invisíveis degolam nossos melhores guerreiros.

CAISITA 4º — Desconfio dêsses kelbitas que andam cobrando os tributos. Estarei certo?

CAISITA 1º — Não, não! Vi a ordem do Califa e o sêlo!

CAISITA 2º — Seria monstruoso! Amparar-se em salvo-conduto e surpreender nossos irmãos, descuidados e desarmados... Não! Seria monstruoso!

CAISITA 3º — Misteriosa foice sega a vida dos nossos homens mais viris. Em redor de nossos campos latem e riem inúmeras hienas. Na parte esquerda do Femi, junto do arroio de Chad, nossos irmãos puderam ver, quando o sol morria, monstros espantosos, e conta-se que, na madrugada do sábado, apareceu a lua com um vivo tom escarlate...

CAISITA 4º — E, próximo de el Jalid, onde vive a tribo de nossos irmãos, alguma poderosa mão abriu uma fenda larga e profunda no terreno, e do fundo da mesma sobem ruídos estranhos, gritos lamentosos e rugidos de indizível espanto.

CAISITA 1º — Alguma coisa muito terrível nos cerca. Quem pode conhecer os desígnios secretos do Profeta?

CENA TERCEIRA

Outro lugar do deserto, junto de um pequenino bosque de palmeiras. Por uma vereda, vem chegando o velho Zobair e seu filho, Mosat, a cavalo e armados. Junto de uma rocha, de onde brota um fresco fio de água, o velho desce do cavalo, para beber. É pleno dia e o sol abrasa.

MOSAT — Tanta sêde tens assim?

ZOBAIR — Bebe, também, meu filho. Não será demasiado.

— Não receio a sêde, pai; nem a fôrça dêste sol terrível... Estou impaciente por dar aviso...

ZOBAIR — Bebe antes, filho. E que o Profeta não nos abandone!

MOSAT (desce e deixa as armas no solo) — Êsse pelotão de cavalheiros kelbitas... Para mim, são êles os assassinos, pai! Conhecem o nosso caminho e podem cair sôbre nós, de surprêsa. Não tenho mêdo por mim, mas por todos. É preciso, quanto antes, espalhar a notícia, pegar em armas e cuidar da defesa. (Bebe.)

CHEFE KELBITA (no interior do pequeno bosque) — O leãozinho caiu na armadilha. Vamos prender os dois.

(Saem uns trinta cavalheiros, armados. Vendo-os, Mosat trata de recolher as armas e saltar para seu cavalo. O velho, gelado de surprêsa e de horror, fica paralisado).



CHEFE KELBITA (aproximando-se) — Quem sois?

ZOBAIR — Sou Zobair, da tribo de Saz. E vós, quem sois?

CHEFE KELBITA — Só a ti. cabe responder. Quem é êsse guerreiro que nos dirige tão insolentes e desafiadores olhares?

ZOBAIR — É meu filho; mas não te dirige olhares de desafio. Quem sois, vós outros?

CHEFE KELBITA — Delegados do Califa! Cansados de vosso desprêzo, negando-se a levar o tributo que lhe é devido, estamos visitando as tribos, para arrecadá-lo.

ZOBAIR — Gostaria de ver essa ordem do Califa.

CHEFE KELBITA — Aqui a tens. (Exibe o papel.)

ZOBAIR — É a verdade. Toma! (Paga ao chefe Kelbita.)

CHEFE KELBITA — Não é bastante. É preciso que vás, agora mesmo, e arrecades o tributo entre todos os teus parentes de Fazara.

ZOBAIR — Isso é impossível. Todos andam dispersos pelo deserto, e o meu dever, que é o de pagar a minha parte, está cumprido.

CHEFE KELBITA — Teu filho aparenta maus desejos. Ordena-lhe que largue as armas. Bem vês que posso pegá-lo de qualquer maneira, com meus cavaleiros, mas desejo paz.

ZOBAIR — Ouves, meu filho? Em nome da paz, que nos oferecem, deixa tuas armas e apeia-te.

MOSAT — Não, pai; sei que só aguardam que abandone minhas armas para atacar-me e degolar-me! Desconfio dêsses cães, que assassinaram tantos irmãos nossos!

CHEFE KELBITA — Teu filho nos insulta e nos acusa de crimes monstruosos. Pagareis, êle e tu mesmo, muito caro essa calúnia! Toma teu dinheiro, pois vamos dizer ao Califa que haveis negado cumprir a sua ordem e êle saberá castigar a rebeldia!

ZOBAIR (alarmado) — Não deveis anotar o que fala um moço magoado! Êle vai obedecer.

CHEFE KELBITA — Demonstra, então, a tua obediência, desarmando teu filho. Só desejo que desfaça êsse gesto de rebeldia e de insulto.

ZOBAIR — Ouves, meu filho? Seremos acusados como rebeldes ao Califa.

MOSAT — Não acredito, pai. Vejo que me devoram com os olhos e só desejam ver-me desarmado para cair sôbre mim.

ZOBAIR — Fia em suas palavras, meu filho.

MOSAT — Deixa que me defenda, pai. Não te arrependerás, depois, tardiamente!

CHEFE KELBITA — Chega! Declaramos teu filho em rebeldia!

ZOBAIR — Não, não! Apenas... Jurais não fazer mal ao meu filho?

CHEFE KELBITA — Só desejo recolher suas armas. Nosso desejo é o de ver que dá essa prova de obediência ao Califa.

ZOBAIR — Filho meu, que a maldição do Profeta caia sôbre mim, se não entregas tuas armas, agora mesmo, em demonstração de que não és rebelde aos enviados do Califa.

MOSAT — Seja feita a tua vontade, pai.

(Mosat arroja sua azagaia e sua lança, desmonta e aproxima-se do grupo. Os cavaleiros o cercam. O chefe Kelbita, com uma gargalhada, zomba dêle. Zobair reconhece que foram enganados. Ràpidamente, quatro kelbitas prendem os braços do jovem caisita e o amarram. O chefe o empurra, com violência, lançando-o ao chão. Outros kelbitas se apoderam do velho e o obrigam a presenciar o suplício do filho, que é degolado sôbre uma pedra. Depois, surram brutalmente Zobair, deixando-o moribundo. Os kelbitas montam em seus cavalos e partem a galope.

COFRES SÃO COFRES, ATUALMENTE!

NÃO há muito tempo, dois ladrões arrombadores, que na gíria policial são chamados de **escrunchantes**, frustrados em seus intentos, jogaram, raivosamente, pela janela de um escritório, localizado num sétimo andar, o cofre que desafiara sua perícia durante horas. Mas, a despeito da dureza do concreto, lá embaixo, o teimoso cofre permaneceu inviolável.

A razão pela qual a particular combinação não cedeu aos dedos experimentados dos larápios tem uma fácil explicação: muitas modernas caixas de segrêdo estão equipadas com mais de 1 000 000 de combinações! Assim, se os ladrões fôssem efetivamente persistentes, teriam que empregar nada menos de vinte e quatro meses para recorrer a cada uma delas á razão de uma cada minuto. E a explicação para o fato da caixa de aço ter permanecido fechada, após haver sofrido tal queda, está em que nehum cofre digno dêsse nome jamais é entregue ao uso sem passar por tôda sorte de provas, imagináveis.



Por qualquer coisa os peritos desencadeiam uma ofensiva de malhos, escopros, puas, perfuradores elétricos e maçaricos. Depois disso, nitro-glicerina e outros explosivos entram em ação. Aí, então, o legal perito arrombador entra a aplicar sua tática imaginativa com o fito de descobrir novas torturas. Uma hora inteira dispendida nessa derradeira espécie de alta pressão e desesperada ofensiva; só depois disso, o cofre que resiste, inviolável, é entregue a venda.

O comprador pode levá-lo para o seu uso com a mais completa paz de espírito, visto que o «espancado» está perfeitamente apto para suportar uma noite inteira de «castigos» dos melhores arrombadores da atualidade.

Evidentemente, qualquer coisa pode acontecer quando um cofre está sendo atacado — e em geral acontece, conforme opinião da polícia, para quem são familiares êsses casos.

Um dêles ocorreu, recentemente, em Dallas, Texas, quando uma companhia de petróleo pendurou um **aviso** no sólido cofre de seu escritório informando aos «interessados» que o mesmo estava **aberto e absolutamente vazio!**

Um ladrão analfabeto vasculhou o cofre e desapareceu com 400 dólares em dinheiro e 2 000 em cheques.

Um outro caso se refere a dois larápios de Gloucester, New York, familiarizados com os processos de arrombamento de cofres, mas que não puderam adivinhar que o objeto de suas atenções estava **propositadamente** destrancado. Assim, êles próprios prejudicaram o «serviço» usando dinamite para fazer saltar a fechadura.

A explosão teve por efeito travar os fechos, danificando o mecanismo de tal maneira que os assaltantes jamais puderam conseguir que a porta cedesse a seus esforços.

Os cofres marcados com o «Grau-A», pelo fabricante, devem proteger, além disso, o seu conteúdo contra o fogo. Os meios empregados para predeterminar essa capacidade, consiste em submetê-los, durante quatro horas seguidas, a uma prova de forno, aquecido até à temperatura de 2 000 graus de calor. Um outro teste consiste em **empacotá-lo** em gêlo, fazendo-o deslizar, depois, para dentro de um pré-aquecido forno, a fim de provar se a caixa não explode sob o excessivo calor.

Um terceiro exame deve provar que os valores guardados ficarão protegidos, no caso do cofre ficar abandonado em um edifício atingido por incêndio e sujeito a perigosa queda. Para tanto, é aquecido prèviamente e jogado de uma altura de 12 metros; depois é suspenso novamente, por um guindaste, e recolocado no forno, desta vez em posição invertida.

Atualmente, contudo, um cofre integralmente garantido pode suportar provas bem mais duras. Isso pode ser exemplificado gràficamente pelo grande cofre que foi instalado no Banco das Ilhas Filipinas, antes da segunda guerra mundial.

Durante quatro anos houve uma verdadeira chuva de granadas japonêsas, seguida do terrível canhoneio americano.

O edifício do Banco ficou reduzido a escombros, mas o cofre, com todos os seus valores, pôde ser recuperado absolutamente indene.

* *

SUOR... MANUFATURADO — Salientam os cientistas que o suor tem grande poder — e não apenas no que se refere ao cheiro. O suor da testa é suficientemente forte para corroer uma superfície pintada ou mesmo os metais mais duros. Os pesquisadores estão preparando um suor sintético que será empregado para experimentar a durabilidade de vários artigos e metais. Usa-se o suor sintético porque a composição química do produto natural varia de pessoa para pessoa — e, além disso, é difícil industrializar a transpiração...

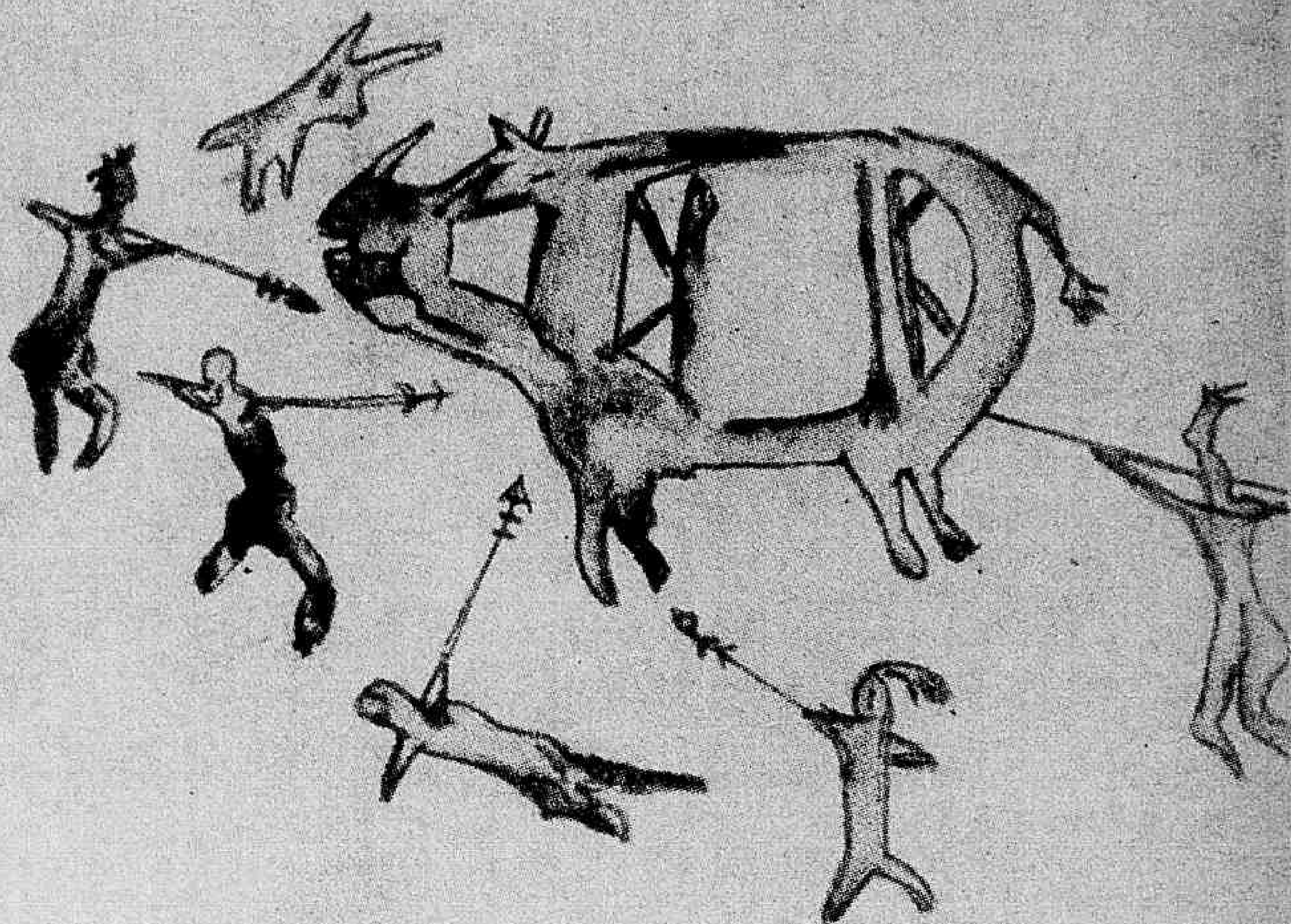
O HOMEM DAS CAVERNAS ERA MAIS SADIO?

INQUÉRITO SÔBRE A SAÚDE: SERIA A HUMANIDADE PRE-HISTÓRICA MAIS SAUDÁVEL DO QUE A DE HOJE? AS DOENÇAS QUE NOS AFLIGEM ERAM CONHECIDAS DO HOMEM DAS CAVERNAS?

JÁ pensou o leitor se o reumatismo, as cáries dentárias, os tumores cerebrais, os artritismos, etc., também perseguiam os nossos mais antigos ancestrais? Dizem que o homem das cavernas só podia ser inferior ao homem do século XX pela situação de comodidades; mas, quanto à saúde, os trogloditas deviam ser muito superiores a qualquer um de nós. Êles não tinham os aborrecimentos de hoje. O seu sistema nervoso funcionava excelentemente, sem os choques das eras modernas, com um cortejo de complicações de tôda sorte: transportes, crises de câmbio, aumento de preços, falências, incêndios, acidentes de tráfego, multas, política partidária, chicanas de fôro, obrigações sociais, impostos, falta d'água, sêcas, perdas de lavoura, epidemias rurais, excesso de gente nas cidades e crise de habitações, etc., todo um rosário de encrencas a perseguir a pobre humanidade de hoje.

O homem de agora é nervoso, agitado, impaciente.

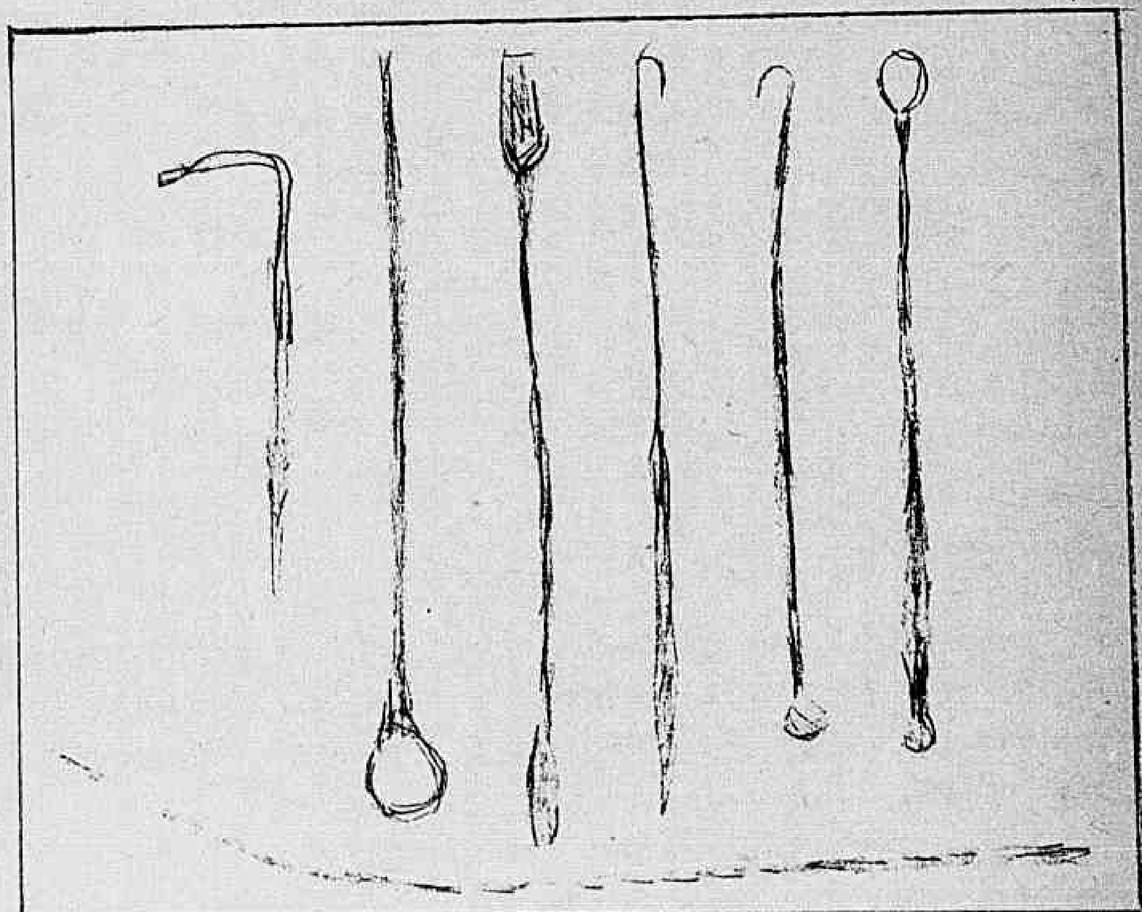
O seu orçamento doméstico vive a estourar, muitas vêzes o levando a estourar os miolos num assomo de desespêro e descrença. A vida de um homem pre-histórico era muito mais calma. É verdade que, embora não dispendendo tais energias nem sofrendo tais choques, êle também tinha sérios problemas: uma boa morada, isto é, uma furna ou gruta para amparar-se e proteger sua família: arranjar alimentação de caça, pesca, aves, frutos, tudo isso sem qualquer outro recurso que não sua astúcia, rapidez e fôrça muscular ou armas



Pintada sôbre a parede de uma caverna do distrito de Mirzapur (Índia), essa caçada ao Rinoceronte, com a ajuda de lanças com ponta de pedra, ilustra, perfeitamente, os perigos constantes aos quais estavam expostos os homens pre-históricos para assegurar sua simples subsistência.



Trepanação parietal esquerda, conseguida com o «instrumento» profissional, de pedra, que se vê acima (raspagem). Nota-se uma reparação óssea, o que vem provar que o paciente sobreviveu.



Na Idade do Ferro, a técnica que era empregada nas trepanações muito progrediu. Essa coleção de utensílios cirúrgicos, que é vista no clichê acima, revela todo o engenho do operador daquela época.

primitivas, feitas de madeira e pedra. Se a temperatura era baixa de mais êle experimentava o problema do frio. Embora se diga que «Deus dá o frio conforme a roupa», para o homem das cavernas o mais certo era que «Deus lhe tirasse mais a roupa conforme o calor»... Mas, sinceramente, chega-se a pensar que tais indivíduos deviam ter uma saúde de ferro.

Vivendo em contato com a natureza, o homem selvagem de há dez mil anos não conhecia os condimentos que dão azia, nem as bebidas que arrasam o fígado. Era viver num paraíso sem nenhum temor de Eva e maçã, embora as cobras assustassem.

Dizer e não provar, não é dizer, diz a sabedoria de Roma. Por isso os sábios e cientistas meteram mãos à obra e pesquisaram a vida dos mais recuados sêres dêste planêta. Como? Pelos ossos e vestígios físicos que deixaram à curiosidade dos nossos paleontologistas.

Imediatamente, uma verdade surgiu diante dos olhos e das estatísticas: homens e mulheres da idade da pedra lascada, da pedra polida, do ferro e outras dos primeiros séculos da humanidade, eram de estatura muito mais baixa do que a nossa nestes séculos de tragédia em séries.

Um homem tinha cêrca de 1,60 m nos tempos do Pitecantropo de Dubois; 1,56 m entre os paleolíticos inferiores (Sinântropo); 1,55 para o paleolítico médio (La Chapelle-aux-Saints); 1,60 para o paleolítico superior; 1,44 a 1,67 m para o mesolítico (Téviec-Hoedic); 1,67 m, em média, para o neolítico.

Êstes dados são procedentes de paleontologistas de grande valor, como sejam, dentre outros, Vallois, Pales, Bouvet, Siffre, etc., os quais se debruçaram sôbre o problema e têm estudado afincadamente a posição do homem das cavernas em confronto ao de hoje, no que respeita à saúde.



A — Espessura de origem reumatismal num fêmur do Pitecantropo. B — Osteocardite com soldagem vertebral (Mesolítico).

Teriam os homens daquelas eras conhecido, como nós, as moléstias de hoje? Se também sofreram doenças, que males seriam êsses? Não se pode disfarçar que uma tarefa de tal ordem é dificílima; entretanto, tudo foi estudado, embora as conclusões obtidas sejam muito relativas, por falta de material mais completo. Sòmente alguns ossos servem de elemento para tais estudos.

O diagnóstico tem que ser feito em tibias, fêmures, crânios, maxilares, dentes, tarsos, metatarsos, vértebras, etc., tudo, muitas vêzes, já corroído pela ação do tempo.

Como obter um pulmão, um coração, um fígado, um par de rins, um cérebro, um pouco de sangue? Apenas os ossos são um vestígio dessa humanidade que existiu há tantos séculos de nós. Mas os cientistas não desanimam e se curvam sôbre tais amostras e nos dão relatórios bastante convincentes. Em primeiro lugar, acham que, se não chegamos a conclusões definitivas da existência de moléstias entre os homens pré-históricos, isso não significa que êles não as tivessem, como sucede hoje. É provável que um certo número de males que nos afligem, não existissem nos tempos mais antigos, assim como outros, que poderiam ser raros entre êles; mas, a lista de certas doenças já indiscutìvelmente identificadas nos indivíduos pré-históricos é bastante sugestiva.

Começando pelo reumatismo, chegaram os sábios à certeza de que a humanidade de 40 mil anos passados já era portadora de tão martirizante mal! O homem de Neanderthal, ou o paleolítico médio, já carregava o seu reumatismozinho incômodo.

O homem chamado de «Broken Hill», apresenta traços de artritismo; o mesmo ocorre com o de La Chapelle-aux-Saints, e o de Kaprina. O reumatismo, segundo as análises minudenciosas dos paleontologistas, se manifestava em várias peças do esqueleto. Foram examinados ossos de variadas épocas: 15 mil anos, 8 mil e 5 mil, desde os fósseis humanos de Solutre, Cró-Magnon e Chancelade, aos encontrados em Téviec.

E sabem o que descobriram os cientistas? Que os indivíduos de quinze séculos antes de nós já sofriam de osteo-artrite crônica e anquilose! Os de oito mil anos passados levavam nas juntas o sofrimento do reumatismo, como qualquer um cidadão de hoje comedor de bife sangrento.

Em 23 esqueletos, sendo três adultos e um dêles de menos de trinta anos de idade ao morrer o seu dono, foram descobertas provas de lesões artríticas em omoplatas, dedos dos pés, vértebras dorsais e lombares, assim como em dentes, os mais positivos marcos de gengivite expulsiva, ou seja a nossa mui conhecida piorréia alveolar.

Mas, qual o motivo por que os homens daquelas eras tão recuadas eram vítimas de reumatismos, com tanta freqüência?

Acham os paleontologistas que isso se devia ao clima frio e úmido dos habitantes da época paleolítica e, ao regressarem às suas cavernas, depois de grandes esforços para a caça e a pesca, em solo argiloso e sempre úmido, ficavam nas furnas, onde o ambiente não era sêco e de ar puro.

Os mesolíticos, embora já possuíssem melhor clima, habitavam à borda do mar ou mangues, sob atmosfera úmida. Desprovido de alimentação adequada e sob a mais desagradável influência das intempéries, o homem dessas recuadas épocas tinha que sofrer todo um cortejo de moléstias devidas à carência alimentar, às condições de sol e do clima.

Depois de tais distúrbios, um dos maiores males contra o homem primitivo era a dor de dente. E, coisa curiosa: muitos dentes apresentavam esta particularidade: estavam usados até à raiz, fato devido, naturalmente, à natureza da alimentação dos seus donos, mordendo e mas-

DIVISÕES GEOLÓGICAS	CLIMA	FAUNA	DIVISÕES ARQUEOLÓGICAS	DATAS PROXIM. (A. DE C.)	HOMENS FÓSSEIS	ARMAS
QUATERNÁRIA — HOLOGENA	VIZINHO DO ATUAL	ATUAL	METAIS	3.000 Anos		
			NEOLÍTICA	5.000 Anos		
			MESOLÍTICA	10.000 Anos		
PLEISTÓGENA — SUPERIOR		RENA	SUPERIOR — MAGDALENIANA	10.000 A 20.000 Anos		
			AURENAGIANA			
MÉDIA	FRIO ÚMIDO	MAMUT	MÉDIA — MDUSTERIANA	20.000 A 45.000 Anos		
INFERIOR			INFERIOR — ACHEULIANA			
	AMENO	ELEFANTE ANTIGO	CHELEANA	45.000 A 80.000 Anos		
			PRECHELEANA			





tigando ervas e raízes silicosas e outros alimentos que exigiam dentes de roedores, e os pobres homens daqueles tempos não eram isso pròpriamente.

Entre os neolíticos, as erosões dentárias observadas eram resultado, segundo opinião do dr. Siffre, de profundas perturbações patológicas de seus organismos. A gengivite expulsiva deveria ter sido provocada pela má alimentação e por irritação.

Êsse mal deveria ter sido muito freqüente nas épocas pre-históricas, uma vez que, em quinze indivíduos encontrados (os restos ósseos, é claro) na região de Téviec, nove haviam sofrido de piorréia alveolar.

Casos de cáries dentárias são assinalados a partir do poleolítico pelo dr. Henri Martin na zona do Roc (Charente), assim como em dentes recolhidos na gruta de Afalou, África do Norte.



Ablação ritual dos incisivos superiores (crânio de Afalou, África do Norte). Não sendo mais usados no curso da mastigação, os incisivos inferiores encheram o vazio.

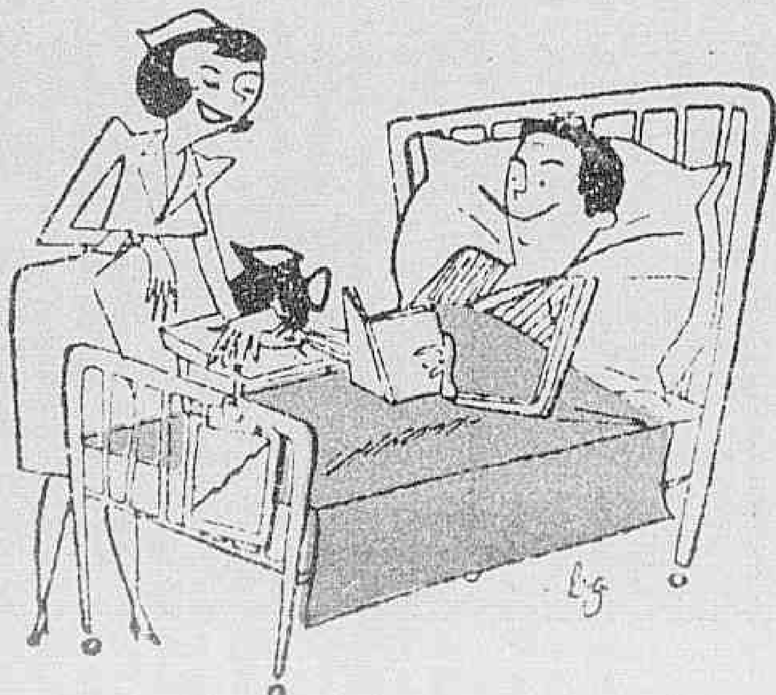
Entre dentes da era mesolítica, em 152 dentes 16 apresentavam cáries. É essa época a que apresenta menor percentagem de cáries.

A maior percentagem dêsse mal se registrou na idade do bronze, quando, segundo os dados reunidos até hoje, elevou-se a 22 por cento, enquanto em nosso tempo, êsse número vai a cêrca de 20 por cento.

Os trogloditas também sofriam de sinusite maxilar, deformações dentárias, fusão das raízes, embora pouco freqüentes.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

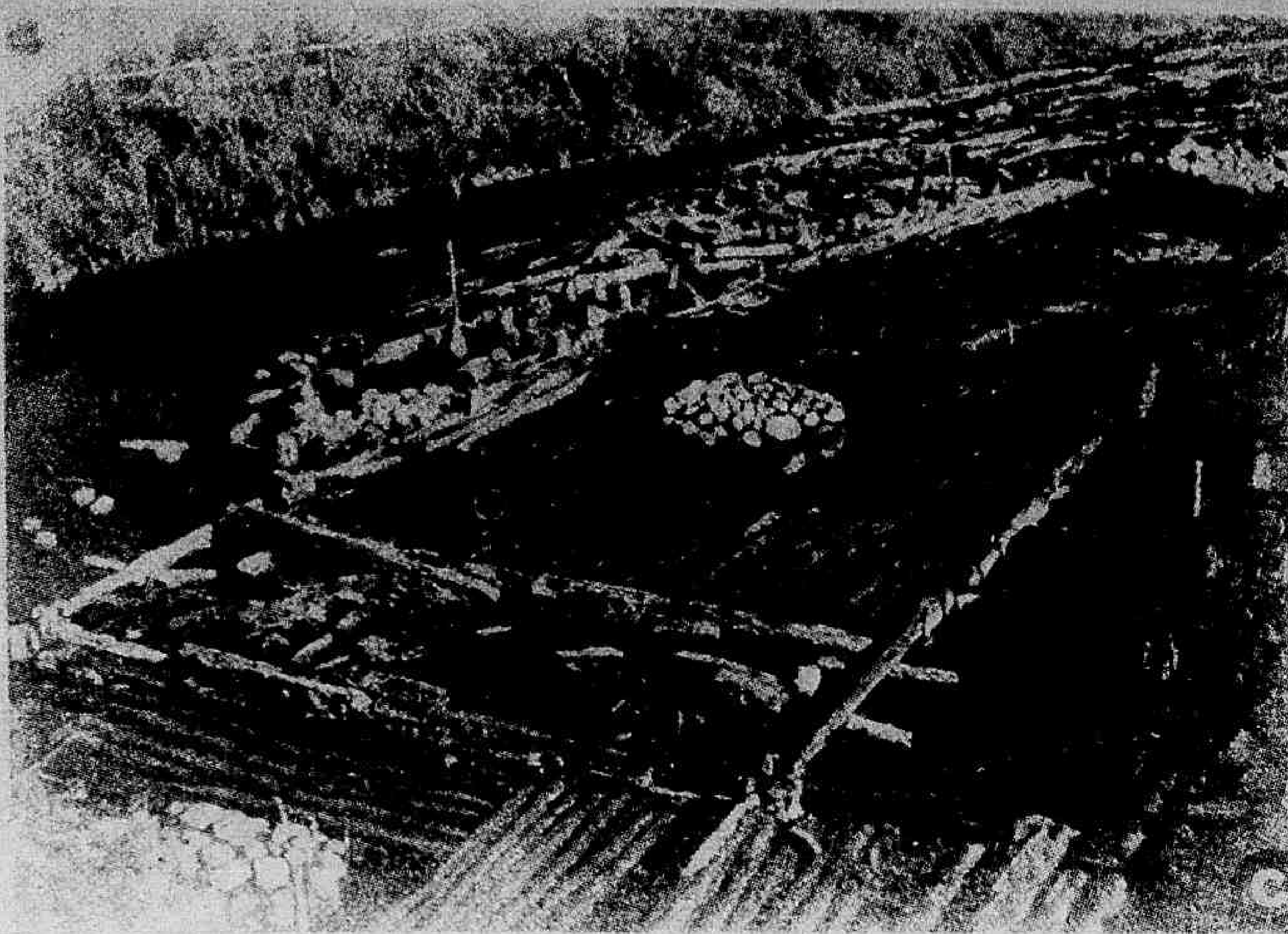
CONTRA A FEBRE PALUSTRE



Os médicos militares dispõem, atualmente, de um remédio que, em dois tempos e três movimentos, acaba com a febre palustre e impede o seu retôrno. Já sabiam, desde algum tempo, que a **chloroquina** detinha essa febre em seu estado agudo; mas, uma vez que o parasita responsável por essa febre conseguia penetrar, graças ao fluxo sanguíneo, até aos tecidos, a **chloroquina** cessava de ser eficiente. Numerosos ex-combatentes da guerra da Coréia, tratados com essa droga, sofriam recaídas arrasadoras.

Porém, os médicos descobriram, recentemente, a **primaquina**, que destrói êsse parasita nos tecidos e permite, assim, reduzir a porcentagem das recaídas de 30 por cento até ao mínimo de 1 por cento!

Agora, as duas drogas são aplicadas, simultâneamente, em todos os antigos combatentes. A **primaquina** é, ainda hoje, reservada aos hospitais militares, mas, graças à melhoria dos métodos de síntese, dentro de pouco tempo estará à disposição de todos.



Os males reumatismais variados, de que sofriam os homens pre-históricos, segundo revelam os fósseis, são explicados, entre outras causas, pela umidade do seu «habitat». — A — Gruta paleolítica (Les Eysies — França); B — Cidade lacustre neolítica (reconstituição); C — Aldeia da idade do ferro, Bisharpin, Polônia.



Encerrando esta reportagem, verificamos não ter sido muito negócio viver há 15 mil anos do nascimento de Cristo. Mas, se um «pitecantropo» viesse hoje até nós e ficasse duas horas em pé numa fila de ônibus, com dois ou três acidentes pelo trajeto; se, quando chegasse a casa, suado, empoeirado, ficasse sob o banheiro sem água... é possível que preferisse suas cabanas palafíticas ou cavernas rochosas, a suportar as torturas da vida moderna, mesmo com o velho reumatismo e as cáries primitivas...

Surge, agora, uma pergunta:

— Sofrendo dos dentes, teriam êles dentistas?

Isso é impossível de confirmar, sim ou não, por falta de elementos; mas, pelo exame em tais espécimes, especialmente em maxilares, os paleontologistas estão certos que, pelo menos, o homem das cavernas deveria cuidar de arrancar os dentes afetados, por si mesmos ou por gentileza de algum outro selvagem.

E não devia haver muita cortesia.

E outras doenças, como a tuberculose?

Segundo os sábios que estudam tais problemas, sòmente em um caso neolítico e um da idade do bronze, foi revelada a existência do bacilo de Koch.



Pequeno drama pre-histórico policial ou militar. Um mesolítico de Teviac (França), já portador de importante fratura reparada do maxilar, foi morto por uma flecha, como o prova a ponta, ainda fixada em uma de suas vértebras.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

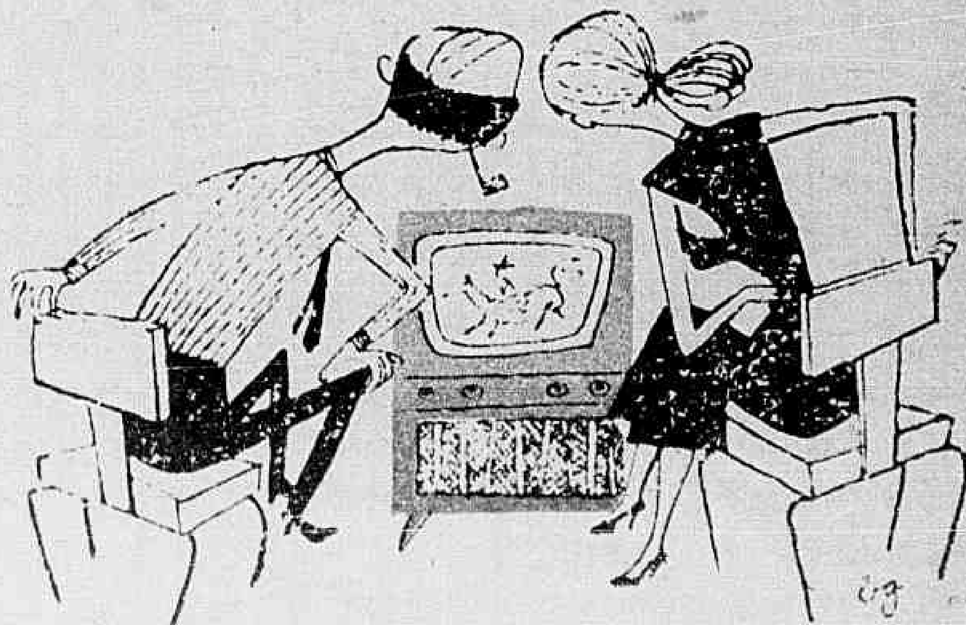
"TORCICOLOS DA TELEVISÃO"

NOVO sintoma clínico, que foi batizado como «torcicolo da televisão» — foi descrito pelo doutor Kaufman, de Bridgeport, Connecticut, na «Revista da Sociedade Americana de Medicina».

Seria provocado pela posição incômoda, com a finalidade de olhar para a televisão.

Para o marido e a mulher, êsse torcicolo ocorre, ordinàriamente, num à direita, noutro à esquerda, porque cada qual tende a deitar o pescoço num sentido oposto, a fim de conservar os olhos diante do **écran**.

O remédio consiste em colocar mais alto o aparelho de televisão, a fim de que todos possam ver, mais à vontade, sem ter que adotar uma atitude incômoda.



O SINAL SECRETO

OS ROMANCES GERAM, COM MUITA FREQÜÊNCIA, FATOS ESTRANHOS. EIS O CASO DE UM ROMANCE QUE IMPEDIU O SUCESSO DE UM ASSALTO

Por CHARLES CARVER

ATÉ mesmo nós, os homens velhos e experientes, se temos que ser francos, podemos ser instigados pela visão da luz do sol incidindo sôbre uma linda cabecinha. Isto aquece o sangue com recordações de primaveras do passado longínquo.

Especialmente durante os primeiros meses, era um prazer olhar por sôbre as grades do guichê e ver o sol da manhã criando um halo de tom rosa-dourado em tôrno de Jane Webster. Além das suas qualidades de beleza, Jane era uma excelente estenógrafa, cuidava do arquivo e era competente contadora. Durante muito tempo estivemos necessitados de uma jovem capaz de exercer essa tripla função, como agora exercia Jane Webster.

Mas essa era uma combinação muito boa para durar, num banco pequeno, como o Brazos Gap National, e não pude deixar de comentar a respeito com Jess Howard, nosso presidente. Êle apenas sorriu, redarguindo:

— Creio que você tem razão. Algum rapagão a levará daqui, muito breve. E, se tal não se der, ficarei convencido de que esta cidade está ainda em condições piores do que julgava.

Jess olhou na direção de Tommy Hayes, nosso contador, e notei a que se referia, relutando em aceitar tal idéia. Tommy era solteiro, muito bom rapaz, mas não podia imaginar os dois num romance, pois era muito meticuloso e cauteloso, segundo o meu modo de pensar.

O único outro homem, ali por perto, era o «Velho Cavalheiro», um porteiro, também chamado «O Guarda», um bom sujeito, que prestara um serviço ao pai de Jess durante a guerra hispano-americana.

Apesar de tudo, o romance estendeu seu manto sôbre o Brazos Gap National, antes de que se passassem seis meses da permanência de Jane entre nós, e o impacto que isto causou foi caótico. As cartas da jovem passaram a conter diversos enganos e os nossos arquivos a ser o pesadelo de um auditor. Chamei-lhe a atenção de modo severo e, por algum tempo, as coisas voltaram ao normal. Mas eu não era tão ingênuo para pensar que elas fôssem permanecer assim e, cêrca de uma semana depois, o amor começou a causar transtornos novamente.

O pior de tudo foi que Jane Webster **descobriu** o telefone!

Não apenas o descobriu, como, aparentemente, sentiu que tinha direitos exclusivos à invenção. Cartas sem resposta se empilhavam diante de seus cotovelos graciosos, manhã após manhã, enquanto ela sussurrava palavras doces no bocal do aparelho.

Tivemos uma nova conversa.

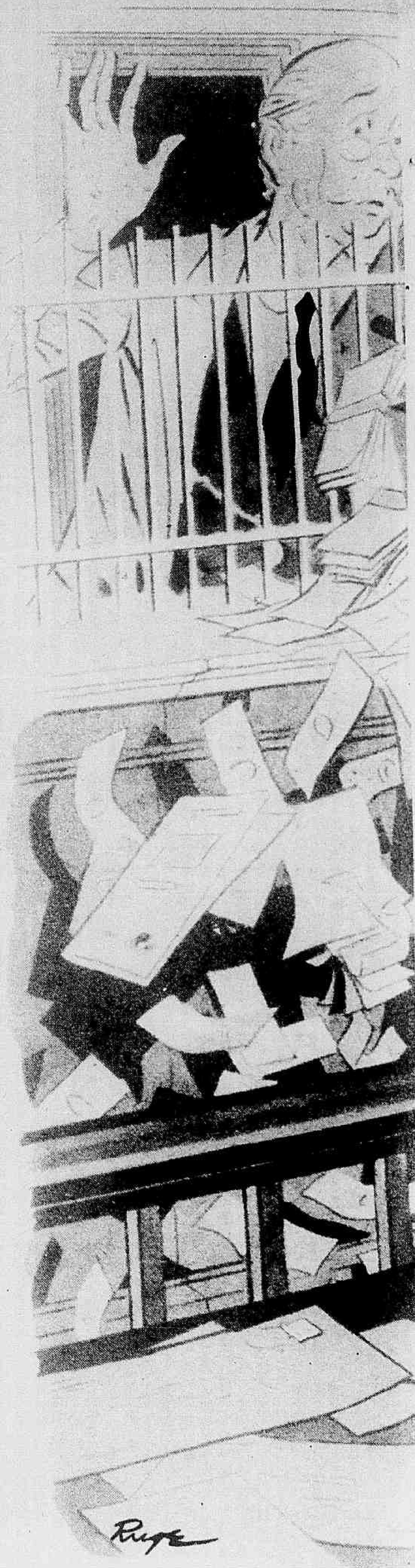
— As pausas para tomar café são permitidas — falei. — Chegar tarde ao serviço e sair mais cedo são coisas peculiares aos humanos. Mas, por favor, senhorita Webster, mantenha o seu lindo rosto bem longe daquele telefone!

— Sim, senhor — disse ela, e olhou por sôbre o ombro gracioso para a janela.

Segui o seu olhar e a razão se tornou evidente. Eu a vira, na rua, em companhia de Eddie Starr e lembrei-me, então, de que Eddie trabalhava na firma Bartlett, no segundo andar do edifício situado do lado oposto, naquela mesma rua.

— Eddie? — perguntei.

Ela assentiu, com um meneio de cabeça.



Quase morri de susto. Jane Webster



sem ligar a mínima importância à ordem imperativa dos assaltantes, calmamente, empinava o narizinho :

Bem, abra a janela e fale com êle — tornei, zangado. — Mantendo ocupadas milhas e milhas de linhas telefônicas para falar a um homem que se encontra do outro lado da rua! Magnífico!

— É... — e Jane me brindou com um ligeiro sorriso.

Mas, as minhas reprimendas fizeram o efeito desejado. O telefone passou a permanecer no gancho, como uma criança sossegada, e só era utilizado para chamados estritamente comerciais.

Então, outro jôgo teve início e, creio, ela o fêz sòmente para me deixar ainda mais irritado. Mais ou menos às dez e trinta, tôdas as manhãs, Jane interrompia o trabalho, apanhava a bôlsa, empoava o nariz e corria para a porta do banco, onde, infalìvelmente, estava Eddie, pronto para levá-la até um bar das imediações, onde os dois faziam uma ligeira refeição, trocando suspiros e frases amorosas.

Muito fácil de remediar tal situação, pensei. Êles costumavam encontrar-se às dez e trinta, diàriamente. Assim, por várias vêzes, propositalmente, fi-la atrasar-se, ditando cartas até depois das onze horas. Calculava que, tudo o que pudesse fazer para atrapalhar aquêle romance matinal, seria em benefício do banco. Mas esta foi, justamente, a parte frustrada do meu cálculo. Jane, simplesmente, tomava as notas que lhe eram ditadas, atirava o bloco sôbre o escrevaninha e, repetindo a operação diària, empoava o nariz e corria para a porta, onde, como num passe de mágica, Eddie aparecia como um cãozinho fiel.

— Diga-me — perguntei uma brilhante manhã, quando o estabelecimento começou a funcionar — será que êle fica esperando por você até ao meio-dia? Não receia que Eddie perca o emprêgo? — Êste era um pensamento selvagem, mas bastante confortador.

— Oh, não! Eddie apenas se encontra comigo — respondeu ela. E, então, olhou para mim, com ar penalizado. — Será que nunca se sentiu apaixonado, sr. Hollisten?

— O que tem isso a ver com o seu caso?

— As pessoas apaixonadas não precisam de telefone. Elas **sentem** as coisas.

Observei-a enquanto Jane caminhava para a sua escrevaninha, com aquêle seu modo bamboleante, e essa visão foi suficiente para que eu perdoasse a sua impertinência. «Coisas piores do que uma criaturinha trajando um vestido de algodão podem aparecer entre um velho e o sol» — foi o pensamento que me ocorreu naquele momento. E, então, de modo súbito, vi-me diante do cano escuro de uma metralhadora de mão.

— Mãos para cima! — comandou uma voz áspera, e eu tratei de obedecer. Eram, exatamente, nove horas e três minutos e não havia mais ninguém no banco, além do indivíduo que me mantinha sob a mira da terrível arma, seu companheiro de olhar perverso, que se encontrava junto à porta, empunhando outra metralhadora, Jane Webster, o jovem Hayes, parecendo espantado por trás da sua portinhola, e eu próprio, tremendo dos pés à cabeça. «Velho Cavalheiro», o guarda, costumava seguir o horário bancário e usualmente só aparecia às dez horas.

O meliante que entrara em primeiro lugar era um rapaz, e isto é que o tornava mais perigoso, pois, segundo eu já tivera oportunidade de ler, êsses fedelhos são capazes de atirar por qualquer motivo, pois os seus nervos estão sempre tensos durante um assalto. E pude notar que as mãos dêle tremiam tanto quanto as minhas...

— Passe o dinheiro! — gritou êle, dirigindo-se a Hayes. — Não tenho o dia todo disponível!

Hayes passou a reunir as notas com gestos nervosos, colocando-as dentro de um saco.

— Você aí! — gritou o homem que se encontrava à porta. — Mandei que levantasse as mãos!

Segui o olhar do assaltante e deixei cair o queixo, ainda mais espantado. Jane Webster, mais calma do que nunca, empoava o nariz!

Ela fêz uma pausa e olhou para o homem à porta. O sol a envolvia, como se ela fôsse um anjo — e, com tôda certeza, ela seria um dêles dentro de poucos instantes — segundo pensei.

— Apenas retoco o meu **make-up** — explicou ela, tìmidamente. — Ou preferia que eu desmaiasse?

— Mulheres! — exclamou o homem, e eu movi a cabeça concordando com êle, e o fiz de modo tão forte, que meus óculos chegaram a cair.

O pobre Hayes e o assaltante número um estavam tão nervosos que o dinheiro voava como fôlhas de árvore impulsionadas por uma ventania. Ansiosamente, desejei que algumas delas se introduzissem, depressa, no saco, antes de que todos nós fôssemos mortos a tiros. Meus braços já doíam e — para ser honesto — sentia que estava a ponto de perder os sentidos.

Todo aquêle trabalho parecia durar uma eternidade mas, finalmente, o saco já aparentava estar repleto e os dois homens começaram a recuar, fazendo gestos ameaçadores com as armas.

Sem os meus óculos, vi um nevoento automóvel estacionado na calçada e fechei os olhos, esperando pelo som de um motor arrancando, misturado com o matraquear de uma rajada de balas, vinda da rua. No entanto, nada mais houve senão um estranho silêncio e o rumor de vozes excitadas. Pelo visto, os dois assaltantes haviam caído nas mãos do xerife e de seus dois auxiliares, que esperavam a saída dos bandidos com suas armas já apontadas para êles. Não houve tiros nem correrias.

Depois que me reanimaram com sais aromáticos, eu me mostrei tão ansioso como as demais pessoas, para descobrir o que acontecera. Aparentemente, Eddie Starr dera o alarma. O banco, em conseqüência, estava em débito com êle.

— Abençoada seja a sua presença de espírito, meu rapaz! — falei. — Foi uma sorte para nós que você estivesse no lugar certo, na hora exata!

— Oh! Não foi questão de sorte — retrucou êle. — Jane foi quem me avisou!

Tornei a sentir que as fôrças me faltavam. Então **era verdade** que os apaixonados haviam descoberto a telepatia?

— Naturalmente, o dia de sol forte ajudou muito! — acrescentou Eddie. — E, também, o fato disso ter acontecido de manhã, em vez de à tarde.

Foi então que tudo ficou claro diante dos meus olhos — especialmente quando me lembrei de Jane, com a luz dourada e brilhante em seus ombros, abrindo o seu estôjo de pó e mirando-se no espelho. Ela fazia isso dezenas de vêzes; e em tôdas essas vêzes, Eddie se encontrava atento, esperando o brilho do espelhinho, ao incidir a luz do sol sôbre o mesmo, para vir correndo ao encontro de Jane. O **heliógrafo** — recordei — era muito mais velho do que o telefone! E não pude deixar de me sentir, mais uma vez, maravilhado ante a astúcia dos apaixonados.

— Ela transmitiu um SOS! — explicou Eddie. — Logo em seguida, saí correndo para chamar o xerife.

— Mas, como sabia que era um assalto? Você podia ser alvejado!

— Eu não tinha certeza disso, sr. Hollisten...

O rapaz corou e ficou um instante atrapalhado, antes de dizer:

— «Pensei que o senhor e Jane estivessem... estivessem a sós... e ela necessitasse de... quer dizer... Bem; eu apenas vim correndo... e pronto!

★

AGORA pergunto ao leitores: que me dizem disto? Não é com freqüência que um velho como eu leva um susto tão grande e, em seguida, é tão magnìficamente lisonjeado por um moço; isto tudo numa mesma manhã!

★ ★

COM ALGUNS DE SEUS OUVINTES

Um pároco de Missouri, mandou gravar em disco uma missa cantada, na qual — depois da leitura do Evangelho — êle pronunciara um estudado sermão. Uma noite, estando só em seu gabinete de trabalho, teve vontade de ouvir o disco. Despertou quando o côro entoava o **Agnus Dei**.

★

ACHADOS PRECIOSOS

«O avô se sentou com a angulosa geometria da idade.» — **G. L. Howe**

«Estrêlas prêsas nos ramos de uma árvore.» — **P. K. Chesterton**

★

SÔBRE OS PERIGOS DA CORTISONA

Entre os médicos corre uma anedota que bem podemos qualificar de «brincadeira fúnebre», mas que têm muito de verdade.

«Com cortisona e ACTH um médico pode manter seu paciente em tão aparente boa saúde, que êste consegue caminhar por seus próprios pés até à sala onde lhe farão a autópsia.»

BANHO DE AREIA QUENTE PARA ARTRÍTICOS



HÁ cem anos que o Japão, «império fechado do sol nascente», abriu suas portas às influências européias. Desde então, como todos sabem, não cessou de evoluir, tanto na vida privada, quanto na indústria, na política e também na guerra — segundo Pierre Loti já havia profetizado em «La seconde jeunesse de Madame Pruna», na higiene e medicina. A estação termal de Modji, na ilha de Kiushiu, o banho de areia quente é obrigatório. Artríticos — homens e mulheres, enterrando-se até ao pescoço no solo. É a terapêutica da qual os egípcios de Mênfis, os etruscos de Puzoles e os gauleses de Lamotte-Beuvron, já haviam experimentado os benefícios. No Japão, entretanto, a coisa é um pouco diferente, pois os doentes são «animados» por um cantor, que lhes recomenda paciência, em versos quase centenários, o que ajuda os enfermos a suportar a ardência daquelas areias.

DESARMAMENTO NA SELVA

Com muito entusiasmo, foi iniciada uma Conferência do Desarmamento, celebrada pelos animais da selva. Enquanto se tratou do tema geral, reinou a maior harmonia. Porém, a certa altura dos debates, o leão — olhando furtivamente para a águia — propôs que fôssem abolidas as asas.

A águia, imediatamente, respondeu:

— A idéia, em princípio, não é má. Porém, na verdade, antes de tudo, devemos abolir os chifres!

O touro, sentindo-se alvo dessa proposta, exclamou:

— Não! Os chifres são uma necessidade! Devemos abolir as garras!

O urso, então, em tom amistoso, disse:

— Todos têm razão. Eliminemos as armas defensivas e eu os envolverei, a todos, em meu abraço.

★

ACHADOS PRECIOSOS

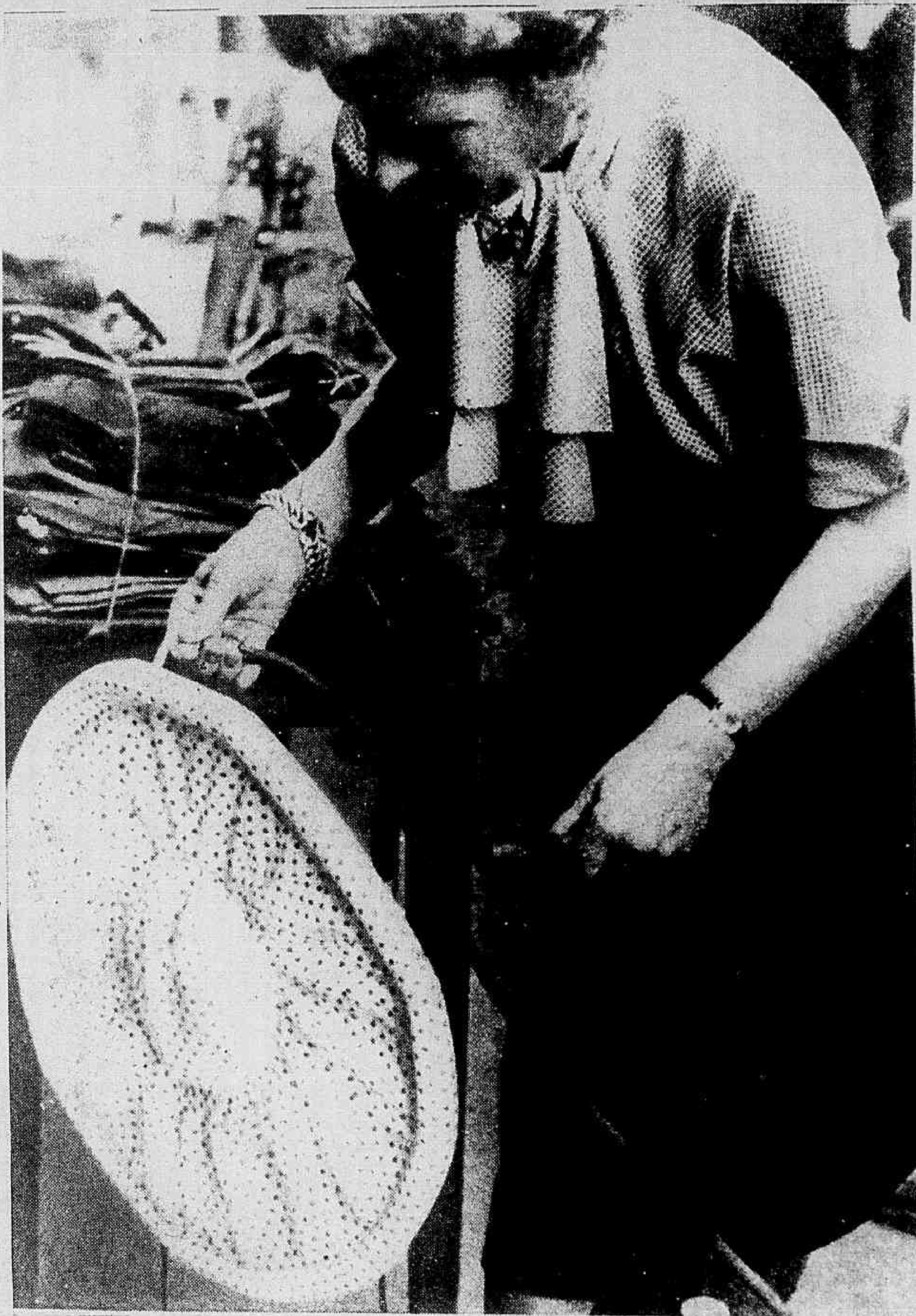
«Observava a expressão do rosto do pai, como um explorador experimentado estuda um mapa.» — **Phyllis Bottome**

«O vento contava histórias de fantasmas.» — **Pipe Dreams**

AS ÚLTIMAS LOUCURAS EM MATÉRIA DE MODA



O «Miracle» — chapéu feito de fazenda e de vento — é perfeitamente dócil. Pode ser usado de diferentes maneiras, adaptando-se ao gôsto de sua proprietária.



Diante da casa de bicicletas, a parisiense trata de encher o chapéu.

CHAPÉU, feito com...vento! — O seu nome é **Milagre** e seu inventor é o famoso André, de Paris. Um cronista irreverente já afirmou, há tempos, que, **«por dentro, a cabeça das mulheres só tinha vento...»** Pois agora também o terá, por fora! Mas, na verdade, tem o seu lado prático, dado que pode ser guardado numa pequena bôlsa de mão e só usado se, por acaso, a ocasião o exija. O pior é que, primeiro é preciso procurar um pôsto especializado, a fim de obter o vento mecanizado, pois que, com a bôca, poderá receber a marca do **baton** para lábios...





O CHAPÉU-SOMBRINHA! — Êste é um modêlo de Paquin, também de Paris, e faz jôgo com a roupa de praia. A sombrinha tem a vantagem de não ocupar as mãos, ficando prêsa ao pano que protege os cabelos. À direita: quando não é utilizado, o chapéu de Monsieur André é esvaziado em poucos segundos, dobrado e guardado em qualquer bôlsa.

MARAVILHAS DA CIÊNCIA:

HÁ LIMITES PARA O UNIVERSO?

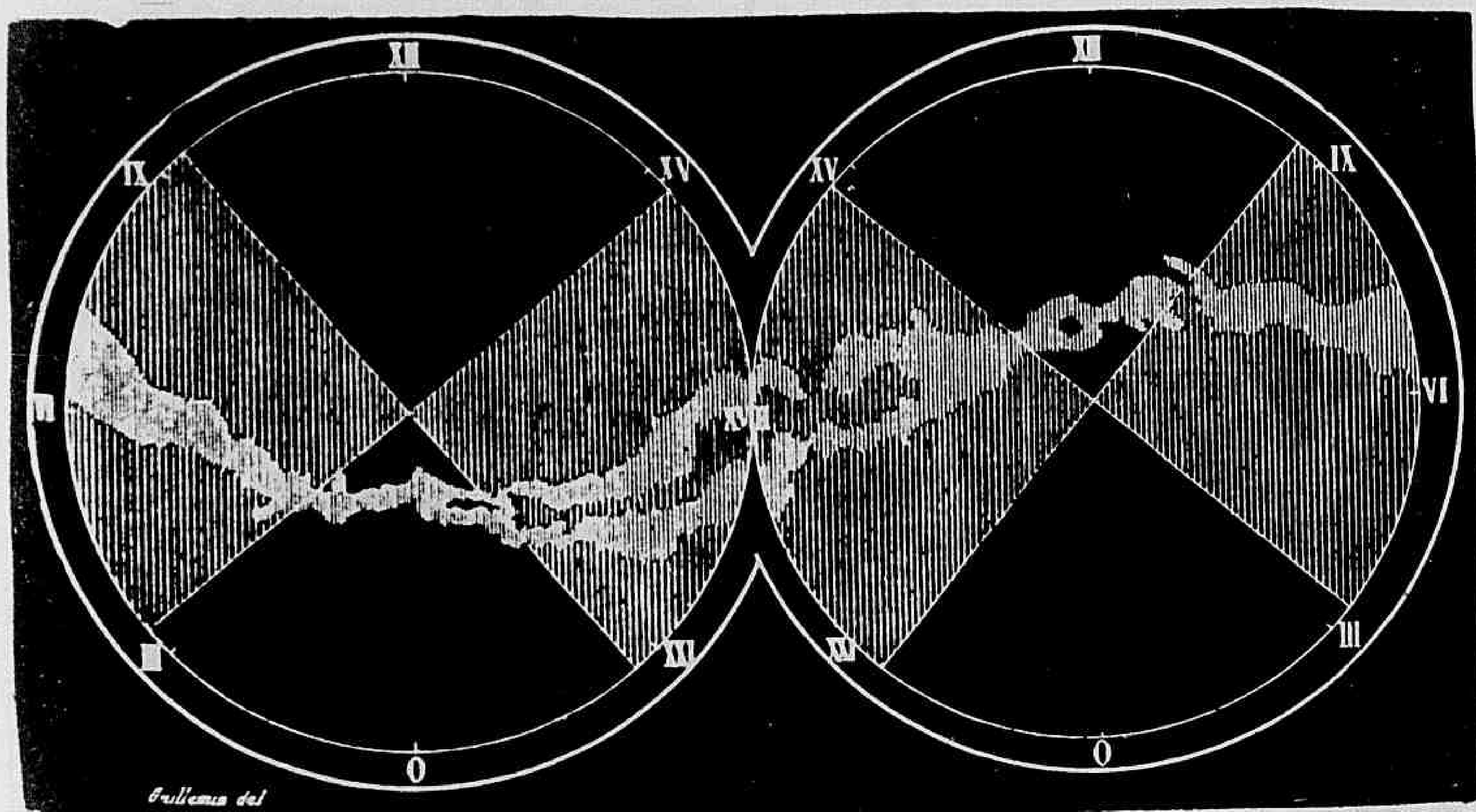
Por DE MATTOS PINTO

AS CONSTELAÇÕES SE MOVEM NA ETERNIDADE DA VIDA



Na antiguidade, os homens contemplavam os astros com tubos sem lentes.

PARA fixar os conhecimentos, a razão necessita de um ponto de apoio, que sirva de referência nas mil e uma circunstâncias naturais, que se reproduzem sem cessar. Um mundo destituído de limites, informe, isento de qualidades geométricas, sem espaço e sem matéria, escaparia à investigação de uma ciência como a nossa, feita para anotar e fixar. Dêsse fato se prevaleceu Einstein na criação da Teoria da Relatividade, cujos fenômenos dependem da posição do observador. Se a experiência nos aconselha a delimitar as idéias para melhor distinguir as suas essências, a nossa faculdade de abstração se revolta contra o Universo restrito, fixável e determinável, contido num espaço exato. Duas filosofias se digladiam no interior do homem, cada uma com as suas aspirações antípodas. Uma deseja saber concretamente e como para saber alguma coisa, devemos firmar os conceitos e flanquear os princípios, tendemos para uma ciência prática, mais fiel do que sonhadora. Outra não se contenta do fato, prefere a metafísica e a especulação constitui a sua delícia, o prazer que não morre. Essa última filosofia ama o Infinito, que ela representa no Universo Estelar. A astronomia chegou, no entanto, a uma fase que não tolera mais a intervenção da fantasia, que recua e cede o lugar à verdade experimental. O homem pode falar do Infinito, nos dias atuais? Eis um problema que só a pesquisa das Constelações resolverá definitivamente.



Distribuição das estrêlas, da primeira à última grandeza, conforme escreveu o astrônomo Schwinck. O máximo de estrêlas coincide com a «Via Láctea».

MILHARES DE CLARÕES EMERGEM DA SOMBRA

A antiguidade precedeu a era contemporânea em quase tôdas as investigações do pensamento, no sentido da moral, ou no rumo das ciências naturais. O panorama sideral não poderia ficar despercebido aos pensadores da Grécia, que amavam a contemplação como uma graça inigualável.

Cento e vinte e cinco anos da nossa era, enumerou e anotou o astrônomo grego Hiparco, mil e oitenta estrêlas, legando-nos, assim, um atestado do poder de observação visual, antes da invenção do telescópio.

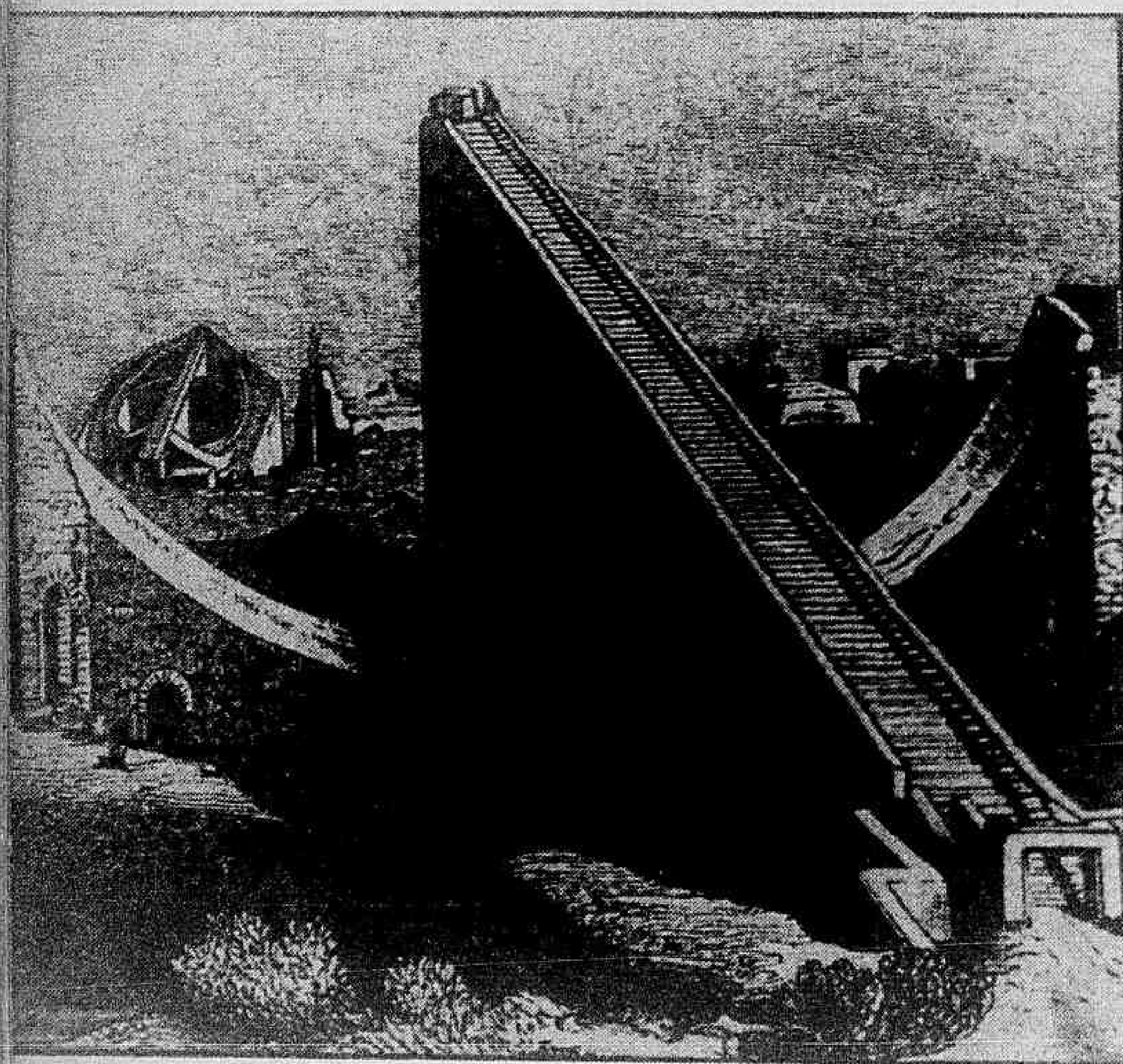
Hiparco criou a trigonometria, determinou as revoluções solares e lunares, anunciou a inclinação da elítica e a precessão dos equinócios, sendo considerado, por tudo isso, o pai da astronomia. A idéia de classificar a grandeza das estrêlas pelo seu brilho vem do astrônomo helênico, que preferiu tomar a intensidade da luz como uma medida de comparação. No século segundo da era atual, Ptolomeu compôs o «Almagesto», a sua histórica obra com o registro



ÍNDIA — Êsses velhos degraus foram construídos e usados especialmente para o estudo das estrêlas.

de mil e vinte e cinco estrêlas. Ptolomeu perpetuou nos seus escritos o método de Hiparco, que persiste em nossos tratados de astronomia. Por grandeza, entende-se a quantidade de luz, que projeta um corpo celeste à observação visual. As estrêlas que mais reluzem formam a categoria de primeira grandeza, enquanto as menores de tôdas, as últimas visíveis, numa noite sem nuvens, constituem a sétima grandeza. Entre os astros mais brilhantes, notamos Sírius, Canopus, Arcturus, Vênus, Rigel, Procyon, ao todo vinte da primeira grandeza. Cálculos rigorosos e detalhados indicam que há, no firmamento, sessenta estrêlas da segunda magnitude, duzentas da terceira, quinhentas e trinta da quarta, mil setecentos e quarenta da sexta. Existem, assim, sete mil setecentos e vinte astros perfeitamente visíveis, à vista desarmada.

Por conseguinte, a magnitude de uma estrêla não depende das suas dimensões, do seu diâmetro



Ptolomeu fêz observações da Lua, no ano 200 A.C.

real e sim da sua vizinhança da Terra, o que nos faz receber uma maior intensidade de raios. Determinou John Herchel, que o mais brilhante dos corpos celestes, a grandiosa Sírius, cuja observação data do Egito, equivale a trezentos e vinte e quatro vêzes uma estrêla de sexta grandeza. Recentemente, verificou a fotometria que os astros classificados pela antiguidade como da primeira grandeza acusavam uma energia luminosa cem vêzes mais intensa do que as últimas, visíveis a ôlho nu. Devemos reconhecer que há mais um fundo de convenção, do que verdadeira ciência, nesse método empírico de qualificar os mundos longínquos. Muitos dêles brilham a distâncias fantásticas, diversas entre si, em condições físicas variadas, o que impede o conhecimento exato.

À proporção que a ótica aperfeiçoa os telescópios, à medida que progride a fôrça das lentes, milhares de clarões emergem da sombra do indefinido. Da sétima grandeza, há quarenta mil estrêlas e a estas acrescentam-se outras, cada vez mais numerosas. Barthélemy Mouchez, que substituiu o matemático Urbain Le Verrier no Observatório de Paris, dirigiu, em 1886, um congresso de astrônomos, para confeccionar o mapa fotográfico do céu. Subdividido em dezoito partes, cada zona do firmamento mereceu os cuidados especiais de um observador, que se encarregou da análise. Mais de vinte e duas mil fotografias acumularam-se, registrando tôda a esfera sideral. Outro trabalho numa direção diferente empreenderam os astrônomos holandeses Jacobus Cornelius Kapteyn e J. Van Rhijn, que partilharam o espaço em duzentos e seis divisões.

Diversos observadores fatigaram-se em pesquisas, assinalaram que existem até a décima sexta grandeza, cem milhões de estrêlas. O extraordinário número de corpos de pequena grandeza, que trazem os catálogos, deve ser interpretado como uma conseqüência da distância, não como um fato físico real, porque o seu diâmetro verdadeiro nos escapa. Os bons telescópios revelam, agora, muito mais, indo até à vigésima grandeza, cujo número F. H. Seares e J. Van Rhijn avaliam em um bilhão. Com a fotografia, de sensibilidade mais fina do que o ôlho humano, o céu povoa-se de novas luzes, de outros milhares e milhões de globos brilhantes, que gravitam a imensuráveis distâncias. O cálculo matemático situa em dois bilhões o número de estrêlas que compõem o nosso Universo.

AS VARIEDADES ESTELARES MARAVILHAM OS DESCOBRIDORES

Ao lado dêsses cálculos, que ousam marcar a soma total dos elementos siderais, a astronomia procura individualizar as estrêlas, a distingui-las, a compreender os seus estados, esforça-se por decifrar as suas leis. Trata-se de um estudo à parte, especial, mais físico do que especulativo, exigindo anos de paciência. Pertence a êsse gênero de trabalho o catálogo que preparou Tycho Brahe em 1580, com mil e cinco estrêlas, quando não se conheciam ainda as lunetas.

De 1792 a 1796, J. J. Le Français de Lalande observou, também, outros cinqüenta mil corpos

Mas o labor não cessa e no Observatório de Bonn, Friedrich Argelander executou novo catálogo, um dos mais preciosos, de todos os tempos. Terminado em 1863, exigiu o seu acabamento um milhão e meio de observações, para o registro de trezentos e vinte e quatro mil cento e noventa e oito estrêlas. Depois, E. Schoenfeld acrescentou mais cento e trinta e três mil seiscentos e cinqüenta e nove astros.

Para saber a grandeza natural e realmente física de uma estrêla, necessitamos conhecer a distância que fica da Terra, a magnitude da sua face luminosa, o brilho da sua matéria. Pela relação numérica, os antigos firmavam as suas idéias sôbre as variedades estelares, mas não obtinham um conhecimento exato, que só o progresso dos conhecimentos ópticos poderia afirmar. O físico norte-americano Albert Abraham Michelson inventou o interferômetro, para medir as dimensões estelares e com êle o Observatório de Mont Wilson realiza valiosos estudos, bem exatos. Pode-se determinar que a estrêla dupla da Constelação do Licorne, que pertence ao hemisfério austral, supera vinte vêzes o diâmetro do Sol. Na Constelação do Orion, refulge Betelfousa com um diâmetro trezentas vêzes aquêle do Sol e com um volume vinte e sete milhões de vêzes maior. O seu diâmetro contém o Sol, a órbita de Mercúrio, a órbita de Vênus e a órbita da Terra.

Dimensões mais gigantescas, encontramos na Constelação do Escorpião, a monumental Antares, cujo volume exige cento e treze milhões de globos iguais ao Sol, para completar o seu volume. As estrêlas gigantes significam uma densidade fraca, um estado ainda nebuloso de formação, enquanto as menores indicam, quase sempre, uma fase de maior densidade. Justamente essa circunstância conduziu a astrofísica a outra espécie de classificação, baseada na análise da luz, método que vem da descoberta moderna, de que a temperatura determina a côr dos raios luminosos. Estrêlas azuis, brancas, amarelas, rubras, manifestam estados físicos múltiplos. Astrônomo que se particularizou na pesquisa física, J. Normann Lockyer, devotou-se à idéia de que os elementos químicos irradiam espectros diferentes, tôdas as vêzes que se eleva ou decresce a temperatura.

As estrêlas rubras acusam três mil a quatro mil graus e as estrêlas amarelas, cujo tipo mais próximo se acha no Sol, marcam quatro mil a seis mil graus. A presença de abundante hidrogênio representa sete mil a dez mil graus de temperatura, e nos astros que projetam um fulgor branco, azulado, a base de hélium, a incandescência, vai a quinze mil graus.

Suponhamos dois corpos celestes, um cujo estado físico evolui e outro cuja natureza retrocede, depois de haver atingido uma alta combustão. Num dado momento, irradiam o mesmo espectro, embora em fases opostas, uma em avanço, outra em recuo.

Para averiguar se duas estrêlas com espectros análogos se acham em estado crescente, ou em estado decrescente, examinam-se as raias secundárias. Nas primeiras, as raias mostram o aspeto leve, vaporoso,



Galileu aperfeiçoando a luneta astronômica, invento de que resultariam os telescópios modernos, que devassam o firmamento.

enquanto se fazem carregadas e sombrias nas segundas. Graças à análise espectral, a vida estelar pode ser conhecida, independente da sua grandeza luminar, aparente.

NADA FICA IMÓVEL NO FIRMAMENTO

O astrônomo grego Aristarco de Samos enunciou, pela primeira vez, no século III, antes de Cristo, a feliz verdade de que o globo terrestre gira em volta do Sol, fato confirmado por uma citação do matemático e inventor Arquimedes. Refutaram-no alegando que, se a Terra gravitasse realmente, notar-se-iam mudanças na figura das Constelações. Por mais que se esforçasse, nunca pôde a sabedoria da antigüidade provar que as estrêlas se movem e, durante dois mil anos, ninguém pensou mais na idéia gloriosa de Aristarco de Samos, o primeiro a proclamar a hipótese heliocêntrica.

Desde que Nicolaus Copernicus desfez o sistema de Ptolomeu, os adeptos do movimento da Terra tentaram, em vão, descobrir a marcha dos mundos siderais. Nesses dois últimos anos de história humana, nada mudou na fisionomia aparente do céu, de forma que contemplamos a mesma Constelação da Lira, do Escorpião e a mesma Constelação da Virgem, que iluminaram os olhos de Homero e de Esquilo. Dois fatos impedem de sentir a modificação, a distância e a velocidade da luz, fenômenos que a Grécia não se encontrava aparelhada para verificar, não obstante a genialidade de Aristóteles e de Demócrito. A partir de 1715, o astrônomo inglês Edmond Halley descobriu o movimento dos astros longínquos. Revelou Halley que a imutabilidade não existe na abóbada celeste e que as estrêlas Sírius e Aldebaran movem-se como tudo quanto vive.

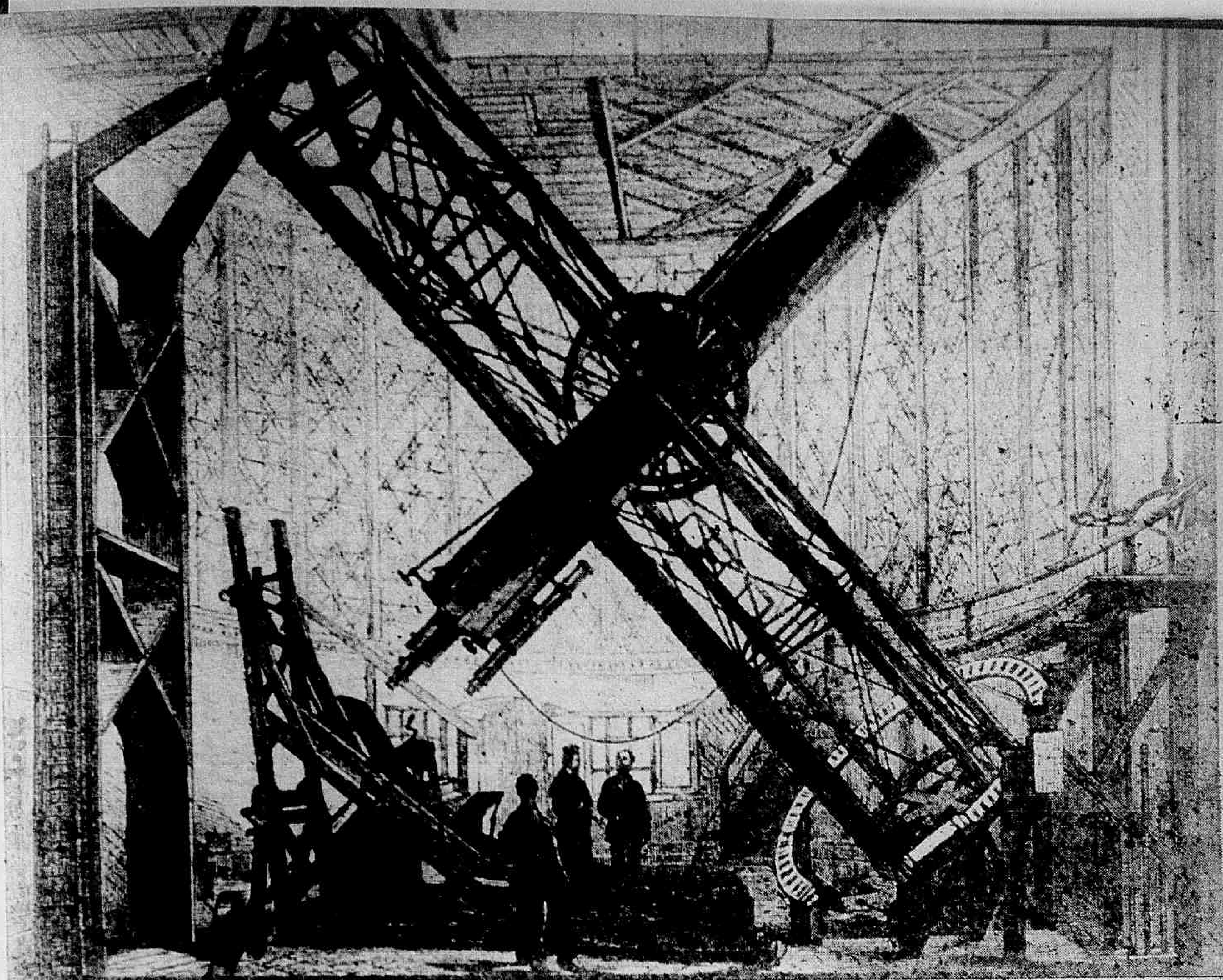


DANTZIG — Hevelius usou o sextante no ano de 1670.

Jacques Cassini confirmou, em 1738, que o disco cintilante de Arcturus apresenta o deslocamento de cinco minutos de arco, em cento e cinqüenta e dois anos.

Compreendeu William Herschel, sempre lembrado pelos seus gigantescos telescópios, que sem o estudo das Constelações não evoluiria a astronomia. Adotou William Herschel, no ano de 1782, o método diferencial, assim chamado porque decidiu comparar a posição da estrêla, não com o espaço, mas com o astro vizinho. Tobias Mayer comparou os movimentos de oitenta estrêlas. Friedrich Argelander observou o movimento de quinhentos e sessenta astros. Johann Heinrich Madler, que dirigiu o Observatório de Dorpat, examinou por sua vez o deslocamento de três mil e duzentos corpos celestes. As estrêlas de hidrogênio se movem a sete quilômetros por segundo, as amarelas marcham a nove quilômetros e as rubras vogam a catorze quilômetros. A velocidade média oscila de trinta a cinqüenta quilômetros por segundo, mas há cifras superiores, como se verifica com os vinte quilômetros de Canopus, os vinte e dois de Rigel, os trinta quilômetros de Capela, os trinta e três de Altair e os cinqüenta e quatro quilômetros de Aldebaran.

O espaço percorrido por Cassiope, num segundo, chega a cento e sessenta e cinco quilômetros. A estrêla 1830 — Groombridge voga no firmamento a razão de duzentos e quarenta e um quilômetros. Arcturus desloca-se a quatrocentos e treze quilômetros. Todos êsses movimentos ficam atrás da estrêla Cincinati — 2019, cuja rapidez atinge novecentos e oitenta e seis quilômetros por segundo. O astrônomo norte-americano Lewis Boss, diretor do Observatório Dudley, em Albany, publicou, em 1910, o catálogo do movimento de seis mil cento e oitenta e oito



GREENWICH EM 1862 — O observatório britânico tem fotografado o sol, quase diàriamente, nos últimos 75 anos

estrêlas, que lhe permitiram fixar o apex solar, o ponto para onde avança o sistema planetário.

OS ENXAMES DE ASTROS EM MOVIMENTO

Examinando os feitios redondos de certas formações globulares de estrêlas, fica-se a pensar nos efeitos de perspectivas, ou nas leis secretas da gravitação universal. A observação minuciosa da esfera celeste leva-nos a singularidades fecundas. Os grupos estelares, como as Plêiades, formam um caso particular do infinito sideral, porque não existindo o capricho fantasista na Natureza, não podemos explicar pelo acaso, a estrutura das Constelações. Todos os que contemplaram a Cabeleira de Berenice, a Ursa Maior e Perseu, interrogam como as mesmas se aglomeraram, a ponto de inspirar êsses nomes simbólicos. Submetidos à análise espectral, os enxames de astros revelaram que há analogia física entre os seus elementos. Na Constelação do Centauro e do Escorpião descobrem-se variedades de estrêlas, porém, tôdas acusando a fase gasosa. Na Constelação da Hyadas e da Ursa Maior faltam astros em que predomine o hélium. Trata-se de saber se cada estrêla constitui um sistema planetário igual ao nosso mundo, ou se leis mais gerais governam as Constelações. Vemos a Via-Láctea se aproximar da Constelação do Grande Cão e do Orion, depois sulcar a Constelação de Perseu, Cassiope, Cefeia, para fazer a volta da esfera celeste. Ajunte-se a isso a Estrêla Polar, aparentemente fixa na sua posição privilegiada, ao passo que, em tôrno dela, as outras gravitam como em tôrno de um centro de atração.

Entrementes, o Sol, que se move com todo o sistema planetário, provoca um efeito singular, a convergência das estrêlas para a região celeste, de onde se afasta.

Outro efeito se manifesta, naturalmente, em sentido contrário, na zona para onde se dirige o Sol, cujos astros se distanciam uns dos outros.

O astrônomo inglês John Pond supõe que o movimento sideral do Sol deforma a perspectiva do espaço celeste e Cornelius Kapteyn descobriu que há correntes estelares no infinito, cujos limites geométricos nos escapam.

No ano de 1918, Benjamin Boss indicou as estrêlas de grande velocidade, que marcham para o mesmo hemisfério. O maior dos problemas da astronomia moderna consiste em saber se o Sol e o sistema planetário obedecem a um mesmo tipo de gravitação, comum a todos os mundos celestes.

OUTROS UNIVERSOS ESTELARES, ALÉM DO NOSSO UNIVERSO

Não julguem os homens da vida prática e rotineira, que por conjecturarem sôbre temas majestosos, os astrônomos se abandonam desenfreadamente à especulação e ao jôgo metafísico, com prejuízo da exatidão e da experiência. Ao

inverso de quererem prolongar o infinito e distender a imensidade, inclinam-se a limitar as dimensões do Universo.

Demonstram as pesquisas, que o número de estrêlas constantes na ordem da primeira grandeza, decresce na última escala, o que faz induzir pelos nossos métodos de conhecimento, que o número de astros não progride para o indefinido.

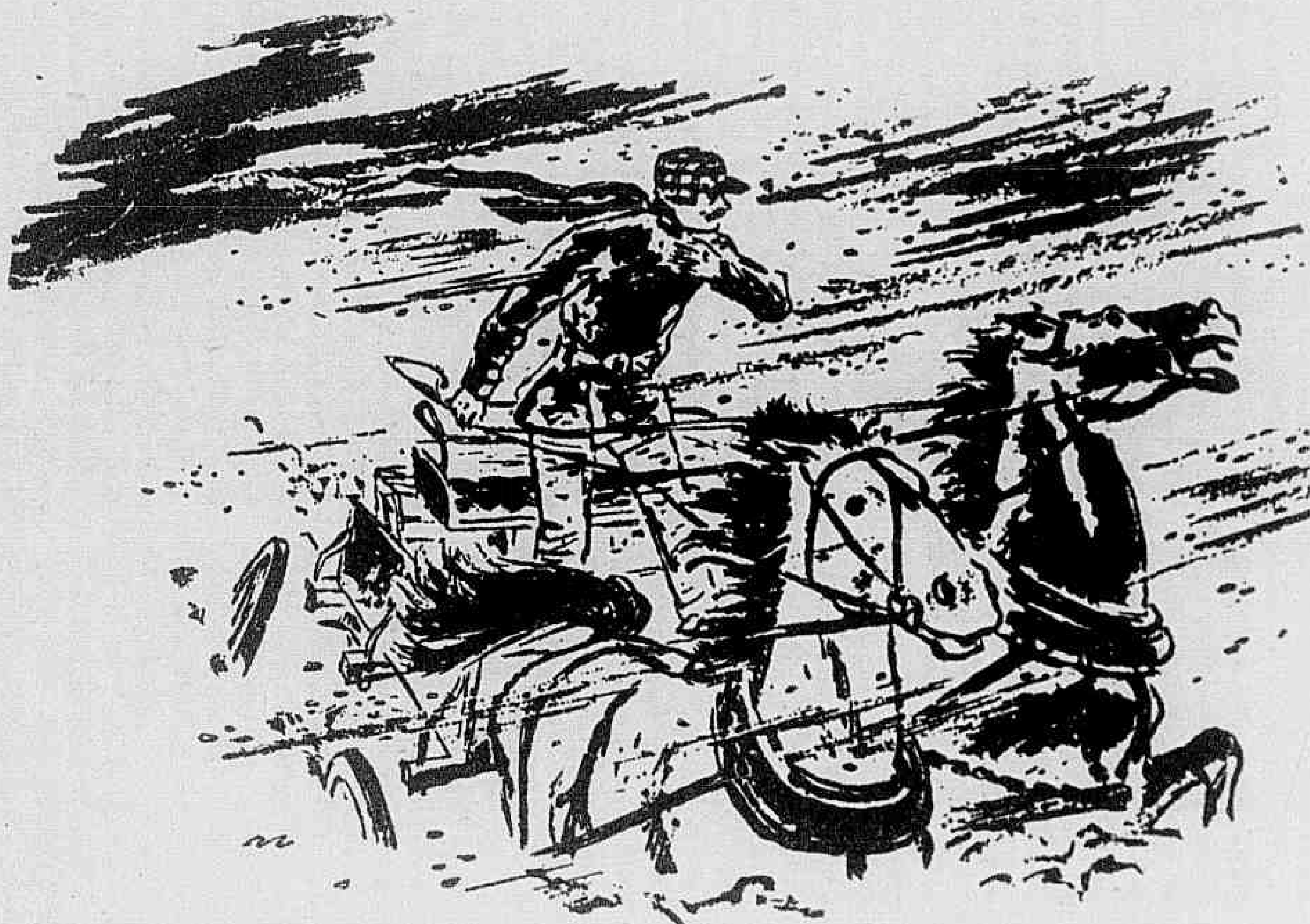
Há limites prováveis para o Universo, uma vez que a densidade estelar não se multiplica com a distância.

Mas a inteligência, que não cessa de interrogar, pensa em outros Universos Estelares, além do nosso universo, entrevisto pela marcha do sistema planetário, com o seu firmamento e com as suas Constelações.

★ ★

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

HÁ muito tempo, indo passar o meu primeiro inverno no Estado de Montana, onde possuía um "blockhaus" nas terras baixas ao norte do Milk River Valley, encontrei-me em situação difícil, por não estar familiarizado com o rude tempo da região. Certo dia, viajei para uma cidadezinha no fundo do vale, a fim de comprar um pouco de lenha.



Como nevasse apenas ligeiramente usei, para êsse trajeto, uma "charrette" aberta.

Quando estava pronta para deixar o local da minha compra, cêrca de 4,30 da tarde, o vento começou a soprar com fôrça, vindo do norte, e entrou a nevar com mais fôrça, o que indicava que eu devia adiar o regresso para o dia imediato.

Mas assim não fiz e, meia hora depois, o vento se transformou em ventania muito forte e a neve começou a cair com fartura, apagando, completamente, as marcas das rodas dos veículos e também o próprio leito da estrada, tudo passando a ser como um vasto campo de gêlo. Fiquei sem rumo, não podendo avançar com segurança, nem voltar para o meu ponto de partida; para piorar a situação, eu estava pouco agasalhado e num veículo desprotegido! Os próprios cavalos tinham dificuldade de caminhar. Era uma situação realmente perigosa e estando eu ameaçado de passar a noite inteira exposto ao frio e até mesmo a morrer. *Como pude resolver o meu problema*? Se o leitor não sabe, procure a resposta na página número 117.

★ ★ ★

MONUMENTO

ALGUÉM foi contar a Giacomo Rossini, autor de «O Barbeiro de Sevilha», que em sua cidade natal (Pesaro, Itália), andavam fazendo uma coleta para erigir-lhe uma estátua e que esperavam conseguir 20 000 liras, ao mesmo tempo que procuravam um escultor.

— Que me dêem as 20 000 liras — exclamou Rossini — e eu mesmo subirei para o pedestal.

A POSIÇÃO MAIS DEVOTA

DISCUTIA-SE sôbre qual era a melhor posição para rezar: de pé, sentado ou de joelhos. Um dos circunstantes ouvia com atenção e, repentinamente, falou:

— «Não desejo contradizer ninguém, mas posso afirmar que a vez em que rezei com mais devoção foi quando caí no poço e fiquei de cabeça para baixo.»

A MADONA SIXTINA

A **Madona Sixtina** é um quadro tão formoso que poucos notam nêle um gracioso detalhe.

O piedoso ancião, que contempla devotamente a Virgem e o Menino, representa o Papa Sixto.

O detalhe é que Rafael o pintou com seis dedos na mão direita, como um gracejo relativamente ao seu nome que, em latim, significa «sexto».

O PRÍNCIPE QUE TROCOU O TRONO POR UM AMOR

O QUE NÃO DISSE O DUQUE DE WINDSOR

(Conclusão) — O REI SE TRANSFORMA EM DUQUE. VIVA O DUQUE!

MR. Baldwin termina seu discurso, declarando: — "O rei me informou que julgava impossível suportar a responsabilidade de um reino, sem ter uma espôsa ao seu lado. Todos os esforços feitos, êstes últimos dias, pelos que se encontraram em sua proximidade imediata, foram vãos!"

Quando o Parlamento se reuniu para votar a lei de abdicação, o rei Eduardo — pois que êle ainda era o rei Eduardo VIII — recebe seu último visitante político: Winston Churchill, que o visitou em Fort Belveder. Os dois homens almoçam em silêncio. Churchill se mostra profundamente triste, pois tem grande afeição por Eduardo.

À hora dos charutos e dos licores, Churchill declara:

— Sabe Vossa Majestade que essa abdicação voluntária é única na História da Inglaterra?

Diante do palácio de Buckingham, algumas centenas de pessoas estão reunidas. Um grito ressoa:

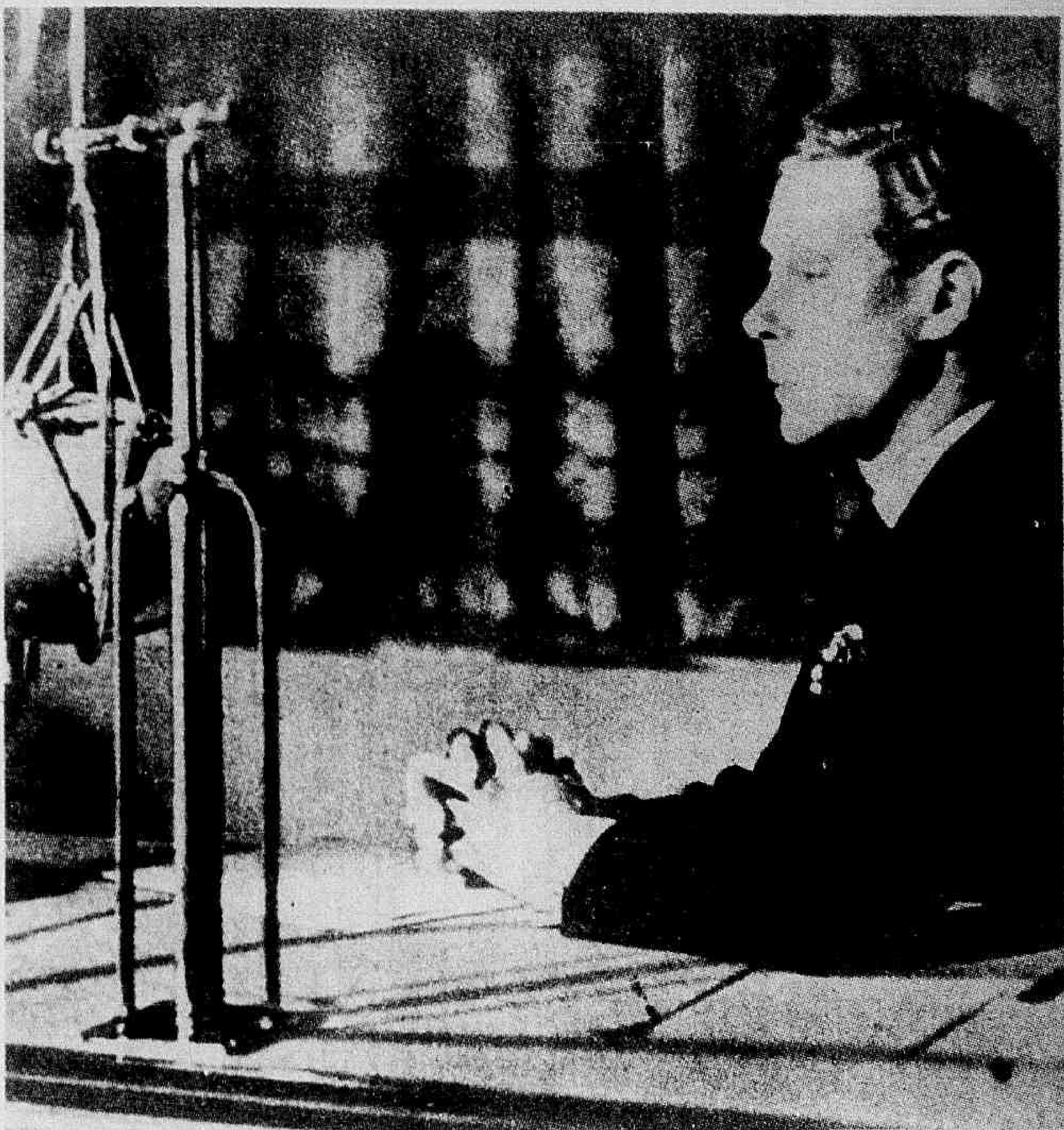
— *Queremos o nosso rei Eduardo!*

Mas a exclamação fica sem eco. Ninguém a repete!

Às 20 horas e 30 minutos, um jantar íntimo no castelo de Windsor. É o jantar de despedida de Eduardo. No lugar de honra está o novo rei, George VI, com Eduardo à sua direita. As outras pessoas presentes são a rainha Mary, sua filha, a viscondessa Lascelles, o duque de Gloucester, o duque de Kent, o conde e a condessa de Athlone.

A família real está reunida pela última vez. Todos procuram dar um tom alegre à conversação e não falar em política. Mas, em vão. A cada instante a conversação se extingue. Os convivas pensam no que os dias, as semanas e os meses próximos vão trazer, fatalmente.

Vinte e uma horas e trinta minutos. Eduardo se levanta e apresenta suas despedidas aos parentes. A última pessoa a abraçar é sua mãe. Com a rainha Mary fica algum tempo, peito contra peito, chorando. Depois, sem qualquer companhia, através dos corredores do castelo, agora mergulhados em sombras, dirige-se para o seu gabinete de trabalho.



O INSTANTE TRÁGICO DA ABDICAÇÃO — Eduardo VIII, diante do microfone da «B.B.C.», de Londres, discursa, oficialmente, pela última vez, num adeus ao seu povo e também ao Império britânico.

Os técnicos da B.B.C. já tinham tudo preparado. Às 22 horas, o homem que, ainda poucas horas antes, era Eduardo VIII fala, *oficialmente*, pela última vez. Suas palavras chegam, claras e tranquilas, às centenas de milhões de homens que o escutam no mundo inteiro.

"Todo o mundo conhece as razões que me conduziram a renunciar ao trono. Eu desejaria, porém, que todos compreendessem que, tomando esta decisão, não esqueci nem o país, nem o Império, que, durante vinte e cinco anos, como príncipe de Galles e, mais recentemente, como rei, tentei servir. Podem acreditar, portanto, se declaro ter considerado impossível cumprir os meus deveres de rei, conforme seria do meu desejo, sem a ajuda e a colaboração da mulher a quem amo.

"Hoje, abandono inteiramente a vida pública. Talvez venha a decorrer algum tempo antes de que retorne à minha pátria. Mas acompanharei sempre com o mais profundo interêsse a sorte do povo britânico e do Império e se, em momento qualquer, eu puder ser útil a Sua Majestade, em qualquer negócio privado, por certo não faltarei.

"Temos, agora, um novo rei. A êle e a todos vós, seu povo, desejo, de todo

INSTRUMENT OF ABDICATION

I, Edward the Eighth, of Great Britain, Ireland, and the British Dominions beyond the Seas, King, Emperor of India, do hereby declare My irrevocable determination to renounce the Throne for Myself and for My descendants, and My desire that effect should be given to this Instrument of Abdication immediately.

In token whereof I have hereunto set My hand this tenth day of December, nineteen hundred and thirty six, in the presence of the witnesses whose signatures are subscribed.

SIGNED AT FORT BELVEDERE IN THE PRESENCE OF

Edward R I

Albert

Henry

George

L'ACTE D'ABDICATION LUI-MÊME
la dernière signature royale.

O ato de abdicação, em que veio a última assinatura real de Eduardo R. I. (Rei e Imperador). Seguem-se as assinaturas de seus irmãos.

coração, felicidade e êxito.

"Deus abençoe o rei! Deus abençoe a todos!"



NA pequena sala de refeições do castelo de Windsor, o silêncio reinou ainda por muito tempo. A rainha-mãe soluçava. Todos os olhares estavam dirigidos para a porta pela qual Eduardo deveria chegar.

Protegido por um grosso sobretudo, com a gola levantada, êle caminha uma última vez através dos corredores sombrios do castelo de Windsor. Estava só. No correr da tarde, perguntara ao seu camareiro se queria acompanhá-lo ao estrangeiro. O homem, que o servia diàriamente, nos últimos doze anos, baixa a cabeça, fica hesitante e parecendo contrafeito. Finalmente, confessa: é casado e viajar para o estrangeiro significa para êle uma decisão de conseqüências incalculáveis.

A grande *limousine* de Eduardo segue, veloz-



mente, na direção de Folkestone. A noite se apresenta negra, sem luz e sem estrêlas. Já é quase uma hora quando o veículo chega a Portsmouth. Talvez Eduardo pensasse, então, que poucos meses antes ali estivera, a fim de passar uma revista na Armada. Então, as ruas estavam cheias de uma multidão entusiasta, que o aclamava. Agora, estavam desertas.

O *chauffeur* se engana no caminho. Percorre a cidade silenciosa em todos os sentidos, a fim de encontrar alguém com quem possa colhêr uma informação. Encontra, finalmente, um automóvel e pergunta ao condutor a estrada de "Unicorn Gate". O homem dá a informação e Eduardo é quem responde:

— *Fico-lhe muito agradecido.*

Já o automóvel desaparecera, duas esquinas além, quando o homem que deu a informação se recorda, repentinamente, de que já ouvira aquela voz... Ouvira-a, mesmo, poucas horas antes, pelo rádio!



A *Unicorn* Gate é aberta. O cais de Portsmouth parece abandonado. Apenas algumas luzes brilham, espaçadas. Sòmente sir William Fisher, comandante do pôrto de Portsmouth ali está para saudar Eduardo. Um apêrto de mãos, algumas palavras e logo as bagagens são descarregadas. A ponte de embarque é arriada e Eduardo se dirige para bordo do contratorpedeiro "Fury".



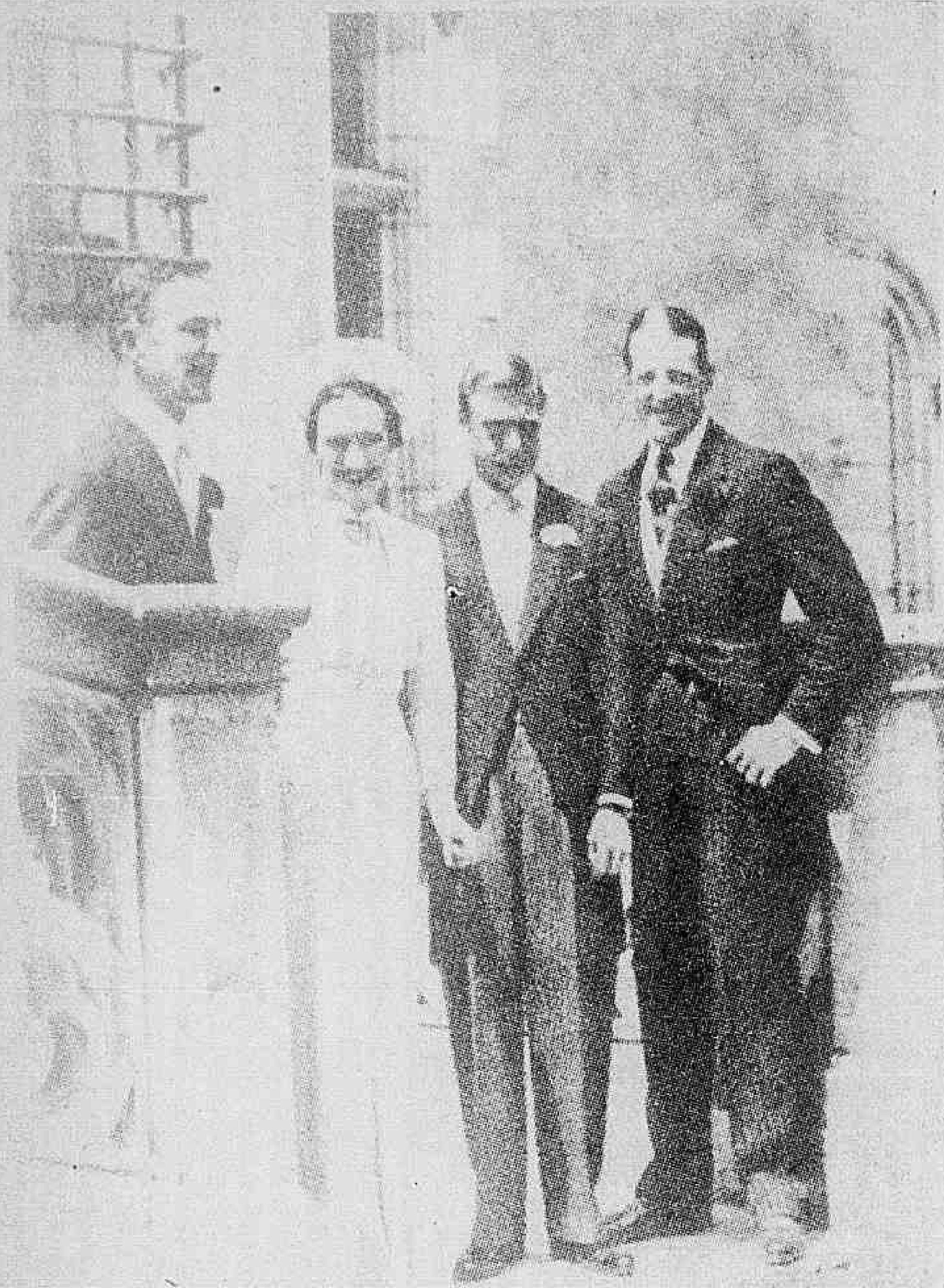
Alberto ficou com o trono...

Ágil e apressado, o navio se esgueira para fora do pôrto. Tudo é feito quase sem ruído. Sir William Fisher faz continência. É o único a assim saudar o homem que, algumas horas antes, reinava sôbre o maior império do mundo e que agora deixava o seu país.

Eduardo, apoiado à amurada, vê desaparecer Portsmouth — e a Inglaterra! Quem



...Eduardo ficou com a mulher amada. (Fotografia do seu primeiro encontro, após a abdicação e poucas ← semanas antes da realização do casamento.)



O CASAMENTO DO CONDE — O drama termina, e dêste modo a felicidade entra para a História.

poderia afirmar o que pensava êle, nesse instante? Não muito tempo antes, tinhá êle quinze anos apenas e, como um brilhante príncipe de Galles deixava êsse mesmo cais de Portsmouth para efetuar a sua primeira viagem ao Canadá e aos Estados Unidos, em 5 de agôsto de 1919...

Agora, estava só!

E enquanto Eduardo — oficialmente duque de Windsor — viaja na noite escura, em New York, o seu discurso de despedida é gravado em disco. Em poucas horas, o maior magazine de novidades do mundo, *R. Macy's,* abriria suas portas e poria à disposição dos compradores milhares e milhares de discos, todos vendidos à razão de um dólar a peça. E a venda prosseguiria, vertiginosa, durante várias semanas!

Eduardo se dirige, de início, para junto de seu amigo, o barão de Rothischild, no castelo de Enzesfeld, nos arredores de Viena. Um pouco mais tarde, avista-se com a sra. Simpson, em Cannes. Nunca, porém, estavam sós. Constantemente, disfarçados em padeiros ou em operários da companhia telefônica, os jornalistas tentam saber qualquer coisa sôbre êle e sôbre a mulher com quem vai casar.

Descobrem, realmente, coisas interessantes. Por exemplo: que Eduardo prefere para seu *breakfast,* fatias de presunto bem espêssas; que coleciona cigarreiras antigas; que não suporta Wagner nem os gracejos apimentados; que a sra. Simpson detesta os gatos, as môscas e os esportes de inverno.

O casamento é marcado para o dia 3 de junho de 1937. Será realizado no castelo de Candé, em Monts, nos arredores de Tours, belíssima cidade que conserva muito de sua fisionomia medieval.

Eduardo aguarda membros de sua família. No dia 31 de maio, o rei Jorge VI o informa, por telefone, que está na obrigação de proibir aos membros da família real, assim como a todos os que ocupam um pôsto na Côrte, que compareçam ao casamento. O duque de Windsor sabe, alguns dias mais tarde, que — pelo menos — os seus melhores amigos vão chegar.

Na véspera do casamento, é realizado um "ensaio geral" da cerimônia. A sra. Simpson, que já casou duas vêzes, declara, em resposta às perguntas do prefeito de Monts, cujo nervosismo é muito grande e que será o declarante do casamento, que sabe muito bem o que terá que dizer.

Algumas horas depois, o casal sobe para o vagão especial, ligado ao *Expresso do Oriente.*



O «Moulin Aubert», próximo de Paris, onde o duque e a duquesa passaram parte da «lua-de-mel». (O mobiliário é o mesmo de Fort Belveder.)

AS informações sôbre o duque e sua espôsa circulam incessantemente. Um processo por difamação, contra uma editôra inglêsa... Recepção por Hitler e Robert Ley... Viagem aos Estados Unidos... O govêrno britânico concede ao duque de Windsor uma pensão anual de 50 000 libras... Durante a guerra o duque é feito governador do ponto estratégico das ilhas Bahamas (importantíssimo)... Compra residência em Long Island, nos arredores de New York... Além de outros variados projetos: vai ser nomeado governador-geral da Rodésia, alto comissário na Palestina...

Mas, na verdade, o duque habita constantemente New York. Surgem, também, ofertas especialíssimas de Hollywood: o duque faria o filme da sua própria vida, ocupando, em pessoa, o principal papel...

No dia 24 de maio de 1944, por ocasião dos oitenta anos da Rainha Mary, o duque de Windsor visita por algumas horas a sua velha Londres.

A duquesa não o acompanha.

Após essa viagem, Eduardo se instala na França, a fim de escrever, em colaboração com o jornalista do "Life", as suas "Memórias".

A primeira parte, relatando sua mocidade, surge no mesmo ano. Nenhuma novidade nessas memórias. Mas, embora o mundo todo saiba o que contém a obra, sua venda é colossal. Talvez por ser um sucesso sentimental.

Uma vez mais, os que podem recordar a primeira guerra mundial e os anos que se seguiram, tornam a ver desenrolar-se a vida do príncipe de conto de fadas, de olhos tristes e atitudes liberais.

Eduardo de Windsor encontrou, enfim, a felicidade.

* *

MENOS RESTRIÇÕES PARA OS CARDÍACOS

Em geral, são impostas numerosas restrições aos cardíacos — segundo recentes declarações do dr. Levy, da «Universidade de Columbia», em New York. Segundo êle, a irritação nervosa, causada por exageradas restrições e mesmo injustificadas, oriundas de um temor e um cuidado sem base séria têm, quase sempre, conseqüências piores que as da própria moléstia do coração.

As regras quanto ao uso do fumo, a subida das escadas e as viagens aéreas, deveriam ser estabelecidas com realismo e bom-senso. É impossível permitir à maioria dos pacientes o fumar moderadamente, quando não sofrem uma crise. Podem, igualmente, subir escadas lentamente, quando não lhes cause qualquer mal-estar. Quanto às viagens em avião, as cabines pressurizadas, da atualidade, não mais exigem qualquer fôrça do coração.

— O rocio é a grande dor de Deus, que chora de noite pelas coisas que os homens fizeram durante o dia. — **Frances Adams**

— Um ano luz é o espaço percorrido pela luz durante um ano e equivalente a uns 9 000 000 000 000 de quilômetros.

ORGULHOSA DOS SEUS TRIPLOS



Blanc Bonnet, prolífica vaca holandesa, já dera ao mundo, quatro vêzes, crias gêmeas, com grande satisfação de seu proprietário, criador francês. Mas o excelente animal, exaltado talvez pelos elogios de que era objeto, resolveu fazer ainda mais. Aí está a "mamãe" com os três frutos de sua prodigiosa fecundidade

UMA AJUDAZINHA PARA O LUTO

Entre as muitas anedotas que ilustram o humorismo do padre Tom Burke, inglês, que morreu em princípios dêste século, contaremos a seguinte:

Um indivíduo metido a espirituoso deteve o sacerdote numa rua de Londres, dizendo-lhe:

— Sr. padre... Sabe da novidade? Morreu o diabo!

Sem titubear um instante, o padre Burke replicou:

— Ah, pobre órfão! Toma esta moeda, para compensar-te da perda de alguém que era teu parente tão próximo e querido!

★

OS *ACHADOS* PRECIOSOS

— O lar é o lugar onde mais nos queixamos e onde melhor somos tratados. — **C. Salazar**

— Uma cidadezinha alegre, onde todos os dias eram como domingo. — **R. Playfort**

— Lagos cheios de céus e montanhas — **E. Marshall**

— Sentia em haspas e pensava em maiúsculas. — **Henry James**

— Imprevisível como um baralho de cartas bem baralhadas. — **The Record**

— O impetuoso é movido pela propulsão a jacto de sua má-criação. — **Henrique Marin**

* *

PROVOCAÇÃO — Em Milwaukee, Leonard Timmerman foi dispensado de uma sentença de prisão pelo desvio de oitenta-e-sete dólares, depois que sua espôsa confessou: — «Sou a maior responsável. Eu o animei a fazer isso. Êle trabalhava muito e se esforçava para conseguir dinheiro honestamente, e eu estava sempre pedindo mais...»

Quero uma Arma!

O XERIFE SABIA, A CIDADE INTEIRA TAMBÉM SABIA QUE QUEM TIVESSE AMOR À VIDA DEVIA OBEDECER A CASSIDY. MAS HOUVE UM HOMEM QUE RESOLVEU NÃO DAR OUVIDOS...

Por PHILIPH KETCHUM ★ Tradução de SYLVIA JAMBEIRO

CERCA de três semanas depois que Fenner chegou a San Esteban e começou a trabalhar no armazém de Henry Meyers, o dono caiu de cama com forte resfriado e o doutor Stockton recomendou-lhe repouso absoluto. Isto significava que Sara Meyers teria que ficar em casa, cuidando dêle, enquanto Fenner, sòzinho, atenderia ao estabelecimento.

Êle era um homenzinho magro, de ombros encurvados, e tinha, talvez, quarenta anos. Provàvelmente, tinha outro nome, além de Fenner, mas ninguém sabia qual era. Quando o xerife Ed Soderman perguntou a Meyers o que sabia sôbre a vida de Fenner ouviu apenas isto:

— Para ser franco, Ed, não sei muita coisa a respeito dêle a não ser que apareceu um dia, aqui, pedindo emprêgo e dizendo que entendia do ramo. Creio que veio do Este, mas fala pouco sôbre êle mesmo.

— E você acha que dará conta do serviço, no armazém?

— Terá que fazer fôrça para isso, pelo menos até que o dr. Stockton diga que eu posso voltar a trabalhar.

— Você acha que êle é honesto?

— Deve ser tão honesto como qualquer outro.

— Vou ficar de ôlho nêle, Henry! Talvez até vá, mesmo, conversar um pouco com êle também.

E o xerife resolveu **conversar** com Fenner naquela mesma noite. O armazém já estava fechado quando lá chegou, mas, pela janela, pôde ver o homenzinho varrendo e arrumando e, quando bateu na porta, foi logo atendido por Fenner, que disse:

— Eu não sou um **freguês**... exatamente — falou o xerife. — Quero, apenas, fazer umas perguntas...

— Não esperava ter mais nenhum freguês ainda hoje!

Se Fenner ficou surpreendido com isto pelo menos não demonstrou; dirigiu-se para o fundo da loja, onde um ou dois lampiões iluminavam mais um pouco. Sentou-se numa cadeira, recostou-se cômodamente e cruzou as mãos; mãos magras, pequenas, ossudas e calejadas. Olhou para o xerife e um leve sorriso se esboçou em sua fisionomia.

— Estou às ordens, mr. Soderman; pode começar, disse, com simplicidade.

Ed Soderman pigarreou, sem encontrar o assunto; começava a sentir certa simpatia por êste homem que, até então, lhe passara despercebido.

— Isto é, apenas, uma rotina... Faz parte do meu dever... — começou êle. — Acontece que, de uma hora para outra, você tem nas mãos o único armazém que há neste lugar e ninguém sabe nada a seu respeito...

— Que gostaria de saber, senhor? — perguntou Fenner, simplesmente.

— Gostaria que você falasse um pouco... a seu respeito; o que fazia, antes de vir para cá...

Novamente um sorriso passou pelo rosto de Fenner, que disse:

— Eu sou vendeiro, xerife, meu pai foi vendeiro e teve um estabelecimento em Cleveland; um armazém pequeno, fora da cidade. Trabalhei com êle, desde pequeno, e quando êle morreu o negócio



ficou para mim. E foi meu até dois anos atrás.

— E que aconteceu dois ano satrás?

— Dois anos atrás... minha mulher me deixou! E houve uma modificação na fisionomia de Fenner, uma pequena modificação. O xerife indagou:

— Fugiu com outro?...

Fenner fêz que sim com a cabeça. Soltou as mãos, depois entrelaçou-as novamente. E olhava para a frente, agora, e não para Soderman. O xerife se sentiu um pouco sem jeito e arrependido de ter começado o assunto.

« — Vendi o armazém — prosseguiu Fenner — e tentei encontrá-la; mas nunca o consegui! Quando o meu dinheiro acabou, procurei trabalho outra vez. Trabalhei em Denver, Kansas City, Dallas e outras cidades, assim como San Esteban. E sempre em armazéns! É o ramo de que entendo.»

Soderman pigarreou e depois indagou:

— E... você continua procurando por sua espôsa?

Novamente Fenner ficou silencioso um momento, depois falou:

— De certo modo, acho que sim... Enfim... estou tão extraviado quanto ela... Êste país é muito grande!

Ed Soderman acendeu o cachimbo, tirou uma baforada, pensou e, finalmente, pousando a mão no ombro de Fenner, disse:

— Vejo que você dá conta do serviço. Se houver qualquer atrapalhação mande me dizer.



O resfriado de Meyers agravou-se e, por fim, viram que se tratava de uma pneumonia. Parecia que Henry nunca ficaria bom, tal era o seu abatimento. Depois que a crise passou e começou a convalescença era evidente que, ainda por muito tempo, êle não poderia voltar ao trabalho.

Fenner continuava ativo, cuidando do armazém e trazendo o relatório do movimento, tôdas as noites, depois que fechava a loja. Parecia satisfeito, apesar de trabalhar muito e até tarde. Sentia-se bem, conferindo as notas, mandando as compras e conversando com um ou outro freguês, no balcão.

Sentia-se como nos dias em que tinha seu estabelecimento próprio, pois, na verdade, tôda a responsabilidade do que ocorria no armazém estava sôbre seus ombros. Muito poucas vêzes consultava Sara. Afinal, êle era vendeiro há muito tempo e entendia bastante do assunto.

Uma tarde, quando se preparava para fechar as portas e encerrar o trabalho por aquêle dia, Dan Cassidy apareceu.

Cassidy era um homem grandão, alto, ombros largos, pesadão e geralmente jovial; mas, nesta tarde, não estava sorrindo.

Era criador de gado ao norte de Four Mile Creek. Sua propriedade era uma das maiores e mais importantes de San Esteban. A nota de compras que Fenner fornecia para o rancho de Cassidy era maior que a de qualquer outro freguês e êle nunca discutia os preços.

— Quero falar com você, Fenner — disse Cassidy, fechando a porta e encostando-se nela.

— Houve algum êrro nas compras? — perguntou o vendeiro.

— Não; não é nada acêrca de minhas compras que quero falar; é outro assunto. Há três dias, você mandou umas compras para um homem chamado Keegan, lembra?

Fenner fêz que sim com a cabeça. Lembrava-se de Keegan sim, um homem magro, de ar cansado, pele macilenta e olhos azuis.

Keegan demorara muito examinando a nota cuidadosamente, conferindo preços e, finalmente, riscando muita coisa da lista. E, embora não tivesse dito, Fenner compreendeu que êle não tinha dinheiro suficiente para comprar tudo o que anotara; um vendeiro tem prática e compreende estas coisas.

— Você é novo aqui, não é? — perguntou Cassidy.

— Sim; estou aqui há pouco tempo.

Cassidy tirou um charuto do bôlso, cortou uma das pontas com os dentes, depois acendeu-o e, prendendo-o entre os dentes, enquanto falava, continuou:

— Esta cidade é essencialmente de criadores de gado, Fenner, e nunca será de outro jeito. Não tem água suficiente para a agricultura, para plantação, enfim. É verdade que, se um plantador quisesse, poderia conseguir água para sua horta, bombeando a maior parte da região; mas, neste caso, nós, os pioneiros desta cidade, não teríamos água para o nosso gado e ficaríamos em péssima situação.

Fenner nada disse, mas não estava se sentindo à vontade.



— Três famílias mudaram-se recentemente, para Four Miles Creek — continuou Cassidy — e preparam-se para plantar. Por lei, êles

têm todo direito de fazer isso e ficar, mas não há lei nenhuma que diga que nós temos de ajudá-los a tanto. Foram os criadores de gado que desbravaram estas terras e fundaram esta cidade. Não é justo, pois, que nos prejudiquemos, não lhe parece razoável?

— Pelo menos, a um criador de gado, deve parecer, sim... — disse Fenner.

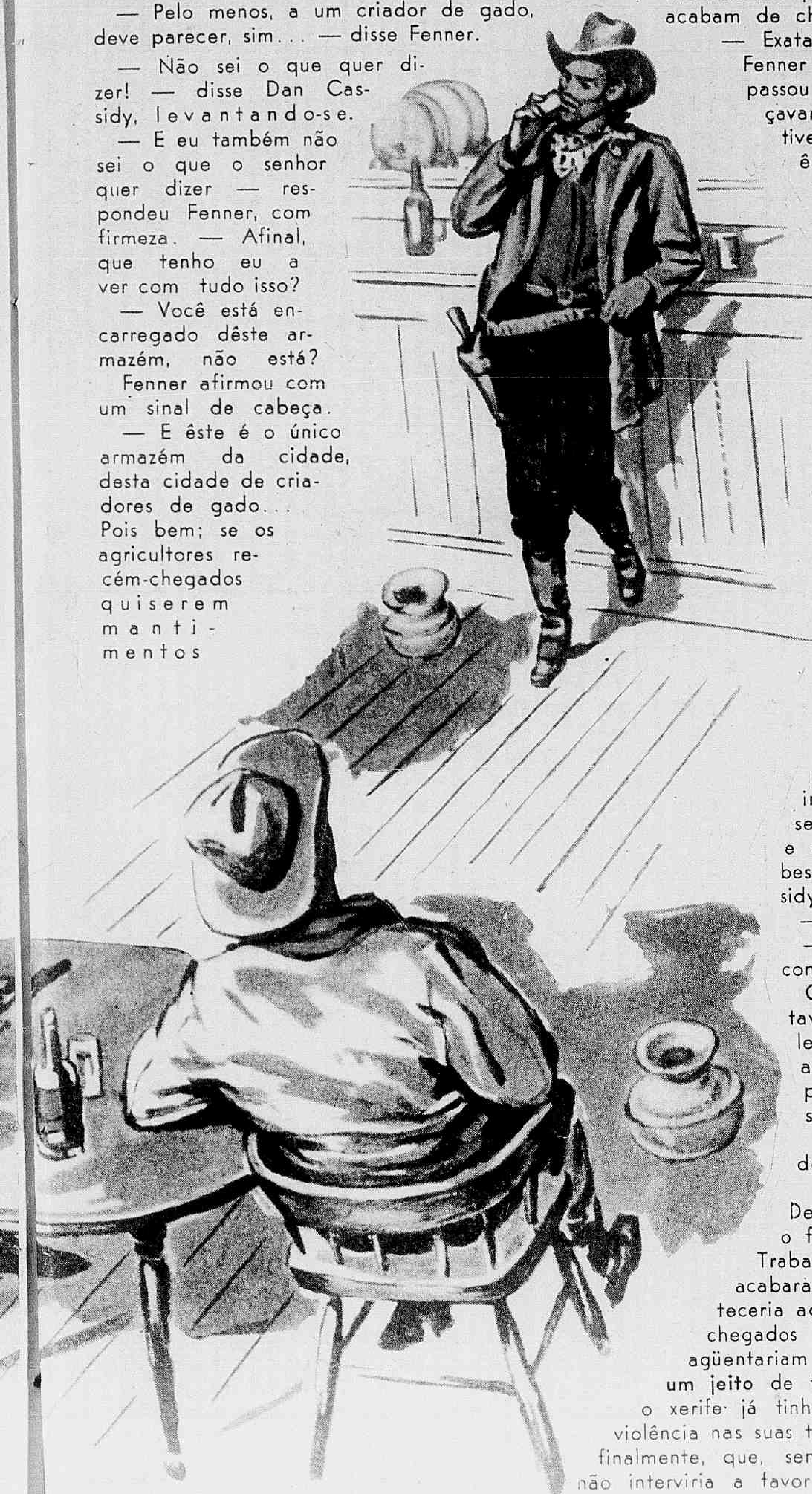
— Não sei o que quer dizer! — disse Dan Cassidy, levantando-se.

— E eu também não sei o que o senhor quer dizer — respondeu Fenner, com firmeza. — Afinal, que tenho eu a ver com tudo isso?

— Você está encarregado dêste armazém, não está?

Fenner afirmou com um sinal de cabeça.

— E êste é o único armazém da cidade, desta cidade de criadores de gado... Pois bem; se os agricultores recém-chegados quiserem mantimentos que vão buscá-los em outro lugar! Que viagem e carreguem o que precisarem, e se arrumem ou então vão para longe, fundar sua própria cidade! Que mal há nisso?



— O senhor quer dizer que não devo fornecer mantimentos para as famílias de plantadores que acabam de chegar? Então é isso, sr. Cassidy?

— Exatamente **isso**! — respondeu Cassidy.

Fenner ficou de fisionomia carregada e passou as mãos pelos cabelos, que começavam a rarear. Até então, ainda não tivera que enfrentar um problema como êste. Procurou imaginar que atitude tomaria Henry Meyers, numa situação assim, e então achou que Meyers, sendo um vendeiro, só poderia dar uma resposta.

— Então? — perguntou Cassidy.

— O senhor nunca teve um armazém, não é verdade? Pois saiba que cuidar de um armazém não é apenas vender e receber. Meu pai costumava dizer que é algo mais importante. Ninguém pode viver sem mantimentos; podem fechar os bares, botequins, lojas de ferragens, barbeiros e até o correio, que não se sentiria muita diferença. Mas fechar o armazém seria uma calamidade! E, enquanto eu estiver aqui, êste armazém não se fechará para ninguém!

Cassidy aprumou-se mais e deu um passo à frente. Ficava enorme perto de Fenner, mas êste não se intimidou nem retrocedeu, embora sentisse os joelhos tremerem um pouco e a respiração mais rápida e não soubesse o que poderia acontecer. Cassidy falou zangado:

— Então, esta é a sua resposta?

— Sim, esta é a minha resposta! — confirmou Fenner.

Cassidy tirou o charuto da bôca. Estava rubro de raiva e Fenner esperou levar um murro violento, mas tal não aconteceu. Cassidy caminhou para a porta, batendo as botas, e, antes de sair, ainda disse:

— Lembre-se de que você não é o dono dêste armazém!

— Nem o senhor — respondeu Fenner.

Depois que Cassidy saiu, Fenner passou o ferrôlho na porta e começou a varrer. Trabalhava mecânicamente, pensando no que acabara de ouvir e imaginando o que aconteceria agora. Já tinha ouvido falar nos recém-chegados agricultores e ouvira dizer que não agüentariam muito tempo e que Cassidy daria **um jeito** de fazê-los desistir. Ouvira, também, que o xerife já tinha avisado Cassidy para não usar de violência nas suas transações com os plantadores e ouvira, finalmente, que, sendo também êle, xerife, um criador, não interviria a favor dos agricultores e só faria qualquer

coisa em caso extremo. — «É... Parece que cortar o fornecimento de víveres é considerado por êles como ato não violento» — pensou Fenner, falando em voz alta. — «Mas não esperem que eu colabore numa coisa destas! O próximo povoado, onde há outro armazém, fica a cinqüenta milhas daqui; é muita coisa ter de ir tão longe para buscar mantimentos!»

E continuou a varrer. Ocorreu-lhe, então, que talvez Cassidy fôsse falar com Meyers pessoalmente, embora o seu patrão ainda estivesse bastante fraco. Esta possibilidade, porém, não o preocupava, pois Meyers teria respondido o mesmo que êle. Cassidy preferira procurar Fenner talvez por que êle era novo no lugar ou talvez por que era um homem de físico pequeno e, não estando bem informado de tudo, ficasse impressionado pela figura avantajada de Dan Cassidy.

Batidas bruscas na porta tiraram Fenner de seus pensamentos. Descansou a vassoura num canto e caminhou para a entrada. Pela janela viu o vulto de dois homens esperando; dois homens que, provàvelmente, não haviam tido tempo de fazer suas compras durante o dia e o procuravam agora. Sempre havia fregueses retardatários, e era hábito de Fenner atendê-los, sempre que pudesse. Destrancou a porta e mandou-os entrar.

— Queremos umas coisas, Fenner. Foi bom que você ainda não tivesse saído — disse um dos homens.

— Estarei aqui ainda mais meia hora. Que desejam?

— Presunto, feijão, farinha de trigo... Estas coisas...

O homem que falava era inteiramente estranho a Fenner e o outro, que o seguia, também. Eram altos e fortes, de ombros largos e teriam pouco mais de trinta anos.

Fenner se encaminhou para trás do balcão, a fim de atender ao pedido das compras. Mal deu as costas sentiu um objeto duro encostado às suas costelas e percebeu logo que se tratava de uma arma. Olhou por cima do ombro.

— Continue andando — falou um dos homens. — Vamos lá para dentro, para o depósito...

— Mas, se o senhor deseja comprar... — começou Fenner.

— Para o depósito, já disse — repetiu o homem, com voz áspera e ao mesmo tempo calcou o revólver com mais fôrça contra as costas do vendeiro.

Fenner compreendeu que aquilo era um assalto e calculou logo qual seria o prejuízo de Meyers. Mas, quando chegaram ao depósito, o homem guardou a arma. E o que disse foi inesperado:

— Nós somos uma espécie de comitiva em nome dos criadores de gado, Fenner. Sabemos que Dan Cassidy estêve hoje aqui e quis fazer um acôrdo com você, mas foi recusado, confere?

Fenner olhou para o homem que acabara de falar, depois para o outro. Ambos deviam ter bebido bastante, sentia-lhes o hálito e via os rostos avermelhados e o olhar belicoso. Não era possível que tais criaturas fôssem comitiva de alguma classe. Cassidy os mandara, certamente.

— Estamos esperando a sua resposta, Fenner! Você tem que se decidir: ou fica do lado dos criadores ou do lado dos plantadores. Resolva!

— Isto aqui é um armazem — disse Fenner, umedecendo os lábios — e está aqui para servir à comunidade. Quando um freguês entra eu não pergunto se...

— Basta, Fenner! — interrompeu um dos homens. — Acho melhor mostrar que não estamos brincando. Pode começar, Lou!

O outro, então, deu um largo passo à frente. Seu punho se arremessou para a frente com violência, atingindo Fenner no estômago. O vendeiro dobrou o corpo para a frente, com a dor, e, nisto, outro golpe o atingiu no rosto. Fenner viu taíscas luminosas diante dos olhos. Desta vez, tombou para trás, indo esbarrar numa pilha de latas de conservas, rolou no chão e tentou levantar-se. Alguém o ajudou e, então, ainda tonto de mais para perceber o que se passava, sentiu outro sôco violento no rosto e, novamente, esbarrou na pilha de latas, derrubando as que ainda estavam em pé.

Sua cabeça girava e não podia perceber direito o que estava acontecendo. Sabia, apenas, que o levantavam do chão para derrubá-lo outra vez, com golpes furiosos.

Depois disso deve ter perdido os sentidos porque só percebeu que estava estendido no chão e tinha a cabeça e a camisa emsopadas com a água de um balde que alguém acabara de jogar sôbre êle.

— Está voltando a si, Bill. Fala logo com êle e vamos cair fora, anda.

O outro, então, parou diante de Fenner, esfregando os nós dos dedos; sua expressão era medonha.

— Fenner! Fenner! — chamou. — Está me ouvindo?

Fenner não respondeu. Estava tonto, sentindo-se completamente atordoado. Sentia pontadas de dor em todo o corpo.

O homem se curvou um pouco e disse:

— Ouça, Fenner! **Isto foi apenas um aviso!** De agora em diante estaremos sempre por perto, noite e dia, e, se você não quer receber outra visita nossa, é melhor atender ao Dan Cassidy. Estamos entendidos?

Fenner continuou quieto, sem responder. De olhos fechados, lutava contra a tonteira que sentia.

Quando abriu os olhos outra vez, os homens já tinham saído da loja.

E o tempo foi passando, Fenner ainda estendido no chão, agora respirando com um pouco menos de dificuldade e experimentando uma sensação de enjôo. Levantou a mão, apalpando o rosto; a face esquerda tinha uma grande equimose e, no queixo, outra. O lábio inferior estava partido e inchado e todos os músculos de seu corpo estavam doloridos.

Com certa dificuldade ergueu-se e sentou junto da parede. Depois conseguiu ficar de pé. Os joelhos tremiam, mas agüentaram o pêso do corpo. Saiu do depósito, andando devagar e, mal chegou à loja, viu a porta abrir-se e Ed Soderman entrou.

— Vi luzes acesas e vim ver o que era. Você está trabalhando até muito tarde, não acha? — falou o xerife.

— Nem tanto — respondeu Fenner.

Mas, qualquer coisa em sua voz intrigou o xerife, que se aproximou mais e, olhando-o de perto, exclamou, espantado:

— Que aconteceu, Fenner?

Fenner se apoiou no balcão para não cair e imaginou o que diria ao xerife. Êle não sabia quem eram os dois homens e, embora pudesse identificá-los, se os visse, não tinha provas do que acontecera. Podia, apenas, deduzir que êles tinham sido enviados por Cassidy. Mas não esquecia, também, que o xerife **estava do lado de Cassidy**, isto é: dos criadores!

— Vamos, Fenner, conte-me o que aconteceu — insistiu Soderman. — Foi um assalto?

— Não — respondeu Fenner, lentamente. — Não foi um assalto. Entrei no depósito e tropecei numa pilha de latas de conserva.

Não é esta a impressão que eu tenho...

E o xerife, abrindo a tampa do balcão, passou para o lado de dentro e foi olhar a caixa registradora. Voltou-se, depois, dizendo:

— O dinheiro está todo aqui... Talvez você tenha brigado com algum freguês violento, não foi isto?

— Tropecei numa pilha de latas — repetiu Fenner, irritado.

O xerife examinou-o ainda por alguns instantes e, então, abanando a cabeça, ergueu os ombros. Estava intrigado.

— Bem... Preciso acabar de varrer isto aqui — disse Fenner.

Ed Soderman saiu de trás do balcão e, ainda desconfiado, disse:

— Se você não se opõe, vou ficar um pouco por aqui.

— Não me oponho — respondeu Fenner.

E, pegando a vassoura, teimosamente, continuou o trabalho que fôra tão violentamente interrompido.

O xerife Ed Soderman, do seu canto, continuava a observá-lo.

Fenner não se apressou. Sua cabeça estava melhor, agora, e seus pensamentos começavam a clarear. Sentia ainda uma dor desagradável, latejando no cérebro; mas estava realmente melhor. Sabia bem o que o esperava de agora em diante: amanhã ou depois — ou outro dia qualquer — um dos plantadores de Four Mile Creeck viria comprar mantimentos e, se êle atendesse, o que era certo, os dois homens que o haviam surrado voltariam, como haviam ameaçado. Êle não tinha físico para enfrentar um dêles sequer. Apanhou o lixo com uma pá, despejou-o na lata do lado de fora da porta e guardou a vassoura. Depois foi até à caixa e retirou de lá vinte dólares, que guardou no bôlso, pondo o resto do dinheiro num saco de lona, que escondeu atrás de uma pilha de latas. Em geral, à noite, êle levava o dinheiro para Sara, mas hoje não faria a habitual visita aos Meyers.

— Está pronto para fechar? — perguntou o xerife.

— Sim — respondeu Fenner. — Pronto para fechar... e creio que vou passar pelo bar do Waldeck para tomar uma cerveja.

O xerife concordou, mas insistiu na pergunta:

— E você quer que eu acredite que tropeçou numa pilha de latas...?

A ALUNA MAIS APLICADA DA CLASSE



Seu nome é Helen McNab, tem 16 anos de idade e nasceu sem braços. Apesar dessa desgraça que entristeceu sua infância, Helen demonstrou que seus pés valiam por êles mesmos e pelos braços que nunca teve. Em Brewster (Minnesota), onde reside, todos conhecem a sua habilidade, pois serve-se dos pés como fazemos com as mãos. Seu rosto revela grande inteligência e, por isso mesmo, é ela a primeira aluna da classe. Acima a vemos escrever com desembaraço, tomando apontamentos em seu livro escolar e sua letra (pasmem!) é classificada entre as melhores de todo o colégio onde estuda.

☆

ACHADOS DELICIOSOS

"Finalmente, a dona da casa passou, na pontinha dos pés, para outro assunto de conversação." — *Lynn Alexander*

"Uma ostra é um peixinho em forma de noz." — *Irish Weekly*

"Era um cãozinho com cauda de alta freqüência." — *Margaret Wilder*

"O professor perseguia a pastilha de menta com a língua." — *Czwnzi Ormonde.*

— Sim... Uma pilha enorme — retrucou Fenner, tentando gracejar.

Apagou os lampiões da venda e seguiu o xerife até à porta; depois saíram, e êle passou o cadeado.

Estava um pouco frio, fora; um vento forte soprava lá da colina. As estrêlas brilhavam...

Fenner não viu uma só pessoa na rua. Mas, na frente do bar do Waldeck, havia alguns cavalos amarrados, sinal de que ainda havia gente lá. Havia, também, gente, mais adiante, perto do Golden Arrow.

— Isto me parece um tanto fora do comum... nunca vi você tomando cerveja no Waldeck antes... — comentou Soderman.

Fenner deu de ombros e respondeu:

— Em geral é muito tarde, quando saio da casa dos Meyers e hoje é tarde para ir lá.

O xerife concordou; dali a instantes empurraram a porta do bar e foram entrando. Havia vários homens encostados no balcão e uns poucos sentados nas mesas. O ar estava saturado de álcool e fumo. Os olhos de Fenner percorreram, ràpidamente, o ambiente. Viu Cassidy e imediatamente reconheceu, na companhia dêste, os dois homens que haviam estado no armazém. Um dêles cochichou qualquer coisa ao ouvido de Cassidy, que olhou logo em redor, demorando-se mais um pouco a observar o xerife.

— Como vai, Cassidy? — falou o xerife. — Está uma noite fria...

Aquelas foram as palavras de Soderman; palavras banais, mas que queriam dizer muito mais. Significavam que Soderman não sabia do que acontecera no armazém àquela noite e que o fato de estar ali, naquele momento, era pura coincidência.

— Uma noite bem fria... — concordou Cassidy.

Dan Cassidy e os dois homens estavam numa das extremidades do balcão e havia mais duas pessoas no bar. Sentado a uma das mesas estava Art MacAdams jogando **Paciência**. MacAdams tinha uma loja de ferragens e costumava vir tôdas as noites ao bar do Waldeck. Fenner já contava encontrá-lo ali.

— Vamos tomar um drinque com Cassidy e os amigos dêle — sugeriu o xerife Soderman.

— Depois... — respondeu Fenner. — Antes quero falar com Art.

E dirigiu-se para a mesa de MacAdams, sabendo que o xerife o observava, meio intrigado, e que Cassidy e os dois homens também o seguiam com a vista. E estava tudo certo; era **isto mesmo** que êle queria.

— Mr. MacAdams, posso lhe pedir um favor? — falou, em voz alta.

MacAdams levantou a cabeça e, vendo-o, respondeu: — Oh! É você, Fenner... Olá! Que houve com o seu rosto?

— O que houve com meu rosto não tem importância; mais tarde eu lhe contarei. Mas... e o favor? Pode fazer?

— Naturalmente! De que se trata?

— Eu quero uma arma! Quero comprar uma arma esta noite e quero que esteja carregada.

Silêncio absoluto, no bar. Todos os presentes haviam escutado as suas palavras! Todos haviam escutado Fenner pedir uma arma e ouviam, agora, interessados, o resto:

— Uma arma? — perguntou MacAdams, admirado.

— Sim, uma arma. Eu sei que é pedir muito... Pedir a você que abra a loja a esta hora... Mas isto deve compensar...

E Fenner mostrou os vinte dólares que tirara da caixa e que teria que pagar, mais tarde, a Meyers e pôs em cima da mesa.

— Você quer a arma... esta noite? — perguntou Art.

— Sim, esta noite **e o mais depressa possível!**

MacAdams olhou para o xerife, mas êste não se manifestou.

— Então? — insistiu Fenner.

MacAdams se ergueu, pôs o dinheiro no bôlso e concordou:

— Perfeitamente, Fenner! Eu lhe venderei a arma.

E saiu.

Fenner, em silêncio, sentou-se na cadeira que Art tinha deixado livre. Sentia-se, repentinamente, fatigado e temia que suas pernas dobrassem sob o pêso do corpo. Então, um murmúrio de conversa começou pelo bar.

Dois homens, que estavam jogando cartas, na mesa ao lado, começaram a conversar em voz baixa. E outras vozes, também baixas, foram ouvidas. Ed Soderman pediu duas cervejas e, carregando duas canecas, veio para a mesa onde Fenner estava.

— Creio que não seria nada de mais se você me dissesse do que se trata — murmurou êle.

— Mas dizer sôbre **quê?** — perguntou Fenner.

— Sôbre a arma...

— A maioria dos homens, nesta cidade, tem uma arma — disse Fenner, falando devagar. — Por que não hei de trazer uma também?

De onde estava sentado, êle podia bem observar Cassidy e os dois homens, que conferenciavam em voz baixa, dando, de vez em quando, uma olhadela para êle. De repente, os dois homens que se haviam intitulado «comitiva dos criadores» saíram apressados. Fenner observava-os. Esperava, apenas, que Cassidy não os seguisse e, realmente, o criador não o fêz, mas serviu-se mais um pouco de bebida da garrafa que tinha à sua frente e continuou encostado no balcão, de costas para Fenner. Art MacAdams voltou de sua visita à loja de ferragens. Então, colocou uma pistola sôbre a mesa, em frente de Fenner:

— Pronto; aí está!

— E... está carregada?

— Sim; está carregada!

Novamente Fenner sentiu o silêncio absoluto que o rodeava. Estendeu a mão, segurou a arma e ficou olhando. Depois, levantou a cabeça e fitou Cassidy, que se virara de frente e que tinha uma expressão de desdém, mas estava tenso e vermelho.

— Quando alguém vem ao armazém — falou Fenner, devagar — eu não pergunto qual a sua raça, política ou religião. Não me importa saber se é prêto ou branco, mexicano ou chinês. Não pergunto se êle é dono do maior rancho de gado da região ou se é apenas um agricultor recém-

(Cont. na pág. 117)

POR TRÁS DA PORTA AMARELA

Romance de VALENTIM WILLIAMS

— Mas, eu mesma não sei! —exclamou Gerry, com voz nervosa. — Sinceramente, Chass, não tenho a menor idéia de quem tenha sido!

— Por mim, é a primeira vez que ouço falar dessa arma. Quem mais sabia que você tinha êsse revólver?

— Só uma pessoa: Murchie.

— Murchie? Vamos ouvi-lo.

Sir Charles calcou o botão de uma campainha. Gerry, erguendo ligeiramente os ombros, rodou nos calcanhares e sentou-se numa poltrona próxima. Pouco depois, a porta era aberta para dar passagem a Frank.

— Vá dizer a mr. Murch que desejo falar-lhe — ordenou sir Charles. — Um instante! Depois veja se encontra Larking e mande-o vir também.

Com uma exclamação abafada, que traduzia tôda a sua irritação, sir Charles acendeu o charuto.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Miss Innesmore, Aline Innesmore, norte-americana, em visita a amigos em Londres, Sir Charles Rossway e lady Julia Rossway, vive com êles na majestosa e aristocrática mansão de Mayfair, conhecida por Frant House, onde também vivem os filhos do casal, Sholto, atualmente numa propriedade da Kenia, na Africa Oriental; Geraldine (Gerry), espôsa de Sholto e que não quis ficar ao lado do marido nas terras estranhas, e Rodney, o filho mais moço, solteiro. Num anexo de Frant House vive Barrasford Swete, solteirão, que alugou êsse apartamento a seus velhos amigos Rossway. Entre Sholto e Gerry a situação estava esfriando bastante, com grande desgôsto de lady Julia, que via também, com grande desagrado, as relações, exageradamente cordiais, entre Swete e sua nora, Gerry. À tarde, preparando-se para a grande recepção desta noite, no palácio real, onde seria apresentada à côrte, por lady Julia, Aline recebe um recado de Swete e, visitando-o, verifica que êle sofreu um acidente, ferindo-se num pé, o que o impediria de ir, à noite, apreciar a sua «toilette» de côrte, na casa dos Rossway. Aline promete-lhe, então, que, ao regressar de Buckingham Palace, iria visitá-lo, em companhia de Gerry, para que êle pudesse ver como era lindo o seu vestido. Tudo corre conforme o combinado, tendo apenas Gerry faltado ao encontro, por se haver aborrecido com Rodney que, em nome de lady Julia, pedira-lhe, e quase exigira, que deixasse de visitar Swete. Mesmo assim, Aline despede-se de lady Julia, que se prepara para dormir, e sai para tirar fotografias e, em seguida, visitar Swete, embora ligeiramente, para cumprir a sua promessa. Ao chegar, porém, ao patamar superior, encontra a porta fechada e nota que a luz que vira brilhar, ao saltar do automóvel, se extinguira, reinando, agora, completa escuridão no interior do apartamento. Desce, decidida a voltar diretamente para casa, quando verifica, juntamente com o «chauffeur», que a barra do seu vestido está empapada de sangue, assim como os sapatos. Nesse instante, surge Rodney, que também regressava para casa e, ao ver o que ocorria, sobe com o «chauffeur», derrubam a porta e encontram Barry inanimado ou morto, banhado em sangue. Na sua mão direita está um revólver. Rodney manda o «chauffeur» chamar o dr. Pargetter, médico da família, e procura acalmar Aline, que julga ter visto alguém sair do apartamento, perdendo-se logo no «fog». O dr. Pargetter aumenta o alarma declarando que aquilo não fôra suicídio, mas assassinato, pois a pistola não está descarregada e o seu calibre não era o mesmo da arma com que Swete fôra assassinado. Rodney diz a Aline que esconda a sua visita ao apartamento, pois êle dirá à polícia que tinham ido juntos visitar Swete. Isto a livraria de aborrecimentos futuros. Pouco depois, surge um policial que, avisado pelo «chauffeur», vinha colhêr detalhes e, pouco depois, surge o próprio inspetor Manderton, com o legista e o técnico de impressões digitais. Manderton, o inspetor-chefe, interroga os criados, o médico, rebusca a casa inteira, auxiliado por Dene, um jovem policial, especialmente encarregado das impressões digitais e que encontra pó-de-arroz diante do grande espelho da lareira. Tudo isso assusta cada vez mais Aline, que pensa apenas em Gerry. Pouco depois, Manderton interroga lady Julia e esta, com superioridade e sorrindo, não deixa o detective tomar pé. O mesmo não acontece com Gerry, que se rebela contra a insistência com que o inspetor deseja saber detalhes e responde com altivez, irritando o policial, que, por sua vez, teima em apanhá-la em contradição. Quem mais se preocupa com a situação de Gerry é Aline. Para refletir melhor sôbre os fatos, recolhe-se ao «court» de tênis, onde é surpreendida pelo assistente de Manderton, que com ela conversa banalidades, embora, no fundo, quisesse sondar seus pensamentos. Quando vai mostrar uma curiosa berlinda do século XVII, que ali é guardada, recua e, com uma desculpa, despede o policial. Surge Rod e Aline faz uma trágica revelação. No interior da berlinda há um revólver, escondido sob uma almofada. Interrogam Larking, que se perturba, mas afirma ignorar a quem pertence a arma. A seguir, surge Gerry. Ao ver a arma declara que lhe pertence. Fôra um presente de Sholto. E essa arma só podia ter sido roubada, na véspera, da gaveta do seu «boudoir», onde a guardava. Quem sabia da existência da arma? Quem a tirara do quarto de Gerry? Rod declara que vai entregar o revólver a Chass e fará o que êste resolver que se faça. Depois do almôço, Aline e Rod vão a um jardim público, onde tratam de elucidar os próprios movimentos da véspera e chegam à conclusão de que possuem bons alibis. Os outros, procurariam saber, depois. Quanto a Gerry, seus passos pareciam bem esclarecidos. Rod informa nesse momento que, por conta própria, telegrafara a Sholto, em Nápoles, pedindo o seu imediato regresso. Decidem, a seguir interrogar o velho Larking, que, para êles, além de Murchie, é o único que não tem os movimentos bem esclarecidos. O secretário revela realmente os seus passos, havendo apenas um pequeno lapso em que retornou, sem testemunhas, a Frant House. Mas seu relato piora a situação de Larking, que saiu misteriosamente, de casa. Depois, rebuscando na copa, encontram um boné pertencente a sir Charles, escondido numa gaveta. Aline afirma que êsse boné é igual ao que viu na cabeça do vulto misterioso que saíra furtivamente, na véspera, da casa de Barry. Voltam ao escritório, onde Rod esconde o revólver na gaveta da mesa da máquina e, retirando-se por alguns instantes, retorna quando chegava sir Charles. Contam ao baronete o que ocorreu e quando vão exibir a arma esta já desaparecera da gaveta. Sir Charles furioso, vai interrogar Gerry.

— Larking declarou não ter jamais visto êsse revólver — declarou Rodney.

— Pois bem — respondeu sir Charles, soprando a fumaça com violência. — Cabe a êle saber o que os criados conhecem a respeito dessa arma!

No mesmo instante, chegava mr. Murch. Imediatamente, leu nos olhos de seu patrão brilhar o fogo da cólera; longamente instruído pela experiência, hesitou.

— Vamos ver, mr. Murch... — foi logo dizendo sir Charles. — O senhor, segundo penso, sabia que a sra. Sholto possuía um revólver?

O secretário teve um estremecimento na garganta, antes de poder falar:

— Sim, sir Charles.

— E não teria, por acaso, pedido emprestado, a ela, essa arma?

— Pensei, realmente, nisso, quando se projetou a minha viagem a Durazzo. Mas, depois, falhando essa viagem...

— Não falemos em coisas tão antigas... O empréstimo a que me refiro seria de ontem.

Os dentes de mr. Murch se entrechocaram.

— Não, não, sir Charles... Por que o senhor me faz essa pergunta?

— Porque o revólver da sra. Sholto foi apanhado, ontem à noite, da gaveta do *boudoir* da minha nora e porque há uma séria coincidência entre isso, o assassinato de mr. Swete e o encontro, esta manhã, da arma — a que faltava uma bala — escondida no interior da berlinda, no "hall".

Mr. Murch ficou com as faces rubras. Maquinalmente, suas mãos procuraram os óculos.

— Pelo amor de Deus, sir Charles! — exclamou êle, com uma voz que o mêdo fazia tremer. — O senhor não quer dizer que me acusa de...?

— Não seja ridículo, Murch! — trovejou sir Charles. — Não acuso ninguém. Procuro, apenas, ver um pouco mais claro nesse assunto. Você não apanhou o revólver? Ótimo! Mas, neste caso, quem o fêz? Os objetos não podem passear, assim, sòzinhos, irra! Mas se não o apanhou no quarto da sra. Sholto, ontem, teria, ao menos, apanhado a arma da gaveta desta mesinha, há coisa de minutos?

O secretário abriu a bôca, visìvelmente assombrado.

— Tirado a arma... da minha mesa, sir Charles? Não! E posso afirmar que aí não havia nenhum revólver... pelo menos até ao meio-dia, que foi até quando trabalhei. Quem disse que eu apanhei o revólver?

— Ninguém. Rodney o guardou aqui mesmo, antes de se afastar, por alguns instantes apenas. Ao voltar, o revólver havia desaparecido. Que deseja, Frank?

O mordomo acabara de surgir.

— Desculpe, sir Charles — disse êle, com uma expressão de mistério. — Larking saiu.

Sir Charles se voltou para consultar o relógio de estante.

— Saiu? Às seis horas e vinte e cinco minutos?

— Êle havia chegado há cêrca de uma hora, sir Charles. Pensei que êle estivesse na copa. Procurei-o por tôda parte, mas não pude encontrá-lo. Uma das camareiras, Ada, afirmou que o viu sair pela porta da frente, há uns vinte e cinco minutos.

A campainha da porta principal chamou, repentinamente, no *hall*.

— Está bem, Frank — disse sir Charles. — Você fica encarregado de o enviar até aqui, tão logo êle reapareça.

E logo que Frank desapareceu, fechando a porta, sir Charles acrescentou, dirigindo-se ao filho:

— Larking está esquecendo seu trabalho. A esta hora, já devia estar providenciando para o preparo da mesa do jantar.

Vozes ressoaram no *hall* e, pouco depois, lady Julia avançava a cabeça entre os batentes da porta:

— Ah! Você está aí, Charles? Que bom já ter voltado. Poderia, um instante, me ceder Murchie? Preciso dêle para enviar alguns cheques.

E, inclinando-se, risonha, numa saudação geral, a cabeça de lady Julia desapareceu.

— Pode ir atender a lady Julia — disse sir Charles a seu secretário.

Murchie já se retirava quando sir Charles o chamou novamente, para recomendar:

— Mas, acima de tudo, nem uma palavra a lady Julia sôbre o assunto da nossa conversa, entendeu?

Mr. Murch parecia absolutamente acabrunhado. Saiu com passo titubeante, mas apressado, como se desejasse mudar de atmosfera.

Rodney olhou para sir Charles, cujos olhos revelavam quão emocionado estava. Os cabelos estavam em desalinho e o charuto estava apagado entre seus dedos: duplo sinal pelos quais os empregados da Sociedade Rossway conheciam que seu chefe estava preocupado.

— Que pode ter ido fazer Larking? — resmungou. — Queira Deus que não tenha perdido a cabeça!

— Chass — disse Rodney. — Eu queria dizer-lhe uma coisa em particular.

Sir Charles respirou profundamente.

— É fácil. Por favor, vocês duas podiam sair um instante? — pediu, voltando-se para Gerry e Aline. — Voltaremos a conversar mais tarde.

Elas saíram juntas. Gerry, de cabeça alta, o rosto firme. Aline, abatida, mas dominando-se o necessário para lançar a Rodney um olhar de cumplicidade.

Então, Rodney se aproximou mais um pouco do pai.

— Trata-se de Larking — disse êle.

— A que propósito? — perguntou sir Charles, em tom de mau augúrio.

Mas, no momento de falar, Rodney hesitou. Recordava, repentinamente, que sir Charles havia conhecido Larking antes mesmo de conhecer os próprios filhos. Porque Larking entrara para a casa quando o "baronnet" de hoje não passava de um industrial de província, obscuro, embora feliz. Quantas recordações comuns deviam unir êsses dois homens idosos! E que não teria dado o próprio Rodney para poupar um desgôsto a seu pai! Mas, seu dever estava traçado claramente. Não tinha o direito de calar.

— Chass — disse êle, com voz repentinamente enrouquecida. — Comprende que só Larking poderia ter apanhado o revólver na gaveta de Murchie? E ouviu o que disse Frank: Larking entrou... e logo saiu! E pela porta da frente, a curto intervalo! Deve ter visto quando eu guardava a arma na gaveta e soube aproveitar para a apanhar, enquanto eu estava na copa, com Aline.

— Loucura! — respondeu sir Charles. — Por que Larking teria feito isso?

— Êle estava no *hall*, quando Aline me apresentou o revólver que achara, escondido na berlinda. Nesse instante, notei que êle empalidecia e parecia aterrorizado...

E não era para ficar, mesmo? Na idade dêle, ninguém gosta muito dessas emoções fortes. Meu fliho, você está dando rédeas sôltas à imaginação...

— Não, Chass, não... Êsse boné, que você tanto aprecia, e que encontrei escondido na copa... Pois bem: na opinião de Aline, o homem que viu sair, furtivamente, do apartamento de Swete, tinha um boné igual. Vestia, além do mais, um sobretudo, que, numa noite como a de ontem, deixa pensar que estava de casaca ou libré... Esta é uma segunda característica de Larking, não acha? E esta é a explicação da sua fuga. Deve ter seguido os nossos passos, quando saí com Aline, para a copa. Deve ter visto, quando encontrei o boné, escondido na gaveta. Tudo isso se liga... Quem apanhou o revólver no quarto de Gerry? Não posso dizer. Mas, se me perguntar quem o colocou na berlinda, eu poderia afirmar, sem mêdo de errar: Larking! Ouça, por favor...

Em rápidas palavras, Rodney relatou a sir Charles o que lhe dissera Murchie sôbre como vira chegar, na noite anterior, o mordomo...

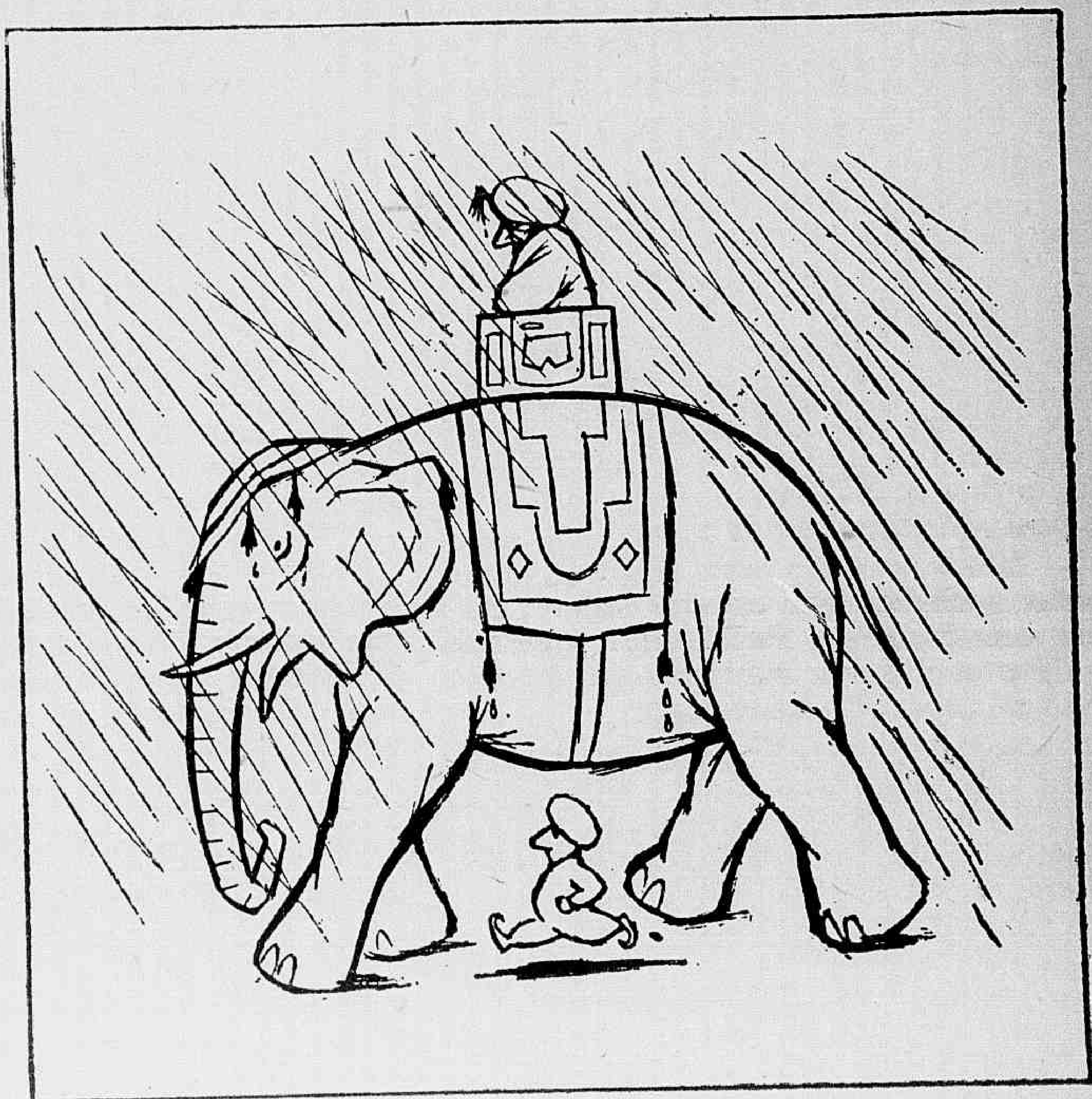
"Larking voltava da casa de Barry com o revólver no bôlso. Surpreendido por Murchie, escolhe, para se desembaraçar da arma, o primeiro esconderijo que se apresenta. Eis porque ficou aterrorizado quando Aline encontrou a arma; por que a fêz desaparecer, há pouco... e por que, finalmente, também êle desapareceu!

— Em suma: você me convida a acreditar que Larking matou Barry?

— Não, porque, da minha parte, não acredito!

— Gosto de ouvir você falar assim!

— Como você, Chass, tenho grande afeição pelo velho Larking. Sem contar que não vejo, absolutamente, que motivo poderia ter... Mas, nem por isso posso negar que, se êle estava, na última noite, no apartamento de Barry, só pode ter



sido na hora mesma em que Barry foi assassinado. A que horas o senhor o mandou ao correio?

Sir Charles refletiu.

— Cêrca de meia-noite menos quinze. Ou melhor... Espere. Alguns minutos mais tarde... Perdi algum tempo procurando um sêlo.

— Muito bem! — exclamou Rodney, mordendo os lábios ligeiramente.

"Segundo afirmou o médico, Barry não teria morrido *antes* de dez horas e meia, nem *muito depois* de onze e meia!

— Você não me convencerá jamais! — declarou sir Charles, teimosamente. — Não me convencerá de que Larking tenha matado alguém, de sangue, nem mesmo sob o império da cólera.

— Por que, neste caso, teria êle desaparecido, carregando uma arma que, sem dúvida, é uma peça testemunhal da maior importância?

Sir Charles voltou para o filho um olhar significativo.

— Podemos saber se êle procura acobertar *alguém*?

Rodney deixou cair os braços, como se ficasse paralisado; depois, abriu a bôca e de seus lábios, em voz muito fraca, saiu, como num gemido:

— Chass... — e empalideceu terrìvelmente.

— O pobre velho tem por todos nós uma dedicação sem limites. E Gerry é a espôsa de Sholto.

Uma onda de sangue subiu às faces de Rodney. Mas as palavras não subiam aos seus lábios.

"Você acredita, Rod — continuou sir Charles — que Barry tenha faltado com o respeito a Gerry?

— Nada posso dizer, Chass .

— Ou não quer dizer?

— Não, Chass. Ignoro!

— Tinha ela relações de amizade, íntima amizade, com outros homens?

— Não creio. Por que pergunta?

— Pensava nesse outro indivíduo, que foi visto rondando a porta do apartamento. Manderton afirma que possui seus sinais exatos. Quem poderá ser?

— Êsse é o ponto mais obscuro, entre tantas sombras. Não consigo sequer, formar uma hipótese. Tudo o que podemos conjeturar é que o indivíduo em questão seria o autor do assassinato.

— Neste caso, como o revólver de Gerry foi cair em suas mãos?

Rodney esboçou um gesto de desânimo.

— Renuncio a compreender, Chass. Que podemos fazer?

O aparelho telefônico, sôbre a mesa de trabalho, soou com estridência. Rodney foi atender ao chamado. Logo, fechando com a mão o fone, anunciou, num cochicho:

— Manderton!

— Que deseja mais? — perguntou sir Charles.

— Pergunta se pode vir nos ver, depois do almôço.

Alguns segundos passaram. Sir Charles mordia a ponta do charuto apagado. Finalmente, atirando o charuto para a lareira, falou:

— Diga-lhe que sim.

E Rodney, depois de transmitir essa resposta, desligou.

— Você me perguntava, Rod, o que podíamos fazer. Eu respondi, ao mesmo tempo que a êsse homem.

— Então... O senhor vai dizer tudo o que sabemos a Manderton?

— Tudo.

Rodney sorriu:

— Eu sabia! E, de um certo modo, estou contente.

— Não podemos opor obstáculos à justiça, meu filho.

— Certamente.

Houve um silêncio.

"Acreditei, um instante — continuou Rod — que o senhor ia dizer o nome do assassino... Sim. Há pouco, quando sugeriu que Larking procurava, talvez, esconder alguém...

Um riso mordaz acolheu essas palavras.

— Decididamente, meu filho — declarou sir Charles. — Logo se vê que você escreve romances!

Capítulo XX

MANDERTON SE MOSTRA MISTERIOSO

O inspetor chegou quando o almôço terminava. Foi levado para o gabinete de sir Charles. Foi ali que, fumando um dos charuots do anfitrião e tendo ao alcance da mão uma garrafa de vinho do Pôrto, ouviu a exposição dos fatos. Sir Charles os apresentou na ordem mais lógica, desde o primeiro desaparecimento do revólver de Gerry, o segundo, até s circunstâncias que começaram a acumular sôbre Larking as suspeitas que pareciam corroboradas pela escapa do mordomo.

Rodney esperou que o inspetor, diante dessas revelações, manifestasse uma emoção violenta. Ficou, porém, decepcionado. O inspetor ouviu sir Charles até ao fim, sem interromper, de cabeça baixa, fumando sempre e só parando de fumar para levar, com satisfação evidente, o copo aos lábios. Depois, pensativo, sugava o charuto. Finalmente, com voz sempre igual, disse:

— O senhor deve imaginar, sir Charles, que se a perda e o achado do revólver me tivessem sido assinalados desde logo, êsse homem jamais teria apanhado a arma e escapado com ela!

E, sem esperar uma resposta, tirando o caderno do bôlso, prosseguiu:

— Que tem a dizer do seu mordomo?

— Só tenho que dizer bem, muito bem, inspetor. Henry Larking está a meu serviço há uns vinte e oito anos. Mesmo com a mão no fogo responderia por sua dedicação e probidade. E parece-me impossível atribuir-lhe, nesse drama, um papel qualquer.

Manderton não abandonou sua tranquilidade.

— Na galeria dos malfeitores, em Scotland Yard, sir Charles, temos um departamento inteiramente consagrado aos empregados domésticos, todos titulares de fôlhas criminais tão compridas como o meu braço. Muitos dêles trabalham, hoje, e o senhor ficaria surpreendido se soubesse em casa de quem trabalham. Em que lugar o senhor encontrou o seu empregado?

— Foi depois da guerra sul-africana.

— Ah! — rosnou Manderton. — Nada melhor do que a guerra para recomendar um patife. Ninguém faz perguntas incômodas a um herói. E suas notas do regimento?

— Excelentes.

— Suponho que tenha sido cantineiro.

— Encarregado da limpeza da louça, mais exatamente.

— E antes disso, na sua vida civil?

— Lacaio, creio. Mas nada posso afirmar.

— Teria, por acaso, um retrato dêle?

— Devo ter, em algum lugar, os retratos dêle que mandei fazer para seu passaporte.

Sir Charles abriu uma gaveta da escrevaninha, remexeu entre os papéis e, finalmente, dela retirou uma pequena fotografia, que entregou ao inspetor. Êste apenas olhou a fotografia, de relance, antes de guardá-la no bôlso. Depois, sem transição, perguntou:

— Sabe se a sra. Rossway tem para êsse revólver balas de reservas?

Sir Charles olhou para seu filho.

— Você sabe, Rod?

— Não, Chass. Mas vou perguntar.

Já se levantava, porém Manderton o deteve.

— Por favor... Em vez de perguntar seria possível dar uma ligeira inspeção em seu quarto?

Rodney, com um olhar, consultou seu pai.

— A sra. Rossway só voltará para o jantar — disse sir Charles. — Será melhor não esperar que ela chegue, Rod, e satisfazer o desejo do inspetor.

Rodney saiu.

— E agora, sir Charles — disse o inspetor — o senhor me faria um grande favor se fornecesse os sinais detalhados dêsse seu mordomo.

★

Quando Rodney voltou, trazia uma pequena caixa, que pousou sôbre a mesa. Sir Charles abriu-a: estava cheia de cartuchos. O inspetor, abandonando sua cadeira, avançou a mão, apresentando a palma a sir Charles e o "baronnet" nela deixou cair um dos projéteis.

— Sem envelope! — disse Manderton.

— Calibre do exército, não é mesmo? — perguntou sir Charles, com voz pouco firme.

O inspetor fêz um sinal afirmativo, com a cabeça.

— Permita-me levar esta caixa, sir.

E a caixa desapereceu na algibeira do policial. Seguiu-se um silêncio. Manderton consultava suas notas.

— Resta-me ainda fazer uma ou duas perguntas, sir Charles — disse, finalmente. — A sra. Rossway não teria amigos chamados Leslie, Ledlay, ou coisa parecida?

Rodney viu, mais uma vez, seu pai consultá-lo com um olhar.

— Já ouvi Gerry se referir a uma sra. Leadbury... — disse êle, lentamente.

— Essa senhora tem camarote na Ópera? — perguntou Manderton.

— É possível. Mas, por que não pergunta diretamente a minha cunhada?

O tom era sêco. Manderton replicou com um brusco "Não". Depois, voltado para sir Charles:

— Devo pedir-lhe, sir Charles, que considere êste inquérito como estritamente confidencial. Principalmente com relação



— *Tenho que consertar essa camisa Policarpo! Avise-me quando cair o último botão!*

à sra. Sholto.

Sir Charles pareceu contrariado com o pedido.

— Inspetor... O senhor me coloca em posição difícil.

O enorme rosto congestionado do inspetor pareceu crescer ainda mais.

— Menos difícil, senhor, do que aquela em que o senhor já se encontra! Uma peça testemunhal de primeira importância desaparece, aqui mesmo, em sua residência. Se não deseja me convencer de que está voluntàriamente entravando a ação policial, por favor... não levante mais obstáculos em meu caminho!

Manderton rodou, bruscamente, nos calcanhares, para enfrentar Rodney.

— E que isto, senhor, seja, igualmente, comprendido de sua parte.

Em seguida, voltando a mergulhar em seu caderno, prosseguiu, enquanto folhava as suas páginas:

— Esta sra. Leadbury, de que falávamos. Onde reside?

— Em Pont Street, creio.

Rodney apanhou o catálogo telefônico, que folheou apressadamente.

— É aquela senhora que tinha um filho no Kenya — disse êle, dirigindo-se a sir Charles. — Ah! Aqui está.

Entregou o catálogo ao inspetor, apontando com um dedo o que lhe interessava.

— Obrigado — disse Manderton, com uma amabilidade que parecia não querer ficar para trás.

Anotou, ràpidamente, o endereço no caderno.

— Segundo ouvi dizer, tem ela um filho no Kenya?

— Teve um lá, pelo menos. Morreu, há coisa de um ano, numa caçada. Era amigo de meu irmão.

— Que reside no Kenya?

— Sim. O marido da sra. Rossway tem uma propriedade na África.

O olhar do inspetor correu para sir Charles.

— O senhor me havia dito, entretanto, que seu outro filho se encontrava na Itália...?

— De fato. Está a caminho da Inglaterra...

— A sra. Rossway acompanhou o marido ao Kenya?

— Sim. Mas o clima da região não lhe fêz bem. Há dois meses, teve que regressar.

Manderton mordeu os lábios, fechou o caderno e, em seguida, perguntou:

— Onde se encontra, atualmente, o sr. Sholto Rossway?

— Segundo as últimas informações que obtivemos e que datam de uma semana, mais ou menos, estava no "Grande Hotel", de Nápoles. Acabara de visitar as ruínas de Pompéia e contava poder visitar os trabalhos de Herculanum.

— Esperam vê-lo brevemente?

O inspetor falava, agora, com ar indiferente, procurando pelos cantos o seu chapéu, abandonado sôbre uma cadeira. Rodney o encontrou primeiro.

No momento em que fazia entrega do chapéu, falou:

— Telefonarei a meu irmão — disse êle, espontâneamente.

— Faz muito bem, Rod — aprovou sir Charles.

Manderton brincava, agora, com o chapéu entre os dedos.

— Bem. Resta-me, apenas, sair.

— Outro Pôrto? — propôs sir Charles.

— Rod, por favor...

— Não, obrigado, senhores.

Como se as palavras que pretendia pronunciar ainda lhe obstruíssem a garganta, sir Charles tossiu repetidas vêzes.

— Ficaria desolado, inspetor — disse, finalmente — se o senhor levasse a impressão de que alguém, nesta casa, tenta embaraçar o seu inquérito...

Manderton apenas respondeu com um movimento de cabeça inexpressivo. Continuava a rodar o chapéu entre os dedos.

— Noto que ainda deseja fazer alguma pergunta... — insistiu sir Charles.

— Uma ainda, sir Charles, mas que reservo para outra ocasião *porque servirá por duas*!

E com esta resposta enigmática, o inspetor se inclinou diante dos dois homens, um de cada vez, voltou-se e saiu, grande, lento, impenetrável.

E a porta do *hall* bateu.

Capítulo XXI
UMA VELHA HISTÓRIA

Um estremecimento das vidraças, dos quadros, dos lustros, sacudidos pelo bater da porta, marcaram a saída do inspetor.

O ruído repercutiu em tôda a casa: no quarto, onde Gerry, sentada diante do espelho, fitava seu pálido reflexo, em quimono branco, espiar, como do fundo de um crepúsculo; no quarto onde mr. Murch se ocupava com a leitura do discurso pronunciado por sir Charles na reunião da Prefeitura; no salão do primeiro andar, onde lady Julia fazia uma partida de *dominó* com seu irmão e, ao lado, na biblioteca, onde sua jovem amiga, norte-americana, caminhava tristemente, sem destino e sem ruído, observando o desenho do tapête; no *hall* destinado aos criados, finalmente, onde cortou bruscamente, a discussão que a sra. Hunt, a cozinheira, gorda e faladora, travava com Frank, agora promovido, pela circunstância, às funções de mordomo, e com Giles: amnésia ou suicídio? Que podia explicar melhor a ausência de Larking?

Aparentemente, todos os ouvidos da casa andavam à cata de ruídos, porque os homens e as mulheres deixariam escapar a respiração, aliviados, ouvindo-o. *Um ruído poderia significar a volta de Larking!*

Gerry se pôs de pé, prestando ouvidos, com a cabeça inclinada e uma lassidão infinita em suas pupilas verdes; e só tornou a sentar depois que um longo silêncio acalmou seus nervos. Entretanto, Murch, reunindo as provas do discurso, desceu as escadas com o passo felino que lhe era peculiar.

Lady Julia desviou-se um instante de suas cartas, para olhar na direção das altas janelas, abertas sôbre os plátanos poeirentos do *square*.

— Lá se foi, afinal, o inspetor — disse ela, com voz surda. — Por favor, Eustáquio, quer ir prevenir sir Charles de que desejo falar-lhe?

Na biblioteca, Aline cessou de contemplar preguiçosamente as lombadas dos livros. Rodney ia subir. E ela estava ansiosa por saber as novidades.

No *hall* dos criados, a sra. Hunt interrompeu, bruscamente, os debates em curso:

— O que vale é que êle deu o fora! — declarou ela. — Não gostaria de ver a polícia nesta casa!



Aline viu lord Blaze sair do salão e descer, acompanhado por mr. Murch, que vinha do andar superior. Tio Eustáquio dirigiu, com a mão, um gesto amistoso para a jovem norte-americana, mas o secretário não pareceu vê-la; quando, na ponta dos pés, passou junto dela, Aline teve a impressão de que o pobre homem estava doente. Depois, lord Blaze tornou a subir, em companhia de sir Charles e Rodney. Os três penetraram no salão. Aline voltou, então, para a biblioteca.

Uma noite abafada sucedera a um dia sem sol. Da mesma forma que a atmosfera pesada lhe oprimia o cérebro, assim o pêso de um drama estava para Frant House. Aline desejava poder confiar em alguém, desvendar as coisas, verificar, por exemplo, essa hipótese apenas anunciada por Rodney: *que Larking tentava encobrir alguém!* Mas não se sentia encorajada. Para ela, o jantar não passara de um pesadelo: uma troca de palavras vagas, através das quais parecia-lhe ver o pensamento de cada um voltar infalìvelmente para o abismo de um mistério, que a todos atormentava. Mesmo o desaparecimento de Larking não foi objeto de qualquer comentário. Aline deixou a mesa sem saber que explicação tinham dado a lady Julia para a ausência do mordomo.

Vestindo *toilette* negra, que se ajustava ao seu corpo bonito, ela recomeçara a examinar as prateleiras, com o seu caminhar errante, na biblioteca, quando seu olhar incerto colheu na passagem os volumes em que estavam reunidas as cartas do sobrinho George: dois grossos volumes, postos, um ao lado do outro, na prateleira superior, quase inacessíveis. Pensou, então, que o estilo atrevido do sobrinho George era justamente o que estava precisando para distrair as idéias. Só havia lido as cartas de maneira superficial, tendo escapado muitas coisas ao seu exame. Sem dúvida, aquela não era uma leitura que sir Charles aprovaria, mas o pobre homem tinha também a cabeça quente, neste instante, para que a pudesse surpreender com o livro nas mãos. Procurou com o olhar a pequena escada.

Repentinamente, a porta rangeu atrás dela. Aline se voltou, com ar culpado, e viu, parado, no limiar da porta, lord Blaze, pequenino, de monóculo no ôlho direito, um charuto entre os dedos.

— Está só? — disse êle, com um sorriso cordial.

Aline simpatizava com tio Eustáquio. Gostava, principalmente, dos seus modos desenvoltos. Sem dúvida, depois de tudo quanto ouvira dizer dêle, lord Blaze concretizava mediocremente a idéia que ela formara de um conde autêntico. Mas não fôra a ela que tio Eustáquio havia pedido alguma vez dinheiro emprestado ou passara um cheque sem fundo. Ao contrário, sempre se esforçara por lhe ser agradável. Não obstante o seu rosto de rato dos campos, havia nêle qualquer coisa de atraente. Não era nem altivo nem inclinado para as efusões excessivas, nem "snob" nem escravo da opinião comum. Tratava todos num pé de igualdade abso-



— O patrão disse apenas que não me deixava sair... e que, algum dia, eu ainda lhe seria grato por isso...

luta, como se seu próprio valor nunca estivesse em causa e, nessas condições, não ligasse grande atenção ao dos outros.

Aproximou-se, esfregando mansamente as mãos, elegante e ágil, como sempre.

— Então? — exclamou. — Que pensa você do que está acontecendo, menina?

Aline sorriu, sem alegria, antes de dizer:

— Não me pergunte. Sinto-me acabrunhada. Sabe o que resolveu sir Charles com o inspetor?

— Sem dúvida tonteou o pobre homem com essa história sôbre Larking. Mas...

Os olhinhos de lord Blaze semicerraram-se.

"— Lady Julia nada deve saber, compreende?"

Aline não pôde reprimir um gesto de impaciência.

— Conte-me, por favor. Que disse, em suma, sir Charles?

— Apenas que tendo mandado Larking fazer um serviço não o tornara a ver desde então, o que atribui a uma perda de memória determinada pelas emoções dos últimos dias. Segundo parece, terminou convidando o inspetor a procurar o mordomo, o que é muito justo. Creio que o nosso velho Charles está zombando do policial. E como sabe ser diplomata! Queria que o visse, animando minha irmã a partir hoje mesmo para a casa de campo. Mas Julia não lhe deu ouvidos. Disse mesmo que não pretendia sair desta casa, deixando você e Gerry. Por aí você pode ver que Charles não tem senso comum. Não parece ter compreendido que minha irmã é a melhor cabeça desta casa. Acho, mesmo, que êle devia contar tudo a ela, e confiar-lhe a missão de esclarecer o mistério... nunca a êsse policial grosseirão. Você não pensa comigo?

— Sim — disse Aline. Mas, também, compreendo o ponto-de-vista de sir Charles. Êle quer poupar desgostos a lady Julia. Bem conhece o alto conceito em que tem o velho Larking. Sir Charles consentiria, de bom grado, penso eu, que não descobrissem o assassino, se isso pudesse causar a lady Julia a menor mágoa!

— Sim, sim. Isso é sabido. Êle a adora, sempre adorou.

— E também Rodney... e Sholto. Não conheço família igual. Uma verdadeira sociedade de adoração mútua.

— Tem razão. Uma sociedade da qual lady Julia é a alma. Dedicou sua vida a sir Charles e aos filhos. E saiba que nem sempre as coisas correram bem para ela. Teve lá a sua parte de aborrecimentos.

— Sempre pensei que tôda a sua existência tivesse sido felicíssima. Ela demonstra tanto contentamento, tanta fortaleza e serenidade...

— Assim o exige o sentimento do dever! Pertencemos a uma velha família e lady Julia se obrigou a viver no nível da posição que lhe foi concedida pelo destino. Não pense, porém, que ela seja uma criatura de gêlo. O lado dela que você conhece é, justamente, o que apresenta a todos. Tem fôrça-de-vontade! Sorri apenas com os lábios. Mas, sob a aparência de serenidade de que você fala, ela esconde uma sensibilidade profunda. Se a conhecesse, como eu conheço, saberia que a brutalidade do golpe provocado por êsse drama, ocorrido aqui mesmo, ao lado da sua casa, com uma pessoa amiga e muito íntima, a feriu profundamente. Sabe, ao menos, que a vida dela já foi marcada por um drama? Isso explica, mesmo, a maneira como sir Charles se preocupa tanto por causa dela...

— Algum segrêdo que o senhor não pode contar? Interesso-me tanto por lady Julia...

— Não há nenhum segrêdo, embora Julia jamais fale sôbre êsse assunto. Sabe que ela, primeiro, estêve noiva de Eric Ivinghoe?

— Não, embora eu tenha visto sôbre sua mesinha de trabalho a fotografia dêsse personagem...

— Por assim dizer, conheciam-se desde os primeiros anos da infância. Mas o velho Ivinghoe não tinha vintém, nem muito juízo e meu saudoso pai, muito cauteloso nessas coisas de casamento, cortou as esperanças dos enamorados. Eric foi para a Índia, onde não tardou a morrer.

— Quer dizer que foi morto em combate?

— Exatamente. Foi uma pena! Era um rapaz encantador. Surgiu, então, sir Charles. Tinha mais vinte anos que lady Julia. Mas era muito simpático... e o melhor dos homens. Creio, no entanto, qeu Julia ainda está ligada por sentimentalismo à memória de Eric, e que nunca perdoou ao nosso pai... Que há, Rodney?

Rod acabara de aparecer.

— Mamãe deseja falar com o senhor, tio Eustáquio.

— Muito bem. Como está ela?

— Atormentada por causa de Larking. A propósito: Murchie saiu com o senhor, ontem, à noite?

— Sim. Por quê?

— A que horas êle se separou do senhor?

— Cêrca de onze e meia.

— Para voltar... de que modo?

— A pé, segundo me declarou.

— Não teria tomado um táxi?

— Não posso saber. Mas... Será possível que suspeitam do pobre homem?

— Não somos nós, todos, suspeitos... até que se encontre a verdade?

(Cont. no próximo número)



DORIS DAY

Conhecida no mundo inteiro, através dos filmes e das gravações, e considerada nos Estados Unidos como a "maior personalidade" entre as cantoras de música popular, Doris Day, há quatro anos, se integrou na família artística da Warner Bros., tornando-se, em pouco tempo, popular e querida nos estúdios de Burbank. Artista que conhece perfeitamente suas responsabilidades, Doris Day é infatigável, trabalhando horas e horas por dia, sem perder, contudo, o seu habitual humor, e seu invejável entusiasmo. É conhecida como uma criatura sempre jovem, de contagiante alegria, amiga de todo mundo e aumentando, dia a dia, o número de seus admiradores! Seu ingresso no cinema foi, sem dúvida, o resultado de seu sucesso como cantora. Seus discos, procuradíssimos em tôdas as partes do mundo, esgotam-se com apenas algumas semanas de lançamento, e as novas edições seguem o mesmo destino: enriquecer a discoteca dos milhares de fãs da "voz adorável"! Seus primeiros filmes foram musicais, mas a personalidade demonstrada por Doris Day fêz com que lhe dessem uma oportunidade como atriz dramática, recebendo *grau dez*. Apesar do êxito obtido no gênero, Doris Day ainda é, acima de tudo, uma comediante e isso provam os papéis vividos nos filmes da Warner Bros. "Conquistando West-Point" e "Mademoiselle Fifi", contracenando com James Cagney, Jack Carson e Dennis Morgan. Como cantora, seus filmes "Meus sonhos te pertencem", "Rouxinol da Broadway", "Êxito Fugaz", "No, No Nanette", "Meus braços te esperam", "Sonharei com você" foram muito aplaudidos!

Mas, Doris Day não se chama Doris Day na vida real e sua família a conhece desde o berço como Doris Kappelhoff. Seu primeiro contato com a vida foi num belo dia 3 de abril do ano de 1924. Doris herdou do pai, que era organista, pianista, violonista e professor de canto, a vocação pela arte que a consagrou. Muito pequena ainda, talvez nem se recorde, mas o fato é que perdeu o amparo paterno, com a saída do sr. Kappelhoff de casa. A infância de Doris Day foi, por isso mesmo, uma infância igual a de tôdas as meninas desamparadas, e sua mãe costurava para fora, mantendo a casa com o produto dêsse trabalho. Parecendo adivinhar que sua carreira estava no teatro, Doris Day, já aos doze anos, fazia o encanto dos empresários Franchon e Marco, dançando para êles em diversos espetáculos. Depois vieram os contratos com as orquestras famosas e "tournées" pelas cidades do interior. A felicidade que Doris Day encontrava na música estendeu-se, quando ela se enamorou de Al Jorden, músico da orquestra de Jimmie Dorsey. Al levou-a ao altar e um ano mais tarde nascia Terry, um garôto muito lindo. O casamento durou apenas um ano, pois se divorciaram. Em 1946, Doris casou com outro músico: George Weilder e, em companhia dêle, viajou para Hollywood. Mas, o destino reservava-lhe outra surprêsa desagradável e a união terminou um ano depois. As desilusões amorosas, forçosamente, vieram a influir na existência de Doris Day e, não fôsse a ajuda do célebre diretor Michel Curtiz, não se sabe como Doris conseguiria atravessar aquela fase negra de sua vida. A propósito, o próprio Curtiz recorda sempre, aos amigos, a figura de Doris Day, quando veio vê-lo para um "test". Chorava e estava nervosa; apesar disso, Curtiz lhe deu um papel em "Romance em Alto-Mar". Desde então, Doris vive sorrindo e cantando feliz, fazendo inveja aos outros com sua constante alegria. Recentemente, casou com seu antigo agente, Marty Melcher, e espera que seu novo lar continue por muito tempo. Doris não toca nenhum instrumento. Dorme várias horas, para manter a linha do corpo, fazendo, ainda, grandes caminhadas em passo acelerado. Não gosta de trabalhar em "night-clubs". É exímia na arte culinária, porém odeia a cozinha. (Entenda-se!) Prefere o futebol a qualquer outro esporte. (E como torce!) Passeia com seus cães franceses, sendo sua côr favorita o vermelho e a camélia sua flor predileta. Seu passatempo: ouvir discos! Não acredita em superstições e as cartas de seus milhares de fãs são respondidas por sua mãe. (Mãe e secretária, como se deduz.) Doris Day é loura de olhos azuis. (E que loura!) (E que olhos azuis!) Nem alta, nem baixa. Seu mais recente trabalho na Warner Bros. foi "Lua Prateada", ao lado de Gordon McRae. Está filmando, presentemente, "Lucky Me", com Phil Silvers. Pretende continuar no cinema ainda por muitos anos.

A CAMISA ACUSADORA

(EPISÓDIO REAL)
Por ERIC GREYWOOD

QUANDO os detectives Robert Honeyman e David Metz, da Polícia da Província de Nassau, investigaram o roubo noturno ocorrido na Casa de Boliche, de North Village, em Levitown, Estado de New York, julgaram, a princípio, que o caso tivesse várias pistas.

A caixa forte, no escritório do gerente, fôra arrombada com um machado de cortar carne, o qual ficara abandonado no chão, próximo ao cofre. A quantia de 800 dólares fôra retirada de um envelope, que se encontrava sôbre a escrevaninha. E não só o ladrão se ferira, durante o «trabalho» — havia manchas de sangue, no lado direito da caixa-forte — como deixar, também, a impressão parcial de uma pegada, no sangue do soalho.

— Isto parece trabalho de gente da casa — falou Honeyman. — O ladrão só esqueceu de deixar um **cartão de visitas**.

Mas, nenhum dos empregados do estabelecimento apresentou indícios de se haver cortado e, quando os detectives procuraram identificar as impressões digitais, deixadas no envelope e no machado, nada conseguiram de positivo. A pegada do soalho, porém, fôra deixada por um sapato, com sola de borracha, como os usados para o jôgo de boliche.



— Resta-nos, agora, descobrir um jogador de boliche, de aparência suspeita — falou Honeyman. — Um indivíduo que se tenha cortado recentemente e que esteja gastando dinheiro a rôdo.

Em seguida, o policial tratou de interrogar o proprietário do estabelecimento, a respeito dos seus fregueses.

— Quase todos trabalham em fábricas de aviões, que se situam próximas daqui. São bons fregueses e bons patriotas. Todos têm trabalhado em horários extraordinários, desde o início da guerra na Coréia.

— Magnífico! — comentou Metz. — E, com certeza, todos trabalham com máquinas perigosas e estão cheios de cortes nos braços e nas pernas.

Na noite de segunda-feira, 18 de junho de 1951 — duas noites após o assalto — os detectives apareceram na casa de boliche, profusamente iluminada, rebuscando pelo bar algum freguês que estivesse gastando demasiado e apresentasse vestígios de algum corte recente.

Por todo o resto da semana, voltaram ao estabelecimento, noite após noite, disputando, também, algumas partidas de boliche, para explicar a sua presença constante.

— Tudo o que temos conseguido é aprimorar o nosso jôgo — falou Metz, aborrecido, enquanto observavam algumas equipes das fábricas de aviões, do corpo de bombeiros, da Legião Americana e de algumas universidades, lançando as bolas sôbre as garrafinhas; isto, na noite de sexta-feira.

Os homens estavam jogando sem paletó e com camisas esporte, camisas de trabalho e, quando não assim, com camisas de mangas arregaçadas, enquanto alguns dos jogadores, menos enérgicos, apenas se davam o trabalho de arregaçar a manga do braço com que arremessavam a bola.

Enquanto Honeyman e Metz assim observavam, o proprietário do estabelecimento se aproximou, dizendo:

— Todos os fregueses estão presentes, esta noite. Há muita gente aqui. — E denotava contentamento, pois pensava nos lucros que isto lhe traria. — Se, de fato, conseguirem descobrir o ladrão, isso só poderá ser hoje!

— Naturaumente — redarguiu Honeyman. — Acontece, apenas, que todos estão gastando dinheiro e...

Sùbitamente, emudeceu e Metz acompanhou o seu olhar, quando viu o companheiro observando um homem jovem e louro, que tomava uma caneca de cerveja. Os três continuaram a observar o desconhecido, enquanto êle apanhava uma bola com o braço direito (cuja manga não estava arregaçada, ao contrário do que fizera com o braço esquerdo) arremessando-a pela pista.

— Conhece aquêle indivíduo? — perguntou Honeyman ao proprietário.

— É um dos empregados de Hicksville High — respondeu o dono do estabelecimento.

Por alguns segundos, Metz ficou intrigado com o interêsse denotado pelo companheiro. Mas, quando o jovem louro apanhou uma segunda bola para arremessar, percebeu porque Honeyman tivera a atenção atraída para o jogador.

— Diga-lhe que precisa vê-lo, lá no seu escritório — sussurrou Metz.

Minutos depois, o jovem se encontrava diante dos dois detectives.

— Permita-nos dar uma espiada no seu braço — falou Honeyman.

O suspeito empalideceu, enquanto arregaçava a manga e estendia o braço. Êste se encontrava enfaixado e o rapaz explicou que o cortara durante uma brincadeira, numa piscina.

— Vejamos, agora, os seus sapatos de boliche — ordenou Honeyman.

Quando o rapaz os exibiu, com alguma relutância, os detectives notaram que a sola do pé direito fôra raspada, como num esfôrço para obliterar qualquer coisa — manchas de sangue, por exemplo. E isto foi o que Honeyman disse ao suspeito.

— Não seja tolo — respondeu êste. — A sola está gasta por causa do jôgo de boliche.

— Um jogador que utiliza o braço direito, gasta a sola do pé esquerdo — redarguiu Metz. — Vamos; trate de confessar!

Vendo que não tinha escapatória, o rapaz resolveu falar.

★

— Mas, como desconfiou dêle? — perguntou o espantado proprietário do estabelecimento. — O senhor não podia ver o sapato do rapaz, do local em que se encontrava...

— Aquilo foi, apenas, uma **evidência posterior.** — redarguiu Honeyman, com um sorriso. — O que me chamou a atenção foi a camisa. Haviam muitos homens, gastando dinheiro a rôdo e muitos dêles estavam com a manga arregaçada, de modo a permitir maior liberdade de movimentos ao braço que arremessava a bola. Mas êste rapaz acusou a si próprio, conservando abaixada a manga do braço direito.

★ ★

CEREAIS PIORES QUE O AÇÚCAR, PARA OS DENTES

OS alimentos à base de fermento, aveia e milho são piores para os dentes que um regime alimentar de alto conteúdo de açúcar, segundo revelam as experiências realizadas num centro de pesquisas de Paris.

Embora tenham sido aplicadas em ratos, acreditam os cientistas franceses que as conclusões são, igualmente, aplicáveis aos humanos, numa certa medida, dependendo que lavem mais ou menos os dentes.

Uma certa espécie de rato (*Sigmodon hispidus*) revelou ser mais sujeita às cáries dentárias, quando submetido a um regime de 50% de grãos macios e finamente moídos, com 32% de leite 18% de açúcar, do que quando ingeriam 60% de açúcar.

Verificaram, igualmente, que, postos no regime de grãos inteiros, os ratos apresentavam duas vêzes menos cáries do que alimentados com cereais preparados e, também, que essas cáries eram menos graves.

Os observadores concluíram que, "os grãos inteiros provocaram menos cáries, tais como farinha ou fécula de milho, fermento, aveia, etc."

POR ÊSTE MUNDO LOUCO

Método simples — Em Munique, Alemanha, Wilhelm Rennler, surgiu no pôsto policial mais próximo de sua casa, com uma mulher qualquer, que apanhara na primeira esquina e que lutava, desesperadamente e em vão, para fugir de suas mãos. Imediatamente, atirou a mulher ao chão e aplicou-lhe violentos pontapés. Findo o que, explicou: "*Aqui vim, de propósito, para fazer isto. Quero voltar para a prisão, pois não vivo bem fora dela.*"

Para o entêrro de um amor? — Em Gand, Bélgica, a polícia prendeu Gastão Bratkewitz, de 21 anos, por haver mandado um carro de enterros à casa de sua ex-namorada, depois da mesma haver recusado reatar o antigo romance.

Uma simples mudança de palavra — Em Charleston, após consultar o código, a Western Union declarou à sra. A. W. Hawkins Jr., que ela não poderia usar nenhum insulto em seu telegrama, tal como "cavalgadura", mas aceitou, imediatamente, o telegrama, quando ela substituiu aquêle têrmo por "zebra".

O AMOR ENTRE AS BORBOLETAS

ASSIM COMO O SEU COLORIDO VARIA, O MESMO OCORRE COM OS MÉTODOS DE CORTEJAR DAS BORBOLETAS. SÃO ATRAÍDAS PELA VISÃO, PELO OLFATO OU, AINDA, PELO ARDIL!

DEVEMOS admitir que o naturalista americano L. Hugh Newman perdeu bom tempo observando as borboletas, durante o verão. Mas, valeu a pena, porque, agora, pode afirmar que o seu estilo de cortejar é delicioso, desde que a pessoa entenda o que ocorre entre elas. Mas, naturalmente, é preciso ser um entomologista para interpretar a sua conduta, pois, em caso contrário, haverá alguma dificuldade, pelo menos no início.

Muito cedo, porém, o observador começa a notar variações no vôo dêsses insetos e, quando se vê um casal de borboletas alaranjadas sobrevoando as sebes de um campo verdejante, já podemos dizer se os dois estão-se cortejando mùtuamente ou se, apenas, executam um vôo alegre e despreocupado, sob o sol radiante.

Cada espécie de borboleta tem seu próprio modo característico de voar e de fazer a côrte. O tipo de côr alaranjada jamais voa com muita rapidez, mas o macho persegue a fêmea de modo persistente, até que, finalmente, ela pousa numa vêrga ou no cálice de uma flor, esperando que o macho vá reunir-se a ela. Isto constitui sempre um sinal de que ela aceita as cortesias do macho e não alçará vôo novamente, antes de que tenham chegado a bom entendimento.

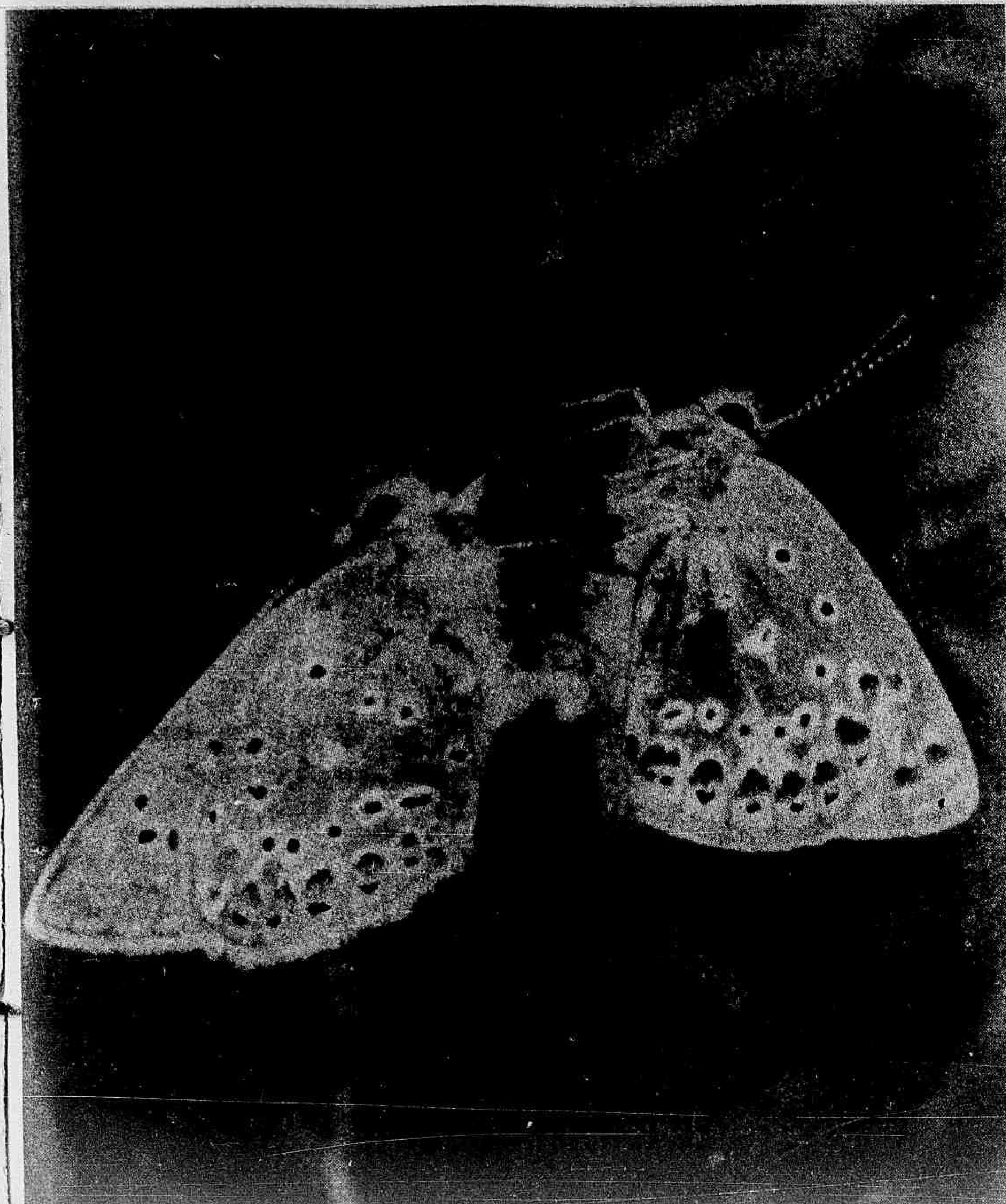
O tipo côr de enxofre, que hiberna na estação fria num arbusto cerrado ou num muro de **hera**, é um dos tipos de borboletas mais curiosos. Logo ao iniciar-se a primavera, os machos, de côr amarela carregada, iniciam seus longos vôos rasantes, percorrendo as sebes, por milhas e milhas de terreno.

As fêmeas, de côr mais clara, aparecem muito depois e, quando tem início o período de «namôro», podemos ver os casais alojados nos caules das flores existentes em alguma clareira das regiões cobertas de grandes árvores, não mais voando, cèleremente, em direção a um certo local distante, mas esvoaçando, gentilmente, um em tôrno do outro, como se valsassem, até que pousam, juntos, afinal, em alguma haste curvada.

As duas espécies comuns de borboletas **Vanessa**, que costumam dormir, durante o inverno, em celeiros e alojamentos dêsse tipo, têm um ritual, muito elaborado, para o namôro e o casamento. Hugh Newman teve oportunidade de observar, com freqüência, algumas dessas borboletas voando alto e desaparecendo sôbre os altos ramos das árvores; mas, se resolvia esperar alguns minutos, elas retornavam, pousando, novamente, no mesmo lugar.

SEU PRÓPRIO TERRITÓRIO

Parece que, como os pássaros, as borboletas **Vanessa** têm seus próprios pedaços de terra, nessa época do ano. O vôo alto e em elevação, que utilizam no seu sistema de cortejar, serve como uma espécie de estimulação. Quando as borboletas retornam ao chão, pousam, usualmente, na própria terra, embora escolham, algumas vêzes, o beiral de uma cêrca de madeira ou o galho de algum arbusto.



Vemos, à esquerda, duas borboletas «Azuis» em pleno romance.

Pousam com as asas abertas e permanecem imóveis, durante um largo espaço de tempo. Então, o macho começa a acariciar o corpo da fêmea com as antenas. Se ela não estiver ainda com disposição para responder a êste apêlo, movimentar-se-á, afastando-se; em caso contrário, continuará imóvel, com as asas abertas.

Poucas pessoas já tiveram oportunidade de ver um cruzamento do tipo Vanessa, porque essas borboletas sempre procuram praticar tal ato longe de tudo e de todos, em completa reclusão. No centro de criação de borboletas, organizado por Newman, no entanto, o entomologista pôde notar que elas, geralmente, namoram e casam ao cair da tarde e permanecem juntas até que a escuridão se torna completa.

Em geral, podemos encontrar a fêmea Vanessa nas vizinhanças de moitas de urtigas, onde ela gosta de pousar no chão, com as asas bem abertas, deixando bem à mostra as lindas manchas azuis que a adornam. Freqüentemente, acaba cansando de esperar por um perseguidor, passando a movimentar as asas com rapidez, abrindo-as e fechando-as, a fim de chamar a atenção.

Quando tem início o período de casamento, as duas borboletas são vistas muito próximas uma da outra, dando a impressão de que estão ligadas por um fio invisível. Primeiramente, sobem até bem alto, no ar, descrevendo, em seguida, uma curiosa retrocessão, voando rente ao solo, antes de mergulharem, sùbitamente, entre as urtigas, desaparecendo. É ali, num local ensombreado e protegido por fôlhas verdes, que se realiza o vôo do amor.

Fritilarias namorando. O macho atrai a fêmea com o odor que fabrica. A fêmea não pode resistir a êsse cheiro mágico, que causaria inveja a um alquimista e também às amorosas da Idade-Média.

Em pleno verão, é possível observar, com freqüência, as borboletas castanhas a esvoaçarem em alguma campina aquecida pelo sol e, se alguém esbarrar em algum arbusto, talvez esteja perturbando um par de enamorados. O casal não se separará ante tal eventualidade, mas um dêles transportará o outro, num vôo assaz laborioso, indo pousar numa outra fôlha próxima.

ÀS PRIMEIRAS HORAS DA MANHÃ — As **Azuis** começam o seu período de casamento muito cedo, pela manhã e, freqüentemente, quatro ou cinco dos brilhantes machos azuis serão encontrados a seguir uma fêmea de côr castanha, para cima e para baixo, por sôbre a campina, até que ela escolha um e os dois irão pousar num arbusto, por alguns minutos, com as asas recolhidas e os corpos unidos, cauda contra cauda.

As borboletas são atraídas, uma para a outra, pela visão, principalmente, mas o olfato também representa papel importante no seu estilo de cortejar. Em muitas espécies (e particularmente nas Fritilarias) é possível ver, claramente, as escalas de odor nas asas dos machos. Em alguns casos, podemos sentir êsse cheiro e muitos entomologistas afirmam que as borboletas brancas com traços esverdeados rescendem a limão.

Durante o vôo de casamento, o macho ativa êsse odor, que fica flutuando no ar, e a fêmea voa muito alto, procurando êsse afrodisíaco. Até mesmo uma fêmea relutante pode ser persuadida a tomar interêsse por um perseguidor, que é não só persistente, como, também, deliciosamente dotado de fragrância.

O cheiro representa papel ainda mais importante no casamento dos cupins, mas aqui é a

fêmea quem emite aquilo que podemos designar de «chamado do olfato».

Embora um bom número de cupins voem e se cruzem à luz do dia, como, por exemplo, alguns dos brilhantes **Tigres** e o famoso tipo **Imperador**, em sua maioria são criaturas noturnas e seria impossível para os mesmos encontrar um ao outro apenas com o auxílio da visão. O cheiro é tão eficiente, em meio à escuridão, quanto à luz do dia, e a sua **atração** será propagada numa larga área, pelo vento.

ONDAS DE CHEIRO — Em sua maioria, as fêmeas de cupim voam pouco, antes do cruzamento, permanecendo quietas e enviando ondas poderosas de fragrância, às quais os machos estão especialmente equipados para **reconhecer** e seguir, com o auxílio de suas poderosas antenas, embora nós, com nosso deficiente sistema olfativo, nada possamos perceber.

Existe um tipo comum de cupim, chamado o **Fantasma Ligeiro**, que se comporta de modo bastante diverso dos demais, quando chega a ocasião de cortejar e cruzar. O macho tem asas de pura alvura na parte dianteira e é fàcilmente visível ao crepúsculo, esvoaçando para a frente e para trás, sôbre a ramaria, como se estivesse prêso ao pêndulo de um relógio.

A fêmea é mais escura, marcada de rosa e, em vez de permanecer à espera de um perseguidor, é ela quem desempenha a parte ativa, voando bem alto, até que divisa um dos machos a efetuar aquêle estranho movimento pendular. Então, sem hesitar, voa, diretamente, na sua direção e os dois vão pousar, juntos, no capim.

O **Fantasma Ligeiro** pertence a um grupo muito primitivo de cupins e os entomologistas pensam que, talvez, esta fêmea vagueante pertença a um tipo original e que o **chamado pelo olfato** se desenvolveu mais tarde.

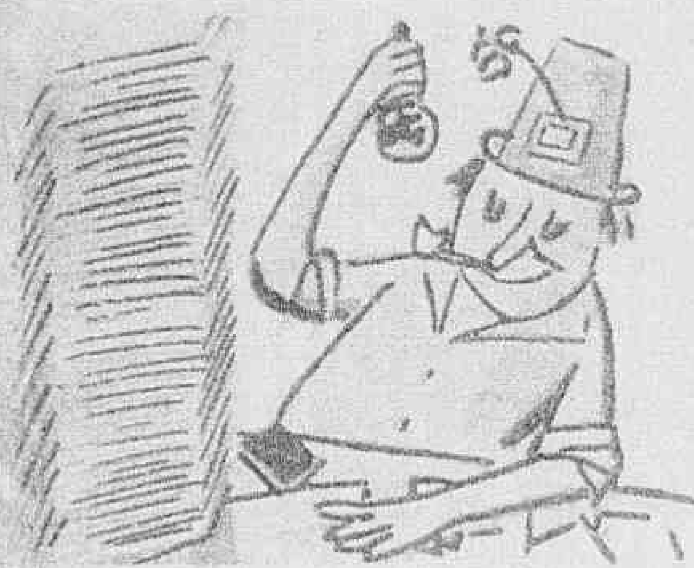
★ ★

NOTAS IRLANDESAS

OS HABITANTES DO EIRE ficam aborrecidos, quando, lendo um jornal dos Estados Unidos, vêem ali estampada uma notícia a respeito das grandes comemorações do dia de S. Patrício. Êsse dia é celebrado no grande país, como um dia santificado comum, e não se realiza nem ao menos uma **festa** para comemorar a data de 17 de março, no entanto tão cara para os irlandeses.

★

EMBORA SEJA GRANDE a fama do Santo padroeiro da Irlanda, a qual se espalhou pelo mundo durante quinze séculos, existe, apenas, uma cidade, em todo o mundo, com o nome de S. Patrício. Está ela situada na província de Clark, no Estado de Missouri. Foi fundada, em 1840, por um grupo de imigrantes irlandeses e tem, atualmente, uma população de cinqüenta e três pessoas. Todos os anos, no dia de S. Patrício, os funcionários do Correio local estampam o carimbo da cidade e um trevo verde, de regular tamanho, nos 20 000 envelopes e cartões postais que para ali são enviados com êsse propósito, pelos filatelistas de todo o mundo.



★

QUANDO a **Sociedade dos Filhos Amistosos de S. Patrício**, da cidade de Washington, tornaram o presidente Harry Truman membro honorário da mesma, três anos atrás, tal resolução marcou a segunda vez em que um chefe do executivo daquele país era assim homenageado. George Washington foi o primeiro presidente dos Estados Unidos a ser distinguido pela citada sociedade, quando recebeu da organização uma medalha de ouro, em 1781.

★

WILLIAM O'Dwyer foi o primeiro prefeito irlandês de **nascimento**, que a cidade de New York já teve, desde o ano de 1894, quando Thomas F. Gilroy deixou o cargo.

★

A CERVEJA VERDE, que é vendida nos bares, em todos os locais em que se comemora o dia de S. Patrício, não apresenta aquela côr original, quando de sua preparação. Ela é tornada verde pela adição de uma tintura vegetal, inofensiva e sem sabor.

★

O «TREVO BRANCO», o «trevo de lúpulo», a «azedinha» e a «medicagem preta dos pastos» foram classificados, pelos pesquisadores, como sendo derivados do «trevo original» da velha Erin.

★

O PREÇO de um trevo, na cidade de Dublin, no dia de S. Patrício, é **de três «pence», ordinàriamente**; mas, quando a neve cobre o solo da Irlanda durante um período muito grande, o folículo alcança o preço de **meia «coroa»**.

★

NO IRÃ, uma planta formada por três fôlhas, denominada «shamrakh», era considerada sagrada, e utilizada como emblema da tríade persa, muito antes de ser estabelecido o dia de S. Patrício.

Por VALENTINE DYALL

QUEM SABE EXPLICAR?

É incalculável o número de ocorrências misteriosas que têm como palco os imensos oceanos. Entre os mais estranhos dêsses fatos destaca-se o desaparecimento do navio de passageiros «Waratah», que servia à **Blue Anchor Line**, como navio misto de passageiros e carga, na rota de Austrália. O navio tinha duas hélices, três **decks**, na proa e na pôpa e deslocava 16 800 toneladas. Há a notar que seu aparelhamento não incluía telégrafo, que, na época, estava na sua infância, sendo raros os navios que o possuíam. Sua primeira viagem foi completada sem qualquer incidente ou dificuldade e seu comandante, Ilbery, comodoro da **Blue Anchor Fleet**, revelou sua inteira satisfação com o navio.

A primeira metade da segunda viagem foi, igualmente, exitosa e, em 7 de julho de 1909, o «Waratah» saiu de Adelaide, que era o seu pôrto inicial, via Durban e Capetown. Porém, entre os 92 passageiros que conduzia, muitos não tinham a mesma confiança que Ilbery demonstrava ter na embarcação; particularmente quando, três dias após a partida, o «Waratah» encontrou ventos fortes e mar pesado.

Na tarde do quarto dia, um advogado australiano, Elbsworth, homem de meia idade, aventurou-se a um passeio pelo **deck**. As condições do tempo não o amedrontavam. Em sua mocidade, estivera no mar, tendo servido cêrca de dez anos em navios de longa rota, simples veleiros, rebocadores e pequenos costeiros.

Elbsworth encontrou o **deck** deserto, com exceção de um único passageiro, um jovem inglês, com o qual trocara duas ou três palavras, nas noites anteriores, no salão de bordo. Estava curvado sôbre a amurada, na qual se sustentava com ambas as mãos, como se estivesse sofrendo de vômitos.

MÊDO IRRESISTÍVEL — Com a impressão de que Sawyer estivesse mal do estômago, aproximou-se e entabolou uma palestra, apenas para distrair o companheiro de bordo, mas, no curso da qual, teve ensejo de relatar a sua grande experiência das coisas do mar. Instantâneamente, o jovem inglês começou a fazer repetidas perguntas, ficando claro que o mesmo não sofria de enjôo, mas apenas estava doente de mêdo; um mêdo constante e crescente, que o vinha torturando nestes três dias e três noites — com a idéia firme de que a viagem acabaria em desastre.

— Não acredita o senhor que êste navio devia estar suportando o mar melhor do que está fazendo? — perguntou o inglês no momento em que o navio recebia um fortíssimo embate de onda, que fazia tremer todo o **deck**.

— Tem razão. O jôgo que apresenta é, realmente, sinal de que o barco não é lá essas coisas. Parece avançar de lado.

O rosto de Sawyer ficou cinzento de mêdo e, voltando-se para o australiano, que se mantinha sério e pensativo, declarou:

— Vou agora mesmo falar com o comandante!

Elbsworth começou a explicar o motivo de seu êle e anunciou:

— Eu irei com o senhor!

Em resposta ao seu pedido, o capitão Ilbery respondeu, por intermédio de um oficial, que os «gentlemen» o procurassem, à noite, no salão de jantar. E, de fato, quando o **stewart** Nick, acabou de servir os **drinks** e a conversação formal cessou, Ilbery, recostado em sua poltrona, perguntou aos seus convidados:

— Então, senhores? Em que lhes posso ser útil?

O NAVIO QUE



Ebsworth começou a explicar o motivo de seu pedido para uma entrevista, porém Sawyer o interrompeu, nervosamente:

— Tudo foi idéia minha, capitão! E vou confessar, imediatamente: a verdade é que estou com mêdo!

«Não sou muito entendido de navegação. Esta é a minha segunda viagem... Mas, parece-me que o «Waratah» é... Quer dizer... Acho que está muito pesado para agüentar êsse mar.

Ilbery assentiu, com um lento movimento de cabeça, alizou os cabelos e, finalmente, declarou:

— Vou ser franco com os senhores. O «Waratah» não é tão robusto quanto o meu navio anterior, o «Geelong». Não me perguntem por que, pois não sei dizer. Mas não é muito diferente, quanto ao desenho e, em todo caso, não é coisa para assustar. Aconselho-o a tirar da cabeça essa idéia de que o navio está muito pesado.

Sawyer agradeceu, retirando-se.

— Eu estava com um mêdo louco! — confessou o inglês.

Elbsworth sorriu, afirmando, por sua vez:

— Receio ser um pouco culpado, tentando gabar os meus conhecimentos marítimos. Afinal, embora tenha viajado muitos anos, jamais tive que enfrentar uma tempestade.

DESAPARECEU

UM NAVIO, COM 100 PASSAGEIROS, DESAPARECE SEM DEIXAR VESTÍGIOS — POR QUÊ?



OS COPOS QUEBRADOS — O **steward** se aproximou, nesse instante, a fim de retirar os copos da mesa.

— Se a verdade fôsse espalhada — observava, nesse instante, Elbsworth — muita gente ficaria com mêdo, embora êste navio seja, de fato, um dos mais seguros do mundo!

Nesse instante um ruído de copos quebrados atraiu sua atenção.

— Que foi isto, **steward?** — perguntou Elbsworth.

Nicky olhava-o com ar assustado. Repentinamente, aproximou-se do australiano.

— Que dizia o senhor... há pouco, a respeito dêste navio?

— Nada de importância...

— Se o senhor soubesse o que eu sei, logo mudaria de pensar!

— Sim? Que quer você dizer?

A voz do **steward** esganiçou, ao falar com precipitação e nervosismo:

— Êste navio está sempre jogando, enquanto o passadiço salta e desliza perigosamente. Tenho a certeza de que os parafusos estão todos soltos ou quebrados. Boa parte da estrutura interna cedeu, esta manhã...

Com os olhos muito abertos, pálido e tremendo, Sawyer agarrou o homem por um braço, enquanto exclamava:

— Repita isto! Repita! Oh! Então é esta a causa?

Nick ficou de frente para o inglês.

— Quer saber mais? O senhor pode introduzir os dedos entre as chapas de ferro do porão. Só Deus sabe o qu epoderá acontecer, caso venha sôbre nós uma verdadeira tempestade.

Reconstituindo essa conversação baseados na documentária evidência, podemos imaginar o tormento do pobre Claude Sawyer, quando só, em sua cabine, nessa noite, deitado, mas sem poder dormir, prestava ouvidos aos uivos do vento e aos choques das vagas contra os desmantelados flancos do «Waratah», que estalava de proa a pôpa.

O VENTO MUDA — Teria o **steward** falado a verdade ou era tão sómente um neurótico, alarmista habitual e criador de complicações? Lançando um olhar para o passado, fica-se realmente surpreendido por não ver uma só pessoa prestar qualquer importância à história de Nick. Até mesmo Sawyer parece não ter feito qualquer tentativa para verificar a denúncia do **steward** a respeito das chapas de ferro deslocadas. Talvez tivesse cedido a um desânimo repentino, criado pela brusca mudança de tempo, pois que o «Waratah», agora, havia passado a zona da tempestade e podia navegar tranqüilamente, sôbre mar calmo e sob céu claro. Dias seguidos não sentiram os passageiros nenhum balanço, nem sequer qualquer vibração quando o capitão Ilbery aumentou a velocidade do seu navio para cêrca de 13 nós.

Pouco se sabe dêsse período e podemos, portanto, concluir que a vida a bordo do «liner» voltou a ser agradável e calma. As anotações da viagem nada podiam conter de especial até que chegamos aos estranhos acontecimentos da noite de 23 para 24 de julho. Para Claude Sawyer esta foi uma noite de horror.

Vamos, mais uma vez, imaginar a cena: o **deck** inferior estava em silêncio, com exceção do ruído surdo e regular das máquinas. Os corredores estavam em semi-escuridão. O **steward** de plantão, no fundo do corredor, único lugar iluminado por uma lâmpada mais forte, lia uma revista ilustrada. Por sua vez, em sua cabine, Elbsworth, sentado na própria cama, lia documentos relativos a um processo judicial, que era a causa de sua viagem através mais da metade do mundo.

GRITOS E LAMENTOS — Repentinamente, pouco depois da meia noite, um terrível grito de pavor e de agonia encheu os corredores, logo seguido por um excitado baralhar de vozes. As luzes foram logo avivadas, aparecendo rostos assustados e com os cabelos emaranhados. O **steward**, fazendo perguntas a todos, procurava localizar de onde partiam os gritos assustadores e deteve-se, afinal diante da cabinede Sawyer.

Bateu repetidas vêzes, sem obter resposta. Os outros esperavam ansiosamente. Desistindo de obter resposta, o **steward** usou uma chave-geral, abriu a porta e acendeu a lâmpada.

Sawyer estava agachado num canto: tinha os olhos cheios de terror, gemia e pronunciava palavras ininteligíveis. Levaram o infeliz para a cama, onde o deitaram. Não tinha o mais leve ferimento.

— Estado de choque — declarou o médico de bordo, que o examinou. — Extremo choque! Êste homem deve ter sofrido um grande susto.

Após o **breakfast** da manhã seguinte, Ebsworth foi visitar o enfêrmo. O paciente parecia normal, embora pálido e abalado.

— Você agora está bem — disse êle, para encorajar o pobre homem. — Teve algum pesadelo, eh?

Sawyer moveu ligeiramente a cabeça e fechou os olhos. Depois falou:

— Vi um homem! Estava de pé, naquele canto da cabine. Havia uma luz estranha em seu redor. Vestia roupas também estranhas — embora não pudesse distinguir muito bem. Na mão direita tinha uma espada — uma longa espada. E parecia apontá-la para mim!

«Sentei, no meu leito e tentei acender a lâmpada. Porém, antes de que a alcançasse, êle avançou contra mim. Chegou até junto dos pés da cama e então vi que tinha, também, qualquel coisa na outra mão. **Era um trapo... cheio de sangue!**

— Santo Deus! Não surpreende que você tenha ficado com mêdo. Nenhum homem se livraria dêsse susto!

— Êle nada falou, nem fêz qualquer ruído. Mas eu sabia que êle espreitava os meus movimentos. Estendeu, depois, um braço e eu tive a impressão de que gôtas de sangue caíam do trapo sôbre o meu rosto. Foi então que comecei a gritar...

— Não era para menos, companheiro! Que terrível pesadelo.

— Elbsworth... Vou deixar êste navio! — disse o inglês, pondo os pés para fora do leito, enquanto, com as duas mãos, agarrava-se ao australiano. — Vou cair fora em Durban. E quero que você desembarque comigo. Poderemos, com facilidade, achar outro navio...

— Sinto muito... mas não posso! disse o australiano. — Tenho negócios importantes a minha espera, e não posso perder tempo.

— Não seja louco! Durban é a nossa última possibilidade de salvação! — gritou Sawyer, desesperado. — Ouça-me, por favor. **Eu sei!** Se ficar neste navio, Elbsworth, nunca chegará a Londres!

Oaustraliano moveu a cabeça negativamente, sorrindo, porém com firmeza, enquanto soltava-se das mãos de Sawyer.

— Eu faria isso, se pudesse — disse êle. — Mas é impossível. Agora, trate de ter calma e esquecer o que houve.

SAWYER continuava acamado, quando, em 24 de julho, o navio chegou a Durban. Apesar disso, insistiu para ser desembarcado.

Em 25 de julho, o «Waratah» saiu para Cape Town. Sawyer não foi ao cais apresentar despedidas ao australiano. Deixou-se ficar a maior parte do dia no seu hotel. Duas manhãs mais tarde, encaminhou-se para os escritórios da «Union Castle Line», onde pediu para falar com o gerente.

— Desejo adquirir uma passagem para Londres — explicou. — Mas tem que ser num bom navio, que tenha boa reputação... Um dêsses, hmm, robustos, estáveis... O senhor sabe o que quero dizer... Acabo de chegar de Sydney num... num navio muito ruim!

Intrigado, o funcionário fêz algumas perguntas ao estranho visitante. Detalhadamente, sem omitir o menor episódio Sawyer contou tôda a sua incrível história. Falou tudo, entretanto, numa voz sem eco e sem emoção, **como a de um homem em transe**.

— «O navio em questão está realizando sua última viagem! — afirmou, finalmente. — Nunca chegará a Cape Town!»

— O senhor acredita que êsse sono que teve foi... um **aviso**?

— Sim! E ainda ontem, à noite, em meu hotel, tive outro sonho terrível. Vi o «Waratah» lutando num mar furioso. Repentinamente, uma onda colossal o envolveu completamente. O pobre navio emborcou e desapareceu.

«BOA-VIAGEM...» — O gerente tossiu discretamente, depois foi apanhar uma fôlha de papel, um formulário próprio para ser preenchido pelos passageiros.

— Muito bem. Estou certo de que o senhor, dentro de pouco tempo, terá esquecido êsses pesadelos e estará gozando uma boa-viagem num dos nossos navios — disse êle. — Vamos arranjar-lhe um dos nossos melhores navios. Queira, por favor, preencher êste formulário.

Sawyer apanhou a pena e começou a escrever. Depois, parando, indagou: Que data é a de hoje?

O gerente consultou o calendário na parede da sala, antes de responder:

— 27 de julho.

— «27 de julho de 1909» — concluiu Sawyer.

Em algum ponto do mar, distante de Cape Town, muito cedo, um pequeno cargueiro navegava esforçadamente num mar bastante picado. Um grande e rápido navio vinha navegando no mesmo sentido. Imediatamente, os sinais luminosos entraram a funcionar.

— «Bom-dia. Que navio?»

— «Waratah», para Londres.»

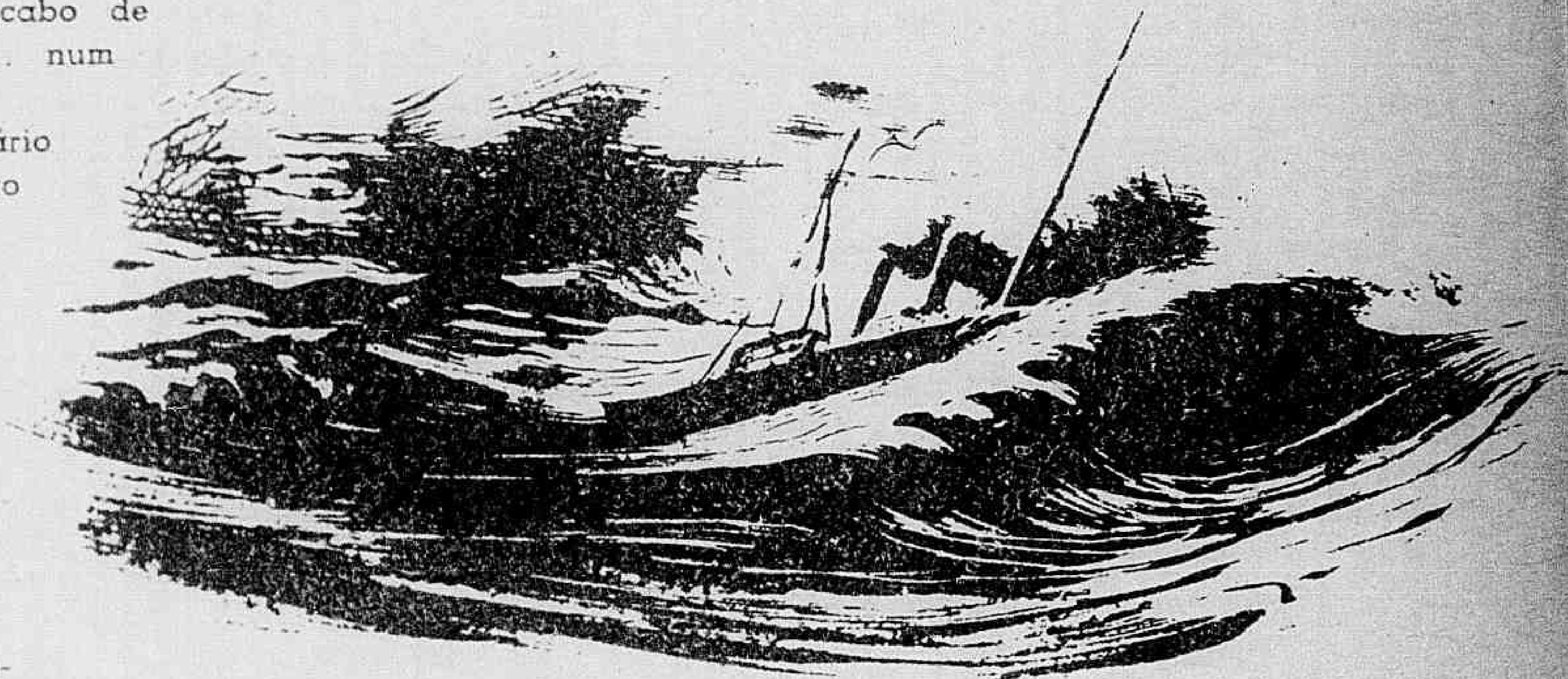
— «Clan Mac Intyre», para Londres. Que tempo teve da Austrália?»

— «Forte sudoeste, com mar grosso.»

— «Obrigado« Waratah». Good-bye e boa-viagem.»

— «Obrigado. O mesmo para vocês. Good-bye.»

«Adeus. Boa-viagem»! Essa curta conversação, através de um mar **nada bom foi quase como um** epitáfio. Os dois navios estavam navegando num mesmo sentido, porém o «Waratah», muito mais veloz, não tardou a deixar o pequeno cargueiro muito para trás. Quando seu vulto imponente desapareceu além do horizonte, e o último farrapo de fumaça da sua chaminé se dissipou, o navio sumiu não apenas da vista dos homens do Clan



Mac Intyre, mas da vista de todos os homens dêste mundo — e para sempre!

NENHUM SINAL DE NAUFRAGIO — Os dias correram. O «Waratah» passou a ser considerado como «atrasado» em Cape Town. Outros navios menores e mais vagarosos, que haviam partido de Durban muito depois do «liner» e seguido a mesma rota, começaram a chegar ao grande pôrto. Nada tinham visto! Nem mesmo os navios que chegaram uma semana depois. Nenhum sinal de naufrágio. Nenhum bote **salva-vidas**, nem destroços de madeira ou cadeiras, cinturões salva-vidas, nada! Nada fôra encontrado, boiando, naquela rota, como também nenhum destroço, o menor que fôsse, deu à costa, entre Durban e Cape Town.

Foi iniciada, então, a maior busca marítima de todos os tempos. Três navios de guerra percorreram a imensa área em todos os sentidos e o govêrno australiano pagou as despesas para que um navio ultra-rápido, o «Severn», navegasse, durante um mês inteiro, em buscas incessantes através

de 2 700 milhas! Por sua vez, a «Blue Anchor Line» enviou o «Sabine», na maior de tôdas as buscas. Êsse navio cruzou, durante 88 dias, navegando mais de 14 000 milhas, mas sem melhor resultado que os outros. Ao fim de todos êsses esforços, nem o menor vestígio foi encontrado. O «Waratah» desaparecera do mar **como se jamais tivesse existido!**

Pode um grande navio, com cêrca de 17 000 toneladas e levando a bordo mais de cem pessoas desaparecer totalmente, sem deixar o mais leve traço? E os objetos miúdos, de madeira ou cortiça, que sempre flutuam? Os objetos do próprio **deck** superior, de variados tamanhos e que sempre marcam o local da sepultura de um navio?

De tôdas as partes do mundo subiu um clamor de perguntas, exigindo uma resposta para o mistério. Nos jornais de todos os continentes surgiram teorias explicativas, mas nenhuma — nem mesmo o incêndio ou uma tremenda explosão — pôde explicar uma tão completa destruição.

Um inquérito foi iniciado em 16 de dezembro de 1910, na Câmara Comercial, no edifício de Caxton Hall, de Londres, sob a presidência de mr. J. Dickinson. Uma longa sucessão de depoimentos, prestados por peritos, marcou o início dos trabalhos, ficando absolutamente provado que o «Waratah» passara por cinco diferentes inspirações, promovidas pelos construtores, pelos proprietários, pelos representantes da «Lloyd», pelas autoridades de emigração e pela própria Câmara Comercial! Nenhum dêsses relatórios acusou o menor defeito na embarcação.

Sir William White, velho construtor da «Royal Navy», além de outros famosos desenhistas navais, afirmaram que a estabilidade do «Waratah» provava, sem sombra de dúvida, que o navio não era pesado demais na sua parte superior. Foi ainda declarado enfàticamente que o seu balanço nada tinha que ver com o desastre, pois estavam plenamente convencidos de que nem violência do vento, nem agressividade das ondas poderia vencer seu equilíbrio e provocar seu naufrágio.

Depoimentos menos técnicos foram ouvidos a seguir; marinheiros e passageiros que haviam estado a bordo do «Waratah», por ocasião de sua viagem inaugural ou na sua última viagem, ao menos em sua primeira etapa. Claude Sawyer, naturalmente, era uma «testemunha-chave». Seu depoimento, introduzindo um elemento oculto, e inteiramente corroborado pelo gerente da «Union Castle Line», em Durban — causou grande sensação, sem oferecer, porém, uma explicação positiva sôbre a perda do navio e das cem pessoas que nêle viajavam.

O tribunal se reuniu diàriamente durante um mês. Em 23 de fevereiro de 1911, afinal, surgiu o seu **relatório oficial**.

1 — O navio se perdera no meio de um temporal de excepcional violência (o primeiro registrado naquelas paragens e que o engolfara completamente).

2 — O navio estava provido de botes próprios e suficientes para salvar a vida de todos os seus passageiros e tripulantes; tudo em bom funcionamento, para uso imediato.

3 — Diante dessas provas, o tribunal era de opinião que o navio era bom e estava em perfeita ordem, tendo suficiente estabilidade e resistência.

4 — O tribunal não conseguiu obter provas reais de que outras precauções haviam sido tomadas, como o constante exame das máquinas, das comportas de segurança, etc.

5 — O tribunal lamenta que, por ocasião do retôrno do «Waratah» de sua viagem inaugural, não tenha sido solicitado, como era devido, um relatório do capitão Ilbery, relativamente ao comportamento do navio.»

Como se verifica, é difícil saber que outras conclusões o tribunal poderia extrair dêsses depoimentos, que terminaram deixando o mistério central sem solução.

Quando, como e onde o «Waratah» fôra tragado pelas águas?

MISTÉRIO — Por ocasião dêsse relatório final, Sawyer se achava hospitalizado, submetido a severo tratamento e sofrendo de desequilíbrio nervoso. Vivia preocupado, formulando hipóteses, procurando constantemente uma solução que lhe trouxesse paz para o espírito. E nunca pôde fugir à idéia de que o sonho que tivera, a bordo do navio sinistro, era a única «chave» para o mistério.

Segundo consta do noticiário a que nos reportamos, jamais conseguiu esclarecer êsse episódio, embora com a ajuda de um certo livro talvez tivesse podido encontrar uma explicação não muito natural, mas que, de algum modo, teria servido na falta de outra melhor.

De fato, nas páginas de **Scènes de la Vie Maritime**, de Jal, podemos encontrar a versão original do que foi considerado o mais famoso mito marítimo, no capítulo referente ao «Holandês Voador». Jal relata, nesse seu interessante livro, que vivia no século XVII um certo capitão de longo-curso, de nacionalidade holandesa, famoso por sua crueldade. Um dia, tendo seu navio apanhado violenta tempestade, recusou reduzir o velame ou alterar o curso, a despeito dos rogos insistentes de sua tripulação.

Os aterrorizados marinheiros rezaram horas a fio, pedindo a ajuda do Céu e, realmente, uma forma Divina apareceu no tombadilho. O Holandês, com uma praga terrível, empunhou a pistola e atirou contra essa aparição; porém a bala, apesar de atingir o alvo, voltou para o seu ponto de partida e varou a mão do atirador.

Por essa blasfêmia, o Holandês foi condenado a vogar eternamente sôbre as ondas, causando o maior terror entre a gente do mar, que passou a considerá-lo como **sinal de morte**. Mesmo hoje, os marinheiros — sempre supersticiosos — acreditam que todo navio que encontre o «Holandês-Voador» está condenado.

SOLUÇÃO NATURAL? — Poderia o mito do «Holandês-Voador» formar um pano-de-fundo para o mistério do «Waratah»?

Primeiramente, a figura que apareceu a Claude Sawyer **vestia roupas estranhas**, que o aterrorizado inglês não pôde distinguir muito bem. É lógico supor que o estranho visitante vestia roupas muito antigas — **de outro século**.

Em segundo lugar, Sawyer afirmou que essa aparição tinha uma das mãos envolvida em trapos sangrentos. Não seria possível ligar o que disse ao relato feito por Jal, com referência à bala que ricocheteou misteriosamente e feriu o **Holandês** numa das mãos?

E, para concluir, Jal — assim como muitos outros escritores — não hesitaram em apontar a área marítima em que o Holandês encontrou o castigo para o seu sacrilégio: **«na altura do Cabo da Boa-Esperança»!**

Diante do inexplicável e impossibilitados de encontrar uma solução **natural**, muitos investigadores como que aceitaram a história contada por Sawyer, identificando a estranha figura que o aterrorizou, a bordo do «Waratah», como a do próprio «Holandês-Voador». E a verdade é que não cabe à ninguém procurar ridicularizar essa explicação, se não tiver outra mais prática e mais real, para apresentar.

Quem sabe explicar?

OS SABIOS CHINESES VIRAM A ESTRÊLA DE BELÉM

«No ano vigésimo quarto do reinado de Tchao-Wang, da dinastia Tcheon, no oitavo dia da quarta lua, apareceu no Sudoeste, uma luz que iluminou o palácio do rei» — dizem os «Anais dos Impérios Celestes». — «O Monarca, impressionado por seu esplendor, interrogou os sábios, que eram hábeis em predizer o futuro. Êles lhe mostraram livros, nos quais estava escrito que êsse prodígio significava a aparição de um grande santo no Ocidente, cuja religião seria introduzida na China. O rei consultou os livros antigos e, verificando que as passagens correspondiam ao reinado de Tchao-Wang, ficou radiante. Logo tratou de enviar Tsa-Yu, Tshin-King e também o sábio Wang-Tsun, além de mais quinze homens de reconhecido saber, para que fôssem ao Ocidente em busca de informações.»

Os sábios empreenderam viagem, mas, em caminho, encontraram os sacerdotes da India. Acreditaram que eram os discípulos da nova religião anunciada pela estrêla. Aceitaram seus ensinamentos — e assim o budismo foi introduzido na China, no lugar do cristianismo.

ERA MUITO FALADORA!

Por CLAUDE

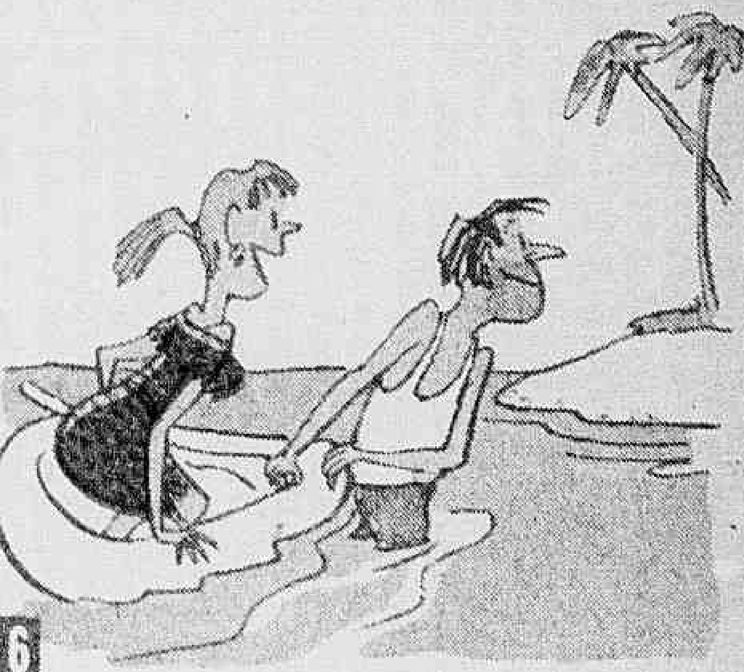


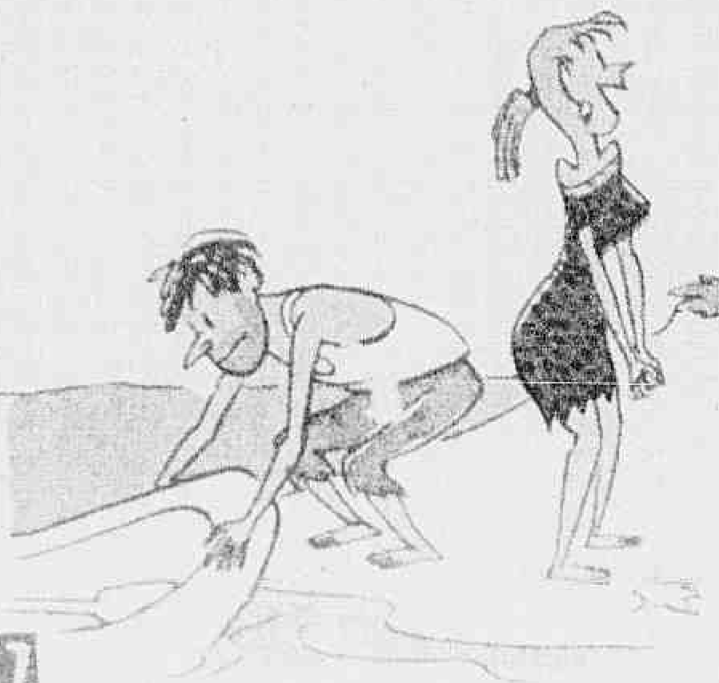














NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

«Em imitar os escritores de boa linguagem, apreciados por sua pureza, e por isso chamados clássicos, é que aprendemos os segredos do bem escrever.» — DIOGO DE GOUVEIA

QUESTÕES PRÁTICAS

(continuação)

Escreva:

26) adivinhar e não advinhar
adivinhação " " advinhação

27) refém (prêso como garantia) e não réfem
reféns

28) privilégio e não previlégio

29) gozar e não gosar

30) ritmo e não rítmo
rítmico
— dança rítmica

31) diante e não deante

32) sequer e não siquer

33) Se puder, sairei e não si puder...
Obs.: a conjunção condicional é se (lat. si ⟶ se)[1]

34) quase e não quasi
Obs.: quasi (lat.) ⟶ quase [1]

35) veio (p. p. de vir) e não veiu

36) pesquisa e não pesquiza
pesquisar

37) falar ao telefone e não falar no telefone

38) fleuma (serenidade) e não fleugma
fleumático

39) mágoa e não mágua
mãgoar " " maguar

40) carnificina e não massacre (gal.)
matança

41) dança e não dansa
dançar " " dansar

42) faz cinco dias e não fazem cinco dias

43) preciso falar com você e não preciso falar consigo

44) filantropo e não filântropo
misantropo " " misântropo

45) inimigo figadal e não inimigo fidagal

46) desapercebido = desguarnecido, desprovido
A tropa estava desapercebida
despercebido = sem ser visto
O fato passou despercebido

47) cogote e não cangote

48) reclamar = apresentar queixa
Reclamei contra o barulho
Obs.: Não se deve empregar êsse verbo na acepção de pedir, exigir.

49) carecer = ter falta
Êle carece de razão.
Obs.: não se deve empregar êsse verbo na acepção de **precisar, necessitar.**

50) meritíssimo e não meretíssimo (2)

---

1) O i breve, latino, evolve para e.

2) Fica retificada a grafia que me caiu da pena, em o número de outubro, quando publiquei o artigo **Hermenêutica e Linguagem**, a qual mereceu justo reparo de leitor atento. **Meretíssimo**, embora de uso comum, no fôro, não se reveste de base etimológica (deriva do latim **meretissimus**). Justificar-se-ia por assimilação do i ao e da sílaba inicial; não é, contudo, forma registada pelos dicionaristas.

CORRESPONDÊNCIA

Estudante (Nesta) — Envia-me o trecho abaixo, a fim de que lhe separe as orações. Transcrevemo-lo, já com as barras divisórias:

Um boato oficial, | inspirado pela conveniência do interêsse público, | espalhava a notícia | de que o sr. D. Pedro de Alcântara | (que | se sabia | dever embarcar para a Europa em conseqüência da revolução do dia 15) | só iria para bordo no domingo de manhã.

1ª oração: Um boato oficial espalhava a notícia (principal)

2ª oração: inspirado pela conveniência do interêsse público

3ª oração: de que o sr. D. Pedro de Alcântara só iria para bordo no domingo de manhã.

4ª oração: sabia-se

5ª oração: que (o qual) dever embarcar para a Europa em conseqüência da revolução do dia 15.

A dificuldade encontrada pelo leitor talvez estivesse na expressão **que se sabia dever**, a qual se desdobra — **sabia-se** (= era sabido) + **que** (= o qual) **dever embarcar**. O se é partícula apassivadora; o **que** é sujeito do infinitivo.

F. L. R. P. (Nesta) — São procedentes as suas observações. A redação adotada no texto de referência pode deixar dúvidas.

JOSÉ RICARDO NETO

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM OUTUBRO DE 1953

1 — QUINTA-FEIRA — Partiu de regresso ao Brasil o Sr. Maciel Filho, Diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, que, em Nova York, tratou da regularização das dívidas comerciais do nosso país com os exportadores norte-americanos. ★ Paralisados todos os portos da costa oriental dos Estados Unidos, com o irrompimento de um movimento grevista dos portuários norte-americanos. O Presidente Eisenhower invocou a lei Taft-Hartley a fim de por fim à greve. ★ Ocorreu um motim na "aldeia indiana", que resultou na morte de um prisioneiro e de ferimentos em diversos. ★ O Sr. Presidente da República presidiu a solenidade inaugural do Instituto de Puericultura da Universidade do Brasil, que é o primeiro edifício da Cidade Universitária. ★ Realiza-se no Palácio Itamaraty, a cerimônia da troca de notas entre os Srs. Ministro das Relações Exteriores e o Sr. Embaixador da Grã-Bretanha, relativas ao Acôrdo destinado a regularizar os atrasados comerciais do Brasil com o Reino Unido.

2 — SEXTA-FEIRA — O presidente da Assembléia Nacional francesa, Edouard Herrior, exorta a França a tomar a iniciativa da convocação de uma conferência de alta categoria com a Rússia antes do rearmamento alemão. ★ Jan Hajduklewicz, intérprete polonês que conseguiu escapulir da equipe de inspeção polonesa na Coréia, declara que embora a Polônia seja 99% anti-comunista, não conseguirá libertar-se "sem auxílio de fora". ★ A côrte de Berlim Oriental condena quatro alemães da zona russa a penas de prisão por atividades de espionagem em favor dos Estados Unidos. ★ O Primeiro Ministro Winston Churchill devolve a Anthony Eden seu cargo de Ministro das Relações Exteriores e a posição de "herdeiro político", pondo têrmo aos rumores de que estava por ser feita uma grande reorganização do govêrno britânico. ★O Sr. Presidente da República assina decreto promovendo a Brigadeiro do Ar o Coronel-Aviador João da Cruz Seco Júnior. ★ O avião B-27, n.º 602 do



Especialidade em Caramelos Nata Petrópolis
e Toffees de Luxo



OVOS
de
PÁSCOA



FÁBRICA DE CHOCOLATES PATRONE S. A.

Bonbonière: Aeroporto Santos Dumont Rio

Escritório e Depósito: Rua da Lapa, 10-12 Rio

Fábrica: Rua Coronel Veiga, 1.349 Petrópolis

AGORA SIM!
Sugestões MAIZENA
resolve o seu PROBLEMA.
Uma valiosa coletânea de receitas uteis, econômicas e saborosas
INTEIRAMENTE GRATIS.
Peça hoje mesmo o seu exemplar do novo livro
Sugestões MAIZENA
Amido de milho "MAIZENA" 55
Caixa Postal, 8006 - São Paulo E
GRATIS! Peço enviar-me o livro Sugestões "MAIZENA"
NOME
RUA
CIDADE ESTADO

Centro de Treinamento de Quadrimotores parte para realizar o sexto vôo transoceânico.

3 — SÁBADO — O Sr. Winston Churchill insiste na conveniência de conversações diretas com a União Soviética visando pôr fim à guerra fria. Nos círculos ocidentais manifestou-se a crença pessimista de que a Conferência de Paz coreana não se realizará na data prevista. ★ A nova bomba atômica inglêsa será experimentada esta semana, em Woomera, na Austrália central. ★ Chegou a Assunção para sua anunciada visita oficial, o Presidente da Argentina, General Domingo Perón. ★ Recebendo os delegados ao Sexto Congresso Internacional de Direito Penal, o Papa Pio XII prega o respeito à lei e defende a necessidade de se punir o crime, inclusive o crime de guerra. ★ Agentes do Serviço de Contraespionagem do govêrno italiano detêm sete membros de uma rêde de espiões que entregou "a um govêrno estrangeiro" dados de importância sôbre indústrias militares do país. ★ A delegação comercial do Brasil, chefiada pelo Ministro João Alberto Lins de Barros, chega à Hungria. ★ Pelo Sr. Presidente da República é sancionada lei criando a Petróleo Brasileiro S.A.

4 — DOMINGO — O Primeiro Ministro do Irã, atualmente em Washington, declara que os comunistas estiveram na iminência de se apoderar do govêrno de seu país. ★ O ex-Primeiro Ministro Mossadegh declara que pretende defender-se pessoalmente. ★ Distúrbios na Guiana Britânica, nos movimentos grevistas provocados pelos comunistas. O govêrno londrino determina diversas providências para controlar a situação.

5 — SEGUNDA-FEIRA — O Brasil, a Turquia e a Nova Zelândia, eleitos, pelo período de 2 anos, para o Conselho de Segurança da O. N. U. ★ As nações asiáticas e africanas pedem a intervenção da O. N. U. nas colônias norte-africanas da França. ★ O General Eisenhower invoca a lei Taft-Harthley para pôr fim à greve dos estivadores, que provocou a paralização dos portos norte-americanos. ★O Presidente da Comissão de Energia Atômica do Congresso dos Estados Unidos, W. Sterling Cole, declara mais uma vez, que é "verdadeiro e iminente" o perigo de que a União Soviética ataque aquêle país com bombas de hidrogênio.

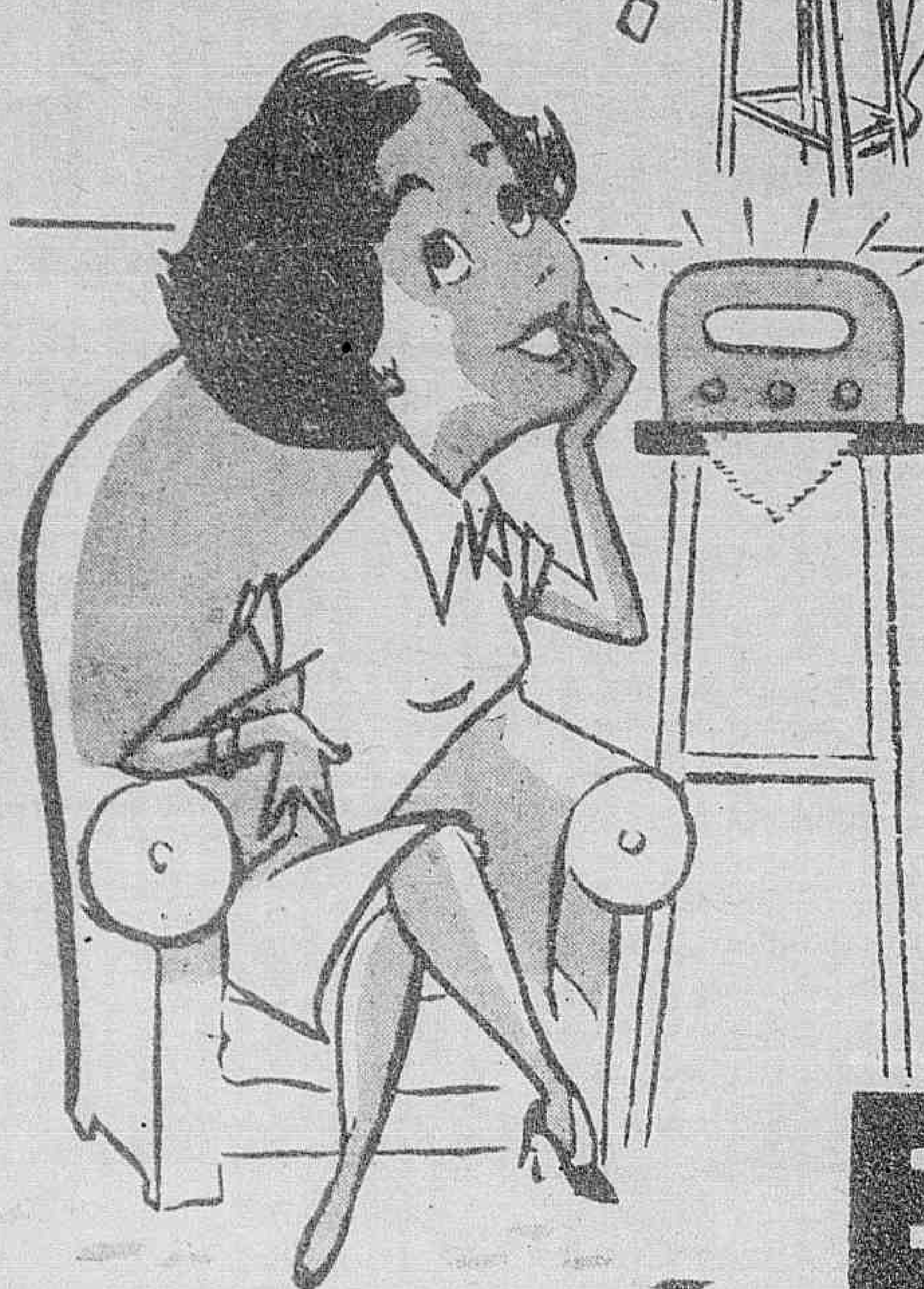
6 — TÊRÇA-FEIRA — O Presidente Eisenhower preconiza a manutenção do poderio militar ocidental para garantir a paz mundial. ★ Reune-se, pela primeira vez, a Assembléia Nacional

BANCO DO COMÉRCIO S. A.
FUNDADO EM 1875
O MAIS ANTIGO DO RIO DE JANEIRO
Capital .... Cr$ 90.000.000,00
Reservas .... Cr$ 70.711.212,50
Matriz:
RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Tel. 43-8966
AGÊNCIAS:
Distrito Federal:
COPACABANA — Av. Copacabana, 1.155
MÉIER — Rua 24 de Maio, 1.355
S. CRISTÓVÃO — Rua S. Luís Gonzaga, 45
TIJUCA — Praça Saenz Peña, 9
URUGUAIANA — Rua Uruguaiana, 7
RIACHUELO — Rua Riachuelo, 387
Estado de S. Paulo: S. PAULO — CAPITAL
TÔDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS INCLUSIVE CÂMBIO
SEÇÕES ESPECIALIZADAS PARA GUARDA DE TÍTULOS E VALORES

da Alemanha Ocidental. Seu Presidente, Sr. Ehlers, declara que o novo parlamento pugnará pela unificação de Berlim. ★ A Câmara dos Deputados italiana aprova uma resolução exigindo a reincorporação do Território Livre de Trieste à Itália. ★ Diversos líderes comunistas presos pela polícia norte-americana, acusados de conspirar para derrubar o govêrno e o regime pela violência.

7 — QUARTA-FEIRA — Navios de guerra da Real Marinha Britânica chegam ao pôrto de Georgetown, na Guiana Inglêsá, transportando tropas para essa colônia, a fim de impedir o golpe que, segundo o Govêrno de Londres, os comunistas pretendem desfechar. ★ O Vice-Presidente do govêrno egípcio, Tenente Coronel Abdel Nasser, declara que se chegou a um acôrdo entre a Grã-Bretanha e o Egito para solucionar o problema do Canal de Suez, mas acrescentou que os egípcios devem evitar qualquer excesso de otimismo. ★ Por um novo período de quatro anos, é reeleito Presidente da Alemanha Oriental o Sr. Wilhelm Pieck, de 77 anos de idade. Para isso se reuniram em sessão conjunta ambas as câmaras do Parlamento da zona de ocupação soviética, e a votação foi unânime. ★ O Presidente da República da Coréia, Syngman Rhee, está preparando um plano para ajudar a fuga dos 22.500 prisioneiros de guerra anti-comunistas que se acham sob a guarda de tropas indianas. ★ O Departamento de Estado norte-americano disse que está considerando uma proposição italiana para que seja resolvida a questão de Trieste por meio de um plebiscito. ★ A Grã-Bretanha tenciona construir um gigantesco avião de 250 toneladas, dotado de motores atômicos, com capacidade para 200 passageiros, capaz de, provàvelmente, dar a volta no mundo sem escalas. ★ O Sr. Presidente da República assina decretos nomeando Embaixador do Brasil na Índia o Sr. Ildefonso Falcão e Embaixador do Brasil no Paraguai o Sr. Moacir Ribeiro Briggs.

8 — QUINTA-FEIRA — A França, Inglaterra e Estados Unidos decidem entregar a zona "A" do Território Livre de Trieste à Itália, como uma resolução para a questão triestina. A decisão é recebida com protestos na Iugoslávia. ★ No relatório anual da Sociedade Inter-Americana de Imprensa, o seu Presidente, John S. Ynicht, fêz referências a perseguições à imprensa em diversos países latino-americanos. ★ O Presidente Eisenhower falando do poderio bélico da Rússia declara que êsse país possui capacidade para lançar um ataque atômico contra os Estados Unidos. ★ Os Estados Unidos, em nova nota enviada aos comunistas chineses e norte-americanos, pedem uma resposta positiva e imediata sôbre as propostas para a organização da Conferência Política sôbre a Coréia. O General Mark Clark, em declarações à imprensa, diz não acreditar no reinício das hostilidades na Coréia. ★ No Palácio Itamarati, o Sr. Ministro das Relações Exteriores oferece um jantar ao Duque de Veragua. ★ Chegam a esta Capital o Sr. Sydney D. Pierce, novo Embaixador do Canadá e Juan Manuel Alvarez



del Castillo, novo Embaixador do México no Brasil.

9 — SEXTA-FEIRA — A Iugoslávia protesta, oficial e enèrgicamente, junto aos Estados Unidos e à Inglaterra, contra a decisão "unilateral" dessas potências de entregar à Itália a Zona "A" de Trieste. ★ O govêrno britânico decide suspender a vigência da Constituição da Guiana Inglêsa, a fim de evitar "a subversão comunista e uma perigosa crise na ordem pública e nos assuntos econômicos". ★ A Grã-Bretanha e a França pedem aos Estados Unidos que façam concessões aos comunistas porque receiam que, se as mesmas não forem feitas, a conferência de paz coreana fracassará. ★ O Parlamento reelege o chanceler Konrad Adenauer de 77 anos de idade, chefe do Govêrno da Alemanha Ocidental pelo período de quatro anos. ★ O govêrno do Sr. Joseph Laniel obtém um voto ao repelir uma moção de censura dos comunistas ao plano de reforma econômica.

10 — SÁBADO — Os Estados Unidos fazem saber que não voltarão atrás em seu plano de entregar à Itália a fiscalização da Zona "A" de Trieste, apesar do protesto do Marechal Tito. ★ A China Comunista e a Coréia do Norte propõem, repentinamente que os detalhes da conferência política sôbre o futuro da Coréia sejam debatidos em uma reunião que se realizaria em Pan Mun Jom, onde se firmou o armistício. ★ O primeiro ministro britânico, Sir Winston Churchill, declara que é melhor ser oportuno do que tardio referindo-se à remessa de tropas para a Guiana Britânica a fim de evitar um possível golpe comunista.

11 — DOMINGO — Os círculos aliados mostram-se preocupados com a violenta reação, na Iugoslávia, em relação à entrega da zona "A" de Trieste à Itália. Manifestações hostis realizam-se em Belgrado, onde populares exaltados invadem os escritórios de informações da Inglaterra e Estados Unidos, tendo nesse último sido agredido um funcionário norte-americano. A Rússia protesta contra a resolução ocidental. A Iugoslávia propõe que sejam entaboladas negociações diretas com a Itália, Estados Unidos e a Inglaterra, tendo essa proposta acolhida favorável em Londres e Roma. ★ O Senador Fergusson, Presidente da Conferência Inter-Parlamentar de Washington, saúda o comparecimento do Brasil. Usaram da palavra o Senador Domingos Velasco e o Deputado Hélio Cabral.

12 — SEGUNDA-FEIRA — O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando ministro interino do Trabalho o Sr. Hugo de Araújo Faria. ★ Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto designando de Forte Tamandaré o

Casa Marques

Armarinho e Confecções

Especialista em meias, rendas, bordados, fitas e artigos para presentes.

Marques, Irmãos & Cia. Ltda.

Rua Arquias Cordeiro, 283

Telefone 29-2681
Meier

Teleg.: MARQUINHO

Rio de Janeiro



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.



DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO

antigo Forte de Laje, em frente à baía de Guanabara. ★ Os comunistas comunicam à O.N.U. que concordavam em entabolar conversações com os representantes das Nações Unidas a respeito dos problemas relativos à realização da Conferência Política Coreana. ★ O Ministro João Alberto, atualmente na Hungria, falou a respeito das negociações para o reatamento das relações diplomáticas e comerciais do Brasil com aquêle país. ★ Chega a Paris o ex-Ministro Negrão de Lima. ★ O Duque de Bedford, um dos mais ricos proprietários da Inglaterra, é encontrado morto, em terras de sua propriedade com ferimentos na cabeça provocados por um disparo ocasional, ao que parece, de sua espingarda de caça.

13 — TÊRÇA-FEIRA — A Iugoslávia declara que reagirá, por todos os meios a qualquer imposição para solução do problema de Trieste. ★ Em Belgrado repetem-se as manifestações hostis contra os aliados. O Gabinete britânico se reúne para examinar o protesto soviético contra a entrega da zona "A" à Itália. ★ O Govêrno polonês protesta contra o apresentamento de um barco pela marinha da China Nacionalista. ★ Enforcado como traidor o egípcio Manmoud Sabry, que trabalhava para as fôrças britânicas no Canal de Suez. ★ O Sr. Presidente da República assina decretos nomeando diretor da Carteira de Redesconto do Banco do Brasil o Sr. José Maria Alkimin, criando uma delegação do Brasil em Genebra destinada a coordenar as nossas representações junto aos organismos internacionais com sede na Suíça.







14 — QUARTA-FEIRA — A Guatemala levanta a questão da Guiana Inglêsa na Comissão de Curadoria da Assembléia Geral da O.N.U., declarando ser uma "anomalia" que as potências coloniais extra-territoriais tivessem influência no continente americano. ★ O Primeiro Ministro italiano Giuseppe Pella declara que a Itália está disposta a participar de uma mesa redonda com a Iugoslávia e os aliados ocidentais a fim de procurar resolver o problema de Trieste. ★ O Senador Joseph McCarthy declara que documentos altamente secretos sôbre o radar e outros assuntos tinham sido levados para a zona soviética da Alemanha e utilizados pelos comunistas. ★ A Grã Bretanha e os Estados Unidos repelem a nova proposta soviética para a admissão na O. N. U. de cinco estados europeus (Itália, Bulgária, Hungria, Rumânia e Finlândia) com os quais os beligerantes aliados da segunda guerra mundial já concluíram um tratado de paz. ★ A Grã-Bretanha anuncia que seus peritos realizaram com êxito uma série de experiências atômicas em seus terrenos de provas de Woomera Austrália.

15 — QUINTA-FEIRA — Iniciadas as entrevistas com os prisioneiros que não desejam ser repatriados, verificando-se alguns incidentes quando oficiais comunistas tentam convencer os chineses e norte-americanos a regressar para os respectivos países. De 500 prisioneiros chineses, sòmente 7 aceitaram o repatriamento, tendo os demais preferido dirigir-se para as hostes de Chiang

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO Ltda.

Sucessora de L. B. de Almeida & Cia.

DISTRIBUIDORES DA CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL — CIA. SIDERÚRGICA BELGO MINEIRA E OUTRAS USINAS NACIONAIS.

FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS

Oficina mecânica em geral — Fogões à gás e lenha, marca «Progresso» — Prensas para ladrilhos e escritório.

Bancos para jardim — Colunas de ferro fundido para iluminação de jardins.

IMPORTADORES DE

Chapas de ferro pretas, galvanizadas e corrugadas para portas — Ferro em barras — Vergalhões — Cantoneiras — T — U e eixos para transmissões — Tubos de ferro galvanizados, pretos, vermelhos e de aço para caldeira.

COMUNICAM A SUA NOVA RÊDE DE TELEFONES, A SABER:

MESA TRONCO 52-2104
SECÇÃO DE VENDAS 52-2102
SECÇÃO DE VENDAS 22-0409
EXPEDIÇÃO 22-1584
SECÇÃO TÉCNICA 52-2103
CONTABILIDADE 22-1342
GERÊNCIA 22-2549

RUA DOS ARCOS, 28-42

RIO DE JANEIRO

Kai Shek. ★ O Sr. Hugh Dalton, ex-Chanceler do Erário, recomenda maior intercâmbio entre o Brasil e a Inglaterra. ★ O Primeiro Ministro, deposto, da Guiana Inglêsa queixa-se das dificuldades que lhe estão opostas pelo govêrno britânico para se dirigir a Londres. ★ O "Journal of Commerce" comenta a nova política cambial do Brasil. Também o Presidente da Underwriters Corporation dá impresões favoráveis às medidas postas em prática. ★ A Academia Sueca de Literatura confere a Churchill o Prêmio Nobel de Literatura, tendo o Primeiro Ministro britânico prometido comparecer a Estocolmo para receber a distinção.

16 — SEXTA-FEIRA — O Govêrno italiano inicia seus preparativos para administrar a zona "A" do Território de Trieste, apesar das ameaças iugoslavas de opôr-se a isso pela fôrça, tendo aumentado os contatos italianos com as autoridades anglo-norte-americanas de ocupação na referida zona. A Iugoslávia acusa as potências ocidentais de "deslealdade", inicia o aumento de seu podério e reclama uma conferência dos "Quatro Grandes" para discutir o assunto. ★ Diplomatas a par da situação mundial expressam a certeza de que a China Comunista deseja que se realize quanto antes a conferência da paz na Coréia, mas que a Rússia se opõe a isso. ★ O senador norte-americano, Alexander Wiley, declara que a União Soviética está preparando milhares de agentes com a finalidade de convertê-los nos "governantes vermelhos do futuro na América Latina". ★ As autoridades informam que 41 civis morreram e 2 ficaram feridos num ataque dos israelitas contra a aldeia árabe de Lybia.

17 — SÁBADO — O Conselho de Segurança das Nações Unidas reúne-se a fim de considerar o explosivo incidente fronteiriço entre Israel e a Jordânia, que criou uma nova crise internacional no Levante. ★ O Sr. Giuseppe Pella, chefe do govêrno italiano, declara que êle e seus ministros renunciarão se os Estados Unidos e a Grã-Bretanha modiifcarem a decisão de transferir para a Itália a zona "A" de Trieste. ★ O govêrno cubano pede à Décima Conferência Internacional Americana, a reunir-se em Caracas, que inscreva na sua ordem do dia "a discussão dos meios a adotar para impedir a penetração do comunismo internacional nas Repúblicas americanas".

18 — DOMINGO — Enviada a Moscou a resposta da França, Inglaterra e Estados Unidos,

CURSO DE LATIM por correspondência

Solicite folhetos
Caixa Postal 6821
São Paulo

convidando a Rússia para uma conferência dos quatro grandes, para tratar dos problemas relativos à Áustria e à Alemanha, cuja solução é condição essencial de paz. ★ A China Comunista comunica aos Estados Unidos que aceita a proposta para uma reunião preparatória, em Pan Mun Jom, para a organização da Conferência Política sôbre a Coréia. ★ As tropas francesas repelem um forte contra-ataque dos comunistas prosseguindo em sua ofensiva iniciada há dias, na Indo-China. ★ Uma resolução pedindo a independência de Marrocos em um prazo de cinco anos, é submetida à Comissão Política da O.N.U.

19 — SEGUNDA-FEIRA — Ocorre uma crise na Comissão Neutra de Repatriamento, com a retirada dos delegados da Polônia e da Tchecoslováquia. ★ O Conselho de Segurança da O.N.U. iniciou o exame pedido para que seja discutido o incidente entre a Jordânia e Israel. ★ A Comissão Política rejeita uma proposta para a concessão da independência de Marrocos dentro de 5 anos e aprova outra no sentido de que sejam respeitados os direitos políticos do povo marroquino. ★ Realizam-se nesta Capital diversas solenidades comemorativas da "Semana da Asa". ★ O Ministro das Relações Exteriores do Irã declara que êsse país subordinaria o reinício de relações diplomáticas com Grã-Bretanha à solução do problema do petróleo.

20 — TÊRÇA-FEIRA — Churchill e Eden respondem a interpelações na Câmara dos Comuns sôbre a política externa britânica. ★ O Primeiro Ministro fala das vantagens que poderão advir nas conversações livres e dos contatos pessoais entre os principais dirigentes, para o estabelecimento da paz mundial. ★ Inaugurada a nova sessão do parlamento de Bonn, inteiramente renovado nas últimas eleições gerais. ★ Nessa ocasião o Chanceler Adenauer apresenta o seu Gabinete e discursa focalizando a política interna e externa de seu Govêrno. ★ Entrega credenciais o novo Embaixador do Brasil nos Estados Unidos, tendo nessa ocasião trocado saudações o Embaixador João Carlos Muniz e o Presidente Eisenhower. ★ O Govêrno boliviano anuncia a descoberta de outro "complot". ★ Um avião mexicano, que conduzia jornalistas para assistir ao encontro dos Presidentes Eisenhower e Ruiz Cortinez, cai ao solo perecendo mais de 20 pessoas. ★ Ocorre um desastre na aviação argentina. ★ O Govêrno britânico apresenta um longo relatório ao Parlamento acêrca dos motivos que determinaram a deposição do Govêrno da Guiana Inglêsa.

AGUA PURA
SAÚDE SEGURA
VELAS
SENUN
ESTERILISANTE
FABRICADAS
PELO PROCESSO SENUN

21 — QUARTA-FEIRA — O Secretário de Estado, John Foster Dulles, declarou que, se o Ministro do Exterior da Rússia aceitar o convite dos três Grandes Ocidentais para uma conferência em Novembro, em Lugano, Suiça, ter-se-á, assim, aberto o caminho para uma reunião em alto nível entre os quatro Grandes. ★ Sir Winston Churchill apresenta uma moção, que será votada hoje, nos Comuns, pedindo à Câmara que aprove as medidas tomadas pelo Govêrno Britânico na Guiana. ★ O Egito e a Inglaterra anunciam que fracassaram as negociações extra-oficiais para um acôrdo sôbre a retirada britânica da zona do Canal de Suez. ★ A Itália envia tropas para a fronteira com Trieste, adiantando pormenores quanto ao número de soldados. ★ O Líbano apresenta ao Comité Político das Nações Unidas um plano de cinco pontos para uma anistia política, levantamento da Lei Marcial e desenvolvimento do Govêrno próprio em Tunis. ★ O Govêrno do Irã impôs a Lei Marcial em oito centros petrolíferos do país, explicando que tomava essa atitude para impedir a sabotagem comunista. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto elevando o Consulado do Brasil em Vigo à categoria de Consulado Geral. ★ O Sr. Prefeito do D.F. nomeia o Sr. Luís Gama Filho para o cargo de Ministro do Tribunal de Contas.

A TINTA DO LAR
TINGE SAPATOS
TIC-TAC
TINGE BOLSAS
A' VENDA NOS ARMAZENS E CASAS DE FERRAGENS

22 — QUINTA-FEIRA — O Chanceler Adenauer declara não acreditar na possibilidade de uma guerra próxima, e que a guerra fria só terminará quando a Rússia se capacitar de que não poderá dominar a Europa Ocidental. ★ Reina crescente pessimismo entre os delegados das nações neutras que buscam uma solução para o problema dos prisioneiros não repatriados. ★ Para substituir o Sr. Ernest Reuter, recentemente falecido, no cargo de Prefeito de Berlim Ocidental, é eleito o advogado Walther Schreiber, inimigo declarado do comunismo e expulso pelos russos de sua zona na Alemanha. ★ O Ministro das Colônias da Inglaterra dar esclarecimentos, à Câmara dos Comuns, sôbre os motivos da deposição do Govêrno da Guiana Inglêsa. ★ O chefe do Govêrno deposto, Cheddi Jagam, repele as acusações britânicas, enquanto o líder do Partido Democrata da Guiana, também em Londres, acusa a Jagam e seus adeptos. ★ Na próxima Conferência Inter-Americana, a realizar-se na Venezuela, será abordado o problema da Guiana Inglêsa. ★ O Prêmio Nobel de Medicina de 1953 é concedido aos cientistas Fritz Albert Lipmann, professor de química biológica da Universidade Harward e Hans Krens, Diretor de Bio-Química da Universidade de Cheffield, na Inglaterra.

Natal
Festa das Familias. Festa da Cristandade
Artigos finos para cavalheiros de bom gôsto
Grande e variado sortimento para as festas de Natal e Ano Novo
A TORRE EIFFEL
Ouvidor 97 99

23 — SEXTA-FEIRA — Sugerida, na O.N.U., uma ação conjunta destinada a conjurar o perigo de nova conflagração mundial e isto porque ali se considera que a paz é atualmente muito precária. ★ O ex-presidente da Comissão de Energia Atômica, Gordon Dean, declara que os Estados Unidos deveriam advertir a União Soviética de que qualquer outro ato de agressão será repelido com bombas atômicas. ★ O exército dos Estados Unidos realiza uma demonstração da mobilidade e manejo de seu gigantesco canhão atômico de 11 polegadas perante jornalistas e observadores militares, porém, não disparou projétil algum. ★ O Sr. John Carter, líder do Partido Democrático Unido da Guiana Inglêsa, adversário do Partido Popular Progressista, declara que, "se o govêrno britânico não está disposto a gastar grandes somas para o desenvolvimento da Guiana, poderia muito bem entregá-la nas mãos do Kremlin. ★ O supremo comandante da ONU, General John Hull, apela para que o Japão se rearme a fim de permitir a retirada das tropas americanas do país.

24 — SÁBADO — A Marinha mostra, reservadamente seu revolucionário submarino atômico, — o primeiro da "Frota Atômica" — aos repórteres. — O "Nautillus", é capaz de viajar mais rápido e mais distante do que qualquer outro. ★ As conversações preliminares sôbre a realização da conferência política coreana serão iniciadas amanhã em Pan Mun Jom, tomando os comunistas lugar na linha de demarcação de seu lado, e os representantes da O.N.U., no outro lado. ★ O Presidente Batista anuncia a revogação da cen-

STEPHENS'
TINTA PARA ESCREVER
OS PEDIDOS DOS SENHORES REVENDEDORES DEVEM SER DIRIGIDOS À SECÇÃO DE VENDAS DA FÁBRICA:
PRODUTOS STEPHENS' LTDA.
R. BOA VISTA, 99 - 5.º AND. - S/ 517 - TELS. 33-1799 E 33-4811
CAIXA POSTAL, 1511 - SÃO PAULO

sura prévia e o restabelecimento das garantias constitucionais, suspensas há noventa dias, como conseqüência do frustrado ataque revolucionário contra um Quartel do Exército em Santiago de Cuba. ★ A Itália propõe a retirada das tropas italianas e iugoslavas das fronteiras de Trieste. ★ Na próxima Conferência Inter-Americana de Caracas o Brasil apresentará dois importantes projetos: revisão do Pacto de Bogotá, sôbre a solução pacífica dos conflitos e reforma do sistema econômico da O. E. A.

25 — DOMINGO — Um membro do Govêrno da Iugoslávia declara que a chave para a solução do problema de Trieste se encontra em Roma e não em Belgrado e insiste na proposta da Iugoslávia para que os dois países tratem diretamente do assunto. ★ Iniciados os trabalhos preparatórios para a realização da Conferência Política coreana. ★ Entrementes, o Presidente da Comissão Neutra de Repatriamento declara-se pessimista quanto à possibilidade do reinício de sua missão. ★ Os Estados Unidos acusam os comunistas de submeter a torturas numerosos prisioneiros norte-americanos. ★ O Presidente Eisenhower admite que a Rússia está em condições de lançar um ataque atômico contra os Estados Unidos.

26 — SEGUNDA-FEIRA — O Sr. John M. Cabot, Secretário de Estado adjunto, adverte que os Estados Unidos poderão perder a amizade da América Latina, se adotarem uma política comercial protecionista. ★ O Govêrno italiano declara que a Itália mantinha a proposta para a retirada das tropas italianas e iugoslavas da região fronteiriça. ★ A Comissão Política da O. N. U. aprova uma resolução recomendando medidas para que seja concedida plena independência à Tunísia. ★ Adianta-se que a referida resolução não logrará aprovação na Assembléia Geral. ★ Estão bem encaminhadas as negociações para o restabelecimento das relações entre a Inglaterra e o Irã.

27 — TERÇA-FEIRA — O Sr. Foster Dulles desmentiu as notícias segundo as quais os Estados Unidos retirariam as suas tropas da Europa. ★ O Sr. Dulles declara, que a conferência entre a França, Inglaterra, Estados Unidos, Itália e Iugoslávia sôbre o problema de Trieste deverá realizar-se antes da evacuação da Zona "A". ★ Churchill responde a diversas interpelações na Câmara dos Comuns, inclusive sôbre os rumores de um encontro com Eisenhower e o restabelecimento de relações amistosas com a Rússia. ★ Noticiado que os líderes extremistas da Guiana Inglêsa continuarão presos, por constituírem uma ameaça à segurança pública. ★ As nações árabes declaram inaceitável a proposta dos Estados Unidos no sentido de serem fixados nas vizinhanças de suas fronteiras 500 mil refugiados árabes da Palestina. ★ O Supervisor da O. N. U. na Palestina declara que a tensão no Oriente Médio atingiu o seu ponto culminante. ★ Ao Sr. Presidente da República, entregam credenciais os novos Embaixadores do Canadá e do México.



28 — QUARTA-FEIRA — O Brasil solicita uma investigação imparcial das acusações comunistas sôbre guerra bateriológica, por acreditar que as Nações Unidas devem defender-se de tais acusações. O pedido é formulado pelo Delegado Brasileiro, Henrique de Souza Gomes, no Comité Político, quando se debatia o caso da guerra bateriológica, que, segundo os comunistas, teria sido empregada do lado aliado na Coréia. ★ O Presidente Eisenhower declara em entrevista à imprensa, que, a seu ver, uma conferência das grandes potências com a Rússia, para tratar das questões que afetam a paz mundial, seria perfeitamente inútil a menos que a União Soviética demonstrasse que a orientam motivos honestos. ★ Amidi Nouri, porta-voz do Govêrno do Irã, diz que êste se dispõe a reiniciar as relações amistosas com a Grã-Bretanha. Reitera: contudo que a disputa anglo-iraniana sôbre o petróleo deverá ficar resolvida antes do restabelecimento das relações diplomáticas. ★ O dirigente da oposição socialista, Erich Ollenhauer, declarou aprovar exigência do Chanceler Konrad Adenauer, de que se conceda completa independência ao povo da Alemanha Ocidental. ★ A Assembléia Nacional Francesa aprova a política do Govêrno de Joseph Laniel, em relação à Indo-China, porém pede que faça o possível por conseguir a paz com os comunistas na Ásia. Laniel obtém uma vitória de 64 votos, constituindo a segunda implícita moção de confiança, em menos de uma semana.

29 — QUINTA-FEIRA — Um avião da Linha Transpacífica choca-se contra uma serra numa localidade de S. Francisco, ocasionando a morte de 8 tripulantes e 11 passageiros, entre êles o conhecido pianista norte-americano William Kapeli. ★ O Fundo Monetário Internacional anuncia a venda de 10 milhões de libras esterlinas ao Brasil. ★ A fábrica alemã de automóveis "Volkswagen", alegando ter encontrado dificuldades para a inversão de capitais em nosso país, desiste de montar uma fábrica no Brasil.

30 — SEXTA-FEIRA — Iugoslávia concorda em participar de uma conferência de cinco potências, sôbre a questão de Trieste, sem condicionar essa decisão a um recuo dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha no seu anunciado propósito de entregar à Itália a Zona "A" do Território Livre. ★ A Presidente da Assembléia Geral das Nações Unidas, Madame Pandit, convocou a ONU para uma reunião na têrça-feira próxima a fim de ser considerada a denúncia norte-americana contra os comunistas na Coréia, acusados de darem trato desumano aos prisioneiros de guerra, denúncia em que aparece a Rússia como cúmplice. ★ O Ex-Chefe do Estado Maior do Exército Norte-Americano, General J. Lawton Collins, advoga uma pronta participação da Alemanha Ocidental ao programa de defesa da Europa. Ao mesmo tempo que adverte que as fôrças aéreas aliadas na Europa se acham abaixo do mínimo necessário e que os estoques de petrechos e suprimentos são muito pequenos. ★ O govêrno comunista da Alemanha Oriental anuncia oficialmente haver descoberto e esmagado uma vasta organização clandestina, sob comando único que preparava levantes armados na zona da Alemanha ocupada pelos soviéticos. ★ Impostas restrições de imigração entre a Guiana Britânica e o Brasil.

31 — SÁBADO — O Presidente do Conselho de Ministros da Itália, adverte a Inglaterra e os Estados Unidos das graves repercussões que teria em seu país o não cumprimento da decisão de entregar à Itália a Zona "A" de Trieste. ★ Os Estados Unidos pedem formalmente, que as atrocidades cometidas pelos comunistas contra prisioneiros de guerra da ONU na Coréia sejam colocadas no temário da Assembléia Geral. ★ A Áustria ocupada suspende suas atividades, para comemorar sua "libertação" da Alemanha nazista, e para protestar contra a incapacidade dos aliados de restituir sua independência. ★ Num estudo publicado, uma Sub-Comissão senatorial norte-americana afirma que o comunismo perdeu consideràvelmente terreno na Europa Ocidental, com exceção da França, Itália e Islândia. Segundo êsse estudo o comunismo dispõe, nos dezesseis países europeus estudados, de três milhões de membros e, nas eleições de treze milhões de votos. ★ O Prêmio Nobel da Paz de 1953 é concedido ao General George C. Marshall, ex-Secretário de Estado e de Defesa dos Estados Unidos e o Prêmio correspondente ao ano de 1952, é atribuído ao humanista missionário alsaciano, Dr. Alberto Schweizer.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volu-volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: Dr. LAVRUD — Secretário LABLIÚ — ANO XXXVII — N.º 7 — DEZEMBRO — 1953
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 9.ª edição — Japyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

4.º TORNEIO

OUTUBRO A DEZEMBRO

LOGOGRIFO

— 107 —

O trato diário de cada
Casal seria **excelente,**
— 9-5-7-11
Se tôda mulher casada
Vivesse quieta e **contente;**
— 5-8-10-9
Se o espôso, a disgra curtindo,
Não demonstrasse **opressão;**
— 3-4-2-6
Se ambos topassem, sorrindo,
Comida a meia **porção...**
— 10-6-2-4
Mas se ela grimpa e censura
Ao pobre-diabo o ser **pronto,**
— 7-1-2-11
Eis um casal sem ventura,
Fadado a andar sempre **TONTO.**

Lutércio — RIO

CHARADAS NOVÍSSIMAS

108 — Duas, quatro — Rica **fazenda!** Sua **existência** tem **requinte** de nobreza.

Asil. A. C. C. B. (Rio)

109 — Duas, duas — É de **categoria elevada** o **fazendeiro abastado.**

Anchieta — R. P. (S. Paulo)

110 — Duas, duas — A **companheira** do marceneiro, embora **moleirona,** encarregou-se de fazer, do móvel, a substituição de uma **travessa de madeira,** para que o serviço terminasse mais depressa.

Atelito Lebre

111 — Duas, duas — **Mulher muito formosa** com **grande quantidade** de admiradores, nem sempre tem **sorte** no casamento.

Plá (Rio)

112 — Duas, duas — Que **mancha** feia sôbre o **traço** da **fôlha** do **boletim** da **desobriga** quaresmal!

O Sineiro — P. S. (S. Paulo)



Juntas rijas e inchadas, torturadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que estes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, a passar as noites em claro, sem fôrças para o trabalho ou disposição para gozar a vida. Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pilulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças à sua magnífica ação tonificante

Pilulas DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

113 — Três, duas — Além de **descortês,** em qualquer **parte** torna-se **malicioso.**

Odnanref CEC-ACN (Rio)

114 — Duas, uma — **Deixa tonto** àquele **Zumbido'** da **variedade de abelha**

R. Kurban - T. B. (S. Paulo)

115 — Duas, duas — **Encantadora** e **jovial,** a **mulher** leva tudo em **brincadeira.**

Tony (Campo Florido)

116 — Duas, uma — O **escritor** sentiu-se **prêso** de **grandes tormentos morais** só porque **um** zoilo qualquer disse que **sua** obra era uma **pérola de pouco lustro.**

Zytho (Rio)

117 — Duas, uma — **Trompa** de caça, **chega!** Prefiro **uma trombeta.**

Eva Dio (Rio)

118 — Duas, duas — Isto **é baile magnífico?** Quando muito **é** um **baile improvisado sem cerimônias.**

Segon (Rio)

119 — Uma, duas — A **côr escarlate** do **elegante vestuário** do **aristocrata** foi **comprada** na França.

Paulistinha (Rio)

120 — Duas, uma — A **cabana de índio** estava **marcada** com a **décima oitava letra** do **alfabeto árabe** e fazia parte da **praça da taba.**

Guilherme Tel. (Rio)

ENIGMAS

— 121 —

O Rui e Vasco discutem
Sem chegar a solução.
Discutem qual a mulher
Que prende, mais, coração.

O Rui prefere, já certo,
A loura que breve aguarda.
Porém preferindo a parda
Vasco defende, decerto,
Pois seu tipo AMULATADO
Não requer muito cuidado.
Onde?

Asil - A.C.C.B. (Rio)

— 122 —

Por princípio sempre intento
Levar ao fim a missão
Que me imponho. Ou então
Nada faço, nada intento

Neste caso é diferente:
Cheguei ao meio e parei.
Pois **no meio** terminei
Um trabalho impertinente.

Anchieta — R. P. (S. Paulo)

— 123 —

A rua em que a gente mora
Tem cada buraco agora,
Tem cada vala ou regueira...
Mas que esperar pode o povo?
Que venha um regime novo?
Parece-me **grande asneira**.

Lutécio — Rio

— 124 —

Indivíduo de importância
Tem sincero confidente,
Em constante vigilância,
Para que nada o atormente.

Mas, se um dia fica a zero
O importante cidadão,
Do confidente sincero,
Fica só a RECORDAÇÃO.

Gil Vírio (Andradina)

— 125 —

Com vantagem a aliança,
entre os dois povos vizinhos,
foi firmada e a amizade
trouxe a todos esperança.
Houve banquete e de vinhos
Grande **liberalidade**.

Asclepios (Rio)



JUVENTUDE
ALEXANDRE



CHARADAS CASAIS

126 — Três — Aquêle que **torna indiferente** a tudo é um indivíduo **inerte**.

Cysneirense Júnior

127 — Três — Todos dizem **que não escapará**; é realmente uma **perda** lamentável.

Emidlej (Pôrto Alegre)

128 — Três — Que **infelicidade**! caiu-lhe na cabeça um **paralelepípedo de pedra para calçamento**.

Ecêbê (Maceió)

129 — Duas — Ao dobrar a **esquina**, levei uma escorregadela e sujei a **roupa**.

Farani (Salvador)

130 — Três — Mulher **esperta** derrota um homem **valente**.

Jovaniro C. E. C. (Rio)

131 — Quatro — O **lampião de rua** não mais **brilha** em nossos dias.

KTQZ (S. Paulo)

132 — Duas — **Solto** o pássaro pelo prazer de vê-lo em **liberdade**.

Lutércio (Rio)

133 — Duas — Quem **se adestra** às boas maneiras age com **sutileza**.

Malba Tantan — P. S. — C.E.S. (Santos)

134 — Três — Aquêle que **dedica-se** com **insistência** às charadas, torna-se em pouco tempo um **erudito**.

Nomíssio Nuno (Feira de Sant.)



135 — Seis — Obrigado a deixar a toca abandonada, o bicho saiu furioso.

Pompeu Júnior — R.P. (Botucatu)

136 — Duas — Paz de cajado guerra é; não desfruto a verdade dêsse refrão.

Roama (Guapiaçu)

137 — Três — Amplio meus conhecimentos para conseguir maior liberdade nas minhas atividades.

Sefton (Rio)

138 — Duas — Quem teria esburacado meu antigo instrumento de corda?

Velo-Vela (Rio)

139 — Duas — Êste pequenino ornato arquitetônico não é de meu agrado.

Zigomar - B.B. - (B. Horizonte)



CHARADAS ANTIGAS

— 140 —

Pouco a pouco se enfraquece - 2
A mulher, na bebedeira - 2
E o marido, ao que parece,
Vende alpercata na feira.

Jovaniró — CEC

— 141 —

Não é preciso mentir - 2
e nem vale pena ter, - 1
se outra bomba cair
muita gente vai morrer...

KTQZ (S. Paulo)

CHARADAS SINCOPADAS

142 — Três (duas) — Quem furta um pão deve ter fome.

Lutércia (Rio)

143 — Três (duas) — Uma concha de sopa muito antiga foi o resultado da busca.

Asclepios (Rio)

144 — Três (duas) — O projeto foi rejeitado porque criava um cargo oneroso e decorativo.

Conselheiro (S. José de Mipibu)

145 — Três (duas) — Para transpor êste trecho de mato, é necessário um bom cacete.

Donatila Borba (Criciuma S.C.)

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DEPOSITE O SEU DINHEIRO
NA CAIXA ECONÔMICA
QUE É O BANCO DO POVO

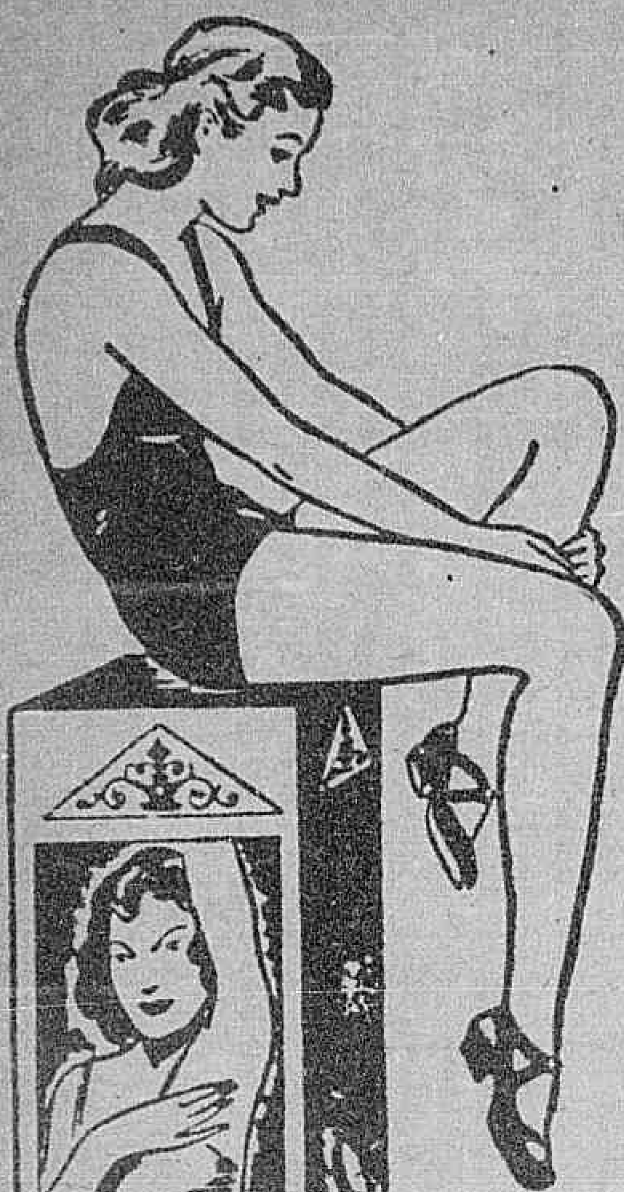


AGENCIAS EM TODOS OS BAIRROS DA CIDADE



MATRIZ: AV. 13 DE MAIO, 33/35

RIO DE JANEIRO



O pêlo nas pernas, braços e axilas comprometem a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo



Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-5

157 — ENIGMA PITORESCO

Agradecendo aos muitos trabalhos a mim dedicados em diversas revistas.



Dr. LAVRUD

AO JUCA PIROLITO

146 — Três (duas) — Airoso cavaleiro, ia, junto **ao gado que os vaqueiros ajuntam por ocasião das vaquejadas, e conduzem para os currais, com um saco de couro para roupa e que, em viagem, se amarra à garupa,** mostrando todo o esplendor da vida gaúcha.

Dávila, G.E.M. (Pará de Minas)

---

147 — Três (duas) — Como se fôsse o fim do mundo, uma **enorme tromba de água** caiu sôbre a cidade.

Edur Gomes Monteiro (Cuiabá)

---

148 — Três (duas) — **Prometer pùblicamente** não será **conversar?**

Fusinho (Bangu - Rio)

---

149 — Três (duas) — Veja a sua **corrente** de **relógio** como está tôda **embaciada.**

Fiote (Cuiabá)

---

150 — Três (duas) — Um homem por ser **rude** não deixa de ser **íntegro.**

Seron Silpes (Canavieiras)

Alívio rápido para

HEMORROIDES



Man-Zan é a pomada que alivia, *na hora*, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.

Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.

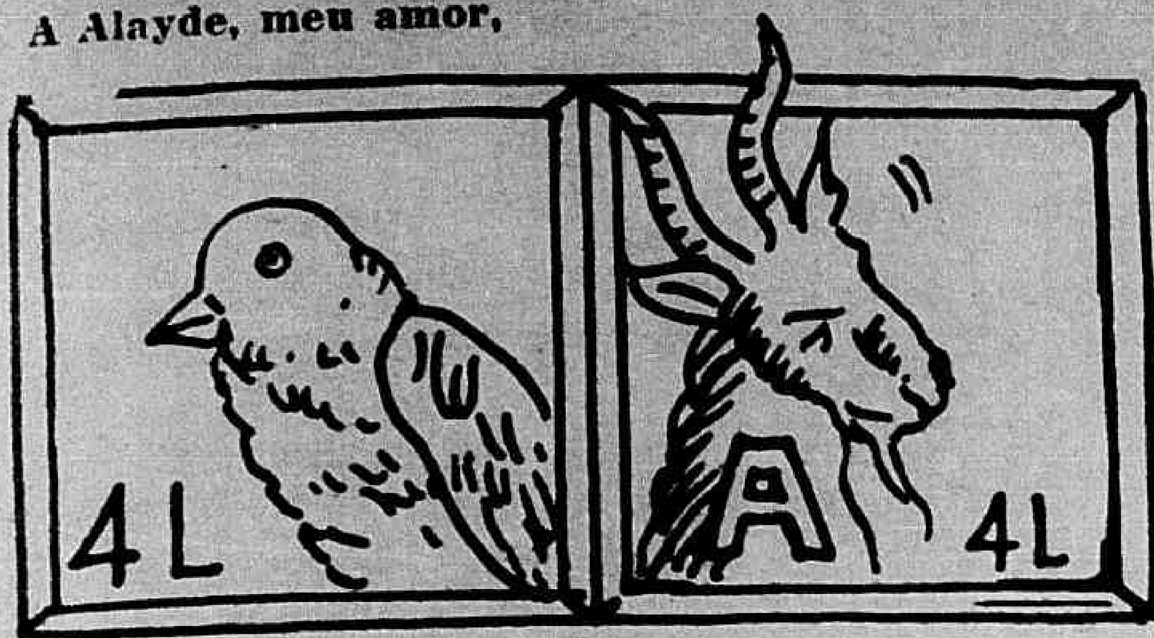
Coadjuvante para Hemorroides

Pomada **ManZan**

Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

158 — ENIGMA FIGURADO

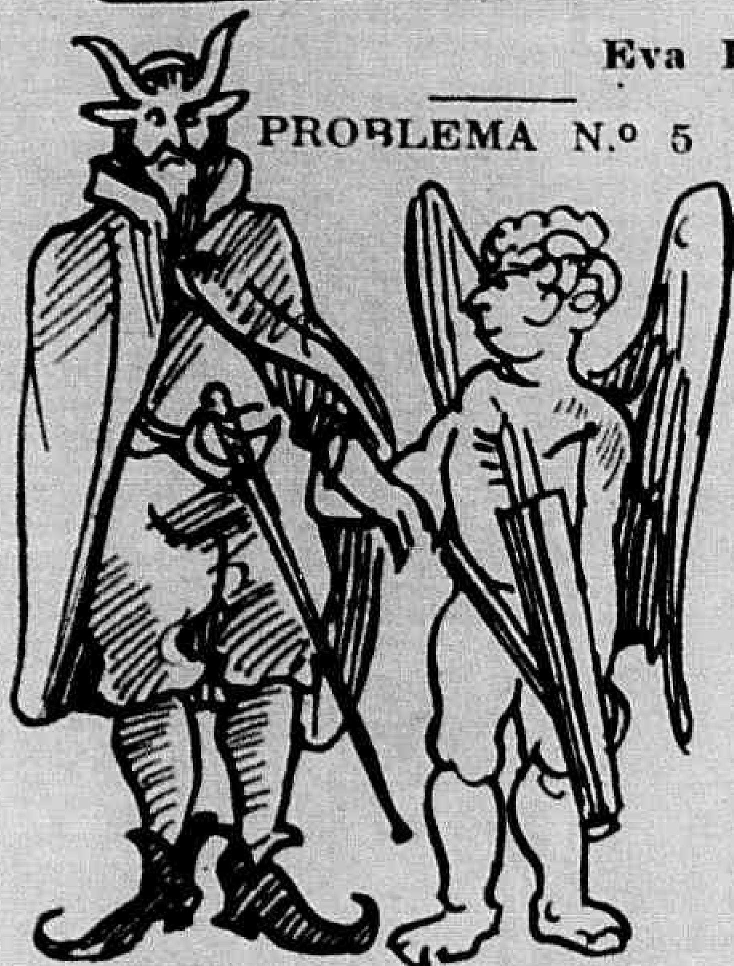
A Alayde, meu amor,

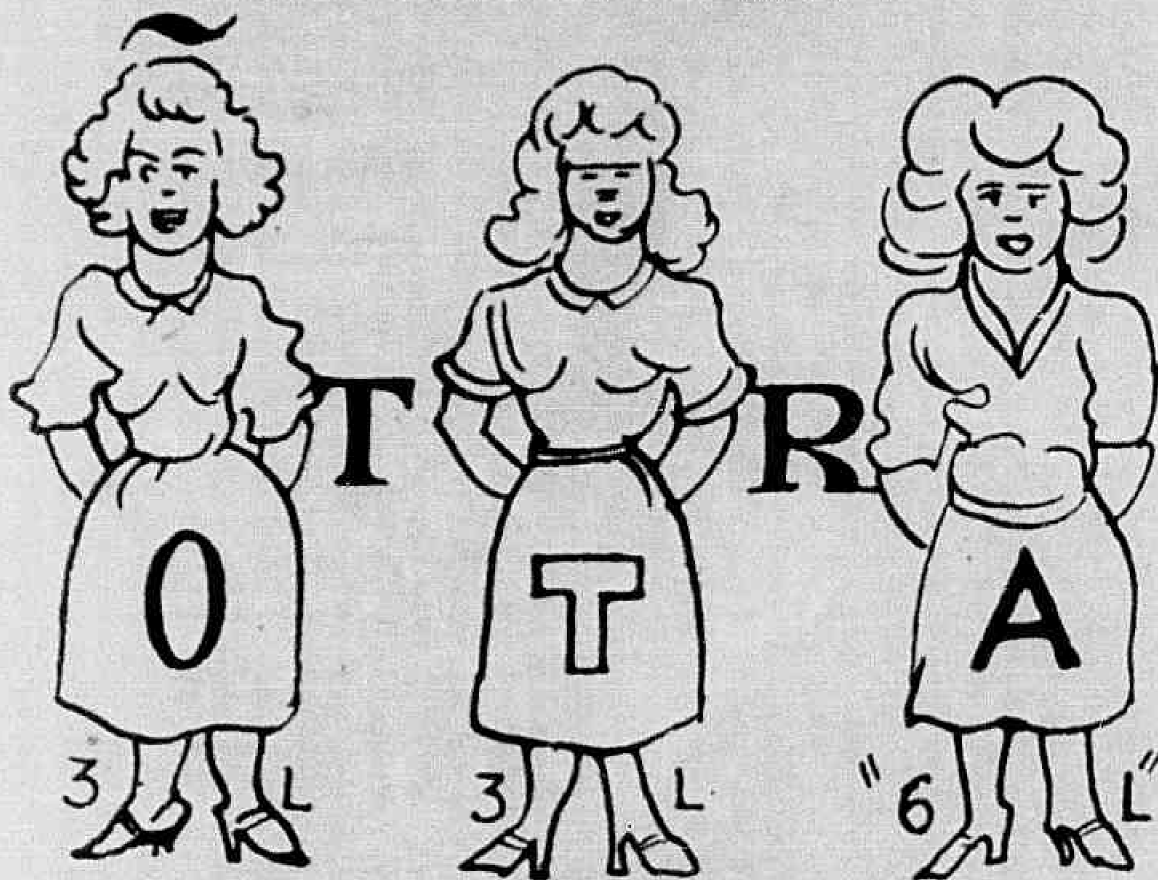




Eva Dic

PROBLEMA N.º 5

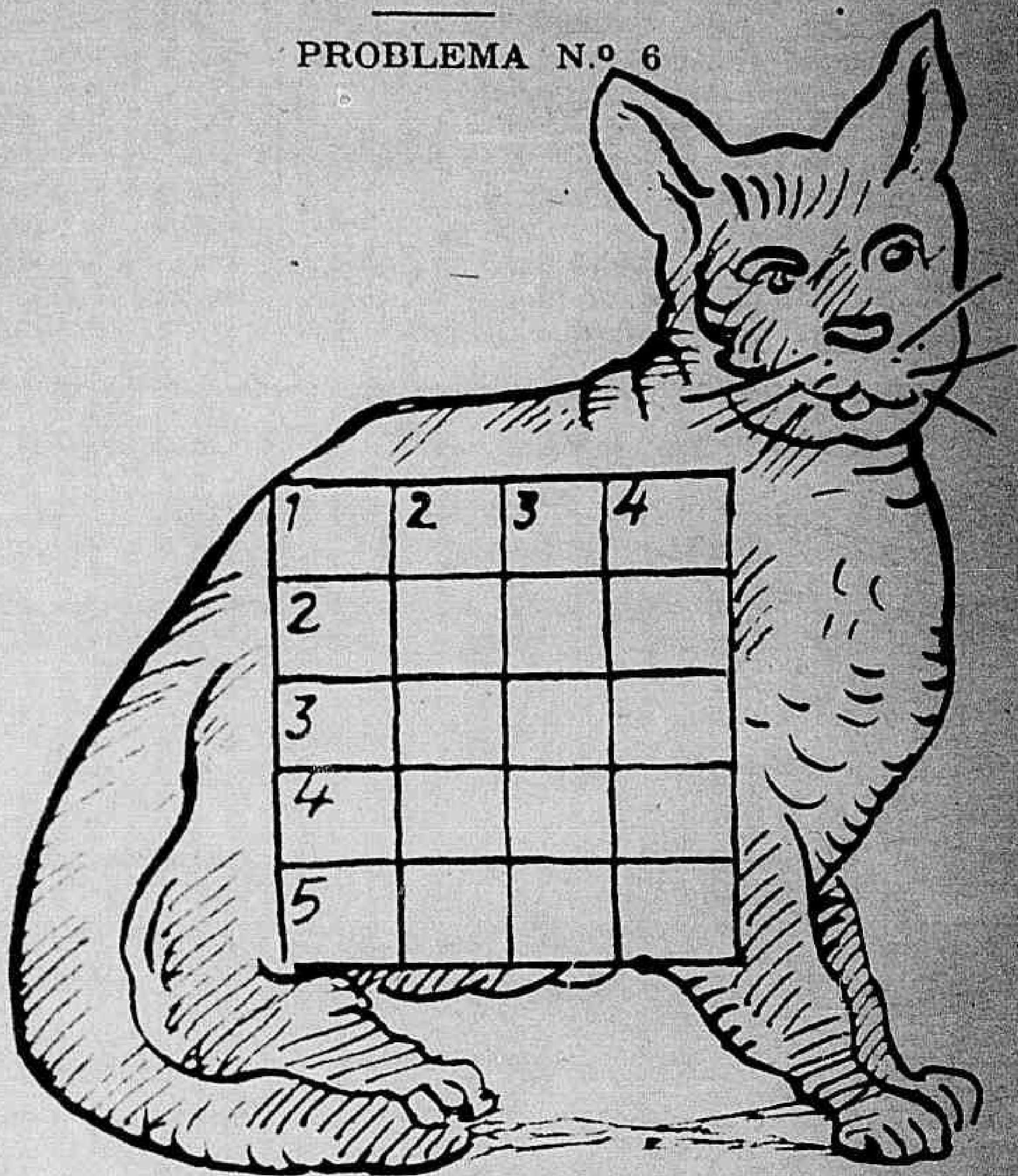




HORIZONTAIS: 1 — Espécie de peneira; 4 — Tecido fino como escumilha (pl.); 5 — Certo jôgo de cartas; 6 — Membro das aves; 7 — Compaixão (pl.); 8 — Espécie de macaco; 11 — Sigla do Rio G. do Norte; 12 — Caminhavam; 14 — Símbolo do rádio; 15 — Atmosfera; 16 — Soltar uivos; 18 — Vazios; 20 — Uma das partes da dobradiça, que se liga à outra pelo pino; 21 — Raros.

VERTICAIS: 1 — Vila do Estado da Bahia; 2 — Ancoradouro; 3 — Matarás traiçoeiramente; 9 — Nivelo (a medida); 10 — Aquí; 12 — Cóleras; 13 — A poesia; 15 — Pessoa astuta e ladra; 17 — Andes; 19 — Antiga flecha usada pelos árabes.

PROBLEMA N.º 6



Nelson Bernardo (S. Paulo)

HORIZONTAIS: 1 — Fazem voar; 2 — Extraordinário; 3 — Pasta de cêra e pó de sementes com que os Parecis se pintavam para cerimônias e festas; 4 — Unidade de pêso e de medida usada no sul da Ásia; 5 — Suco vegetal concreto.

VERTICAIS: 1 — Nome dado a pescada amarela, Bahia; 2 — Prata (pl.); 3 — Execução prática de uma idéia (pl.); 4 — Buxo das aves que se nutrem de grãos.

150 — Três (duas) — Um homem por ser **rude** não deixa de ser **íntegro**.

Heron Selpes (Canavieiras)





★ AGORA TAMBEM EM BISNAGA
DE WITT · RIO · LONDRES · NOVA YORK · BUENOS AIRES

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

BIGODE
de SENHORAS e VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
FUNDADO 1926 AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 4289 - S. PAULO
PEÇA PROSPECTOS

Por que sofremos? Por que esperamos?
Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente . . . diz o incrédulo . . .
Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender e aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico . . . novos métodos de pesquisas . . . aparelhagem novíssima . . . fórmulas que diminuem os tempos da doença . . . e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: «PRAIA» — SANTOS: CAIXA POSTAL 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de S. Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

151 — Três (duas) — Êsse capuz de lã não te cai bem.

Nilva (Rio)

---

152 — Três (duas) — Percebendo-se que tem vocação para uma arte, não se deve impedir que a criança ponha à prova as suas habilidades.

Oarcim (Rio)

---

153 — Três (duas) — Houve lôgro no escanteio da correia.

P. Del Debbio (S. Paulo)

---

154 — Três (duas) — O palerma cada vêz mais se afasta do rumo de sua casa.

Sertanejo II (Lavras)

---

155 — Três (duas) — Pessoa astuta foge de quem é astuto.

Seamsa (Santos)

---

156 — Três (duas)
O labor de muita gente
É difícil de sofrer.
Não existe fôrça humana
Que a faça esmorecer.
Violeta - G.C.N. - (Recife)

157 — Três (duas) — A raiva é um defeito.

Zoraco

DECIFRADORES DO 1.º TORNEIO DE 1953

Totalistas — Janota, Julião Riminot, Oicaroh, Dom Roal, Durmel, Cysneirense, Asclepios, Bigi Neto, Seamses, Sefton, Cysneirense Júnior, Odnanref Sertanejo II, Pati, Malba Tantan, El Príncipe, Jayreio, O Sineiro, Dupla Jorisa, Oarcim, Seu Teixeira, Ronega, Buridan, Alvasco, Dopasso, Tencel, Bigi Neto, Conde de la Fere, Farani Acobar, Gomes Júnior, Emidlej, Dr. Barreto Cardoso, Pompeu Júnior, Marcus, Zigmar, Alô Tropina, Gasbar, Lutércio, Nilva, Plá, Nelmos, Gorgonhe, Conde de la Fere, Donatila Borba, Debriló, Botucarahy, Juca Pirolito, O Janz, Ziul, Milon, Cartos, De Souza, Lidaci, Ralvo Ilvas, Pavazinho, Gomaque, D'Avila, Jota, Lotonio, Valério Vasco, Marcimento, Gil Virio, Toberal Spartaca Jupiter, Zepenha, Binastra, K Nivete, Zuncronitano, Gumercindo Leite, Pati, Alguem, Edipo, Envergonhado, Jocati, Lujoca, Ordisi, Ruvina, Varetas, Segon, Eva Dio.

Mais de 50% = P. Del Debbio, Simplicia e Simplicio, Bisilva, Roama, Dacosta Iris, Paulistinha, Guilherme Tell, José Balsamo, Iza Abel.

TERTÚLIA ENIGMÍSTICA MINEIRA

Com a fusão do Bloco Belorizontino e Grêmio Enigmístico

Há quasi
UM SÉCULO
Milhares de homens em todo o Brasil preferem êste calçado
SOUTO
AGORA
elegantes modêlos em sola fina
Calçado
SOUTO
Confôrto máximo
Garantia absoluta

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 - S. Paulo

À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

Mineiro, surgiu a Tertúlia Enigmística Mineira, sendo seus componentes os seguintes confrades:

J. Azevedo Barbosa (Jásbar); Nelson Vasconcelos e Almeida (Zigomar); Ítalo Montoni (Marcus); Pedro Ribeiro da Franca (Polidoro); João Correia de Almeida (Jota); Lúcio Flávio Mendonça Vilaça (D'Ávila); Raimundo Morais de Almeida (Valério Vasco) e Hélio Antônio Almeida Duarte (Lotônio).

Endereços da T. E. M.: Av. Afonso Pena, 952 — 4.º — Belo Horizonte e Caixa Postal, 16 em Pará de Minas.

EMIDLEJ

Teve a gentileza de participar-nos a sua mudança para Pôrto Alegre, onde se acha à rua Coronel Camisão, 147, Bairro Floresta, o nosso velho colaborador Emidlej (Emílio Midlej) de Salvador.

LIDACI

Foi promovido a General o Coronel José Leandro da Costa Júnior, o nosso antigo colaborador Lidaci, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 20 de outubro:

Eva Dio (Rio) — O seu figurado vai publicado hoje gratos.

El Rey (Belo Horizonte) — Parabéns pelo nascimento da travêssa Maria Carmen.

Wolfrase (Teófilo Otoni) — Inscrito com muito prazer; a charada das pedras não serve, pois o nosso regulamento exige que os conceitos sejam rigorosamente de acôrdo com o dicionário.

Gil Vitrio (Andradina) — Gratos pela colaboração.

Beroco (Recife) — Os trabalhos, quaisquer que sejam, devem trazer as soluções — Gratos pela colaboração.

Joca I (Rio) — Inscrito com muito prazer; veja as espécies de trabalhos que adotamos e mande o seu endereço completo.

Dr. Lavrad



CONFEITARIA

COLOMBO



A COLOMBO caracteriza a vida social do Rio de Janeiro na sua expressão de fina e requintada elegância. Os seus salões de almôço, chás, lunchs, e "cocktaills" acolhem diàriamente o escol da sociedade carioca para os sutís prazeres do espírito, do coração e do paladar.

LÍQUIDOS, COMESTÍVEIS FINOS E FRUTAS — FABRICANTES DAS AFAMADAS FARINHAS ALIMENTÍCIAS MARCA "COLOMBO" — ESPECIALIDADE EM DOCES, GELÉIAS, ETC. ETC.



MATRIZ:

RUA GONÇALVES DIAS, 32/36

ANEXO À RUA 7 DE SETEMBRO, 94/96

FILIAL:

AVENIDA N. S. COPACABANA, 890

FÁBRICA:

RUA LIVRAMENTO, 174/184

Fone: 43-6925

RIO

FRANÇA & CIA. LTDA.

QUERO UMA ARMA

(Cont. da pág. 78)

chegado. Se êle quer mantimentos, terá os mantimentos, algumas vêzes até mesmo que não tenha dinheiro para pagar logo! É para isso que o armazém está lá: para servir as pessoas, tôdas as pessoas. Não conheço leis que me obriguem a vender para uns e para outros não. Isto não farei!

Fêz uma pausa, olhou para a arma que tinha na mão, depois olhou para Soderman e continuou:

— Esta noite um homem veio à minha procura e disse que eu não devia vender mantimentos para os agricultores de Four Mile Creek. Não concordei e êle se foi; mas, momentos depois, dois homens apareceram, disseram que representavam uma comitiva. Tinham punhos bem fortes e sabiam usá-los e depois ameaçaram voltar e espancar-me novamente, se eu vendesse qualquer coisa aos plantadores.

— Quem eram êles? — perguntou o xerife, levantando-se de um salto. — Quem eram êles, Fenner?

— Quem são êles? Ora, xerife, não vamos apurar estas coisas. Agora eu tenho uma arma carregada e saberei cuidar dêles se aparecerem outra vez e, se fôr preciso, cuidarei também do homem que os mandou...

E olhava diretamente para Cassidy, enquanto falava. Fenner não sabia, mas naquele momento os seus olhos tinham o brilho do aço.

— Diga o nome dêles, Fenner! — insistiu o xerife.

— Bem; eu já vou andando. O dia foi duro hoje!

Levantou-se. Era pequeno e magro, o rosto avermelhado e ferido e claudicava um pouco ao dirigir-se para a porta.

— Espera aí, Fenner! — chamou o xerife. — Acho que podemos resolver o caso sem que você precise usar a sua arma. Os criadores não nomearam nenhuma comitiva. Nem nomearão, **isto** eu garanto!

Fenner parou e olhou para trás.

O xerife Soderman de pé, de expressão dura, olhava ainda para Cassidy. E ainda olhando na mesma direção disse:

— E quanto àqueles dois homens, que se disseram representantes dos criadores... já devem estar a caminho para sair da cidade; e se não estão, é melhor que tratem disso, pois creio saber quem são êles...

Cassidy começava a transpirar. Seu rosto ainda estava rubro quando voltou as costas bruscamente e pegando o copo que estava sôbre o balcão bebeu-o de uma vez. Sua mão tremia um pouco.

— Tenho que cavalgar uma boa distância — disse êle, meio sem jeito. — É melhor ir andando.

E dirigiu-se para a porta, passando por Fenner, mas sem olhá-lo. A porta já fechara atrás dêle.

— Olá, Fenner — chamou um dos homens que estavam jogando cartas. — Espere um pouco; venha até cá! Quero lhe pagar uma bebida. É verdade que eu também sou criador, mas gosto de saber que você tem pulso para cuidar do seu armazém.

— Não é meu armazém; apenas trabalho lá. Quando Henry Meyers ficar bom...

— Ah! Você ficará por aqui... — disse o homem, sorrindo. — Daremos um jeito de você ficar! Precisamos de homens fortes.

— Fortes! — repetiu Fenner, sorrindo, embora o lábio ferido não deixasse perceber bem o seu sorriso.

— Preciso falar com Cassidy — disse o xerife, saindo. — Falarei com você quando voltar, Fenner.

E o que jogava cartas insistiu:

— Então, Fenner, vamos tomar um **gole?**

— Sim, sim, creio que tomarei — respondeu Fenner. — Um bem pequeno!



COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

(Resposta da pág. 64)

Recordei o que ouvira dizer algumas vêzes: que os cavalos do Oeste, se lhe dão rédea-sôlta, sempre voltam para casa e para a sua baia. Apesar disso, sem grande confiança, resolvi experimentar. Minha parelha era composta de **Príncipe**, um cavalo velho mas robusto, que eu usara todo o verão como animal de sela, e **Maude**, uma égua recém-adquirida em outro Estado. Tratei de desaparelhar os animais. Logo que se viu sôlta do varal, Maude fugiu de minha mão e desapareceu na tempestade. Durante seis horas, Príncipe trotou, levando-me em seu lombo, angustiado e quase sem esperanças. Repentinamente, o animal parou. Limpando nervosamente a neve dos meus olhos, olhei... e vi que estava diante da porta de minha própria casa! No dia seguinte, encontrei a «charrette» no centro de um rio gelado, quatro milhas distante de casa, e, dias depois, fui encontrar Maude teimosamente tentando uma passagem através de uma cêrca de arame farpado, sete milhas distante do local de minha residência.



NARIZ ENTUPIDO? DISTÚRBIO EMOCIONAL

Segundo o dr. Stewart Wolf, da Universidade de Oklahoma, o nariz entupido e o defluxo podem ser causados mais por um distúrbio emocional do que por um resfriado. Freqüentemente — acrescenta — êsses sintomas são acompanhados de dores semelhantes às produzidas pela sinusite.

Naturalmente, o dr. Wolf não afirma que todos os casos de nariz entupido tenham fundo emotivo. Mas, experiências demonstraram que a tensão nervosa — ansiedade, raiva, sentimento de culpa, decepção e ressentimento — pode causar a inchação e conseqüente obstrução das mucosas nasais.

A irritação pode se tornar crônica se as causas surgirem muito a miúdo.



SOMBRA E SUBSTÂNCIA

Apesar do vertiginoso progresso mundial, os velhos hábitos custam a desaparecer. Vejamos o sabão, por exemplo. Continuamos convencidos que o sabão, para limpar bem, deve produzir grande quantidade de espuma e quando os químicos produziram agentes de limpeza muito mais eficazes, mas desprovidos de espuma, as donas de casa se abstiveram de comprá-los. Os fabricantes tiveram de se curvar diante dos hábitos arraigados e ajuntaram aos detergentes uma substância espumosa, desprovida de qualquer valor.

Agora, porém, que a palavra «detergente» se tornou familiar, os fabricantes começaram a anunciar, abertamente, nos Estados Unidos, sabões sem espumas, que as donas de casa se apressam a comprar.

EU SEI TUDO

Nº439 — Ano XXXVII Nº 7 — Dezembro de 1953

S U M Á R I O :

O Mistério do "Papai Noel" (conto) 9
O alvo em casa 12
Acima de tudo, o decôro (Episódio real) 13
Por que ficamos zangados? 14
Conselhos de uma Quituteira 18
A Estação das Visões 19
Ocorrem, sim, as gestações prolongadas! 20
Fábulas para Tôdas as Idades 22
O Minúsculo Átomo 23
O Riso em Redor do Mundo 28
A Festa da Fraternidade (conto) 34
A Fôrça de um Juramento (Romance, continuação) 35
A Imaculada Conceição (Quadro de Bartolomeu Estêvão Murillo) 43

No Deserto: Estampa Árabe, em Três Cenas 45
Cofres são Cofres 48
Suor Manufaturado 48
O Homem das Cavernas era Mais Sadio? 49
Contra a Febre Palustre 52
"Torcicolos da Televisão" 53
O Sinal Secreto (conto) 54
Banho de areia quente, para artríticos 57
Com alguns de seus ouvintes 57
Achados preciosos 57
Sôbre os perigos da cortisona 57
Desarmamento na selva 57
As últimas loucuras da moda 58
Maravilhas da Ciência: Há Limites para o Universo? As Constelações se movem na eternidade da vida 59

Como você resolveria isto? 64
Monumento 64
A posição mais devota 64
A Madona Sixtina 64
O príncipe que trocou o trono por um amor: O que que não disse o duque de Windsor (conclusão) .. 65

Menos restrições para os cardíacos 69
Orgulhosa dos seus triplos 69
Uma ajudazinha para o luto 69
Provocação 69
Os "achados" preciosos 69
Quero uma Arma! (novela) 70
A aluna mais aplicada da classe 75
"Achados" deliciosos 75
Por Trás da Porta Amarela (Romance, continuação) 77
Doris Day, estrêla da Warner Bros. 85
A Camisa Acusadora (Episódio real) 87
O Amor Entre as Borboletas 89
Quem Sabe Explicar? O navio que desapareceu .. 92
Nos Domínios da Gramática 98
Olhando o mundo há sessenta dias. Memento EU SEI TUDO. Outubro de 1953 99

Charadas — Quebra-Cabeças 109

CORRESPONDÊNCIA



Ignez Pereira (Rua Sta. Efigênia, 367, S. Paulo) — Ignoramos a existência, nas livrarias, em português, do romance que nos pede. Acreditamos possuir o único exemplar, em francês.

Said Milor (Bom Jesus do Galho, M. Gerais) — O assunto será tratado no Almanaque de 1954, embora sob aspeto diferente. Gratos pelos conceitos relativos a essa nossa publicação.

Carmen A. Rangel (Distrito Federal) — Sim. Vai continuar ainda por muito tempo. Estamos apenas chegando à metade do romance. Infelizmente não sabemos indicar o que solicita.

Claude L. Huston (Niterói, E. do Rio) — Se algum dia houver necessidade, certamente que avisaremos para um maior contato. Há possibilidade, embora remota.

Antônio Maria Pereira (Braga, Portugal) — Agradecemos a remessa. Muito interessante.

★

A CAPA — O Natal sugere tantas coisas!... O essencial está em ser alegre, vistoso e bonito. E tudo isso, sem dúvida, foi conseguido pelo pincel de Ramón, ao nos oferecer êsse gatinho fantasiado por Papai Noel.

BOLOS BISCOUTOS e MINGAUS de

CREME de MILHO LUX



Em pacotes de celofane de um e meio quilo

Produto muito imitado, mas nunca igualado, alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoutos

O PREPARADO QUE DA' "It"

. . . esse não-sei-quê maravilhoso e fascinante, segredo do sucesso feminino, entre nós celebrizou-se através do Leite de Rosas, o preparado que servindo à mulher em todos os seus cuidados de beleza, proporciona-lhe ainda aquele misto indefinivel de graça e sedução.

Envolva-se
no "it" de uma
pele perfumada e macia
e seja também
um tipo
- Leite de Rosas -

LABORATORIOS LEITE DE ROSAS LTDA. - RUA SÃO LUZ GONZAGA, 2085
TELEFONE: 48-7660 — RIO DE JANEIRO